



Aline Bassoli

As Estações do Nosso Amor



As Estações do Nosso Amor

Aline Bassoli

2016

Copyright© 2016 by Aline Bassoli

Todos os direitos reservados

Texto: Aline Bassoli

Imagem de capa: Pixabay.com

Edição de imagem: Aline Bassoli

Revisão e Diagramação: Aline Bassoli

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, características, lugares ou situações é mera coincidência.

Obra protegida por direitos autorais.

Proibida a reprodução parcial ou total.

Dedicatória

Dedico essa obra a algumas pessoas muito importantes em minha jornada literária: Ágatha Félix, Gardenha Rosa e minhas queridas “Unders” Barbi, Cris, Domi, Flavinha, Gess, Helô, Isa, Jubs, Káh, Katu, Lika, Mila, Manu, May e Pamy.

Essas meninas, em diferentes momentos e situações da minha vida, sempre me deram força para que eu não desistisse da escrita.

São companheiras de fanfic, e também de vida, mesmo que ainda não tenhamos nos conhecido pessoalmente. Porque, pra mim, a amizade que nasce no mundo virtual é tão válida e verdadeira como a amizade do “mundo real”.

Obrigada por estarem comigo. Essa história é pra vocês!

Prólogo

— O senhor deseja mais alguma coisa, Sr. Thomas? – a comissária educadamente perguntou.

“Paz! Um pouco de paz e uma dose extra de paciência, por favor.”

— Não, obrigado. – respondi dispensando-a.

Olhei pela pequena janela para o abismo abaixo de nós. A viagem era curta e, a cada metro distante de onde estava, me sentia um pouco melhor. O final de semana em Cannes tinha sido bom para o filme, mas extremamente estressante para mim.

Eu queria um pouco de paz, de sossego, de liberdade outra vez. Eu sabia que a fama era complicada, mas não podia imaginar que era tão castradora assim.

Queria poder andar a pé novamente sem ser parado de dois em dois minutos por alguém que desejava uma foto ou um autógrafo. Queria poder ir à padaria tomar uma xícara de café sem que ele ficasse frio antes mesmo de eu conseguir dar o primeiro gole. Só queria ser eu novamente. Apenas eu, apenas mais um britânico no mundo.

O avião finalmente pousou e segui para meu hotel, ainda sob o codinome Thomas. Era meu nome do meio, mas ninguém sabia disso. Logo entrei na suíte reservada para mim e me livreí do disfarce tosco. Olhei-me no espelho por algum tempo.

Será que eu não poderia ter minha vida de volta por alguns dias? Pelo canto de olho observei os apetrechos que acabara de tirar, usados apenas para as viagens. Será que poderia dar certo? Em plena Paris?

Ah, aquele friozinho na barriga me inundou de esperanças. Normalmente não me reconheciam quando eu o usava nos aeroportos da vida. Valeria à pena arriscar? Talvez um ou dois dias. Na pior das hipóteses eu seria reconhecido.

— Ok, Thomas. – disse em voz alta para mim mesmo. – Vamos arriscar!

Índice

Parte I – Verão

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Parte II – Outono

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Parte III – Inverno

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Parte IV – Primavera](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

Parte I – Verão

*O Sol brilha intensamente,
O calor aquece o coração,
Tudo pode acontecer, simplesmente,
Inclusive uma nova paixão.*

Capítulo 01

Ah, Paris! Um dos lugares que eu sempre sonhei em conhecer! Elegante, encantada, brilhante, linda! Sem sombra de dúvidas a cidade mais charmosa que eu já tinha conhecido até aquele momento da minha vida.

Já fazia quase duas semanas que eu estava lá e era o ponto de partida para o meu “mochilão” pós-curso. Ok, deixe-me explicar: assim que me formei na faculdade no Brasil eu decidi que passaria um ano no exterior, para aprimorar meu inglês e para conhecer um pouco do mundo. Optei pela Europa, já que sempre tinha sido meu sonho e passei os últimos nove meses em Londres.

Com o fim do curso e dois meses até meu visto expirar, eu planejei meu mochilão por todo o velho continente e, obviamente, eu começaria por Paris. Durante o curso eu já tinha ido até lá, mas naquelas viagens super rápidas, que duram apenas um fim de semana, e eu fiquei realmente com aquele gostinho de “quero mais”.

Dediquei-me por uma semana inteira a visitar os pontos turísticos mais famosos e naquele momento eu passeava tranquilamente às margens do Sena. A brisa suave daquela manhã de final de primavera era bastante refrescante e quase não havia pessoas nas ruas.

A cidade estava repleta de turistas curtindo o começo da alta estação, mas àquela hora em plena terça-feira, notavam-se apenas alguns comerciantes abrindo seus estabelecimentos e uma ou outra pessoa que tomava seu café-da-manhã na rua.

Fechi meus olhos por um momento, absorvendo toda a vida que aquela bela cidade emanava e abri os braços, soltando do guidão por alguns instantes, apreciando aquele delicioso momento de liberdade.

— CUIDADO! – foi o grito que ouvi de uma voz feminina quase em pânico. Abri os olhos e imediatamente vi a merda feita.

— AI, DROGA! – eu gritei em alto e bom português assim que avistei um cachorro correndo atrás de um gato, ambos na minha direção, já muito pertos de mim.

Não tive muito o que fazer, na verdade, e apenas voltei a segurar o guidão tentando me desviar dos animais. Claro que em meio ao quase pânico, eu o virei rápido demais e perdi o controle da bicicleta, chocando-me, inevitavelmente, contra um homem que estava tranquilamente sentado num

banco apreciando o amanhecer parisiense. A cena seguinte foi bicicleta para um lado, animais para outro e eu e o tal homem estatelados no chão.

— Perdão! Perdão, senhor! – eu disse no meu francês arranhado pedindo desculpas. – O senhor está bem?

— Oh, I’m ok. – ele respondeu com um forte sotaque britânico. – Quer dizer, Je vais bien. – ele disse em um francês carregado também.

— Oh, você fala inglês? – mas nem o deixei responder. – Sinto muitíssimo! Estava distraída e não vi os animais.

— Tudo bem. – ele respondeu encarando-me fixamente e me deixando um pouco hipnotizada por um momento.

Nenhum de nós se mexeu por algum tempo, mas alguns instantes depois ele abriu um sorriso constrangido. Não entendi a princípio, já que estava bem preocupada em tê-lo machucado, mas assim que vi que ele estava bem e percebi como estávamos, senti minhas bochechas arderem e acabei sorrindo também, morta de vergonha.

Eu havia caído sobre ele, logo estávamos deitados no chão, nossos corpos totalmente colados e ele envolvia minha cintura enquanto eu estava apoiada em seus braços. Nossos rostos estavam próximos um do outro; senti seu hálito de café e involuntariamente engoli em seco, tendo meus olhos fixos naquelas belíssimas íris esverdeadas.

Não sei quanto tempo ficamos naquela posição, pareceu uma infinidade, mas não deve ter sido. Logo ele se mexeu e conseguimos, finalmente, ficar numa posição decente.

— E você? Está bem? – ele perguntou gentilmente depois que me sentei no banco em que antes ele degustava seu café.

— Estou. – eu disse passando os olhos por meus braços. – Acho que sim. – foi então que finalmente senti o líquido quente escorrendo pela minha canela. Abaixei os olhos até meu joelho e me deparei com um enorme ralado ali. – É, estou... quase...inteira. – eu disse enfatizando o “quase”, mas ainda sorrindo.

Ele acompanhou meu olhar demorando-se alguns segundos a mais na minha coxa, que estava à mostra devido ao short mais curto que eu usava, antes de realmente chegar ao joelho esfolado.

— Oh, isso parece feio. – ele disse com um tom preocupado.

— É só um machucado superficial. – eu disse e sorri ao me lembrar dos

inúmeros tombos que eu já tinha levado quando era criança. – Parece que voltei a ter dez anos. – ele me encarou e deu um sorriso por entre a barba, revelando belos lábios.

— Independente disso, temos que limpar e desinfetar. – ele se levantou. – Não saia daí, eu já volto. – e saiu em direção ao café atrás de nós.

Engraçado, aquele cara não me era estranho. Eu podia jurar que já tinha visto aqueles olhos em algum lugar. Mas onde? Logo depois ele voltou com um copo de água e um monte de guardanapos.

— Foi o que consegui por enquanto. – ele disse num tom de desculpas. – Posso? – eu apenas assenti e em seguida ele virou a água do copo sobre a ferida, fazendo com que eu soltasse um grunhido baixo. – Desculpe. – ele disse um pouco sem jeito.

— Tudo bem, apenas havia me esquecido de que isso arde às vezes. – e senti minhas bochechas corarem um pouco novamente.

Ele terminou de limpar o sangue escorrido e ambos nos inclinamos para observar melhor o ferimento. É, estava um pouco feio mesmo, tive que confessar. Levantei-me do banco e me coloquei de pé, flexionando a perna e sentindo a pele se repuxar, aumentando a ardência no local. Ele me encarou curioso.

— Acho melhor ir até uma farmácia. Tem uma aqui perto. – eu disse e olhei ao redor procurando pela bicicleta. – Muito obrigada por ter me ajudado e mais uma vez me desculpe pelo incidente.

— Imagine. – ele sorriu um pouco mais abertamente e reparei em seu sorriso extremamente familiar. Oh, céus, da onde eu conheço esse cara? Ele ficou de pé ao meu lado e só então pude perceber que ele era alto e possuía um corpo bem desenhado. – Se não se importar, gostaria de acompanhá-la.

— Hum... Claro..... Mas.... Por quê? – eu perguntei meio tonta, sem realmente entender sua oferta.

— Bom, quero me certificar de que você ficará bem, só isso. – ele disse de modo atencioso.

— Nesse caso... – eu sorri e coloquei a bicicleta de pé. – ...Será um prazer. – ele deu a volta e colocou-se ao lado dela, empurrando-a para mim.

A farmácia ficava apenas duas quadras de distância e caminhamos em relativo silêncio, este quebrado apenas por um ou outro resmungo da minha parte. E foi numa hora em que ele me olhou de lado que eu tive o insight: era ele,

Joshua Black, o mais novo queridinho de Hollywood, escondido atrás de uma farta barba loira e cabelos compridos, também loiros, por baixo de um boné.

Ao primeiro olhar ele estava mesmo irreconhecível, mas ao prestar atenção, eu não tive dúvidas: era ele. Ok, fiquei eufórica por dois segundos, mas depois me recompus e percebi ali que, antes de ser o ator, ele era um ser humano como qualquer um de nós e isso me deixou mais tranqüila.

Ele voltou a me encarar, mas não pareceu perceber minha recente descoberta, então eu apenas sorri e logo indiquei a farmácia, que acabava de entrar no nosso campo de visão.

— O que houve? – perguntou uma senhora de branco com cara de poucos amigos.

— Um pequeno acidente com a bicicleta. – eu respondi tentando ser o mais educada e gentil possível. – A senhora poderia dar uma olhada, por favor?

— Está bem. – ela disse vindo em minha direção com uma expressão entediada, depois me pediu para que a seguisse. Olhei para ele e entrei na pequena sala nos fundos da farmácia.

Depois de uns cinco minutos limpando e desinfetando a ferida, ela fez um curativo e recomendou um anti-séptico. Finalmente saímos da farmácia e o sol já mostrava todo seu esplendor no belo céu azul.

— Obrigada por ter me acompanhado. – eu disse o encarando. – Apesar da má vontade, acho que ela fez um bom trabalho.

— Não foi nada. – ele sorriu de lado. – Achava que os parisienses fossem mais cordiais.

— Eles são. – eu respondi. – Acho que ela não deve estar num dos seus melhores dias, só isso.

Houve um silêncio estranho entre nós. Parecia que nenhum dos dois queria que aquela conversa terminasse ali. Ele colocou ambas as mãos no bolso da calça jeans, sustentando um leve sorriso nos lábios.

Olhou para baixo, como se estivesse constrangido com a situação, sem saber exatamente o que fazer, mas sem demonstrar vontade alguma de sair dali. Eu só podia dizer por mim mesma, mas estava apreciando a companhia daquele homem, sentindo-me muito confortável ao seu lado. E ao que tudo indicava, ele também parecia sentir isso.

— Bom... – eu soltei baixo. – ...acho que já atrapalhei demais o seu dia.

Desculpe por tudo.

— Não... Imagina.... – ele disse um pouco nervoso ao que pareceu. – Você não me atrapalhou em nada.

— Como não? – eu soltei sorrindo. – Atrapalhei seu café, seu momento de curtir o rio e você ainda teve que parar numa farmácia não muito agradável. – ele sorriu divertido.

— Foi um prazer ajudá-la. – ele disse sincero. – Apesar de tudo, eu até que me diverti com você.

— Oh, que bom que meu desastre o divertiu. – eu disse num tom sarcástico, mas com um sorriso nos lábios. – Mas acho que eu deveria lhe pagar um café, afinal, por minha causa você não tomou o seu.

— Ora, por favor. – ele fez que não com a cabeça.

— Eu insisto. – eu disse ainda sorrindo, não querendo que aquele momento terminasse.

— Tudo bem. – ele sorriu e voltamos a caminhar. – Não vou discutir com uma convalescente. – caímos na gargalhada e seguimos por mais alguns metros, até encontrarmos outro charmoso café.

Fizemos nossos pedidos à garçonete e ela desapareceu rapidamente, sem o ter reconhecido pelo que pude perceber. Éramos apenas duas pessoas normais tomando café numa bela manhã em Paris.

— Então... – eu comecei, afinal tinha que puxar conversa, né. – Pelo seu sotaque, você é britânico, certo?

— Certo. Nascido e criado em Londres. – ele sorriu com certo orgulho. – Você também é de lá? – eu ia responder, mas ele me interrompeu. – Se bem que antes de me atropelar, você disse alguma coisa em outra língua que não consegui identificar.

— Português. – eu disse rindo ao lembrar a cena.

— Oh, você é portuguesa?

— Não. – eu alarguei meu sorriso. – Brasileira.

— Wow! – ele exclamou quase incrédulo. – Mas seu sotaque britânico é perfeito. Se não fosse a sua palavra, eu não teria desconfiado.

— Obrigada. – eu respondi toda orgulhosa de meus esforços terem valido à pena. – Passei os últimos nove meses em Londres, estudando inglês. Acho que

me saí bem.

— Sem dúvidas. – ele concordou e deu um gole em seu café. – E está aqui a passeio, suponho.

— Aham. – eu respondi. – Passarei esses últimos dois meses viajando.

— Dois meses? – ele pareceu surpreso.

— É. Meu visto expira em agosto e então eu volto para o Brasil. – eu disse com uma pontada de tristeza, já que estava perdidamente apaixonada pela Europa. – E você, mora em Londres? – eu sabia a resposta, mas queria continuar aquela conversa.

— Não mais. – ele respondeu. – Atualmente moro nos Estados Unidos, em Los Angeles.

— Sério? Na terra das celebridades? – eu tive que cutucar. – Já viu muita gente famosa por lá? – ele pareceu engasgar com minha pergunta e eu sorri internamente, tinha que aproveitar para me divertir um pouco também, né?

— Algumas. – ele disse depois de um tempo. – Vez ou outra eu esbarro com alguém.

— Legal. – eu respondi e ele apenas sorriu um pouco amarelo.

Tivemos mais um tempo de silêncio e, já não agüentando mais, eu disse.

— Bom, já faz mais de uma hora que nos conhecemos e ainda não sabemos o nome um do outro. – ele me encarou sério, mas eu não ia desistir. – O meu nome é Fernanda, e o seu? – ele engasgou, pigarreou e resmungou.

— Thomas. – ele disse por fim. – Meu nome é Thomas.

— Ok. – eu disse rindo. – É um prazer conhecê-lo, Thomas. – fiquei imaginando se ele estava se sentindo melhor em continuar no anonimato e achei que sim, ou então estivesse com medo de falar seu verdadeiro nome e eu ter um ataque histérico, então acabei aceitando o “Thomas”, por hora. – E o que o traz a Paris? Está passeando também?

— Sim. – ele pareceu mais sossegado. – Umas pequenas férias. – ele disse quase com alívio na voz. – Mas você disse que viajará. Para onde pretende ir?

— Ah, quero conhecer o máximo que der. – eu sorri pensando no meu “roteiro”. – Os mais famosos pontos turísticos europeus, mas também as pequenas vilas interioranas sabe, onde pode-se viver mesmo a cultura do país.

— Humm. – ele fechou os olhos sorrindo, como se fizesse esse caminho em sua mente, e suspirou. – Adoraria fazer uma viagem dessas.

— Sêrio? Achei que por ter crescido aqui na Europa você já conhecesse um pouco de tudo.

— Ah, não. – ele sorriu triste. – Vim uma ou duas vezes a Paris, mas só isso. Não conheço praticamente nada.

— Por que não vem comigo? – eu perguntei sem pensar, apenas por impulso.

Céus! De onde eu tirei isso? Eu acabei de convidar um estranho para viajar comigo? Devo ter enlouquecido de vez! Ok, ele não é tão estranho assim, já que é Joshua Black, mas ainda assim, eu só sabia o que saía na imprensa e o que dava pra perceber nas entrevistas.

E mesmo assim, ele é um ator, podia estar atuando nas entrevistas também. Ele pode até ser um psicopata disfarçado e eu acabei de convidá-lo para viajar comigo! Devo ter batido a cabeça quando caí, não é possível.

— Desculpe? – ele me tirou dos meus devaneios.

— É, por que não arruma uma mochila e vem comigo? – ok, fiz de novo! Pirei de vez!

— Eu... Eu adoraria. – ele disse com a voz repleta de alegria e tristeza ao mesmo tempo. – Mas meu trabalho não me dá esse luxo de poder fugir por dois meses.

— Entendo. – eu disse sensibilizada, pois ele parecia mesmo querer desaparecer por uns tempos. – E no que você trabalha?

Novamente ele se embananou todo, na dúvida se falava ou não quem era e o que fazia da vida. Decidi então que estava na hora de colocar as cartas na mesa, abrir o jogo com ele, mas assim que eu abri a boca pra falar, ele me interrompeu.

— Nossa, nem vi o tempo passar. Tenho um compromisso agora e...

— Sêrio? – eu perguntei incrédula por aquela desculpa.

— Sim. Sinto muito. – ele respondeu com o que parecia ser um pouco de culpa na voz.

— Oh, claro. – eu respondi claramente frustrada. – Obviamente já tomei muito do seu tempo.

— Não... É isso. – ele disse reticente, parecendo estar gostando da companhia, mas morrendo de medo de ser descoberto. – Eu adoraria passar mais um tempo com você, mas agora não posso. Desculpe.

— Tudo bem. – eu disse assim que uma ideia se formou em minha mente. – Estarei no *Café de Flore* no fim do dia. Se você já estiver livre do seu compromisso...

— Eu adoraria. – ele soltou antes mesmo de eu terminar a frase. – A que horas estará por lá?

— Por volta das 18h. – eu respondi e um tímido sorriso se abriu em seus lábios.

— Até mais tarde então, *mademoiselle*. – ele puxou minha mão e a beijou sutilmente, fazendo com que um arrepio percorresse minha coluna.

Lentamente ele se afastou da nossa mesa e logo já havia desaparecido entre as pessoas que começavam a invadir as ruas da cidade. Confesso que fiquei meio perdida com aquela atitude inesperada, já que nossa conversa rolava de modo muito agradável, mas enfim, não tinha mais nada que eu pudesse fazer naquele momento. Terminei meu cappuccino, peguei a bike e voltei para o hotel onde eu estava para terminar de organizar minhas coisas.

Minha tarde passou bem rápida já que eu estava entretida com a arrumação da minha mochila e tinha que deixá-la o mais organizada e prática possível. Na manhã seguinte eu partiria para meu novo destino e não podia me dar ao luxo de excesso nem falta de bagagem.

Olhei novamente no relógio e já era quase 17h, então fui tomar meu banho e logo em seguida parti para o famoso café, com certa ansiedade em meu peito, na expectativa se nos veríamos ou não outra vez.

Capítulo 02

O café era lindo, e seu ambiente tradicional transbordava história e modernidade ao mesmo tempo. Porém, apesar de todo o clima charmoso, eu não estava realmente tranquila. Um nervosismo incomum me acompanhava. Será que ele apareceria?

Olhei pela décima vez em meu relógio de pulso e só havia se passado 2 minutos desde a última vez que tinha olhado. É, acho que ele não vem. Talvez eu o tenha assustado com minhas perguntas, mas eu queria dizer que sabia quem ele era e que estava tudo ok, que eu não surtaria. Voltei meu rosto para trás, a fim de chamar um garçom e fazer meu pedido, mas uma voz me impediu.

— Demorei muito? – ele disse com um belo sorriso nos lábios escondidos pela barba.

— Eu já estava convencida de que não viria. – sorri quase com alívio. – Ainda bem que estava errada.

— Desculpe o atraso. – ele disse meio tímido e puxou uma cadeira.

— Por um momento achei que tivesse te assustado com minhas perguntas. – eu soltei rapidamente observando suas reações.

— Hum... E... Por que eu me assustaria? – ele deu uma gaguejada e eu sabia que tinha acertado em minha teoria.

— Seu segredo está seguro comigo... Joshua. – eu disse olhando fixamente para aqueles olhos que agora puxavam mais para o cinza.

— Você sabe? – ele me encarou confuso. – Mas, como? Desde quando?

— Descobri enquanto você me acompanhava até a farmácia.

— Humm... Ok... – ele riu de lado, encabulado. – E por que não disse nada antes? – ele perguntou ainda inseguro.

— Bom, quando eu tinha decidido contar você simplesmente me deixou falando sozinha. – eu tentei deixar meu tom leve.

— Sinto muito por isso. – ele disse quase envergonhado. – Entenderia se eu dissesse que fiquei com medo? – ele me olhou de canto.

— Perfeitamente. – eu respondi. – Aliás, foi nisso que fiquei pensando depois. Você não teria como saber que tipo de reação eu teria se descobrisse a verdade. – ele sorriu aliviado.

— Bom, se você não teve um ataque até agora, então acho que não o terá mais, terá?

— Não. Eu não terei. – eu disse sendo o mais sincera que pude.

— Obrigado. – ele disse com um tom realmente de agradecimento.

— Disponha, Thomas. – e eu disse aquele nome de modo afetado, fazendo-o rir alto.

Logo depois uma garçonete apareceu e acabamos fazendo nosso pedido para viagem. Os cafés chegaram e seguimos numa caminhada até o Sena. Ao chegarmos à margem do rio pudemos avistar, do outro lado, as paredes do famoso Museu do Louvre. Apoiei-me no parapeito e suspirei.

— Está fazendo uma linda noite. – eu disse fechando os olhos e inspirando o ar fresco da noite que acabava de nascer.

— Sem dúvida. – ele disse parando ao meu lado.

— Então quer dizer que aqui foi o lugar que escolheu para se esconder? – eu disse rindo. – Os paparazzi estão loucos atrás de informações sobre seu paradeiro.

— Sério? Como sabe? – ele me encarou curioso.

— É só entrar em qualquer site a seu respeito. – eu sorri. – As manchetes são parecidas: “Por onde anda a mais nova estrela de Hollywood?” ou “Jovem ator em retiro espiritual em localização desconhecida”. E por aí vai.

— E você entra sempre nesses sites?

— Tenho que confessar que entro às vezes. – eu disse ficando encabulada. – Gosto dos seus trabalhos, então vez ou outra vou atrás de alguma informação sobre novos filmes e tal.

— Hum. – ele fez uma careta de desconfiança. – Tem certeza de que não é uma daquelas garotas fanáticas?

— Thomas! – eu me fingi de ofendida.

— Calma. – ele riu. – Estou brincando.

— Seu besta. – eu disse sem conseguir segurar o riso. Era tão fácil falar com ele! – Não deve ser muito fácil não ter liberdade. – eu disse depois de um momento.

— Nem um pouco. – ele disse virando-se para o rio. – Tudo na minha vida é milimetricamente cronometrado, agendado, organizado. E, quase sempre,

nem é por mim mesmo. São meus agentes que fazem isso. – ele respirou pesadamente. – Você nem imagina a briga que foi para eu conseguir estar aqui hoje.

— Realmente, não imagino. – eu disse e passei a caminhar lentamente, sentindo o curativo pegar um pouco na minha calça jeans. – E por que Paris?

— Ah, eu já estava aqui na França, em Cannes, daí decidi me refugiar na cidade-luz. – ele respondeu enquanto apenas me acompanhava.

Novamente o silêncio nos rodeou enquanto caminhávamos, mas dessa vez não era aquele silêncio estranho.

— E aí, a fim de uma pizza? – ele me perguntou depois de um momento, colocando novamente as mãos nos bolsos da calça.

— Claro. – eu disse e seguimos para uma pizzeria não muito longe de onde estávamos.

Tínhamos acabado de fazer nosso pedido quando um flash invadiu o ambiente e Josh imediatamente ficou tenso. Olhei na direção e pude ver que, do lado de fora do restaurante, duas moças faziam selfies em frente às fachadas das lojas e do restaurante.

— Pode relaxar. – eu disse ao ver seus olhos preocupados. – São só duas meninas tirando fotos.

Josh me olhou e finalmente soltou a respiração. No momento seguinte, ele sorria de modo um pouco embaraçado.

— Desculpe. – ele disse. – Me esqueci que estou disfarçado e me assustei com o flash. Não estou mais acostumado a ser anônimo. – e seu sorriso diminuiu.

— O lado negro da fama. – eu disse fazendo um trocadilho com a famosa frase de um filme.

— Pois é. – e suspirou antes de tomar um gole do seu vinho. – Não me entenda mal, não é que eu não goste de ser famoso, mas esse lado é cruel. Não vou negar que, quando resolvi tentar a vida de ator, não queria ser famoso. Claro que eu queria, todos querem. Mas a gente nunca está preparado para quando a coisa realmente acontece.

— Como assim? – eu indaguei.

— No começo, a maioria pensa mesmo nas vantagens da fama, nas facilidades que a vida adquire, no glamour todo. Mas depois a gente vai

percebendo o lado negativo. A falta de privacidade é apenas um deles. – outro gole de vinho e nossa pizza chegou. – Ainda mais no meu caso, que tudo veio de um personagem para o público adolescente. O assédio, as perseguições, as ameaças de pessoas sem noção. Os relacionamentos, todos eles, ficam cada vez mais complicados e então bate aquela solidão. – ele me olhou e suas esmeraldas estavam mais apagadinhas. – Daí que muitos vão para as drogas, para a bebida e essas coisas.

— Você não me parece um bêbado drogado. – eu disse tentando aliviar o tom da conversa.

— Eu tive muita sorte. – ele disse rindo de lado. – Tive uma família que me deu estrutura, amigos verdadeiros que se preocuparam em manter contato, mesmo meu tempo sendo muito pouco para eles.

— É... Parece que os bastidores não têm tanto brilho assim. – eu suspirei também bebendo do meu vinho.

— Não, não tem. – ele continuou. – Tenho que me disfarçar até para ir a uma cafeteria, se eu quiser passar despercebido. Mas eu não posso ficar reclamando muito também. Por causa dessa fama que conquistei é que posso escolher os melhores roteiros e diretores, tenho uma vida financeira muito confortável. É tudo uma questão de conseguir balancear os dois lados.

— Pois é... Tudo tem que ser equilibrado, né... E se quer saber minha opinião... – eu disse sorrindo. – ...Acho que você está fazendo um bom trabalho. – ergui minha taça para brindarmos. – E relaxe quanto às fotos, você está irreconhecível.

— Mas você me reconheceu. – ele argumentou depois de terminarmos nosso brinde.

— Bom, as circunstâncias eram outras. – eu disse. Ele me olhou curioso e continuei. – Quantas pessoas te derrubaram no chão e ficaram tão cara-a-cara com você como aconteceu hoje cedo?

— É... Entendi seu ponto de vista. – ele sorriu.

Falamos mais um pouco sobre sua vida, eu contei como tinha sido meu tempo em Londres e quando vimos, já era quase 23h.

— Até quando você vai ficar por aqui? – ele me perguntou enquanto caminhávamos pela rua.

— Essa foi minha última noite. Amanhã cedo dou seguimento ao meu mochilão. – eu disse com tristeza e alegria ao mesmo tempo.

— E já sabe para onde vai? – ele perguntou curioso.

— Ainda não. – eu ri com a careta interrogativa que ele fez. – Vou chegar à estação, olhar para o painel e escolher simplesmente.

— Sem roteiro definido, então? Com total liberdade de escolha? – ele parecia fascinado.

— Quase isso. – eu disse e chegamos ao ponto de táxi. – Em cada país tem lugares que quero conhecer, mas se vou começar pela Alemanha, ou pela Itália, ou por Portugal, só decidirei amanhã. – eu completei. E refiz o convite de mais cedo. – Por que não vem comigo?

— Eu... Não posso. – ele disse cabisbaixo. – Não posso simplesmente sair por aí, numa aventura tão atraente. Tenho tantos compromissos a cumprir...

— Quanto tempo ainda vai ficar aqui em Paris? – eu indaguei.

— Mais uns três ou quatro dias, ou até que me encontrem. – ele sorriu tristemente.

— Então não deixe que te encontrem. Venha comigo esses três ou quatro dias. – eu disse com uma alegria vinda não sei de onde. – A gente viaja pelo interior, longe da agitação dos turistas e você descansa mais um pouco.

— Não sei, Fernanda. – ele disse com um brilho desejoso em seus olhos.

— Bom... Estarei na estação central amanhã, às 8h da manhã, olhando para o painel de destinos. – e sorri. – Se mudar de idéia, apareça por lá.

— Você sabe que com essa proposta não vou dormir a noite toda, não sabe? – ele perguntou rindo.

— A vida é sua, Josh. É você quem a comanda, ninguém mais.

— Eu sei... Eu acho. – ele sorriu sem muita alegria.

— Bom, independente da sua decisão, foi um prazer conhecê-lo. – eu disse e estendi minha mão.

— O prazer foi todo meu, Fernanda. – ele disse segurando minha mão.

— Nanda. – eu sorri. – Apenas Nanda.

— Espero que aproveite muito o seu passeio, Nanda. – ele disse.

— Obrigada. – eu disse. – E espero que você também aproveite o seu, Josh.

Eu finalmente entrei no táxi e segui para o hotel em que estava. Ainda

olhei para trás e encontrei um Joshua com um sorriso perdido nos lábios e um brilho quase infantil nos olhos.

Quando já estava debaixo dos lençóis eu repassei todo aquele dia em minha mente: um dia totalmente improvável na minha vida, já que eu sempre fui extremamente cuidadosa e nunca me aproximava assim tão rapidamente de estranhos.

Quem diria que um dia eu, literalmente, toparia com Joshua Black e que passaríamos quase um dia inteiro conversando? Mas o que mais tinha chamado minha atenção nele era a enorme vontade que ele tinha de se sentir livre novamente.

Não foi uma coisa que ele disse abertamente, mas eu podia ver em seus olhos que era isso que sua alma pedia. Liberdade. O sono foi tomando conta do meu corpo e antes de adormecer uma pergunta ecoou em minha mente: será que ele apareceria na estação?

Capítulo 03

Eu estava parada em frente ao painel de destinos, observando e analisando os prós e os contras de cada localidade. Finalmente me decidi e corri os olhos até o horário do próximo embarque, para saber quanto tempo ainda tinha.

Eu segurava minha enorme vontade de olhar ao redor para saber se ele estava vindo ou não, mas minha consciência logo me chamou à realidade: desde quando um ator famoso, uma estrela do cinema aceitaria um convite tão inesperado em sair andando sem lenço e sem documento – como diria meu querido Caetano Veloso – ao lado de uma completa estranha? Nunca. Essa era a resposta correta.

Aliás, nem precisava ser alguém famoso; o simples fato de receber uma proposta dessas de alguém que você não conhece já é motivo mais do que suficiente para nem se considerar a hipótese.

— Então, qual é o nosso destino? – sua voz doce surgiu ao meu lado. Virei o rosto e encarei um par de esmeraldas olhando-me com curiosidade.

— Você veio! – eu disse com um largo sorriso nos lábios. – Não imaginei que realmente aceitaria meu convite maluco.

— Terei minha vida de volta... – ele disse com um sorriso maroto. – ...Ao menos pelos próximos três ou quatro dias. – e eu via satisfação ali. – E então, para onde vamos? – voltei minha face para o painel e sorri divertida.

— Porto. – eu respondi alegremente e olhei para ele. – Vamos começar pelas minhas origens.

— Interessante. – ele disse. – Sempre quis tomar uma taça de vinho do Porto na fonte. – ele sorriu com alegria e começamos a caminhar em direção ao guichê

Compramos nossas passagens e tivemos que esperar pouco menos de meia hora até nossa partida. Obviamente ir de avião era muito mais rápido e prático, mas como a intenção era aproveitar cada momento da viagem, o trem cumpriria bem melhor essa finalidade.

A viagem era longa, afinal tinha que atravessar uma boa parte da França e da Espanha, mas nenhum de nós realmente se incomodou com isso. Passamos por paisagens deslumbrantes durante todo o dia e não nos cansávamos de

admirar toda a beleza do interior do país, longe da agitação dos grandes centros.

— Ainda não acredito que a garota passou o jantar inteiro bocejando. – eu disse depois de ouvir o seu relato sobre uma noite em que convidou uma fã para jantar.

— É sério! – ele exclamou muito divertido. – Eu realmente constatei, naquela noite, de que era uma péssima companhia.

— Ah, com certeza. – eu disse ironizando.

— Se bem que você ainda não bocejou. – ele disse rindo.

— Ah, mas você se esquece do detalhe de que eu não paro de falar um minuto. – eu disse entre risos. – Admira-me VOCÊ ainda não ter bocejado.

— Ih, nem vem. – ele disse. – Você é uma excelente companhia.

— Ok, diga isso daqui dois dias, quando você já não aguentar mais ouvir minha voz, ok? – e acabamos gargalhando intensamente.

Chegamos à Cidade do Porto por volta das 20 horas e seguimos para o primeiro hotelzinho que vimos no folheto turístico na estação. Não era luxuoso como o Josh estava acostumado, e ambos concordamos que seria melhor assim, pois nunca o procurariam num hotel com menos de três estrelas.

— Nossa, estou quebrado. – ele disse diante da porta do seu quarto.

— Somos dois. – eu ri e tentei me alongar. – Sem falar que estou faminta.

— Eu também. – ele disse. – Onde vamos jantar?

— Que tal uns lanches por aqui mesmo? – eu perguntei, sentindo meu corpo inteiro doer um pouco e meus olhos pesarem. – Acho que não estamos em condições de sair para ver nada hoje.

— Ideia brilhante. – ele disse, mas depois franziu um pouco a testa. – Será que eles servem refeição no quarto? Estou maluco para tirar esse disfarce.

— Bom, só perguntando. – eu disse abrindo a porta do meu quarto, jogando a mochila e a bolsa sobre a cama. – Já volto. – e disparei para a recepção.

Demorei apenas o necessário e logo já estava diante de Josh novamente.

— Eles servem refeição no quarto sim. – eu disse com um nítido tom de alívio em minha voz. – Só temos que escolher o prato e fazer o pedido.

Ambos paramos diante do cardápio e passamos alguns momentos decidindo. Optei por um lanche mais leve, mas Josh não resistiu a um suculento

e calórico X-tudo. Ele se sentou na cama, pegando o fone, mas antes mesmo que eu pudesse dizer alguma coisa, ele me entregou o objeto.

— Você fala português, eu não. – sorri mais abertamente e fiz nossos pedidos.

— Humm, Josh? – eu me virei para ele quando a pessoa me atendeu. – No seu quarto ou no meu? – e caí na gargalhada. Ah, eu tinha que me divertir um pouco, né?!

— Isso foi... Péssimo. – ele conseguiu dizer depois da crise de riso.

— Eu sei. – eu respondi com lágrimas nos olhos de tanto rir. – Desculpe, não resisti. Mas, e aí?

— Ah, aqui, se você não se incomodar. Quero muito ficar sem isso aqui. – ele respondeu apontando para a barba grudada em seu rosto.

Concordei assentindo com a cabeça, comuniquei o destino das refeições e desliguei o telefone.

— Bom, vou tomar um banho enquanto isso. – eu disse já parada ao lado da porta. – Daqui a pouco estou de volta, ok? – ele assentiu e seguiu para meu quarto.

O cansaço da viagem começou a se abater sobre mim e somente um banho me ajudaria a relaxar naquele momento. Procurei não me demorar, contudo, pois meu estômago já estava resmungando mais pronunciadamente. Coloquei uma roupa qualquer e segui até o quarto do Josh.

— Oi. – ele disse ao abrir a porta com um leve sorriso.

PQP! O que é esse ser só de calça, com o peito ainda um pouco molhado e esses cabelos bagunçados bem diante do meu nariz? Ok, respira, concentra, respira! É só o Josh que acabou de sair do banho, ok? Ai meu papai do céu!!! É o Joshua Black que acabou de sair do banho!

Ele me encarava sem saber direito o que fazer e eu não conseguia evitar que meus olhos encarassem aqueles tórax e abdômen definidos na medida certa, ou então seu queixo anguloso e másculo com uma leve barba por fazer, ou seus cabelos castanhos estrategicamente bagunçados, ou aquelas esmeraldas constrangidas, ou aquela boca lindamente desenhada...

Nanda! Para com isso, mulher! Meu Deus, eu preciso me controlar. Se bobear deve ter baba escorrendo pela minha boca! Oh, céus! Anda, trata de se recompor antes que a situação fique pior do que já está! Se controle, mulher!

Você tem que falar alguma coisa!

— Oi. – eu disse finalmente, com a voz meio mole, sentindo minhas bochechas arderem.

— Desculpe... Eu acabei de sair do banho e... – ele disse depois de alguns instantes, com o rosto levemente corado. No momento seguinte ele se encaminhou para sua mochila, ficando de costas para mim enquanto vestia uma camiseta.

Ok, ter aquela visão do Josh foi, no mínimo, impactante. Não sei se até aquele momento eu não tinha realmente assimilado quem era meu companheiro de viagem por causa do seu disfarce, mas depois daquela visão eu não teria como me esquecer de quem era a pessoa ao meu lado.

— Desculpe-me também. – eu disse, sentindo o constrangimento nos envolvendo. – Acho que não estava preparada para te ver sem... O disfarce. – Josh se mexeu, mas ainda continuava de costas pra mim. Eu tinha que fazer alguma coisa pra quebrar aquele gelo todo. – Hei, quer me olhar, por favor? Esse clima constrangedor não ajuda muito.

— Foi mal. – ele disse e finalmente me olhou. Tratei de colocar um sorriso brincalhão nos lábios.

— Sabe, não sei o que me surpreendeu mais, mas acho que só agora eu finalmente me toquei de quem é que está viajando comigo. – e sorri de lado. – Foi um surto de fã que não se repetirá, prometo. – ele finalmente relaxou e sorriu de volta para mim.

Óbvio que ambos ficamos constrangidos com a situação, e isso seria cômico, mas só na manhã seguinte, pois naquele momento era bastante desconfortável. Fomos interrompidos por um “toc-toc” na porta e nossos lanches finalmente chegaram.

Acomodamo-nos na pequena mesinha e praticamente não falamos, pois pude perceber que, assim como eu, ele também estava relativamente faminto. Quando o silêncio ia começar a ficar constrangedor novamente, meu telefone tocou e só pelo toque eu sabia quem era: Alex.

— Preciso atender, desculpe. – segui até a janela do quarto. – Oi, amor! – eu disse empolgada, pois já fazia uns três dias que não nos falávamos.

— Oi, Nanda. – ele disse num tom que eu não gostei muito. – E aí, ainda em Paris?

— Não, não. – eu respondi. – Acabamos de chegar a Porto.

— Acabamos? – ele perguntou num tom diferente. – Quem está com você? – ai, ai, aquilo não ia dar certo.

— Ah, é que conheci uma pessoa ontem, que também está fazendo um mochilão e decidimos viajar juntos. – eu inventei um pouquinho.

— E quem é ela? Isso não é perigoso? Digo, você nem a conhece. – e agora, o que eu digo pro Alex?

— Bom, sei que pode parecer precipitado, mas ele me ajudou ontem depois de um incidente e passamos praticamente o dia todo conversando. E deu pra perceber que ele é uma pessoa de bem.

— Ele? ELE? Nanda! Você está viajando com um desconhecido, e homem? – ele quase surtou do outro lado da linha.

— Hei, calma, ok? – eu me exaltei um pouquinho. – Você sabe que eu tenho bons instintos para caráter, o Thomas é confiável.

— Confiável! – ele bufou com deboche. – Bom, você deve saber o que é melhor para você. – ele disse com desdém. – Eu só queria saber se você estava bem. Já vi que está melhor do que eu imaginava.

— Ok, melhor pararmos por aqui senão isso vai virar merda. – eu disse um pouco irritada. O que tinha dado nele afinal? – Ligo para você depois. – ele disse um ok com muita má vontade e desligou. Eu respirei profundamente para tentar relaxar um pouco, mas não ajudou.

Josh tentava disfarçar, mas eu podia ver em seus olhos que ele prestava bastante atenção a minha conversa, que tinha mudado de tom tão drasticamente.

— Desculpe, era meu namorado. – eu disse sem muito entusiasmo.

— Namorado? – ele pareceu surpreso. Não tinha falado do Alex pra ele ainda? Estranho.

— Sim. – eu respondi, mas não queria falar sobre ele agora. – Longa história. – eu suspirei. – Posso te contar amanhã?

— Claro. – ele disse ao perceber meu estado de espírito. – E somente se você quiser.

— Obrigada. – eu disse e me levantei. – Acho que vou para a cama. Temos muito que ver amanhã e precisamos estar descansados para isso.

— Você está bem? – ele parecia preocupado.

— Está tudo bem. – eu disse sem muita convicção. – Obrigada por

perguntar. Acho que foi o cansaço que se abateu sobre mim. – e abri a porta, parando de frente para ele. – Tenha uma boa noite, Josh.

— Boa noite, Nanda. – ele respondeu me lançando um breve sorriso.

Voltei para meu quarto logo em seguida e me larguei na cama repassando a conversa com Alex e já pressentindo que o clima ficaria pesado depois daquela noite.

Eu realmente não entendi o que tinha acontecido. Fiz várias conjecturas, mas o cansaço da viagem e o pequeno estresse de minutos atrás fizeram com que eu apenas capotasse num sono pesado.

(...)

Uma suave claridade invadiu o quarto e pude sentir um delicioso cheiro de pão fresco no ar. A noite tinha passado e eu nem tinha percebido tamanho era meu cansaço. Ajeitei-me na cama e estiquei os braços, espreguiçando-me manhosamente. Eu mal tinha terminado um bocejo quando escutei o “toc-toc” em minha porta.

— Bom dia! – Josh disse com um ar maroto e descansado.

— Bom dia. – eu respondi contagiada pela animação dele. – Nossa, você pulou cedo da cama. – eu disse depois de ver que ele já estava completamente vestido e com o disfarce no lugar.

— E eu... Não te acordei, acordei? – ele perguntou encabulado depois de perceber que eu ainda vestia um pijama.

— Quase. – eu sorri para ele. – Não deve fazer nem cinco minutos que acordei. – ele desviou o olhar e eu emendei. – Estarei pronta em dez minutos.

— Ok, nos vemos no restaurante então, tudo bem? – ele parecia um pouco desconfortável.

— Claro. – ele saiu pelo corredor e eu corri para me arrumar.

Não se passaram nem cinco minutos e eu já estava pronta, contaminada por uma alegria que não era tão normal assim logo cedo. Josh estava numa mesa ao lado da janela e observava tranquilamente o amanhecer português.

— Demorei?

— Não. – ele respondeu rindo. – Vamos? – e seguimos para a mesa do buffet.

Nossa refeição foi bem tranquila e Josh me encheu de perguntas sobre nossa programação. Analisamos juntos o folder que eu havia pegado na estação e decidimos juntos nosso passeio.

As ruas estavam um pouco cheias, mas ninguém se preocupou em ficar nos analisando, o que nos deu uma deliciosa sensação de normalidade. Eu podia sentir a tranquilidade e alegria que Josh emanava.

A primeira parada foi o Jardim de São Lázaro, um dos mais antigos da cidade, repleto de árvores centenárias, pontes bucólicas e um coreto em estilo romântico. Seguimos a onda de jardins e fomos até o Jardim do Passeio Alegre, que era absurdamente encantador.

— Como esse lugar é lindo! – eu exclamei abobada pela beleza do lugar e girei meu corpo, com os braços abertos, sorrindo.

— Acho que agora entendi o nome. – disse Josh divertindo-se com minha atitude de criança. – Ninguém ficaria triste num lugar assim.

— Não mesmo. – eu respondi, percebendo certa preocupação naquela frase.

Estaria ele se referindo ao que aconteceu ontem enquanto jantávamos? Ele teria ficado preocupado com minha súbita mudança de humor depois do telefonema do Alex?

Ele sorriu novamente e, para meu espanto total, saiu quase correndo pelas alamedas do jardim, agarrando minha mão no caminho e seguindo para algum lugar. Depois de alguns instantes ele parou diante de uma antiga e enorme árvore, sorriu divertido para mim e largou-se no gramado debaixo da sombra da árvore.

— Eu nem sei mais quando foi a última vez que eu deitei num gramado apenas para contemplar essa calmaria toda. – ele disse de olhos fechados. Sorri com sua declaração e sentei-me ao seu lado. – Por que não experimenta? – ele perguntou e no segundo seguinte minha cabeça repousava ao seu lado, sobre a grama.

Senti algo que não soube descrever na hora, um misto de alegria e ansiedade, de felicidade e insegurança. Se eu não me conhecesse muito bem, diria que estava gostando mais do que devia daquela sensação de estar deitada ao seu lado.

Josh ainda me encarava com uma expressão quase infantil e eu só pude sorrir de volta, erguendo meus olhos através da copa da imensa árvore e

conseguindo ver, por entre as folhas, pedaços de céu azul.

Uma brisa suave passou por nossos corpos, trazendo até mim um delicioso e inebriante perfume masculino que me fez imediatamente arrepiar e engolir em seco. Fechei os olhos e a imagem de Josh sem camisa com o tronco molhado e um sorriso arrasador me veio à mente.

Céus! Por que diabos eu estou me lembrando justo daquela cena da noite anterior? Ok, ele era lindo de morrer, mas mal tínhamos acabado de nos conhecer e eu o considerava um bom colega, quase um amigo. Então por que justamente essa imagem preencheu minha mente?

Eu ainda estava com os olhos fechados, mas podia sentir que ele me analisava, me observava. E o pior – ou melhor, sei lá – foi que gostei de saber que ele me encarava. Putz, isso não está indo para um caminho muito seguro!

Inevitavelmente, como se seus olhos me puxassem para olhá-lo, eu virei a cabeça e abri os meus, constatando que aquele belo par de esmeraldas me fitava intensamente. Abri meus lábios para falar alguma coisa, mas um raspar de gargantas nos tirou daquele transe.

Capítulo 04

Olhei para o guarda, que nos encarava com um misto de diversão e repreensão.

— Temos que sair daqui. – eu disse depois de ouvir as recomendações do oficial. – Aqui não é permitido ficar deitado na grama.

— Sério? – ele perguntou com tristeza na voz. – Não tem como ficarmos só mais um pouquinho?

— Sinto muito. – eu também queria ficar, mas não dava. – Nossa sorte é que ele é bem simpático. Disse que se fosse o seu colega, já teríamos sido expulsos a pauladas. – e sorri para o guardinha que me devolveu o sorriso.

— Ok. – ele disse finalmente ajudando-me a levantar. – Melhor então obedecermos, né? – assenti com a cabeça e me despedi do guarda enquanto caminhávamos.

— Foi por pouco tempo. – eu disse. – Mas foi uma experiência maravilhosa mesmo assim.

— Uma pena que as melhores coisas durem sempre tão pouco. – ele respondeu, encarando-me mais intensamente. Peraí, ele estava flertando comigo?

— Uma pena mesmo. – eu respondi sustentando seu olhar. Dois podiam jogar aquele jogo.

Ele sorriu de lado e seguimos passeando até que nossos estômagos resmungaram. Decidimos que já era hora de almoçarmos.

— E aí, alguma preferência? – eu perguntei enquanto encarávamos o cardápio.

— Quanto à comida eu não sei, mas sei exatamente o que quero beber. – ele sorriu para mim e ambos dissemos em uníssono. – Vinho do Porto.

Claro que, em estando em Portugal, tínhamos que comer um prato à base de bacalhau e em estando na Cidade do Porto, tínhamos que apreciar o famoso vinho.

Durante a refeição contei a Josh sobre como o bacalhau era apreciado no Brasil, principalmente na época da Páscoa, e ele ficou bastante interessado nas minhas histórias.

Quase no fim da refeição recebi outro telefonema do Alex, que foi

extremamente estranho e grosseiro como o da noite anterior e minha boa e velha intuição me dizia que havia algo muito, muito errado com meu namorado.

— Era meu namorado novamente. – eu bufei com o fim daquela ligação.
– Se é que ainda somos alguma coisa.

— Quer conversar? – ele perguntou, parecendo preocupado.

— Não quero te aborrecer com meus... – e respirei pesadamente. – ...problemas.

— Nanda, por favor! – ele meio que me repreendeu. – Sua ideia maluca de me arrastar para um mochilão tem sido uma das melhores coisas que já fiz em muito tempo. – e num impulso protetor segurou em minha mão sobre a mesa. – Quero poder fazer algo por você.

Suas palavras me tocaram de uma maneira que não entendi, mas gostei, e então decidi contar a ele o que me afligia realmente.

— Bom, vou resumir a história então, ok? – eu disse e desatei a falar. – Eu e o Alex nos conhecemos desde criança; sempre fomos como unha e carne: crescemos juntos, estudamos juntos, descobrimos muitas coisas juntos. E num certo dia, cerca de três anos atrás, começamos a namorar. – lembrei-me da sensação de segurança ao seu lado naquele dia e sorri enquanto terminava meu vinho. – Parecia a coisa mais natural a se fazer. E estava dando tudo certo.

Fomos interrompidos pelo garçom que trouxe nossa conta e continuei minha história enquanto caminhávamos pelas ruas da cidade.

— Foi nessa época que eu comecei a planejar minha vinda para a Europa, ele me apoiou e me incentivou. Conversamos muito sobre nossa relação durante esse tempo e, como ambos sempre fomos muito liberais em vários sentidos, acabamos topando a idéia de um relacionamento aberto durante minha viagem.

— Relacionamento aberto? – ele me interrompeu.

— É. – sorri. – Concordamos que, durante esse tempo, se acontecesse de algum de nós se interessar por outra pessoa e ficasse com ela, não encararíamos isso como traição e isso não interferiria na nossa relação. – outra pausa. – Foi tudo bem no começo e um dia, uns dois meses depois que eu tinha viajado, ele me contou que tinha ficado com uma menina. Não vou dizer que não fiquei com um pouco de ciúmes, mas trato era trato, então eu me esforcei para não me abalar com aquilo. E então chegou a minha vez. – lembrei-me daquela noite maluca, regada a cerveja e não contive o sorriso nos lábios. Josh percebeu e o brilho da curiosidade inundou seus verdes olhos. – Eu estava num pub em

Dublin...

— Temple Bar?

— Aham. – sorri. – Já foi lá?

— Hum, uma vez, com alguns amigos. – ele respondeu com quase o mesmo sorriso sacana que eu dei ao me lembrar da minha aventura.

— Esse sorriso te condenou, Sr. Thomas. – e sorri mais abertamente.

— Hei, essa é a sua história, não a minha. – ele disse tentando fugir do meu olhar curioso.

— Hum... vou querer saber disso depois. – e decidi continuar meu relato. – Eu estava viajando com algumas pessoas do curso de idiomas e ficamos todos muito bêbados. Daí apareceu aquele alemão, Hans, e enfim, nós ficamos naquela noite.

— Hans? – ele novamente me interrompeu. – Tão germânico!

— Hei! Quer parar de me interromper? – tentei ficar brava, mas não consegui. Josh passou os dedos sobre os lábios, fechando-os simbolicamente. – Continuando... Dois dias depois, quando falei com o Alex, eu acabei contando a ele e ele até que aceitou bem a ideia, não demonstrando ciúme, do mesmo modo que eu havia feito. Seguimos nossas vidas, ele lá e eu por aqui, até que uns três meses atrás, teve uma festa de despedida de um italiano amigo de um amigo e eu acabei ficando com esse italiano, Paolo.

— Você contou ao Alex?

— Você não consegue mesmo ficar quieto, né? – e eu tive que gargalhar.

— Desculpe. – ele ficou encabulado e colocou as mãos nos bolsos da calça.

— Ok. – olhei-o. – Contei e ele agiu como da primeira vez, sem ter nenhum ataque.

— E ele, tem ficado com outras garotas?

— Eu não sei. – e a tristeza das últimas reações do Alex voltou com tudo. – Ele nunca mais mencionou nada, mas de uns tempos pra cá, sinto que ele está um pouco diferente.

— Em que sentido?

— Não sei bem. – suspirei e nos sentamos num banco às margens do rio Douro. – Faz umas três semanas, mais ou menos que ele não tem sido mais tão

gentil em nossas conversas, não diz mais que sente saudade, essas coisas. Inclusive tem vezes que ele parece estar falando comigo mais por obrigação do que por vontade. – fiz uma longa pausa perdendo meu olhar através do rio. – E toda vez que eu pergunto o que há de errado, ele desconversa.

— Você tem alguma suspeita?

— Honestamente até tenho. – e doía-me pensar naquilo. – Acho que ele se desencantou por mim. Acho que essa viagem fez com que o sentimento enfraquecesse.

— Mas... Você gosta dele?

— Gosto, claro que gosto... – eu estava com ele, como poderia não gostar?

— Mas não o ama. – ele disse cuidadosamente, depois de alguns segundos.

— Não, Josh. – finalmente deixei a constatação sair por entre meus lábios. – Não sei se um dia eu o amei. E ele a mim, na verdade. Quando começamos nosso namoro, ambos estávamos machucados de relações anteriores. Talvez o que tenha acontecido foi que confundimos nossa amizade com um “amor” carente, um tentando consertar o outro, sabe?

— É difícil definir sentimentos, ainda mais quando se é tão próximo assim como você disse que vocês são.

— Pois é. – um suspiro saiu dos meus lábios. – Mas ainda assim, se for esse o motivo, não é suficiente para ele me tratar como tem tratado. Sempre fomos muito sinceros um com o outro. Se for essa a questão, ele sabe que poderia falar abertamente comigo.

— Nem todas as pessoas são seguras e decididas, Nanda. – ele disse e seus olhos verdes me encararam. – Às vezes é muito complicado assumir uma coisa para si mesmo, que dirá para outra pessoa.

— É, é verdade. – eu disse depois de um tempo.

Aquela realidade me acertou em cheio e eu finalmente consegui olhar para ela de frente. Certo alívio percorreu meu corpo e eu tomei minha decisão. Eu colocaria as cartas na mesa em minha próxima conversa com meu namorado e esclareceria tudo.

— Que tal mudarmos de assunto? – e sorri com ar maroto. – Por que você não me conta um pouco desse lado da sua vida?

— Ah, não... – ele lamuriou feito criança. – Não tem nada interessante pra contar.

— Ah, por favor! – até parece que não tinha. – Como Joshua Black... – e disse seu nome num sussurro. – ...não tem nada de interessante para contar?

— Não tenho, Nanda. – ele tentava me convencer.

— Não é possível! – eu disse perplexa. – Com tantos boatos por aí...

— São boatos. Apenas boatos. – ele disse. – Como eu te falei quando a gente se conheceu: minha vida é uma roda viva a mil que não me deixa tempo para mais nada.

— Nenhuma verdade sobre você e sua parceira de filmes, Emma Stein, então? – e, confesso, meus olhos arderam de curiosidade.

— Amizade. – ele disse parecendo sincero. – Nada além de amizade.

— Wow! – eu exclamei divertida. – Isso vai partir o coração de milhares de fãs do mais novo casalzinho de Hollywood. – ele gargalhou com a expressão dramática que eu fazia. – Peraí que vou lá no meu Twitter e já volto.

— Sua boba. – ele conseguiu dizer depois de nos recuperarmos do ataque de riso. Ele me olhou com curiosidade nos olhos. – E você, acreditava na gente?

— Honestamente? Não. – eu respondi com a expressão sincera.

— Por que não?

— Hum, sei lá. Intuição talvez? – e sorri. – Se bem que alguns olhares de vocês, naquela última premiação quase me convenceram. Quase.

— É, a mim também. – ele disse baixo, em tom de confissão. – Ok, eu tenho que confessar que senti alguma coisa quando a gente se conheceu, mas nunca passou disso. Nós já conversamos sobre isso e até pensamos em talvez tentar alguma coisa, mas desistimos da idéia. É loucura demais. E o que prevalece mesmo entre a gente é a amizade.

— Hum... História familiar. – eu disse e mais uma vez sorrimos com essa coincidência em nossas vidas.

Quando finalmente percebemos, a tarde já tinha acabado e uma singela lua começava a despontar no horizonte. Decidimos voltar para o hotel e acabamos por jantar ali mesmo, mas dessa vez no restaurante.

— O que acha de seguirmos para Coimbra? – eu perguntei depois de olhar nosso folder.

— Coimbra? É onde tem a famosa universidade, não é? – Josh perguntou sorrindo.

— Aham. – eu disse quase com satisfação.

— Perfeito. – ele disse depois de finalizar sua bebida. – Quando partimos?

— Amanhã? – eu perguntei. Ele sorriu e terminamos nosso jantar.

Caminhamos lado a lado pelo corredor até que chegamos aos nossos quartos.

— Durma bem, Josh. – eu disse novamente sem a mínima vontade de me despedir dele.

— Você também, Nanda. – ele disse parado exatamente como eu. Eu me virei e abri a porta, mas antes de entrar o ouvi me chamando. – Nanda?

— Sim?

— Ainda não te agradeci decentemente pelo convite de fazer parte da sua viagem. – ele disse ora encarando os pés, ora me fitando. – Está sendo maravilhoso para mim passar esse tempo longe de tudo.

— De nada. – eu disse corando levemente. – E eu não agradei o fato de você ter aceitado o convite e estar me fazendo companhia. Gosto de viajar sozinha, mas ter você ao meu lado está deixando as coisas bem mais... – qual palavra eu uso, meu Deus? – ...empolgantes.

— Bom, então acho que ambos saímos ganhando com essa história, né? – ele continuava meio encabulado.

— Sem sombra de dúvidas. – eu respondi e sem querer mordi meu lábio inferior. – Bom, então até amanhã, quando mais uma etapa da nossa aventura terá início.

— Até amanhã, Nanda. – ele disse entrando em seu quarto. – Tenha bons sonhos.

— Você também. – eu disse e fechei minha porta.

Por que era tão difícil me despedir dele? E nem era uma DESPEDIDA, era só um “boa noite”, mas mesmo assim era difícil. Coloquei meu pijama, fiz minha higiene e me larguei na cama, repassando todo o dia que passamos juntos.

Josh era uma pessoa extremamente fácil de se lidar, tinha um humor divertidíssimo e um interesse genuíno nas coisas que eu falava. E estava ali, ao

meu lado, quando fiz a constatação mais realista dos últimos tempos: eu não amava Alex e estava cansada de me iludir em relação àquilo.

Josh estava sendo um bom amigo, mas era apenas isso. Era mesmo? Claro que era! O fato de eu ter me pego flertando quase inconscientemente com ele não queria dizer nada, queria? Não, claro que não!

Mas foi mais de uma vez que isso aconteceu! E porque diabos fiquei tão feliz em saber que ele estava solteiro? Ai, ai, ai, ai, ai. Não! Definitivamente eu NÃO posso me iludir com ele. Não posso deixar que toda essa afinidade avance para qualquer outro estágio!

Capítulo 05

Minha noite foi bastante tumultuada, com sonhos que começavam com o Alex e terminavam com o Josh. Confesso que acordei um pouco cansada, mas só de pensar que finalmente estava realizando meu sonho e ainda tinha o “plus” de ter Joshua Black como companheiro de viagem, as coisas já ficavam bem melhores. Deixei a bagagem mais ou menos pronta, pois seguiríamos viagem logo depois do café, e fui em direção à porta de Josh.

— Bom dia! – eu disse sorridente assim que vi sua cara amassada de sono. – Ops, te acordei?

— Não. – ele disse em meio a um bocejo enquanto coçava a cabeça, bagunçando ainda mais seus fios de um castanho quase preto. – Tive um sono meio agitado, só isso.

— Ah tá. – foi o que consegui dizer depois de reparar na coincidência. – Bom, te encontro no restaurante?

— Ah, claro. – ele sorriu torto. – Estarei pronto em breve.

Segui para o restaurante e sentei na mesma mesa da manhã anterior, de onde tinha uma vista privilegiada do amanhecer da cidade. Alguns minutos depois Josh me encontrou e fizemos nossa refeição. Cerca de uma hora depois estávamos na rodoviária esperando o ônibus que nos levaria ao nosso segundo destino.

— Você parece cansado. – eu disse quando nos acomodamos em nossas poltronas.

— Não se preocupe. – ele disse com um belo sorriso. – Estou acostumado a ter noites conturbadas.

— Humm... – eu murmurei. – Quer falar sobre isso?

— Não, não. – ele disse e percebi certo constrangimento ali. – Obrigado.

— Disponha. – eu disse finalizando aquela conversa.

O caminho foi um pouco demorado e silencioso, já que Josh não aguentou e sucumbiu ao sono durante nosso trajeto. E eu não resisti a ficar encarando-o durante longos minutos, apenas observando a pessoa maravilhosa que existia ali.

Eu não falava apenas da beleza externa dele, já que com aquele disfarce

ele não estava nada bonito – ele que não me ouça – mas sim de como ele era lindo em seu interior. Era doce, prestativo, gentil. Oh, céus! Lá vou eu outra vez divagar sobre as qualidades desse homem.

Ok, preciso achar qualquer coisa pra me distrair e parar de pensar nessas besteiras. Voltei minha atenção para a estrada, através da janela do ônibus, e me perdi nas paisagens lusitanas que se descortinavam aos meus olhos.

— Josh? – eu o chamei baixinho, mas ele não se mexeu. – Josh? – tentei um pouco mais alto, mas nada. Foi então que minha mão seguiu, quase como se tivesse vontade própria, em direção ao seu rosto e o afaguei com as costas dos dedos. – Joshua?

— Hum? Hã? Que foi? – ele acordou subitamente, meio perdido, tentando se localizar no tempo e espaço.

— Chegamos dorminhoco. – eu disse sorrindo de lado.

— Putz! Jura que eu dormi o caminho todo? Não acredito! – ele parecia inconformado. – Desculpe, Nanda.

— Hei, relaxa, ok? – eu disse ainda sorrindo. – Você precisava descansar mais um pouco, só isso.

Ele fez uma careta indecifrável e finalmente descemos do ônibus. Depois de pedir algumas informações conseguimos achar um hotelzinho, no mesmo estilo do anterior e fizemos nosso check in. De lá seguimos para um restaurante perto da faculdade e almoçamos antes de iniciar a visita ao local histórico.

— Isso é incrível! – ele disse com os olhos arregalados.

— Uau! – foi o que consegui dizer quando entramos na Biblioteca Joanina da universidade.

Não sei quanto tempo ficamos ali, mas foi bastante, pois ambos queríamos olhar tudo, xeretar em todos os lugares, absorver cada suspiro de conhecimento que ali estava guardado. Depois da biblioteca ainda passamos por mais alguns lugares e só terminamos nosso passeio no final da tarde.

— Eu estou extasiada com tudo isso. – eu disse enquanto seguíamos por uma rua lateral.

— E eu nunca pensei que apreciaria tanto uma visita a uma biblioteca. – Josh disse e rimos do seu comentário.

— Que tal ficarmos por aqui um pouco? – eu perguntei olhando para um barzinho. – Gosto muito do clima universitário.

— Acho uma ótima ideia. – ele disse e seguimos até uma mesinha colocada na calçada.

Enquanto o garçom não vinha para nos atender, me peguei pensando no quanto estava feliz por aquele dia. O passeio tinha sido maravilhoso e o que contribuiu ainda mais para minha satisfação foi ver que Josh não ficou nem um pouco entediado num passeio como aquele.

Eu entenderia se ele ficasse cansado, já que não é todo mundo que gosta de passeios históricos, mas ele se mostrou tão empolgado quanto eu, o que me deixou ainda mais contente e admirada.

Finalmente o garçom veio nos atender e pedimos aperitivos e duas cervejas. Estávamos distraídos observando a movimentação dos estudantes quando ambos escutamos o seu nome sendo pronunciado.

Ficamos nervosos com a situação, já que não seria nada legal se ele fosse descoberto ali, mas logo eu percebi que o assunto era outro e a curiosidade falou mais alto, fazendo-me prestar atenção na conversa alheia.

— *Não, eu li, ele está em LA com a Emma.*

— *Não, imagina! Onde você leu isso?*

— *Ah, lá naquele site sobre eles. Ele foi pra lá pedi-la em casamento.*

— *Jura? Ai que fofo! Eles formam um casal tão lindo juntos.*

Foi bem nessa hora que eu desisti da conversa. Definitivamente eles não formavam um casal lindo juntos. Fernanda! Pare já com isso. Nem ouse ter mais um pensamento, unzinho sequer sobre esse assunto! Você não pode e não deve pensar nele de outra forma, entendido?

Josh me tirou dos meus conflitos internos e eu resumi a conversa das duas garotas. Rimos horrores com aquilo, mas também conversamos mais sobre a situação em que ele vivia depois da fama.

Terminamos nosso jantar e decidimos voltar para o hotel. No meio do caminho, no entanto, nos deparamos com uma apresentação ao ar livre de um grupo cantando fado.

Lembrei-me que em Coimbra ainda existia a tradição dos grupos cantadores de fado e que existia até uma distinção dos fados de Coimbra para os outros fados portugueses.

— Vamos ouvir? – Josh pediu interessado.

— Claro. – eu sorri e nos acomodamos em um lugar para apreciarmos a

apresentação.

Depois de mais ou menos uma hora a apresentação terminou e ambos estávamos emocionados. Eram belíssimas canções referindo-se aos mais diversos temas, desde cursos da universidade até amores perdidos.

— Ai, ai. – eu suspirei com um sorriso bobo nos lábios.

— Emocionada? – ele me encarou com expressão divertida.

— Um pouco. – eu confessei. – Adoro vozes masculinas cantando.

— É mesmo? – ele usou um tom brincalhão e só aí eu me lembrei de que ele se arriscava na música de vez em quando. Fiquei um pouco encabulada com a declaração feita segundos antes.

— Pois é. – foi o que eu consegui dizer.

— Poxa, que pena que eu não trouxe meu violão então. – ele flertou comigo? Sério?

— Nossa, verdade, né? Você canta também. – eu me fiz de desentendida.

— Chata. – ele riu e me deu um leve beliscão na cintura, que me fez arrepiar instantaneamente. Ele não pareceu perceber minha reação e retomamos o caminho rumo ao hotel.

— Fico muito feliz que tenha se divertido hoje. – eu disse parada diante da porta do meu quarto. – Estava com medo de que você achasse a coisa entediante.

— Imagina! – ele sorriu encostando-se charmosamente no batente da sua porta. – Foi uma experiência muito legal. Você está se saindo uma ótima guia.

— Oh, muito obrigada. – eu disse encenando um agradecimento.

— E quais os planos para amanhã? – ele perguntou.

— Hum, pensei em seguirmos viagem até Lisboa e depois Sintra. Acho que por aqui meus desejos foram realizados. O que acha?

— Hum, Lisboa? – ele franziu a testa. – Não é agitada demais?

— Com medo de a sua noiva vir te encontrar aqui é? – eu tive que brincar.

— Engraçadinha. – ele fez uma careta.

— Bom, talvez você tenha razão. – eu pensei um pouco. – Podemos almoçar por lá e seguir para Sintra então, o que acha?

— Hum, acho que assim fica melhor. Tivemos muita sorte até agora, não quero arriscar muito. – ele fez uma pausa. – Se você não se importar, lógico.

— Não se preocupe. Também não quero que o descubram. – ele sorriu de um modo diferente, que eu não soube definir o que era, mas me fascinou completamente.

— Bom, nos vemos no café então. – ele disse ainda me encarando.

— Claro. – eu respondi. – E vê se dorme direito essa noite, heim!

— Dormirei. – ele respondeu. – Tenha bons sonhos, Nanda.

— Você também, Josh. – e ele desapareceu quarto adentro.

A primeira coisa que fiz foi tomar um belo banho e depois me larguei na cama. Meu corpo estava cansado da maratona que estávamos fazendo, mas minha felicidade era tamanha que o cansaço não chegava realmente a incomodar.

(...)

Minha noite foi agitada, com sonhos envolvendo o Josh sendo descoberto e nossa viagem terminando inesperadamente. Acordei antes mesmo de o despertador tocar e ainda fiquei um tempo enrolando na cama, pensando em tudo o que estava acontecendo, nessa súbita e inesperada amizade com alguém que eu jamais imaginaria conhecer.

Tratei de desfazer a cara de cansada, afinal iríamos para Lisboa e depois para Sintra e eu tinha que aproveitar ao máximo minha companhia, já que pelos meus cálculos, logo Josh teria que voltar para sua rotina e nossa viagem juntos terminaria.

— Bom dia, Josh! – eu disse quando ele abriu a porta do seu quarto.

— Bom dia, Nanda. – ele respondeu sem conseguir desviar seus olhos dos meus.

Tomamos nosso café e seguimos para a rodoviária com destino a Lisboa. Chegamos depois de aproximadamente duas horas, guardamos nossas coisas na própria rodoviária, já que logo estaríamos ali novamente para seguir para Sintra, e fomos passear pela capital lusitana.

Seguimos pelas ruas de Lisboa em meio a uma pequena multidão de turistas que caminhavam apreciando as paisagens e construções e apontavam suas câmeras fotográficas para todos os lados possíveis.

— Tudo bem? – eu questionei quando percebi Josh um pouco tenso.

— Tudo certo. – ele respondeu, mas não me convenceu. – Por que a pergunta?

— Não sei, você não parece totalmente à vontade por aqui. – eu disse e acabei o encarando mais intensamente. – Com medo das câmeras?

— Está tão evidente assim? – ele perguntou.

— Aham. – eu sorri e afaguei seu braço. – Não se preocupe. Ninguém vai te reconhecer. – e num ímpeto envolvi seu braço no meu enquanto voltava a caminhar. – Afinal de contas, você está em Los Angeles organizando seu casamento.

Gargalhamos com meu comentário e seguimos de braços dados pelas ruas da cidade. Realmente, quem olhasse em nossa direção veria apenas mais um casal de turistas curtindo uma viagem.

Caminhamos por um tempo, até que eu avistei o local que eu queria tanto visitar e acabei correndo pela praça, com um Josh curioso no meu encalço.

— O que foi? – ele perguntou quando eu finalmente parei.

Olhei para o monumento em homenagem aos desbravadores da era das grandes navegações e suspirei. Ainda sorrindo olhei para baixo e vi, sob meus pés, um grande Mapa Múndi esculpido no chão.

— Nesse exato momento estamos aqui, em Portugal. – então segurei em sua mão. – Agora, basta darmos alguns passos... – e o puxei. – ...e pronto, estamos no Brasil.

— Quer dizer que agora estamos no Brasil? – ele perguntou rindo.

— Pois é. – respondi ainda sorrindo e depois caminhamos até o monumento imponente. Lancei meu olhar para o rio Tejo. – Foi aqui que tudo começou. – houve um suspiro de admiração. – Quinhentos anos atrás uma caravela saiu daqui e encontrou, do outro lado dessas águas, a minha terra natal.

— É incrível pensar nisso. – ele disse meio absorto na imensidão daquilo tudo.

— E agora eu estou na origem de tudo, da minha vida, da minha história. – eu tinha a voz um pouco embargada. Fechei meus olhos e fiquei ali, paradinha, sentindo a brisa suave que vinha das águas.

Era emocionante para mim estar ali, revivendo um pouco da minha história, pensando que se não fosse pela coragem daqueles homens, tudo teria

sido diferente. Josh ficou ao meu lado durante toda aquela experiência e eu senti que ela foi muito mais especial justamente por ele estar ali, ao meu lado.

— Tudo bem? – ele perguntou afagando meu ombro, num ato quase instintivo tentando passar-me segurança.

— Tudo ótimo. – eu disse com os olhos brilhando. – Não poderia ter sido mais perfeito. – e sem querer fixei meus olhos nos seus por alguns instantes. – Obrigada por estar aqui ao meu lado, Josh.

— O prazer é todo meu. – ele disse e retribuiu o sorriso.

Nossos olhos estavam conectados e por um segundo, por um mísero segundo, eu me vi compelida a seguir um desejo irracional de beijá-lo. O brilho em seus olhos se intensificou e parecia que ele queria a mesma coisa que eu.

Mas então veio a maldita consciência e eu quebrei aquela conexão. O que você acha que está fazendo, sua doida? O que ele irá pensar se você o beijar? Já falei, Fernanda, para com esses pensamentos, mulher!

Depois desse quase deslize, seguimos até um restaurante naquela região mesmo e nos saciamos com um delicioso filé de bacalhau com batatas ao azeite e vinho branco.

— Muito bem, agora vamos à sobremesa. – eu disse com o cardápio nas mãos. – Bom-bocado ou pastel-de-belém?

— Hum... – ele franziu a testa e depois abriu um largo sorriso. – Por que não os dois? Podemos dividir e ambos experimentamos, o que acha?

— Perfeito. – eu respondi e fiz nossos pedidos.

Logo os doces chegaram e quase entramos em êxtase com aquelas maravilhas da culinária lusitana. Saímos do restaurante empanturrados e seguimos de volta à rodoviária, dando prosseguimento ao nosso mochilão.

Capítulo 06

A viagem de Lisboa a Sintra foi relativamente rápida e logo já estávamos instalados em uma charmosa pousadinha. Como ainda tínhamos um pouco de clareza, resolvemos apenas andar pelo local, assimilando um pouco da sua beleza.

— Afinal de contas, como foi que você descobriu esses lugares? – Josh perguntou depois de sentarmos em um banco numa simpática praça.

— Bom, houve muita pesquisa na internet... – eu sorri ao me lembrar das horas que passei diante do computador. – ...e alguns lugares eu ouço falar desde criança.

— Desde criança? – ele perguntou intrigado.

— É. – eu fiz uma pausa. – Muitas das minhas aulas de História envolviam a história de Portugal também, então era alguma coisa familiar e desconhecida ao mesmo tempo, sabe?

— Eu não tive muito disso na escola. – ele disse. – Se bem que eu também não era o maior admirador do colégio. – e gargalhou divertido.

— Sei, sei... – eu disse em tom de repreensão, mas não consegui não rir com ele.

Ficamos mais alguns minutos ali e decidimos voltar para a pousada, já que o cansaço começava a bater. Como em todos os outros dias, combinamos de nos encontrarmos no restaurante do hotel para jantarmos.

Enquanto a água morna escorria pela minha pele, aliviando a tensão e relaxando os músculos, eu me deixei divagar e voltar um pouco naquele dia, no exato momento em que meus olhos se fixaram nos do Josh e eu tive uma sensação muito nítida de que eu tinha esperado minha vida inteira por aquele momento. Pelo momento de estar ali ao lado dele percebendo seu carinho, sua atenção. Meu coração deu um leve salto em meu peito: oh, não! Eu ESTOU me apaixonando por ele!

Saí do chuveiro tentando não pensar naquilo, mas meu coração insistia em estar acelerado e um frio na barriga não me abandonava de jeito nenhum. Terminei de me arrumar e segui para o restaurante. Josh ainda não estava lá e todas as mesas estavam sugestivamente decoradas com velas, dando um clima romântico ao local.

— Demorei muito? —sua voz suave e aveludada me tirou dos meus pensamentos algum tempo depois.

A luz das velas refletiu em seus olhos esverdeados e eu quase pude jurar que havia ali alguma coisa diferente. Encaramo-nos por alguns segundos até que ele se sentou e passamos a prestar atenção ao cardápio.

— Não muito. — eu finalmente respondi. — Não deve ser muito fácil arrumar esse disfarce.

— Ah, nem me fale dele. Minha vontade é de jogá-lo pela janela. — ele disse num tom de desânimo.

— Dramático! — eu respondi de modo debochado e muito divertido.

Logo nossa refeição chegou e nos deliciamos mais uma vez com as maravilhas da culinária portuguesa. Durante o jantar começamos a planejar o passeio do dia seguinte e para meu espanto, Josh sugeriu o lugar que eu mais queria conhecer: o Parque de Monserrate.

Aceitei na hora a sugestão fazendo com que ele abrisse um largo sorriso satisfeito e com que eu me encantasse ainda mais com aquele homem a minha frente.

A conversa seguiu animada até que paramos diante das nossas portas, como estávamos fazendo há quase quatro dias, mas nem essa rotina que se estabelecia ajudava na hora de nos despedirmos; aliás, ficava cada vez mais difícil a cada dia que se passava.

— Bom, então teremos um passeio totalmente bucólico amanhã. — eu disse sorrindo largamente.

— É o que promete o folder, não é? — ele brincou.

— Com certeza. — respondi. — Bom, nos vemos pela manhã então.

— Claro, Nanda. — ele disse. — Tenha lindos sonhos.

— Você também, Josh.

Finalmente nos despedimos e eu me esparramei na cama com um sorriso bobo nos lábios. Eu tinha que parar de me sentir daquela maneira, não podia ficar dando trela para meu coração bobo. As coisas nunca dariam certo entre a gente, éramos de mundos tão diferentes: ele era uma estrela do cinema e eu apenas mais uma garota normal, vivendo num mundo onde não há espaço para contos de fadas.

Decidi me preparar pra dormir, mas quem disse que o tal sono vinha,

apesar de meu corpo implorar por descanso? Rolei de um lado para o outro algumas vezes, liguei e desliguei a televisão inúmeras vezes até que desisti de lutar e entreguei-me aos pensamentos que dominavam a minha mente: aquele sorriso que eu havia demorado pra reconhecer, aquela voz aveludada e aqueles olhos totalmente hipnotizantes.

(...)

A manhã chegou rápida e fui acordada pelo canto de vários passarinhos diferentes. Segui para a porta da varanda e a abri, sendo presenteada por um magnífico amanhecer. Os raios de sol passavam por entre as folhas das árvores e havia uma leve neblina, dando à paisagem as nuances de um sonho.

Foi quando eu ouvi as batidas na porta e meu coração deu um leve salto. Corri para atender e encontrei Josh com seu sorriso mais perfeito, embora estivesse um pouco escondido pela barba falsa.

— Bom dia! – eu meio que cantarolei e percebi o sorriso dele se alargar ainda mais.

— Nossa, como estamos animados essa manhã! – ele disse zombeteiro.

— Bobo! – eu respondi ainda rindo. – Estarei pronta em dois segundos.

Ele concordou e seguiu para a sala do café. Realmente não demorei para me arrumar e logo já desfrutava da sua maravilhosa companhia.

— Posso saber o motivo de tanta alegria? – ele perguntou logo depois que nos sentamos.

— Faremos um lindo passeio hoje, acordei com os passarinhos cantando, abri a janela e vi uma paisagem linda, estou muito bem acompanhada em minha viagem... – e fiz uma pequena pausa, encarando seus olhos, que naquele dia puxavam para o cinza. – ...esses motivos estão bons pra você ou precisa de mais?

— De jeito nenhum. – ele sorriu divertido. – Seus motivos são mais que suficientes. – e então ele ficou um pouquinho mais sério. – Obrigado por me incluir neles.

Ok, o modo como ele me olhou e o tom que usou em suas palavras fizeram com que eu realmente me esquecesse de respirar. Eu tentei desfazer minha cara de inebriada – pois era assim que ela devia estar – o mais rápido possível, antes que ele percebesse, mas não sei se realmente deu tempo.

— Só... Só estou dizendo a verdade. – eu disse por fim e esbocei um sorriso tímido.

— Então devo enfatizar que sua companhia também tem sido muito agradável durante a minha viagem. – ambos sorrimos e voltamos a dar atenção ao nosso desjejum.

Após a refeição seguimos então rumo ao parque e começamos o nosso passeio. Recebemos uma espécie de mapa do local e optamos por seguir as atrações na ordem em que apareciam.

— Josh! – exclamei quase saltitando ao seu lado. – A gente nem começou o passeio e eu já estou adorando! Isso é lindo demais!

— Então vamos. – foi o que ele disse e sorriu com a minha empolgação e alegria.

Andamos por mais um tempo até encontrarmos a primeira atração: o Cromeleque. Ok, era um amontoado de pedras, pra ser bem honesta, mas combinava perfeitamente com o lugar e logo eu já apontava a câmera para o local. Tinha a impressão de que aquela máquina seria bastante utilizada ao longo daquele dia.

Seguimos até nossa segunda parada, que era uma Casa de Pedra até que bonitinha e depois seguimos através de um Arco Indiano e por um caminho chamado de Caminho Perfumado que estava todo enfeitado por lindas glicínias arroxeadas.

O caminho era mesmo perfumado e muito agradável de ser percorrido; assim que saímos de lá pudemos avistar o tão famoso Palácio de Monserrate e eu meio que fiquei estática ao lado do Josh.

— Isso... É... Uau!! – eu apenas exclamei com os olhos brilhando. – Uau!

— Bom, eu diria que é uma bela construção, com detalhes muito bonitos, mas acho que “uau” também serve. – ele tirou sarro de mim.

— Como você é chato! – eu tentei fazer cara de brava, mas não consegui. – Besta. – e voltamos a caminhar entre risos. Contudo, apesar das suas falsas implicâncias, eu sabia que ele estava tão admirado quanto eu.

Depois de ficarmos um tempo ali, admirando a construção, demos seguimento ao passeio passando pelo verde relvado existente na frente do palácio e decidimos parar por ali para almoçarmos. Eu nem tinha percebido como o tempo tinha passado rápido e só quando paramos é que senti meu estômago resmungar. Havia um quiosque bem estratégico ali e pudemos comer

alguma coisa.

Depois de termos forrado nossos estômagos, demos seguimento ao passeio entre árvores, arbustos, flores e então chegamos ao Jardim do México.

— Tudo bem? – Josh perguntou em seu tom preocupado quando me viu suspirar profundamente diante daquelas plantas.

— Aham. – eu disse me recompondo. – É só que essa coleção de palmeiras trouxe a lembrança do Brasil.

— Oh, Nanda... – ele disse todo fofo e afagou meu ombro.

— Tudo bem, não se preocupe. – e sorri em sua direção. – Foi só um momento de nostalgia, de saudade. Mas já passou.

— Sério? – ele se aproximou um pouco mais.

— Sério. – eu disse e o puxei pela mão. – Vamos, ainda temos muito o que ver.

Continuamos seguindo a “trilha” e nossa próxima parada foi a Capela. Mais uma vez eu fiquei espantada com a beleza daquela construção em ruínas e me senti uma criança impelida a percorrer todos os esconderijos daquele lugar. Havia uma figueira gigantesca ali, meio que abraçando alguns pedaços da construção.

— Parece saído de um conto de fadas. – eu disse encantada.

— Aliás, todo esse lugar né? – ele concordou sentando-se ao meu lado numa das raízes da árvore.

— Aliás, toda essa viagem. – eu emendei. – Temos passado por cada lugar mágico...

Josh me encarou por um instante e depois deu aquele sorriso torto que quase me desmontou. Seus olhos brilhavam intensamente e eu fui hipnotizada por eles, que me chamavam para mais perto. Mas a magia foi quebrada por alguns gritos infantis e risadas divertidas.

— Acho que... Devemos... – ele começou.

— É... É melhor continuarmos. – eu concluí, meio encabulada.

Seguimos o caminho passando pelo Jardim do Japão, pelo Vale dos Fetos e então chegamos a outro lugar completamente fantástico: a Cascata de Beckford. Eu adorava cascatas e cachoeiras e quando ouvi o burburinho da água, corri em sua direção.

— Hei, me espera! – disse Josh atrás de mim. – O que foi que deu em... Wow! – ele exclamou ao ver o motivo da minha corrida.

— Exatamente: wow! – eu repeti absorta naquela paisagem.

— Isso é...

— Aham. – eu concordei com ele e ficamos quase estáticos admirando a queda d'água, o laguinho que se formava a sua frente e a vegetação meticulosamente escolhida para o local.

Não sei bem quanto tempo ficamos ali parados, até que eu consegui me mexer e fui chegando mais perto do lago. Pude sentir Josh no meu encalço e logo nos curvamos para observar os peixes que nadavam tranquilamente por ali. Passou-se mais um tempo de contemplação até que a voz aveludada de Josh me acordasse.

— Eu sei que você está quase em alfa aqui, Nanda... – ele disse e riu quando eu me virei para encará-lo. – Mas temos que ir. Logo o parque fechará.

— Aaaah... – eu fiz bico. – Não é justo, o tempo passou rápido demais.

— Passou mesmo. – ele concordou e me puxou pela mão. – Venha.

Andamos mais alguns metros e finalmente chegamos ao Arco de Vathek, já no final da trilha, conduzindo o visitante ao portão do parque. Caminhamos demoradamente, no mesmo passo, apenas contemplando as belezas daquele lugar que começava a ser pintado com os tons alaranjados do crepúsculo.

— Foi um dia perfeito. – Josh disse enquanto eu olhava pela janela do ônibus que nos levava de volta à cidade.

— Sem dúvidas. – eu me virei para encará-lo. – Obrigada por ter escolhido esse parque.

— Não foi nada. – ele retrucou brincalhão. – Quando seus olhos brilharam ao ver esse parque no folder eu não tive como resistir. Tinha que ser esse.

— Obrigada, Josh.

Ele não respondeu e, num gesto um pouco inesperado, acariciou minha bochecha e depois sorriu de lado, como tinha feito na capela mais cedo. Senti meu corpo tremer e meu coração acelerar. Como ele mexia comigo, santo Deus! Quando eu ia falar qualquer coisa, o ônibus deu um solavanco e parou, avisando que chegara ao ponto final. Descemos e seguimos para a pousada, num silêncio quase encantado.

— Nos vemos no jantar? – ele perguntou enquanto brigava com a chave da porta.

— Claro. – eu respondi entre risos. – Isso se você conseguir abrir a porta.

— Engraçadinha. – ele disse meio emburrado enquanto forçava a chave até que a porta abriu. – Muito bem, nos VEMOS no jantar. – e ele enfatizou o verbo.

— Claro, claro. – foi o que eu consegui dizer entre as gargalhadas.

A primeira coisa que fiz ao entrar no quarto foi tomar um belo e relaxante banho. Enquanto deixava que a água aliviasse o cansaço do corpo, minha mente foi recapitulando todas as emoções daquele dia. O passeio tinha sido perfeito e ter Josh ao meu lado tinha sido mais perfeito ainda.

Em vários momentos eu percebi que rolava um clima entre a gente, mas considerei como sendo fruto da minha imaginação fértil. Só que no ônibus, quando ele afagou meu rosto, eu não pude negar, não tive como negar.

Eu estava completamente encantada por aquele homem e aparentemente ele estava por mim. E o que me matava de verdade era que nosso tempo juntos estava se esgotando. Logo ele teria que ir embora e eu voltaria a ficar sozinha. Eu nunca tive problemas em viajar sozinha, mas já tinha me acostumado a ter uma companhia, a ter a sua companhia.

Terminei o banho e acabei ligando para o Brasil, para ouvir a voz da minha mãe. Culpa do jardim tropical que encontramos no parque. Obviamente não contei a ela quem era meu companheiro de viagem, mas disse o essencial e ela me apoiou bastante, ao contrário do que tinha feito o Alex.

Por falar nele, ele não tinha dado mais nenhum sinal de vida e eu ainda precisava colocar todas as cartas na mesa. Até pensei em ligar para ele antes do jantar, mas a ligação com minha mãe demorou mais do que eu esperava e eu já estava um pouquinho atrasada para meu jantar com Josh.

Quando cheguei ao salão encontrei-o com o olhar triste e distante, provavelmente pensando em algo importante.

— Planeta Terra chamando!

— Nossa, que susto! – ele disse um pouco mais alto quando sentiu minha mão sobre a sua.

— Desculpe. – eu disse segurando uma gargalhada e me ajeitando na cadeira. – Mas já era a terceira vez que eu te chamava. Onde você estava?

— Eu... – ele relutou um pouco. – Eu estava pensando que... Bom... Que esse dia foi tão legal, que eu me diverti tanto, que eu tenho me divertido tanto, mas que... É...

— Você tem que ir embora. – eu disse.

— É. – ele concordou com um pouco tristeza na voz. – Tenho que voltar para minha vida real.

— Eu sei. – eu disse em um tom sério e triste também. – Sabia que essa hora ia chegar.

— Eu realmente não queria ter que ir, Nanda. – ele disse tentando ser o mais sincero que conseguia.

— E eu realmente não queria que você fosse. – eu disse e o fitei. – Mas eu sei que você tem suas coisas pra fazer. Sabíamos disso desde o primeiro dia dessa viagem maluca.

— É, sabíamos. – ele concordou. – Mas a questão é que eu não quero ir. Eu não me divirto tanto assim há muito tempo, não consigo viajar e conhecer novos lugares sem que haja uma multidão ao meu redor. – fez uma pausa. – É tão bom poder ser livre.

— Eu sei Josh. – eu disse e coloquei minha mão sobre a sua novamente. – Não tem como você estender mais um pouquinho as suas férias?

— Receio que não. – ele respondeu com desânimo. – Meu agente deve estar maluco atrás de mim.

— Bom, se é inevitável que você vá, não há nada que possa ser feito. – eu disse e depois olhei para ele, sorrindo. – Mas isso não significa que temos que passar esses últimos momentos nos lamuriando, né?

— Não, não temos. – ele disse e retribuiu o sorriso.

— O que você quer fazer no seu último dia de férias? – eu perguntei interessada.

— Não sei. – ele respondeu. – Realmente não tenho idéia. O que você sugere?

— Bom, acho que minhas curiosidades foram todas saciadas aqui em Portugal. Eu estava pensando em seguir para a Espanha agora.

— Espanha? – ele perguntou interessado.

— É, talvez seguir subindo, começando por Sevilha, quem sabe.

— Está querendo ver touradas é? – ele parecia divertido.

— Nem pensar! – respondi categórica. – Pode fazer parte da cultura espanhola, mas eu sou totalmente contra.

— Então somos dois. – ele disse. – Acho que acabamos de traçar nosso último roteiro juntos, Nanda. – e sorriu. – Que venha a Espanha.

— Olé! – eu disse e caímos na gargalhada.

Nosso jantar terminou e seguimos para nossos quartos, demorando na despedida, como sempre. Logo depois de escovar os dentes, eu percebi que tinha deixado meu celular no restaurante e voltei para pegá-lo.

— Desculpe a indiscrição, rapariga, mas a ouvi dizendo que vai para Sevilha.

— Sim. – eu respondi à simpática senhora que havia guardado meu celular. – Por quê?

— Ah, é que se você e seu namorado seguirem para lá passando por uma cidadezinha ao lado de Évora, poderão fazer a simpatia do menir dos namorados. – ela respondeu toda feliz.

— Menir dos namorados? – eu questionei curiosa, tentando ignorar o fato dela ter nos caracterizado como um casal.

— É uma rocha antiga, dedicada ao amor. – ela respondeu cheia de propriedade e me passou o endereço certinho do local, quais ônibus deveríamos pegar e tudo o mais.

Segui para o meu quarto com um enorme sorriso nos lábios, mas não sabia dizer se era pelo fato de ter mais um lugar para visitar antes de deixar a terra de meus antepassados ou se era pelo fato de ter sido vista como a namorada do Josh.

Coloquei minha camisola e me joguei na cama, ainda com o sorriso bobo nos lábios e a imagem do Josh veio com tudo em minha mente. Meu coração deu uma acelerada e eu segui para a varanda para tomar um pouco de ar fresco e tentar não pensar no homem que estava no quarto ao lado.

Capítulo 07

Abri a porta de madeira e logo senti o aroma de terra molhada que vinha do singelo jardim interno. Apoiei-me no parapeito e olhei ao redor apenas para admirar as curvas escuras que os morros faziam em contraste com o céu claro iluminado pela lua.

— Sem sono? – disse uma voz quase sussurrada, assustando-me levemente, mas em seguida fazendo com que meu corpo inteiro se arrepiasse.

— Pois é. – eu respondi encarando um Josh sem camisa e sem disfarce, com um sorriso maroto nos lábios. – Você também?

— Aham. – ele respondeu observando-me de cima a baixo. Agradei internamente por estar usando uma camisola mais decente e não as camisetas velhas e rasgadas que eu adorava. – Está uma linda noite, né? – ele disse se aproximando de mim e foi quando eu percebi que não havia uma divisória entre as sacadas.

— Esplêndida. – eu respondi quase num sussurro, admirando aquele corpo escultural à luz da lua.

Josh parou a poucos centímetros de mim e voltou seu olhar para o céu, fazendo com que eu instintivamente o seguisse.

— Fazia muito tempo que eu não conseguia observar um céu tão lindo assim. – ele disse ao meu lado.

— É realmente lindo. – eu concordei. – Mas hoje não está uma noite boa para se apreciar o céu, e sim a lua.

— Por que diz isso? – ele me encarou com aquele olhar curioso.

— O brilho da lua ofusca a beleza das estrelas. – ele apenas continuou me observando. – Para uma boa observação astronômica, devemos optar por uma noite sem luar, só assim para conseguirmos enxergar bem as estrelas e até mesmo algumas galáxias. – e sorri para ele. – Quando ela está assim, majestosa no céu, todas as atenções estão voltadas pra ela.

— Nem todas. – ele disse e me olhou profundamente, fazendo com que meu coração falhasse uma batida.

Senti minhas bochechas corarem com aquela frase e fiquei sem saber o que fazer. Meu desejo era de me entregar àquele turbilhão de sensações que

corriam em minhas veias, mas eu não tive coragem. Então eu quebrei o contato de nossos olhos e voltei a olhar o céu.

Pelo canto do olho percebi que Josh deu um sorriso meio decepcionado e logo ele também tinha voltado a olhar para a imensidão negra sobre nós. Ficamos em silêncio por um tempo até que um arco incandescente riscou o céu.

— Você viu aquilo? – ele quebrou o silêncio com empolgação na voz.

— Sim, uma estrela cadente. – eu disse animada. – Faça um pedido.

Josh sorriu com minha “ordem”, mas em seguida ficou calado, concentrado em seus pensamentos. Que o sonho vire realidade! Foi o que eu pedi à estrela, mesmo não acreditando realmente na lenda. Não custava tentar, não é mesmo? Josh voltou a me encarar e esboçou uma pergunta, mas eu logo o interrompi.

— Ninguém pode ficar sabendo do seu pedido, senão ele não se realiza.

— Sério? – ele perguntou debochado.

— Bom, é o que diz a lenda. – eu respondi e voltei a olhar o céu.

Conforme o tempo ia passando, os olhos iam se acostumando à situação de claridade e era cada vez mais fácil ver estrelas que não tínhamos percebido minutos atrás. Fui girando a cabeça para observar mais partes do céu, até que senti uma ligeira tontura e meus joelhos falharam por um instante. Num segundo parecia que eu tinha perdido o chão e no segundo seguinte eu estava aninhada nos braços protetores do Josh.

Ele me segurou impedindo que eu caísse com minha falta de equilíbrio e então nossos olhos se encontraram novamente. O brilho que eu vi ali fez com que eu visse todo o sentimento ali represado: Josh me amava. Indo contra todas as possibilidades, contra todas as regras, contra todas as circunstâncias, eu li naquele belo par de esmeraldas que ele me amava.

E eu só pude constatar, quando meu coração falhou uma batida, que eu também estava realmente apaixonada por ele. Perdidamente apaixonada. Segui meu instinto e repeti o gesto quando ele começou a se aproximar de mim; seguíamos para nosso primeiro beijo quando aquele maldito celular começou a tocar. Eu estaria disposta a ignorar quem quer que fosse, menos o dono daquele toque: Alex.

Por mais que o momento com o Josh estivesse completamente perfeito, eu tinha que atender aquela ligação. Não sei como tive forças para me libertar daqueles braços que eu tanto desejava e segui para dentro do quarto.

A ligação com meu agora ex-namorado não durou muito, na verdade. Minha mãe havia ligado para ele depois de receber minha ligação e ele finalmente decidiu me contar o que acontecia de fato. Disse que tinha conhecido uma pessoa e que estava com medo da minha reação, principalmente porque logo eu estaria de volta ao Brasil, mas no fim nos entendemos. E, como eu havia constatado durante uma das conversas com o Josh, a amizade – o real sentimento que nos unia – prevaleceu entre nós.

Depois da ligação ainda voltei para a varanda, na inútil esperança de ainda encontrar o Josh por lá, mas ele não estava e a porta do seu quarto estava fechada. Oh, céus! O que foi que eu fiz? Será que ele estaria decepcionado demais comigo?

Ainda caminhei sorrateiramente até a porta da sua varanda, ensaiei duas ou três vezes uma batida, mas como não havia nenhum barulho vindo de dentro do quarto, acabei desistindo e voltei cabisbaixa para meu quarto, largando-me na cama com uma mescla indecifrável de sentimentos.

(...)

O dia chegou com um ar melancólico. Ao contrário do que havia acontecido durante toda a nossa viagem, aquela manhã começou nublada e mais fria que as outras, apesar de ser verão. A noite mal dormida, recheada de pesadelos e períodos de insônia também não ajudava muito na coragem para levantar.

Mas aí me veio à mente que era meu último dia com o Josh e eu não podia perder nem um segundo sequer da sua companhia, mesmo depois da cena da noite anterior. Ainda não sabia como seria nosso reencontro, qual tom teria, mas mesmo assim era minha chance de me desculpar.

Levantei rapidamente da cama depois desses pensamentos, passei uma água no corpo e organizei minha bagagem. Segui para a porta e assim que girei a maçaneta, topei com um Josh de feições cansadas, com o punho erguido, prestes a bater.

— Oi. – ele disse um pouco surpreso.

— Oi. – eu respondi também surpresa e terrivelmente sem jeito.

— É, parece que estamos sincronizados hoje. – ele disse olhando para o chão. – Vamos?

— Claro. – eu respondi ainda constrangida e seguimos em silêncio para o restaurante.

Aquela situação era horrível, nem parecíamos as mesmas pessoas dos dias anteriores; na verdade, parecia que havia um precipício entre nós. Ainda em silêncio nós nos sentamos à mesa para iniciar a refeição.

— Ok, isso está péssimo. – eu disse num desabafo. – Desculpe ter entrado subitamente ontem, Josh, mas eu realmente tinha que atender aquela ligação.

— Nanda... eu... – ele começou, mas eu o interrompi.

— Era o Alex naquela ligação. Nós finalmente conseguimos conversar franca e abertamente e ele me explicou as razões por estar agindo como estava. Ambos concordamos que nunca existiu sentimento amoroso entre nós e nosso namoro está oficialmente acabado. A amizade conseguiu sair intacta e...

— Devagar. – ele disse com um lindo sorriso nos lábios. – Respira agora. – eu esbocei um sorriso também. – Então vocês conseguiram conversar.

— Pois é. – eu disse aliviada por sentir o clima pesado desaparecendo.

— Fico feliz que as coisas tenham se esclarecido, Nanda. – ele fez uma pausa. – Como você está?

— Aliviada. – eu disse. – Eu estava me sentindo péssima com todo aquele clima de discórdia entre nós dois. – eu fiz uma pausa para um gole de suco. – Eu e o Alex sempre nos entendemos super bem. Não era normal o que estava acontecendo.

— Eu realmente fico feliz por vocês. – ele disse me fitando e pareceu que ia dizer alguma coisa, mas fomos interrompidos pela simpática senhora da noite anterior.

— Minha querida, aqui está mais um detalhe sobre a visita ao menir dos namorados.

— Ah, obrigada. – eu agradei sob os curiosos olhos do Josh.

— O que eu perdi? – ele perguntou assim que a senhora nos deixou.

— Ah, então, ontem à noite, logo depois do jantar, eu percebi que havia esquecido meu celular aqui e voltei para buscá-lo. A Maria... – e apontei para a mulher. – ...foi quem o guardou e me disse que ainda tem um lugar muito interessante pra se visitar aqui. E fica no nosso caminho para a Espanha. Chama-se Rocha dos Namorados.

— Hum. – ele murmurou. – Rocha dos Namorados?

— Pois é. Ela... Bem... – e eu meio que engasguei. – ...ela disse que é um lugar lindo. – Josh me olhou mais intensamente e tive certeza de que ele não engoliu aquela resposta.

— Bom, já que é caminho, não vejo motivo para não passarmos por lá. – ele disse.

Era muito óbvio que ambos estávamos cautelosos com as palavras naquele dia, e se ele não queria entrar nos detalhes da noite passada, bom, não tinha muito o que eu pudesse fazer – naquela hora.

Logo depois do café pegamos nossas coisas e seguimos para Évora. Contrariando toda a nossa afinidade, quase não conversamos durante a viagem, que durou cerca de duas horas. Aquilo estava me incomodando muito, mas Josh parecia perdido demais em seus pensamentos, como se ainda estivesse processando tudo o que acontecia.

Em Évora pegamos outro ônibus, com destino a Reguengos de Monsaraz, a cidade onde ficava a tal rocha. Essa viagem foi um pouco mais curta e cerca de uma hora depois nós finalmente chegamos ao tal lugar.

— Humm. – eu resmunguei, olhando para o monumento.

— O que foi? – ele perguntou curioso por minha manifestação desanimada.

— Nada. – eu disse encarando o pedaço de pedra. – Achei que fosse mais bonito, é de longe o lugar menos charmoso que conhecemos.

E no momento seguinte Josh soltava uma sonora e divertida gargalhada.

— O que foi? – eu o questionei, curiosa por sua reação.

— É que pensei a mesma coisa. – ele disse ainda sorrindo. – Não ia falar nada para não te chatear, mas isso aqui... Bom, depois de tudo o que vimos...

— Frustrante. – eu ri. – Muito frustrante.

Caminhamos ao redor do monumento com feições desconfiadas até que encontramos uma plaquinha. Paramos para olhá-la e não contive outra gargalhada.

— Ok, é injusto só você saber a piada. – ele disse fingindo aborrecimento.

— Bobo. – eu disse me recuperando. – É só a lenda da rocha. – e

expliquei. – Diz aqui que se uma moça noiva jogar uma pedra e conseguir fazer com que ela fique no topo do menir, o casamento se realizará em menos de um ano.

— Humm. – foi sua vez de franzir os lábios. – Você vai tentar?

— Claro que não. – eu disse com certo espanto. – Acabei de ficar solteira, Josh. Aqui diz que só as noivas fazem essa... Consulta.

— Ah, Nanda. – ele pediu suplicante. – Só uma pedrinha, vai.

— Humm... – eu balbuciei novamente, e depois o encarei com olhos arteiros. – Ok, mas só se você também jogar. – eu propus.

— Mas a lenda não diz “moças”? – ele me questionou fingindo espanto.

— E não diz “somente as noivas”? – eu retruquei com um sorriso divertido.

— Ok, ok. – ele cedeu. – Vamos juntos então. – e passou a procurar por duas pedras.

Ele parecia tão compenetrado procurando pelas pedras perfeitas que não contive mais um largo sorriso. Enquanto ele se empenhava em sua busca, peguei duas pedrinhas que estavam bem ao meu lado e esperei.

— Acho que as pedrinhas se acabaram, Nanda. – ele disse depois de dar uma volta pelo local.

— Homens! – eu exclamei assim que ele se virou, e mostrei duas pedras em minhas mãos.

— Onde você as achou?

— Hum, no chão?

— Engraçadinha. – ele seguiu para o meu lado e pegou a pedra que eu lhe entregava.

— No três? – ele perguntou.

— Humm... Não sei se vou conseguir. – eu disse. – Isso é meio alto demais. – e ambos olhamos atentamente para a rocha.

— Sem desculpas, Nanda. – ele me desafiou. – No três.

Fizemos a contagem e arremessamos as pedrinhas ao mesmo tempo. Por algum motivo desejei que as pedras ficassem ali. E foi então que ouvimos o quicar das pedras no topo da rocha e elas não caíram.

— Ahá! Parece que nós nos casaremos em menos de um ano, Nanda. —
ele disse me encarando risonho.

Capítulo 08

Eu imaginei que sua empolgação fosse por ter “vencido o desafio”, mas o modo como ele proferiu as palavras... Ah, por um segundo nos vi em um altar, mesmo não sendo um grande sonho meu subir em um. Suspirei para espantar aqueles pensamentos e ele me encarou.

— Tudo bem?

— Claro. – eu respondi. – Mas, apesar de termos conseguido, acho muito difícil eu estar casada em menos de um ano. – e sorri em sua direção.

— Muito menos eu. – ele soltou. – Com a minha vida, só se eu estiver filmando alguma coisa do gênero. – e ambos caímos na gargalhada. Mas eu ainda podia sentir alguma coisa diferente em suas palavras.

Decidi deixar aquilo de lado e voltamos para a cidade para almoçarmos e de lá pegamos outro ônibus, dessa vez rumo a Sevilha. Foram mais três horas de ônibus. Dessa vez conversamos um pouco, mas ambos estávamos um pouco cansados e acabamos dormindo no meio do caminho.

— Acorda, Bela Adormecida. – eu ouvi ao longe, enquanto sentia um suave toque em minha bochecha. Demorei um pouco para perceber que era a voz melodiosa do Josh.

— Chegamos? – eu perguntei meio perdida ainda.

— Sim. – ele me olhou com um ar todo carinhoso. – Tudo bem com você?

— Ah, sim. – eu sorri balançando a cabeça. – Fico meio boba logo que acordo. – ele apenas sorriu e saímos do ônibus.

Porém, logo que começamos a andar pela rodoviária, vimos alguns cartazes do seu último filme espalhados por todo o canto e uma ou duas pessoas ficaram nos encarando por alguns momentos a mais.

— Oh-oh. – eu disse baixinho e o encarei. Seus olhos estavam quase em pânico.

— Nanda...

— Calma. – eu segurei em seu braço e encarei seus olhos. – Vai ficar tudo bem. – ele não disse nada, apenas me olhou profundamente e inspirou devagar. – Vamos juntos até o aeroporto, as pessoas não vão desconfiar e...

— Eu não vou pro aeroporto. – ele soltou rápido, quase num sussurro. Eu apenas o encarei, um pouco confusa. Ele continuou. – Falei com meu agente durante a viagem e consegui mais alguns dias. Se você quiser minha companhia, claro.

— É claro que eu quero! – eu disse um pouco alto e rápido demais, fazendo com que um sorriso se abrisse em seu rosto escondido pela barba. – Mas não podemos ficar aqui.

— Tem razão. – ele disse e instintivamente olhou ao redor.

Eu então passei a olhar as paredes até que achei o que procurava; puxei Josh pela mão e seguimos até estarmos diante de um mapa da região. Ao lado do mapa havia alguns folders de algumas das cidades ao redor, e passei a analisar cada uma delas detalhadamente.

Fui traduzindo para o Josh as informações conforme eu as lia e depois de alguns minutos chegamos a uma decisão: Valencina de La Concepcion.

Fomos até o guichê e demos sorte, pois um ônibus sairia em menos de dez minutos. Compramos nossas passagens e logo já estávamos em movimento novamente. Josh parecia um pouco inseguro ainda e eu sabia que era pelo quase flagra.

— Vai ficar tudo bem. – eu disse encarando seus olhos mais acinzentados naquele momento.

— Eu quase surtei agora, desculpe. – ele disse baixo.

— Não há o que desculpar. – eu disse. – EU quase surtei agora a pouco. – e ele sorriu com minha ênfase. – Posso fazer uma pergunta?

— Quantas quiser. – ele disse me olhando com curiosidade.

— Por que decidiu ficar? – minhas palavras saíram mais baixas do que eu pretendia, provavelmente por causa do nervosismo em saber a resposta.

Ele deu um quase imperceptível sorriso de lado e depois respondeu, como se não fosse nada de mais.

— Ainda não estava pronto para... Voltar pra minha rotina. – ele desviou o olhar para a janela e eu tive a nítida sensação de que ele ia dizer outra coisa. Ou talvez fosse minha imaginação me pregando mais uma peça.

A viagem não demorou nem 40 minutos e logo chegamos ao nosso destino. A tensão era quase palpável quando descemos do veículo e ambos olhamos desconfiados para os lados, mas aparentemente as pessoas não nos

notaram ali.

— Tudo bem por enquanto. – eu disse imitando um tom cúmplice. Ele riu.

Achamos um panfleto de uma pousadinha charmosa e começamos a andar pela cidade a sua procura. A tarde começava a cair e o clima entre nós já era quase normal. Caminhávamos mais tranquilos quando passamos na frente de uma lojinha e meus olhos foram atraídos para a vitrine.

— Nanda? – ele disse depois de notar que eu tinha parado enquanto ele continuava andando. – Ah, claro. – ele zombou divertido. – Nenhuma mulher resiste a uma vitrine.

— Quietos, Josh. – eu disse rindo, mas sem conseguir me desviar do belíssimo vestido branco que estava ali.

— É realmente lindo. – ele disse depois de seguir meu olhar vidrado e encontrar a peça de roupa. – Você devia experimentá-lo.

— Será? – eu perguntei mais pra mim mesma.

Ele piscou já me conduzindo para dentro da loja. Uma linda mulher nos recebeu, pegou o vestido e me conduziu ao provador. Finalmente provei a peça e ele ficou perfeito em mim; só depois que já tinha me trocado e estava saindo do provador foi que vi o preço do bichinho e quase caí pra trás. Oh, droga! Se eu finalizasse a compra, faria certo desfalque nas minhas economias para o mochilão. Mas ele era tão lindo e tinha servido perfeitamente!

— E então, senhorita? – a vendedora me perguntou.

— Err... Bom, ficou lindo... – eu comecei a gaguejar enquanto me decidia.

— Ela vai levar. – Josh disse ao meu lado.

— Não... Jos... Thomas. – eu disse de imediato. – Você...

— Quieta! – ele ordenou com a voz séria, mas seus olhos sorriam, e finalizou a compra.

— Você não devia ter feito isso. – eu disse quando já estávamos na rua novamente.

— O que foi? – ele me encarou. – Então não posso te dar um presente não? – ele disse rindo. Eu dei um suspiro de contrariedade, mas depois não consegui conter o sorriso.

— Obrigada!

— Disponha. – ele respondeu e eu podia ver o ar triunfante em seus olhos.

Depois de mais alguns minutos finalmente chegamos à pousada e nos dirigimos ao balcão. Havia um alvoroço animado ao nosso redor e pudemos ouvir música e gargalhadas vindas de algum lugar.

— Dois quartos, por favor. – eu pedi no meu espanhol enferrujado.

— Oh, sinto muito. – a senhora respondeu com um ar espantado. – Estamos praticamente lotados hoje. – ela revirou as páginas de um grosso caderno. – Temos apenas um quarto de casal disponível. – percebi o olhar desconfiado de Josh ao meu lado. – Parece perfeito para vocês. – ela disse.

— Não estamos... Juntos. – eu disse e aquilo pareceu doer em meu peito.

— Oh, entendo. – ela nos observou. – Mas é o único quarto que tenho disponível. Há um sofá bem confortável, se isso ajudar. – suspirei e olhei para Josh, que prestava o máximo de atenção às minhas expressões.

E lá estávamos nós, no segundo andar, encarando o “nosso” quarto.

— Não olhe pra mim. – eu disse deixando a mochila cair no chão. – Não tinha como sabermos que a cidade inteira estava mobilizada para um casamento.

— Mas eu não disse nada. – ele rebateu tentando camuflar alguma coisa em sua voz que não consegui identificar.

Caminhamos pelo quarto e encaramos ao mesmo tempo a cama e depois o sofá. Parecia confortável; não tanto quanto a cama, obviamente. Josh colocou sua mochila em cima do sofá e se espreguiçou demoradamente.

— Fica com a cama, Josh. Com certeza eu me encaixo melhor no sofá do que você. – eu disse educadamente.

— Nem pensar. – ele me encarou. – Onde ficaria meu cavalheirismo?

— Você não existe. – eu disse em meio a um sorriso.

Ele sorriu e seguiu para a sacada do quarto, que dava para um pequeno pátio ajardinado e ao fundo era possível vislumbrar um vale. Eu me aproximei sorrateiramente e percebi quando ele inspirou o ar do fim de tarde, uma leve brisa perfumada passando por nós.

— Jasmim. – eu disse surgindo ao seu lado. – Adoro esse perfume.

— Eu também. – ele disse e me encarou mais atentamente. Retribuí seu

contato e percebi que seus olhos brilharam de um modo diferente.

Havia magia no ar novamente, como na noite passada, e os últimos raios do sol cintilaram em sua pele. Eu engoli em seco e ele fitou meus lábios abrindo os seus levemente; ambos completamente cientes da presença um do outro, dos sentimentos um do outro.

Nossa aproximação era em câmera lenta, meu sangue fervia em minhas veias e meu coração martelava impaciente em meu peito. Estávamos cada vez mais perto um do outro e eu começava a sentir seu hálito quente em minha pele, quando novamente fomos interrompidos. Dessa vez não foi um telefonema, mas sim duas pancadas na porta.

— É... – eu o encarei com um misto de confusão e decepção. – ...é melhor eu ir atender.

Segui até a porta e me deparei com Ester. Ela deu uma olhada em Josh, e depois em mim, antes de me explicar que por causa da festa, o restaurante da pousada estaria fechado.

— Vocês serão muito bem-vindos se quiserem se juntar a nós essa noite. – ela disse com ar divertido. Agradei e logo já estava caminhando em direção ao Josh, que me observava atentamente.

— Ela parecia bastante animada. – ele disse.

— E está. – eu respondi finalmente chegando ao seu lado. – Ela veio nos convidar para participar da festa de casamento.

— Como? – ele pareceu se espantar com aquela história.

— É que com a festa, o restaurante da pousada estará fechado, daí ela disse que podíamos nos juntar a eles.

— Vamos invadir uma festa de casamento? – ele agora parecia confuso. – Os noivos não se importarão?

— Os noivos não estão aqui. – eu disse me divertindo. – Ester disse que eles viajaram há dois dias, mas a família ainda está em festa. E estamos sendo convidados.

— Isso é tão... Surreal. – ele respondeu começando a se divertir com a ideia.

— Com certeza. – eu respondi gargalhando. – Bom, vou descer, ver se ela precisa de alguma ajuda, dar uma olhada no local.

— Quer que eu...?

— Não, tudo bem. – eu sorri da porta e desci.

A pousada era uma grande casa antiga, com pátios e jardins internos que estavam enfeitados para a festa que acontecia. Chegamos a um segundo grande espaço aberto, onde várias pessoas se divertiam ao som de melodias animadas produzidas por uma pequena banda.

Quando voltei ao quarto, percebi que Josh estava no banho. Segui até a sacada e fiquei observando aquele lugar, que parecia encantado. Ouvi a porta do banheiro sendo destrancada e pude sentir o cheiro másculo invadindo o ambiente.

Olhei para Josh e quase perdi o fôlego. Como estava lindo! Ele sorriu de lado quando me viu, seus olhos faiscando.

— Só preciso de mais alguns minutos para colocar esse disfarce, depois o banheiro é todo seu. – ele disse pegando a barba e o tubinho de cola.

— Sabe... – eu o interrompi. – Não acho que ele seja necessário essa noite.

— Por que não? – ele pareceu se surpreender com o comentário.

— Eu dei uma olhada no pessoal lá fora. – a ideia de vê-lo “ao natural” me invadiu. – Honestamente, não acho que eles saibam quem seja você e, mesmo que alguém desconfie, não acredito que darão algum chique ou avisem toda a imprensa internacional.

— Como você pode ter tanta certeza? – ele me encarou, ainda um pouco desconfiado.

— Não tenho. – respondi, sorri e me encaminhei para o banheiro, fechando a porta atrás de mim.

Liguei o chuveiro, acendi algumas velas e apaguei a luz, criando um ambiente aconchegante e sensual ao mesmo tempo.

Durante meu banho eu não conseguia deixar de pensar em como ele estava especialmente lindo aquela noite, vestindo uma camisa clara e calça jeans. Foi um dos motivos também de eu ter insistido para ele não usar o disfarce: estragaria um pouco toda a obra.

Passei longos minutos devaneando sob a água quente, mas depois que ele me avisou que me esperaria no pátio, tratei de não demorar demais ali. Tinha uma noite inteira pela frente.

Encontrei Josh esperando por mim sentado em um banco num dos pátios

e foi engraçado ver a reação dele ao me ver. Eu estava usando o vestido branco que ele me deu – de alcinha, decote em V e longo – e sabia que estava bonita.

— Josh? – parei ao seu lado com um ar quase inocente. – Tudo bem?

— Humm... Tudo, claro. – ele respondeu meio atrapalhado. – Vamos? – e ofereceu-me o braço, como um cavalheiro faria.

— Claro. – eu disse sorrindo, sentindo-me lisonjeada ao entender seu olhar.

Seguimos para o pátio principal e assim que me deparei com todo aquele clima de romance, tive a nítida sensação de que aquela seria uma noite especial.

Capítulo 09

Todo o pátio estava decorado com velas e flores perfumadas, tiras de tecido vermelho estavam amarradas nos pilares e desciam pelo pátio formando arcos delicados. Meus olhos se encantaram com o cenário quase de conto de fadas. Ester se aproximou e nos apresentou a duas ou três pessoas antes de nos mostrar onde estava a comida e a bebida e nos deixar à vontade.

— Uau! – disse Josh ao meu lado.

— Aham. – eu concordei e seguimos para uma das mesas.

Depois de nos alojarmos em uma mesa, percebi que Josh parecia um pouco preocupado, inquieto, olhando para os lados.

— Fique tranquilo. – eu disse apoiando minha mão sobre a sua. – Você está seguro aqui. – e sorri confiante quando seus olhos me fitaram.

— Será mesmo? – ele intensificou o olhar.

— Olhe ao redor. – eu fiz uma pequena pausa. – Todos estão entretidos em suas diversões. Nem notaram a nossa presença. – e afaguei sua mão, que ainda estava debaixo da minha. – Você está livre hoje.

Josh ainda olhou mais algumas vezes ao redor e depois me encarou, com aquele lindo sorriso de lado, relaxando sua musculatura e então entrelaçou sua mão com a minha.

— Obrigado. – ele suspirou. – Por me proporcionar isso tudo. – eu apenas sorri em resposta e nos encaramos firmemente por mais alguns segundos.

Gargalhadas divertidas ecoaram pelo pátio e desviaram nossa atenção para um grupo que acabara de chegar, carregando mais alguns enormes instrumentos musicais.

— Venham beber conosco! – gritou Ester com um largo sorriso e seguimos em sua direção.

Logo já estávamos rindo de tudo, principalmente por causa da bebida. As músicas eram animadas e eu ia traduzindo as histórias e piadas para Josh, procurando sempre deixá-lo a par do que acontecia. Várias vezes nos encaramos naquela noite e várias vezes eu via aquele brilho hipnotizante em seus olhos misteriosos.

Conforme o tempo passava, a festa ficava ainda mais animada e a banda

tocava de tudo um pouco. Claro que a maioria das músicas eram espanholas, mas também teve uma boa quantidade de músicas em inglês – ou o que eles achavam que era inglês. Nós nos divertimos muito com as pronúncias e o forte sotaque.

Tudo estava lindo naquela noite: a alegria das pessoas, as gargalhadas divertidas, as músicas inspiradoras. A noite só não estava perfeita porque eu ainda não estava nos braços do Josh. Trocamos olhares por todo o tempo, mas ainda parecia que faltava alguma coisa, um “start”, não sei, para que saíssemos da nossa zona de conforto e nos entregássemos um ao outro.

Houve um clarão no céu e uma tempestade despençou sobre nós. Corremos para uma área coberta e continuamos a aproveitar a noite, animados agora por um antigo rádio. Não éramos mais do que dez pessoas se divertindo na madrugada espanhola.

Mas a chuva prendia minha atenção e a água descendo imponente do céu me chamava. Eu tinha que atendê-la. Saí do pátio coberto no exato momento em que no rádio começava Spanish Guitar, da cantora Tony Braxton, uma das minhas músicas preferidas e mesmo com o som da chuva, eu a ouvia nitidamente.

Passei a serpentear pela chuva no ritmo da música, sentindo a água gelada tocar em minha pele, sentindo toda a força da natureza ao meu redor. Lentamente eu me virei para a área coberta, pois sabia que ele me observava. A natureza me chamava, mas era o desejo que dominava meus sentidos naquele momento.

Em meio à área mais escura encontrei seus olhos e bastou isso para que ele saísse do seu abrigo e seguisse até onde eu estava. Para que seguisse meu chamado silencioso, como eu havia seguido o chamado da chuva.

Lentamente, como eu mesma havia feito, ele foi se aproximando de mim, deixando-se molhar pela água, com seus olhos fixos nos meus. Ele parou diante de mim e nos encaramos em silêncio.

Sabíamos que aquela era a hora, que finalmente nosso momento tinha chegado, então ele me enlaçou em seus braços e começamos a dançar na chuva, num ritmo nosso. Havíamos apenas nós dois no mundo naquele momento.

Ficamos assim durante algum tempo, apenas nos olhando, apenas curtindo aqueles instantes. Josh subiu uma de suas mãos até meu rosto afagando-o delicadamente com os dedos e, em seguida, deslizou-os sobre meus lábios. Meu corpo tremeu com aquele toque.

— Josh... — eu soltei num sussurro quase inaudível.

— Eu estou completamente apaixonado por você. — ele disse baixo, com a voz grave e sincera.

E para mim foi o suficiente. Levei meus lábios até os seus e finalmente nos beijamos. No começo foi até que delicado, mas a urgência foi crescendo e no mesmo momento em que sua mão livre puxou minha cintura para junto de si, nossas línguas se encontraram e pudemos experimentar nossos gostos juntos. Era perfeito.

Enlacei seu pescoço com meus braços e coleí ainda mais nossos corpos, como se não quisesse que se separassem nunca mais. A mão de Josh que antes estava em meu rosto seguiu para minha nuca e me prendeu ali, a ele, no lugar onde eu queria ficar para sempre.

Depois desse beijo afastamos nossos rostos e mais uma vez nos encaramos. Ele sorria, eu sorria. E iniciamos uma sequência de selinhos enquanto ele me girava na chuva. Rimos alto e então ele me colocou novamente no chão; meus braços ao redor de seu pescoço e seus braços ao redor da minha cintura.

Dessa vez foi ele quem veio se aproximando até que nossos lábios se encontraram novamente e iniciamos mais um beijo, esse mais intenso, mais profundo, mais urgente, mais desesperado. Sem interromper nosso contato, ele deslizou um dos braços pela parte de trás das minhas pernas e no instante seguinte eu estava em seus braços. Afastei-me apenas o suficiente para ler em seus olhos que suas intenções eram as mesmas que as minhas e novamente selei nossos lábios, enquanto ele caminhava rumo ao nosso quarto.

Durante todo o trajeto eu não deixei sua pele nem por um segundo sequer. Se não beijava seus lábios, beijava seu rosto e seu pescoço, deixando-o mais atento do que nunca. Aquele era, finalmente, nosso momento.

Nossos sentimentos eram os mesmos, nossos desejos eram iguais. Entramos no quarto — que ainda estava iluminado pela luz das velas — e delicadamente ele me colocou sobre a cama.

Ele foi fechar a porta e eu me coloquei de pé, sabia que meus olhos estavam faiscando de desejo. Sorrateiramente me aproximei e lhe dei beijo delicioso, enquanto minhas mãos começaram a desabotoar sua camisa.

Suas mãos passeavam por minhas costas molhadas e vez ou outra ele enroscava os dedos em meus longos cabelos, pressionando mais seus lábios contra os meus. Foi num desses momentos que soltei um gemido baixo por entre

meus lábios e seu corpo inteiro reagiu àquilo. Josh já estava sem camisa e eu percorria cada centímetro da sua pele à mostra com meus hábeis dedos, provocando-lhe arrepios sucessivos.

— Nanda... – ele sussurrou em meu ouvido e eu estremeci em seus braços.

Numa ânsia desejosa, elevei uma de minhas pernas e a encaixei em seu quadril, logo repetindo o gesto com a outra perna, encaixando-me perfeitamente em seu corpo e deixando que ele sustentasse nossos corpos.

Minhas mãos corriam freneticamente por suas costas, seu tórax e seus cabelos, deixando-o maluco de desejo. Enquanto ele beijava meu pescoço, Josh escorregou uma das mãos por uma de minhas pernas e foi puxando meu vestido para cima.

Afastei-me um pouco para ajudá-lo a puxar o vestido e logo eu estava apenas de calcinha em seus braços. Ele me olhou, admirando-me à luz das velas e dos relâmpagos e não resistiu, beijando-me ferozmente pelo colo e pescoço. Foi impossível segurar mais um gemido.

Novamente ele me colocou sobre a cama e se posicionou sobre mim, pressionando meu corpo com o seu, sentindo nossos corpos se tocando, nossa pele se reconhecendo. Eu nos girei na cama, sentando-me em seu quadril enquanto depositava deliciosos beijos em todo o seu tórax e abdômen. Eu movimentava minimamente meu quadril sobre o seu, sabendo que o estava deixando maluco e foi sua vez de gemer em meus lábios.

Com muita agilidade eu me livreí da sua calça, deixando-o apenas de boxer, com um enorme volume aparente. Dei um sorrisinho sacana ao observá-lo e em seguida passei a acariciá-lo por sobre o tecido, fazendo com que ele quase perdesse a razão. Voltei a me deitar sobre ele beijando-o vorazmente enquanto rebolava sobre seu quadril e o fazia delirar de prazer.

As mãos de Josh não paravam de percorrer minha pele quente e macia, constantemente descendo até minha bunda e apertando-me ali, brincando com minha lingerie. Sorri de modo malicioso em seu ouvido antes de morder o lóbulo da sua orelha e descer meus beijos pelo seu pescoço. Houve outro gemido dele e, enquanto eu descia os lábios em direção ao seu umbigo, brincava com um dos dedos em seus lábios. Sabia que estava deixando-o maluco.

Meus lábios estavam cada vez mais próximos do seu membro e, lentamente passei meus dedos pelo cóis da sua boxer, até que me livreí a peça. Voltei o caminho beijando a parte interna da sua coxa e fui subindo, traçando o

caminho com a língua até que finalmente o encontrei.

Josh soltou um rugido de prazer. Sorri em sua pele nessa hora enquanto dava beijos sutis ali, além de brincar com a língua. Mas antes que eu pudesse satisfazê-lo, ele me girou novamente, se encaixou entre minhas pernas e passou a roçar seu membro por cima da minha calcinha.

Eu ardia em desejo por ele e sabia que ele ardia por mim, então me empolgava em dar-lhe prazer, mas ele não queria que somente ele se realizasse, então logo estava me beijando em todas as partes que já estavam despidas e me fazia gemer de prazer. Seu membro roçava meu sexo ainda coberto e me deixava mais excitada do que nunca. Seus lábios estavam em todos os lugares ao mesmo tempo, enquanto suas mãos descobriam outras partes do meu corpo.

Num movimento rápido e seguro, Josh se livrou da minha calcinha e novamente se posicionou sobre mim, apenas me incitando.

— Oh... – eu gemi forte quando senti um espasmo em meu ventre provocado pela simples presença dele ali.

Josh sorriu em minha pele e foi descendo seus beijos pelo meu corpo, em direção ao meu sexo. Minha respiração estava ofegante com seus carinhos e então eu arfei novamente, quando sua língua delicadamente encontrou minha virilha. Josh dedicou-se a me proporcionar o mesmo prazer que eu havia lhe proporcionado momentos antes e eu senti novamente meu corpo se contraindo de prazer.

— Eu... Josh... Vou... Eu... – as palavras saíam desconexas, tamanho era o estado de excitação em que eu me encontrava.

— Nós vamos. – ele disse em seguida ao pé do meu ouvido com a voz rouca e grave.

Rapidamente vestiu o preservativo e, no instante seguinte, ele estava em mim, éramos um só dividindo o mesmo prazer. Nossos movimentos estavam sincronizados, nossas respirações estavam sincronizadas e nossos olhos não conseguiam se desligar um do outro. E foi assim que chegamos juntos ao maravilhoso momento de prazer, à pequena morte, como diziam os antigos franceses.

Nossas testas estavam unidas, nossas respirações batiam em nossos rostos e eu podia jurar que nossos corações batiam no mesmo ritmo. Eu ainda o sentia em mim e nos encaramos.

— Eu amo você. – eu disse encarando seus olhos transparentes e ele

sorriu suavemente.

Deu-me um rápido selinho, correu até o banheiro para se livrar do preservativo e logo já estava de volta ao meu lado, puxando-me para que eu me apoiasse em seu peito suado, encarando sua expressão de felicidade. Sorri com seu sorriso e ele me puxou para me encaixar em seus braços, repousando minha cabeça em seu peito, onde eu podia ouvir seu coração tamborilar, agora um pouco mais calmo, assim como o meu.

— Nanda? – ele me chamou baixinho.

— Hum?

— Eu já disse que você foi a melhor coisa que me aconteceu?

— Humm... – eu levantei minha cabeça para fitá-lo. – ...não. – e sorri divertida.

— Você É a melhor coisa da minha vida. – ele disse olhando seriamente para mim.

— E você, da minha. – eu disse com toda a sinceridade do meu coração.

Ele se inclinou para me beijar e em seguida passou a fazer carinho em meus cabelos, enquanto cantarolava uma suave melodia. Lá fora a chuva havia diminuído, mas ainda caía suave tamborilando na janela; e foi em meio a esse som que adormeci, abraçada ao homem que eu amava.

Capítulo 10

A claridade da manhã invadiu o quarto e me trouxe dos meus sonhos, que tinham sido lindos, já que neles eu e o Josh tínhamos tido uma noite maravilhosa. Abri os olhos lentamente e qual não foi minha surpresa quando percebi que tudo não fora um sonho e sim a realidade mais bela de todas?

Josh dormia profundamente ao meu lado, deitado de bruços com uma expressão tranquila no rosto. Sorri ao me lembrar de todos os detalhes daquela noite e agradeci por ter tido aquela felicidade. Ajeitei-me um pouco melhor e apenas fiquei observando-o dormir em paz, sem medos e sem preocupações.

Não demorou muito, no entanto, para que ele comesse a se mexer e fosse despertando vagarosamente. Eu me mantive quietinha, só para ver qual seria sua reação.

— Não foi um sonho! – foi a primeira coisa que ele disse ao abrir os olhos e me ver ao seu lado.

— Não. – eu respondi abrindo um largo sorriso. – A menos que ainda estejamos sonhando...

— Se estivermos, não quero acordar mais. – ele disse e me puxou para seus braços.

— Nem eu. – eu disse e inevitavelmente segui para seus lábios.

Josh me abraçou mais apertado e a deliciosa sensação de frenesi percorreu meu corpo todo. Aprofundei nosso beijo e, pelo modo como suas mãos passeavam pelo meu corpo, eu sabia que ele sentia o mesmo. Delicadamente ele nos girou na cama ficando por cima de mim e passou a beijar suavemente todo o meu rosto, descendo para meu pescoço e voltando para meus lábios.

Sua boca mal encostava em minha pele, deixando um rastro de formigamento pelo sutil toque, o que me deixava inebriada. Sua língua fazia o contorno dos meus lábios, mas ele brincava comigo, fugindo quando eu tentava beijá-lo e voltando de encontro quando o desejo se fazia mais presente.

Claro que eu não deixava barato e mordisquei seu lábio inferior algumas vezes, sugando-o em seguida, antes de voltar a beijá-lo. Ambos estávamos apenas nos curtindo naquele momento, nos descobrindo e nos reconhecendo. Não sei bem ao certo quanto tempo ficamos ali, mas logo nossos estômagos começaram a resmungar e decidimos ir atrás do nosso café da manhã.

Ester abriu um largo sorriso quando nos viu descendo as escadas de mãos dadas e nos mostrou uma mesa que já estava arrumada. Seu comentário sobre se levaria ou não o café para o quarto me fez corar, o que chamou a atenção de Josh.

— O que eu perdi? – ele perguntou.

— Ela disse que não sabia se deveria levar ou não o café para nosso quarto, então acabou optando por deixar a mesa arrumada aqui embaixo. – eu sabia que continuava corada.

— Não foi só isso que ela disse, foi? – ele não desistiu.

— Não. – acabei sorrindo de lado. – Disse que estava feliz por nós termos nos acertado, pois tinha visto ontem, assim que chegamos, que estávamos apaixonados um pelo outro.

— É mesmo?

— Pois é. – respondi. – Acho que o universo conspira a nosso favor.

— Eu espero que sim. – ele disse e puxou minha mão para beijá-la.

Passamos nosso café entre mimos e depois fui conversar com Ester para saber sobre os pontos turísticos da cidade.

— Bom, basicamente o que existe aqui é o turismo religioso. Algumas igrejas e alguns monumentos antigos são o foco. – eu disse enlaçada em sua cintura.

— Igrejas, é? – ele perguntou franzindo um pouco o cenho.

— Ah, Josh. – fiz um biquinho. – Só uma voltinha, vai.

— Ok. – ele se rendeu. – O que eu não faço por você, heim?

Tratei de lhe dar um belo beijo estalado na bochecha e ambos caímos na gargalhada. Subimos para que Josh colocasse seu disfarce e logo já caminhávamos pelas ruas da cidadezinha. Apesar de eu achar que ele não seria reconhecido, ele achou melhor não arriscar muito.

Começamos o passeio pelas ruas da cidade e logo nos deparamos com a primeira igreja e sua singela praça: Igreja Nossa Senhora da Estrela. Parecia que estávamos fazendo uma volta ao passado, com aquele clima interiorano ao nosso redor.

— Isso é tão... – eu disse um pouco reticente.

— Pacato? – ele emendou não contendo o riso.

— ...relaxante, eu ia dizer. – eu o encarei, mas depois abri um sorriso. – Mas acho que pacato também serve.

— Desculpe. – ele disse abraçando-me de lado. – Apesar de estar praticamente escondido do mundo, acho que estou sentindo um pouquinho de falta do agito das grandes cidades.

— Tudo bem. – eu disse dando-lhe um selinho. – Também nunca fui exatamente fã de turismo religioso.

Josh apenas alargou ainda mais seu sorriso e seguimos até um carrinho de algodão doce. Procuramos uma sombra e ficamos ali por algum tempo, desfrutando da calmaria daquela cidadezinha quase parada no tempo.

— Vem. – eu disse me levantando do banco em que estávamos sentados. – Só tem mais um lugar que eu gostaria de ver.

— Não é outra igreja, é? – ele perguntou fingindo quase desespero.

— Não. – eu sorri. – É um túmulo.

— Heim?! – ele me segurou pelo braço, espantado e eu soltei uma alta gargalhada.

— Calma. – eu disse quando consegui parar de rir. – É um monumento funerário, igual às pirâmides, só que sem ser no Egito.

— Sei. – ele disse reticente enquanto o arrastava pela rua.

Durante nosso percurso expliquei que a região possuía muitos desses monumentos, de eras passadas, que eram usados como grandes túmulos familiares, exatamente como as pirâmides egípcias, mas que na Espanha eram chamados de Dolmens.

Não demoramos muito para chegar e tenho que dizer que o local até que tinha uma beleza cênica. Contudo, eu logo percebi que dessa vez ele não estava mesmo curtindo o passeio e acabei optando por conhecer apenas dois locais.

Voltamos para a pousada e, apesar de já ter passado bastante do horário do almoço, Ester nos recebeu com uma bela mesa com comidas típicas da região. Ela nos olhava com olhos encantados e um sorriso no rosto, como se fôssemos duas obras a serem admiradas.

Perguntei a ela o motivo daquilo e ela respondeu: “é lindo observar duas almas apaixonadas”. Corei um pouco com sua declaração, mas também fiquei imensamente feliz por saber que Josh transparecia seu sentimento tão intensamente quanto eu.

Depois que almoçamos decidimos subir para o quarto e ficamos meio que enroscados na rede, olhando para a paisagem.

— No que está pensando? – eu perguntei depois de algum tempo de silêncio.

— Em como foi difícil conseguirmos ficar assim, juntos. – ele disse depois de uma risada.

— É, demorou mesmo. – eu concordei. – Mas ainda bem que conseguimos, né?

— Sem dúvida. – ele disse e desceu os lábios até meu pescoço, provocando um delicioso arrepio na região.

Fechei os olhos para curtir melhor aquele delicado carinho e soltei um suspiro de satisfação. Josh passou a fazer carinhos em meu braço com a ponta dos dedos, deslizando-os suavemente para cima e para baixo, provocando mais sensações deliciosas.

Acomodei-me melhor na rede, meio que me sentando sobre ele, e sorri ao ver seus olhos verdes cintilarem de felicidade. Vagarosamente desci meus lábios até os seus e deposei ali um suave selinho, que logo se transformou em um beijo mais pronunciado. Ele envolveu minha cintura com ambos os braços e me puxou junto ao seu corpo, prendendo-me ali.

Seus dedos brincavam em minhas costas e em meus cabelos enquanto eu enroscava meus dedos em seus cabelos bagunçados e lhe beijava cada centímetro do rosto. Novamente nossos lábios se encontraram e nos entregamos a outro beijo, dessa vez mais sensual e urgente.

— Adoro te beijar. – ele disse quando nos afastamos para respirar.

— E eu adoro quando você me beija. – eu disse selando novamente nossos lábios. – Aliás, adoro quando faz outras coisas também. – eu disse já me empolgando com seus carinhos.

— Ah é? – ele sorriu de lado e seguiu para o pé da minha orelha. – Que tipo de coisas? – sua voz grave e seu hálito quente em meu pescoço fizeram com que eu perdesse a linha de raciocínio por um momento.

— As que você quiser. – eu disse num fio de voz, rendida aos seus encantos.

Josh roçou os lábios por toda a extensão desde o lóbulo da minha orelha, passando pela linha da mandíbula, até encontrar o canto dos meus lábios,

mordiscando o lábio inferior antes de me beijar apaixonadamente.

Todo o meu corpo formigava ao seu toque e eu passei a pressionar mais pronunciadamente meu quadril sobre o dele, sentindo que ele começava a se empolgar com meus movimentos.

— Nanda... Isso é... – ele disse com a voz falhada.

— Eu quero você, Josh. – eu sussurrei em seu ouvido, com a voz inebriada de luxúria.

Eu nem bem terminei a frase e ele inverteu nossas posições, fazendo-me deitar onde antes estavam suas pernas e jogando seu corpo sobre o meu. A pressão de seu peso sobre meu corpo desencadeou outra onda de excitação e eu enlacei seu quadril com minhas pernas, prendendo-o ao meu corpo.

Josh atacou vorazmente minha boca enquanto suas mãos percorriam a lateral do meu corpo e puxavam minha blusa para cima, deixando a pele da minha barriga completamente exposta. Minhas mãos correram até a barra da sua camiseta e em segundos a mesma estava jogada em algum lugar no chão do quarto.

Enquanto eu deslizava meus dedos por suas costas nuas, arranhando-o sutilmente com as unhas, ele beijava e sugava meu pescoço, roçando a barba natural que começava a surgir, arranhando-me deliciosamente. Involuntariamente soltei um gemido de prazer e Josh sorriu em minha pele, mordendo-me sutilmente.

Levei uma das mãos até sua nuca, enrosquei meus dedos em seus cabelos e puxei sua cabeça delicadamente, para que ele me olhasse. Seus olhos transbordavam desejo e eu segui minha boca até a sua, sugando com avidez seu lábio inferior antes de lascar outro baita beijo.

As mãos safadas de Josh desceram até a barra da minha blusa – que já estava um pouco levantada – e ele passou a fazer carinho ali, subindo-a lentamente, enquanto seus dedos deslizavam sobre meus seios ainda protegidos pelo sutiã. Alguns instantes depois, ela foi fazer companhia à camiseta dele no chão.

— Tão linda... – ele disse ao se afastar um pouco e me olhar com olhos de cobiça. – ...e tão safada.

— Só eu, né? – eu retruquei e desci minhas mãos pelo seu peito nu, arranhando-o delicadamente e sorrindo ao vê-lo fechar os olhos de prazer.

Ele não respondeu, apenas passou as mãos pela minha cintura e me

puxou, fazendo com que eu ficasse sentada de frente para ele. Ele afastou meus cabelos, que caíam sobre meus ombros, e apoiou ambas as mãos em meu rosto, olhando-me fixamente.

Depois ele sorriu de lado e seguiu lentamente para meus lábios, dando selinhos antes de desenhar o contorno dos meus lábios com a língua e finalmente me beijar intensamente.

Suas mãos deslizaram pelas minhas costas quase sem tocar a pele, arrepiando-me com a expectativa e eu acabei repetindo seu gesto, tocando seus braços muito suavemente. Mudei um pouco meu caminho e fui explorar seu abdômen, brincando com o cós da calça enquanto ele brincava com o elástico do meu soutien.

O desejo era latente entre nós e a cada momento descobríamos novos prazeres proporcionados por cada toque, por cada movimento. A pele macia e quente de Josh despertava sensações que eu nem sabia que existiam e eu sentia que ele compartilhava disso comigo. Estávamos no meio de um carinho quando seu celular começou a tocar.

— Não atende. — eu disse com a voz quase suplicante e ele não resistiu ao meu pedido.

Josh voltou sua atenção aos meus lábios, mas novamente o celular tocou e nossa concentração foi quebrada.

— Prometo que não vou demorar. — ele disse a contragosto enquanto eu fazia um bico de insatisfação.

Capítulo 11

Josh seguiu até seu aparelho, se afastando um pouco para falar com seu agente. Acabei colocando novamente a roupa, mais por birra do que por vontade, voltei para a rede e fiquei esperando a ligação terminar.

— Quando você vai? – eu perguntei sem olhar para ele.

— Amanhã cedinho. O vôo sai de Sevilha às 6h da manhã. – ele disse e se abaixou para me olhar. – Não estava planejado, Nanda.

— Ah, Josh! – eu disse já desfazendo o bico. – Eu sei. Só não queria que tivesse que ir.

— Nem eu queria ir. – ele disse e já me aninhei em seus braços. – Mas é meu trabalho.

— Pra onde você vai?

— Estados Unidos. – ele respondeu. – As gravações do novo filme foram antecipadas em alguns dias.

— Tem ideia de quanto tempo vai durar? – perguntei num fio de voz, sem realmente querer saber a resposta.

— Algumas semanas. – ele respondeu finalmente. – Ainda não sei exatamente o quanto.

Eu não disse mais nada e o abracei forte, como se quisesse mantê-lo ali para sempre. Aquela seria nossa primeira separação e eu não gostava daquilo tanto quanto ele. Ficamos abraçados por um bom tempo, apenas sentindo a presença um do outro, até que fomos interrompidos pelas batidas na porta: Ester nos chamava para o jantar.

— Não fica com essa carinha, vai. – ele disse ao me ver desanimada.

— Desculpe, Josh. – eu disse segurando em suas mãos. – É que não é fácil pensar em você longe de mim.

— Oh, minha linda...

Respirei fundo, fechei os olhos e procurei me acalmar. Aquele era o trabalho dele; eu não podia ficar fazendo manha como se fosse uma criança de cinco anos.

— Tudo bem. – eu disse. – Esse é o preço de estar apaixonada por uma

celebridade. – e voltei a sorrir.

— Viu só onde você foi se meter! – ele disse tentando deixar o clima um pouco mais leve e funcionou.

Descemos para o restaurante e novamente nos deliciamos com a culinária espanhola. Eu estava realmente surpresa com a gastronomia e com os sabores exóticos revelados pelos temperos típicos. Não falamos muito durante a refeição, o clima de despedida pairando um pouco sobre nós.

Logo depois de comermos, avisei Ester de que partiríamos durante a madrugada e então voltamos para o quarto. Segui para a varanda, apoiando-me no parapeito e involuntariamente um longo suspiro saiu por meus lábios. Josh se aproximou silenciosamente, abraçando-me por trás e aninhando seu queixo em meu ombro.

— Tudo bem? – ele sussurrou em meu ouvido.

— Aham. – eu soltei baixinho. – Só admirando o céu estrelado.

— Alguém me disse uma vez que essas eram as melhores noites para se observar o céu.

— É mesmo? – eu perguntei em tom brincalhão. – Acho que esse alguém é muito esperto.

— Mas devo confessar que não adianta. – ele fez uma pausa e tive que olhá-lo com certa curiosidade. – Quando você está por perto, nem Lua e nem estrelas são capazes de prender minha atenção.

Aquela declaração tão singela me fez inflar de felicidade. Suas palavras eram tão delicadas e sinceras. Girei em seus braços, encarando-o intensamente. Com delicadeza passei os dedos em sua testa e depois os descí pela lateral do seu rosto, num carinho terno e suave. Josh fechou os olhos com aquele gesto, como se assim conseguisse absorver mais o meu toque.

Ele abiu os olhos para me olhar e me encontrou com um meio sorriso.

— O que foi? – ele perguntou.

— Nada. – sorri um pouco mais. – Só me certificando de que a estrela cadente da outra noite realizou mesmo meu desejo.

— Não só o seu. – ele disse e sorriu, seguindo para meus lábios.

Nosso beijo foi suave, delicado, repleto de ternura, de cumplicidade. Em seguida envolvi seu pescoço com meus braços e ele a minha cintura, aproximando nossos corpos. Quando eles se encostaram, senti a corrente elétrica

dominar meu corpo e aprofundei nosso beijo, desejando urgentemente sentir seu gosto em minha língua.

Josh me apertou com força e também se entregou completamente ao beijo, como se tivesse a mesma necessidade que eu. Suas mãos se enroscaram em meus cabelos enquanto as minhas envolviam-no completamente, forçando-nos um contra o outro, como se fosse possível dois corpos ocuparem o mesmo espaço.

A contragosto tive que me afastar para respirar, mas não fui capaz de ficar longe de sua pele, subindo minha boca pelo seu pescoço. Ele sorriu em meu ouvido, um pouco ofegante depois que passei a morder levemente sua orelha, excitando-o ao extremo.

Ele me prensou contra o parapeito, fazendo com que percebesse o estado em que já se encontrava, conseguindo outro sorriso malicioso meu. Acabei por jogar a cabeça um pouco para trás, deixando ainda mais exposto meu pescoço e colo, convidando-o a se divertir por ali. Imediatamente ele atendeu meu pedido silencioso.

Josh olhou malicioso para meu colo, sorriu de lado e desceu seus lábios até a curva dos meus seios. Ficou brincando com sua língua e lábios por ali, até que, não resistindo ao seu toque, ergui sua cabeça e ataquei vorazmente sua boca, provocando-lhe com meus beijos. Quando novamente nos afastamos para respirar, ele franziu sutilmente os lábios.

— O que foi? – questionei ao ver sua ligeira preocupação.

— Acho que você vai ter algumas marcas roxas.

— Sem problemas. – eu disse depois de uma gargalhada. – Mais uma forma para eu saber que tudo isso é real.

— É real, Nanda. – ele segurou meu rosto entre suas mãos e voltamos a nos beijar.

Nosso desejo estava latente e seguimos aos tropeços até a cama. Eu o empurrei de costas no colchão e em seguida estava alojada sobre seu quadril, brindando-o com mais um beijo apaixonado.

Afastei-me um pouco e desci as mãos até a barra da camiseta, tirando-a rapidamente e deixando seu tronco nu. Em seguida tirei minha própria blusa, deixando à mostra meus seios escondidos pela lingerie.

— Foi bem aqui que tínhamos parado. – eu disse de modo extremamente safado e voltei a beijá-lo, quase com fúria.

Meu corpo já implorava pelo dele, e eu sentia o volume em sua boxer, atijando-me ainda mais. Movi meu quadril sobre o seu, pressionando-o e instigando-o. Suas mãos, que estavam em meus cabelos, desceram até o cóis da calça que eu ainda vestia e depois até meu bumbum, apertando-o forte e puxando-me ainda mais de encontro ao seu corpo.

— Oh... Nanda... – ele soltou em meu ouvido, fazendo meu corpo estremecer ao som do seu gemido prazeroso.

— Josh... – soltei em resposta, mordiscando o lóbulo da sua orelha e provocando uma forte contração em seu membro.

Quase que imediatamente, ele correu suas mãos até o botão da minha calça e o soltou, voltando a acariciar minha bunda, deslizando a calça pela região. Como a posição não era das mais fáceis, ele nos girou, ficando por cima, assim conseguindo se livrar rapidamente da peça de roupa.

Meu corpo estava mais do que desejoso do seu; eu precisava dele e pude ver que ele estava na mesma situação que eu. Sorri de lado, de modo safado e olhei fundo em seus olhos.

— Vem, Josh. – sussurrei baixinho e no segundo seguinte, sua calça estava jogada pelo chão.

Ele se deitou sobre mim, fazendo pressão com seu quadril sobre o meu e ofeguei deliciosamente em seu ouvido. Novamente ele nos girou na cama, colocando-me sentada sobre si e correndo suas mãos para o fecho do soutien enquanto eu sugava seu pescoço com avidez.

Finalmente ele se livrou daquela peça e parou um segundo para me observar. Senti-me a mulher mais linda do mundo ao ver aquele brilho luxurioso em seus olhos. Josh forçou seu corpo a ficar sentado e ficamos de frente um para o outro, ele explorando o meu peito, e eu o dele.

Para atijá-lo mais um pouquinho, balançou-me em seu colo, roçando meu sexo em seu membro, soltando um gemido baixo e sensual enquanto o beijava profundamente. Senti que seu corpo estremeceu e eu sabia que ele também estava no ápice da sua excitação.

Livramo-nos das últimas peças de roupa, ele colocou o preservativo e voltamos para a mesma posição, enquanto eu lentamente sentava sobre ele, promovendo a penetração.

Nossos movimentos estavam completamente sincronizados, nosso ritmo era um só e aquela posição ajudava numa interação mais profunda e intensa. Não

demoramos muito para chegarmos praticamente juntos ao apogeu do prazer, éramos um.

Nossos olhos estavam conectados e não eram necessárias palavras para ambos sabermos que nos amávamos verdadeiramente.

Delicadamente Josh me deitou na cama e só então nos desconectamos. Mas por apenas alguns segundos, enquanto ele se desfazia do preservativo, para logo em seguida ele já me puxar para seus braços novamente. Tínhamos a respiração ofegante e sorrisos bobos iluminavam nossos rostos, denotando toda a felicidade que sentíamos.

— Vai ser insuportável ficar longe de você. – ele disse quando o fôlego já estava recuperado.

— Nem me fale. – eu respondi, girando-me e ficando apoiada em seu peito. – Já estou viciada em você.

— E eu em você. – ele disse com um sorriso de lado.

Eu me derreti toda mais uma vez e não tive como não seguir para seus lábios para dar-lhe vários selinhos. Ele me abraçou carinhosamente e assim ficamos, agarradinhos, nos curtindo, até que o sono nos pegou.

O despertador tocou por volta das 3h da manhã, terminamos de arrumar nossas coisas e seguimos para a rodoviária. O ônibus deixou a cidade por volta das 4h e em menos de 40 minutos estávamos novamente em Sevilha. Seguimos para o aeroporto, Josh fez o check in e depois ficamos juntos perto da sala de embarque. Meu coração estava apertado em meu peito.

— Já sabe para onde vai? – ele perguntou com a voz rouca.

— Ainda não tenho certeza. Talvez eu siga para Granada, ou vá para Madri, ou Barcelona... – fiz uma pausa. – Não importa realmente, não vai ser do mesmo jeito sem você.

— Ah, Nanda. – ele me apertou em seus braços. – Realmente não queria ter que te deixar...

— Eu sei, meu querido. – eu ergui meus olhos até encontrar os seus.

Ele deu um sorriso tímido e nos beijamos mais uma vez, aproveitando cada segundo antes da nossa separação. Ouvimos a chamada para seu voo e a pior hora chegou: a despedida efetiva.

— Eu nunca pensei que poderia me apaixonar dessa maneira. – ele disse enquanto eu tentava não chorar. – E, apesar de termos que passar por isso agora,

não me arrependo nem um segundo por ter deixado que isso acontecesse.

— Eu amo você. – eu disse com a voz embargada.

— Eu também te amo. – ele disse, também emocionado. – Vou te ligar todos os dias.

— Esperarei ansiosa por isso. – eu respondi e novamente nos atracamos.

A segunda chamada foi ouvida e então nos separamos. Ele seguiu a passos lentos até o portão de embarque enquanto meu coração falhava algumas batidas e quase desaparecia em meu peito.

Corri para a sala de observação e o segui com os olhos enquanto ele desaparecia dentro da aeronave. Um último aceno e logo o avião já estava alto no céu laranja.

Precisei de alguns minutos para me recuperar e ver que me sentia completamente perdida sem ele ali, ao meu lado. Sentei em uma das cadeiras do saguão com um grande copo de café nas mãos e comecei a pensar no que faria a seguir. Quando finalmente o café acabou eu já tinha tomado minha decisão: Granada seria a próxima parada.

Capítulo 12

Josh

Eu tinha acabado de me acomodar em minha poltrona na primeira classe. O tempo de voo entre Sevilha e Londres não era muito, mas eu não estava no clima para viagem em classe econômica. Viagem que eu realmente não queria ter que fazer, mas como dizia o ditado: o dever chamava.

Deixar Nanda foi muito difícil. Quase impossível.

Recostei minha cabeça na poltrona enquanto o avião realizava os procedimentos de decolagem e fechei meus olhos. Aqueles últimos dias voltaram com tudo em minha mente.

Depois do tumulto do lançamento do meu último filme e das premiações em Cannes, tudo o que eu queria era relaxar bebendo um belo copo de café apreciando o Sena.

Sentir a calma das pessoas, o vento passando por mim, a vida num ritmo normal. Tinha arrumado um disfarce bem bacana e até aquele momento ninguém tinha me reconhecido.

Até que, naquela manhã, enquanto eu fazia o que tinha planejado, ou seja, tomar meu café tranquilamente às margens do rio, tudo mudaria em minha vida. Aquela foi, sem dúvida, a manhã mais estranha e engraçada de todos os tempos.

Primeiro uma doida resolveu andar de bike de olhos fechados, acabou perdendo o controle da mesma e literalmente me atropelou, e isso porque eu estava sentado quietinho no meu banco admirando a beleza daquele amanhecer parisiense.

Mas no segundo em que meus olhos encontraram aquele belo par de olhos castanhos, tudo pareceu mudar. Eu deveria ficar bravo por uma irresponsável vir pra cima de mim, mas eu apenas quis saber se ela estava bem.

Logo que vimos seu machucado, eu sabia que ela precisaria de maiores cuidados e depois de um tempinho, lá estávamos nós na farmácia. Topamos com uma senhora de mau humor, mas mesmo assim ela fez seu serviço limpando o machucado.

Depois seguimos para outro café às margens do Sena e tudo corria muito

bem até que ela resolveu fazer perguntas demais sobre mim. Não que eu não quisesse falar, e era justo aí que estava o problema: eu queria falar. Não sei por que eu não gostei da idéia de não contar a ela quem eu era, já que ela não tinha me reconhecido, mas aí veio o pânico e eu simplesmente a deixei ali.

A desculpa que eu dei foi muito esfarrapada e duvido muito que ela tenha acreditado, mas como queria que tivesse e assim não julgasse de modo errado minha atitude.

Aliás, nem eu estava entendendo minha atitude: mulher era o que não faltava no meu mundo! Era, literalmente, só acenar que um bando delas estaria ali para fazer o que eu quisesse. O que foi então que aconteceu de manhã?

Talvez o fato dela não ter se interessado por mim, talvez o fato de sua companhia ser tão agradável, talvez a liberdade que eu via dentro de seus olhos ao contar sobre seus planos. Acho que foi isso: eu quis ser ela por um momento, não ter que fugir nem me esconder para ter apenas cinco minutos de paz e tranqüilidade.

E eu queria continuar ao lado dela, continuar podendo me sentir livre através das suas atitudes e sonhos. Mas então veio o medo dela descobrir quem eu era e tudo isso ir para o espaço. Logo ela estaria pedindo um autógrafo e uma foto, daria gritinhos de alegria e incredulidade, depois avisaria as amigas e, em menos de meia hora, meu momento de anonimato teria ido para o espaço.

Foi por isso que eu escapuli, mas ao mesmo tempo algo me chamava para perto dela e, por fim, ela disse onde estaria no fim da tarde, em sinal de que não tinha ficado magoada com minha covardia, eu acho.

E lá estava eu, largado na cama do hotel, sem saber se iria ou não ao seu encontro. Havia uma vontade latente em meu peito, gritando para que eu fosse e aproveitasse ao máximo aquele momento de normalidade num encontro casual numa tarde na França.

E por outro lado havia o receio de ser descoberto. O que valia mais: o desejo de ter cinco minutos de anonimato ou o medo do reconhecimento? Fechei os olhos pela enésima vez naquela meia hora e por fim eu me decidi.

(...)

E lá estava eu novamente largado na cama em meu luxuoso quarto de hotel com os pensamentos a mil. Aquele tinha sido, realmente, o dia mais intrigante que eu já tive em minha vida.

Aquela garota, da qual eu estava morrendo de medo de ser mais uma fã

histórica tinha me dado várias lições de moral sem nem perceber. E como conseguia ler tão bem minha mente!

Nosso reencontro foi uma completa surpresa para mim, já que ela alegou saber quem eu era e nem ao menos uma foto ela pediu. Não ficou me enchendo de elogios e nem teve um ataque de histeria. Aliás, ela me tratou como há muito eu não era tratado: como alguém normal.

E depois todo aquele papo de ser dono da própria vida. Eu disse que eu era dono da minha, mas isso era uma ilusão. Já fazia algum tempo que, se bobear, nem o ar que eu respirava era meu.

A rápida convivência com ela me fez querer ser dono do meu nariz novamente. Fez com que desejos acomodados fossem acordados e intimados a se apresentarem em minha mente, fazendo-me pensar em mim e apenas em mim mesmo.

Como eu havia previsto, quase não preguei o olho durante toda a noite cogitando todas as minhas opções, os meus desejos, as minhas responsabilidades. Cochilei um pouco no fim da madrugada, mas logo fui acordado pela claridade que invadia meu quarto, iniciando mais um dia na minha vida.

Sentei-me na cama, passei as mãos pelos meus cabelos estrategicamente bagunçados, olhei para o relógio. Eu tinha que me decidir e o momento era aquele.

Fiquei surpreso e animado com nosso destino de viagem quando a encontrei na estação. Nunca tive a oportunidade de ir até Portugal, e finalmente eu teria aquela chance. A viagem de trem foi bastante cansativa, confesso, mas a companhia da Nanda amenizava, e muito, a situação.

Passamos quase que o caminho todo com as cabeças voltadas para a janela, observando as paisagens, os vilarejos que surgiam ao longo da ferrovia, os campos e as cidades. Entrei em outro mundo ali, um que eu até sabia que existia, mas que nunca tinha nem imaginado como era de verdade. Eu estava fascinado e aquele era só o começo daquela brincadeira.

Conversamos um pouco mais sobre nossas vidas, ela me contou um pouco sobre seu mundo e eu sobre o meu e, a cada momento, eu conseguia me esquecer da maluquice em que minha vida havia se transformado, deixando apenas o meu lado comum aflorar.

Já era noite quando finalmente chegamos a Porto e seguimos para um hotel simples, mas que nos parecia extremamente convidativo naquele momento.

Logo nossas atenções foram direcionadas para nossos estômagos e, depois de um momento patético e constrangedor, que futuramente eu descobriria ser desejo e atração, nos despedimos e fomos dormir.

Foi também naquela noite que descobri que ela tinha alguém em sua vida. Aquilo me espantou de tal maneira que acho que, se analisar bem, já devia ser um certo ciúme que senti. Nanda me encantou no primeiro momento em que a vi.

A noite passou voando, por assim dizer, e logo eu já escutava uns passarinhos perto da janela. Santo Deus! Há quanto tempo eu não acordava com passarinhos! Senti que, apesar do sono pesado, meu corpo estava revigorado e eu carregava uma expectativa em minha alma pelos passeios que faríamos.

Arrumei-me rapidamente e logo já batia na porta do quarto da Nanda, desejando verdadeiramente que ela estivesse melhor. Ela apareceu com uma linda carinha de sono, mas me garantiu que eu não a tinha acordado. Segui até o restaurante para esperá-la e logo já saíamos rumo às ruas desconhecidas de Porto.

Fiquei realmente admirado com a beleza daqueles dois jardins que visitamos e, depois que ela deu uma de criança e ficou girando nos calcanhares de braços abertos com um lindo sorriso inocente nos lábios, senti uma imensa vontade de correr e me sentir livre outra vez.

Puxei Nanda pela mão e seguimos sem rumo até que eu encontrei o gramado que eu tinha visto no folder, parando logo abaixo de uma enorme árvore e largando-me despretensiosamente no chão.

Senti os olhos de Nanda me observando, mas era curiosidade e não julgamento. Não resisti e a puxei para baixo, fazendo com que se deitasse ao meu lado e pudesse, assim como eu, desfrutar daquele momento bucólico.

Não sei bem como explicar, mas tê-la ali ao meu lado despertou alguma coisa em mim. Não sabia o que era, mas era bom. Muito bom. Ao seu lado eu me sentia eu mesmo, sem ter que fingir nada, encenar nada. Era livre em sua companhia; e podia fazer o que eu quisesse que ela não me julgaria ou me taxaria de qualquer coisa.

Nanda fechou os olhos depois de absorver a beleza daquele momento e mantinha um delicado sorriso nos lábios, que me encantou profundamente. Ela também parecia bastante livre e alegre ali. Simplesmente não consegui não olhá-la: ela era linda!

Logo depois que uma suave brisa passou por nós ela abriu aqueles

belíssimos olhos castanhos e me encarou intensamente. Não soube explicar o que vi ali, mas gostei de ter visto. Ela ia falar alguma coisa, quando fomos interrompidos pelo guardinha português.

Fomos almoçar, ela recebeu outra ligação do seu namorado e acabou me contando um pouco da sua história com ele. Quando finalmente nos demos conta, a noite começava a cair e decidimos voltar para o hotel.

Jantamos no restaurante do hotel e decidimos que seguiríamos nossa aventura no dia seguinte, indo para o sul, rumo a Coimbra. A cidade possuía uma das universidades mais antigas e tradicionais do mundo e pude ver o real interesse de Nanda em ir até lá.

Demoramos um pouco nas despedidas, e confesso que para mim era difícil me despedir dela. Não sei bem o porquê, era simplesmente difícil. Enrolamos um pouco até que ela entrou em seu quarto e eu entrei no meu. Minutos depois eu estava deitado na cama e repassei todo aquele dia ao seu lado.

Nanda era uma excelente guia de turismo e gostava muito de observar cada detalhe dos lugares por onde passava. Em outros tempos eu confesso que acharia isso um pouco entediante, mas com ela não. Tudo ganhava um novo tom sob seu olhar. As experiências ficavam mais vivas e muito mais interessantes. Que poder ela estava exercendo sobre mim e nem percebia!

Escutei sua história e me peguei pensando que por mais liberal que eu fosse, não conseguiria aceitar um relacionamento aberto com ela. Acho que morreria de ciúmes se soubesse que ela tinha ficado com outra pessoa.

Eu penso que quando se ama alguém de verdade, independente da distância e do tempo, não sentimos a necessidade de estarmos com outras pessoas e sim com aquela em especial. Para mim era nítido que o tal Alex não a amava, e depois também ficou nítido que ELA não o amava.

Mas, peraí, por que eu estou pensando em quem ela ama ou deixa de amar? Por que estou pensando em como EU reagiria se ela estivesse comigo? Não, não e não, Joshua! Definitivamente você precisa mudar o foco desses seus pensamentos.

Ok, ela é linda, interessante, divertida, alegre, cheia de vida, mas você não pode se interessar por ela de outra maneira que não seja como amiga. Em dois ou três dias essa sua brincadeira de mochileiro vai acabar e você vai voltar para sua rotina, para a sua verdadeira vida e lá não há espaço para mais nada a não ser seu trabalho.

Minha noite de sono foi péssima por um lado, pois tive vários sonhos

atrapalhados, mas foi boa, por outro lado, pois na maioria desses sonhos, Nanda estava presente. Ok, ficar sonhando com ela não era a melhor coisa que podia me acontecer nesse momento, mas era quase inevitável não pensar nela e em seu lindo sorriso.

Fui acordado pelas batidas em minha porta e só então percebi que tinha perdido a hora. Nanda estava deslumbrante aquela manhã e depois de algum tempo tomávamos nosso desjejum. De lá seguimos para a rodoviária e partimos rumo a Coimbra.

Nem acreditei quando ela me acordou dizendo que já tínhamos chegado. Dormi a viagem inteira, mas ela foi bastante compreensiva. Depois de encontrarmos um hotel e almoçarmos, demos início ao passeio pela antiga universidade.

Tenho que confessar que o prédio era deslumbrante e quando chegamos à biblioteca central, quase caí para trás. Passamos a tarde inteira por lá e, depois de terminado o passeio, decidimos ficar pelas redondezas.

Estávamos distraídos observando a movimentação dos estudantes quando ambos escutamos o meu nome sendo pronunciado.

Olhei instintivamente para Nanda e ela me olhou de volta. Olhamos discretamente ao nosso redor enquanto meu sangue gelava e um nervosismo percorria meus músculos. Eu havia sido descoberto?

— Elas só estão comentando sobre boatos a seu respeito. — Nanda disse ao ver meu desespero. E no instante em que ela proferiu aquelas palavras, eu me acalmei.

— Ah é? O que estão falando? — a curiosidade falou mais alto. Ela fez um discreto sinal com o dedo e inclinou mais a cabeça na direção da conversa.

Alguns minutos se passaram e ela fazia força para segurar as gargalhadas. Quando eu a chamei, quase surtando, ela me encarou e respirou fundo.

— Você, definitivamente, está na casa da Emma nesse exato momento, certamente conversando com ela sobre o casamento de vocês. — e ela não conseguiu segurar uma sonora e divertida gargalhada.

— Sério? — eu a encarei divertido. — Putz, e nem me avisaram do meu casamento!

Rimos muito daquela situação e passamos quase todo nosso jantar fazendo comentários a esse respeito, e como minha vida tinha virado alvo de

tanto interesse.

Quando estávamos voltando para o hotel, tivemos a sorte de encontrar uma apresentação do que Nanda me disse ser uma das canções mais tradicionais de Portugal: o fado. Ela explicou que havia variações de região para região e que Coimbra tinha muita tradição nesse gênero. Passamos cerca de uma hora assistindo à apresentação e foi muito interessante. Não entendi nada das letras, mas a sonoridade era linda.

Novamente nos despedimos entre as portas dos nossos quartos e decidimos o roteiro do dia seguinte. Fiquei um pouco apreensivo em ficar em Lisboa, já que era a capital do país, então optamos por apenas passar por lá e seguir para a próxima cidade que Nanda queria conhecer. Como eu não sabia praticamente nada sobre aquele país, cada opção dela me parecia extremamente atraente.

Tomei um longo banho e me joguei na cama, recapitulando nosso dia. Tudo tinha sido novo e fascinante para mim, mas até agora ainda não tinha encontrado nada que me cativasse mais do que aquele sorriso sincero em seus lábios e o brilho hipnotizante do seu olhar.

Cheguei à perigosa conclusão de que não importava realmente qual seria nosso destino, o que importava era poder ver e desfrutar da companhia viva e alegre daquela bela mulher.

(...)

Dessa vez minha noite de sono foi bem mais tranqüila e, apesar de ter sonhado novamente com Nanda, isso não me deixou cansado como na noite anterior. Tomei um rápido banho e parti para a montagem do meu disfarce.

Eu não estava mais aguentando andar com aquela barba falsa grudada no meu rosto, pinicando e deixando minha pele muito oleosa, mas era o preço para poder caminhar mais tranquilamente pelas ruas. Eu estava terminando de abotoar a camisa quando Nanda veio me chamar para o café: seus olhos brilhavam de um modo hipnotizante.

— Bom dia, Josh! – ela disse com aquele sorriso encantador nos lábios.

— Bom dia, Nanda. – eu respondi sem conseguir desviar meus olhos dos seus.

Seguimos para o salão do café e fizemos nossa refeição. Nanda me informou sobre nosso horário e menos de uma hora depois, estávamos em um ônibus rumo a Lisboa.

A capital portuguesa era agitada demais e me senti incomodado com tantas pessoas ao nosso redor. E se meu disfarce não fosse bom o suficiente? E se bem naquela hora eu fosse descoberto e tivesse que me afastar dela?

Quase como se lesse minha mente, ela gentilmente me pegou pelo braço e então foi como se fizéssemos parte do local. Apenas um casal de turistas curtindo sua viagem. Nesse dia, eu acho que já estava apaixonado por ela, só não queria admitir ainda.

E logo em seguida veio um dos momentos mais marcantes pra mim: quando ela se emocionou diante do monumento dos navegadores que descobriram seu país. Foi lindo, foi tocante, foi maravilhoso.

Naquele momento me senti grato por ter topado aquela aventura maluca. Observar – e participar de – um momento tão íntimo de alguém é um privilégio para poucos.

Depois da visita ao monumento e daquele instante em que eu tive quase certeza de que nos beijaríamos, seguimos para um restaurante e logo em seguida demos prosseguimento a nossa viagem, rumando para Sintra.

Encontramos uma pousada com ares extremamente bucólicos e logo nos registramos. Aproveitamos que ainda tínhamos um tempinho e fomos passear pelo entorno da pousada. Depois de um tempo paramos em uma praça e ficamos conversando mais um pouco.

Incrível como o assunto nunca acabava e Nanda tinha uma visão tão otimista e romântica das coisas que qualquer coisa, até uma aula de História, parecia extremamente atraente. Voltamos para o hotel e combinamos de nos vermos no jantar.

Durante o banho eu repassei mais aquele dia de viagem em minha mente e uma dor me invadiu quando constatei que muito em breve eu teria que abandonar aquela doce aventura e voltar para minha conturbada vida. Poderia ficar apenas mais um dia ou dois com ela.

No entanto, só quando olhei mais atentamente para a dor em meu peito foi que eu percebi que minha tristeza não era por terminar minhas “férias”, mas sim por ter que me afastar dela.

Por ter que interromper aqueles que estavam sendo os melhores dias da minha vida, por correr o risco de talvez nunca mais encontrá-la e nem ouvir sua divertida e contagiante gargalhada. Ai, merda! Eu acho que me apaixonei por ela!

Minha mente fervilhava com aquela possibilidade e ao mesmo tempo em que eu estava alegre, estava triste porque eu estava deixando que aquilo, que não poderia ter acontecido de jeito nenhum, acontecesse.

Não há espaço para amor na minha vida agora. E nós somos de mundos tão diferentes, tão distantes: ela vai voltar para o Brasil em alguns meses, eu tenho que lidar com toda a confusão que é minha vida.

Não tem como isso dar certo; sem contar que eu não tinha idéia se ela também sentia alguma coisa. Às vezes parecia que sim, mas outras não havia nem sombra daquilo em seus olhos. Mas que droga! Que cilada você foi se meter, Joshua!

Desliguei o chuveiro e fui me arrumar para encontrá-la. Senti-me patético ao perceber que eu estava nervoso pelo nosso jantar. Até meia hora atrás estava tudo bem e agora, só porque eu percebi que meus sentimentos mudaram, vou começar a ficar nervoso? Fala sério! Respirei fundo algumas vezes e segui até o salão. Nanda estava encantadora, iluminada pela luz de três velas postas sobre a mesa.

Logo nossa refeição chegou e nos deliciamos mais uma vez com as maravilhas da culinária portuguesa. Enquanto jantávamos, Nanda foi me mostrando as opções de passeios que poderíamos fazer no dia seguinte.

Acabamos optando por conhecer o Parque de Monserrate, que compreende um jardim e um palácio. Seus olhos brilharam quando ela viu aquele lugar e eu faria qualquer coisa pra manter aquele brilho em seu rosto.

Seguimos conversando sobre nosso passeio do dia seguinte até o fim do jantar e, como nas outras noites, paramos diante das portas dos nossos quartos para nos despedirmos.

Eu segui para o meu e a primeira coisa que fiz foi arrancar aquele disfarce horrendo. Segui para o banheiro e lavei o rosto algumas vezes, para eliminar de vez qualquer resquício de cola, e depois fiquei me encarando diante do espelho por algum tempo, apenas divagando sobre meus desejos envolvendo a mulher que se encontrava no quarto ao lado.

Não sei bem quanto tempo fiquei ali parado, e então decidi ver um pouco de televisão, já que o sono estava muito longe de chegar. Rodei os canais algumas vezes, mas não encontrei nada de interessante.

Por fim desliguei o aparelho e me larguei na cama pensando na ironia em que me encontrava: quando finalmente encontro alguém em minha vida, as circunstâncias são as mais adversas possíveis.

Minha noite foi um pouco conturbada, já que minha mente foi constantemente invadida por imagens da Nanda nas mais diversas situações, mas mesmo assim acordei disposto. Tomei um banho rápido e coloquei o meu adorado disfarce.

Logo depois bati à porta da Nanda e ela me atendeu com uma alegria que me contagiou imediatamente. Segui para o restaurante e logo ela já estava por lá, agradecendo-me com sua presença.

Não resisti ao impulso de perguntar o motivo de tanta alegria e ela respondeu prontamente, falando da manhã, dos passarinhos, do sol e de mim. De mim? É, de mim. Disse que estava feliz por ter-me ao seu lado durante a viagem, o que me deixou radiante.

Eu também tive que dizer que minha viagem não seria a mesma sem ela e pude perceber que ela realmente gostou de ouvir aquilo. No fundo do meu coração uma chama de esperança ganhava vida, pois o olhar e o sorriso que ela me lançou tinham mais significado do que tudo o que havia sido dito até aquele momento.

Após a refeição seguimos então rumo ao parque e começamos o nosso passeio. Passamos o dia todo no local, imersos nas belezas daquele lugar.

Durante o caminho de volta houve um momento terno entre nós dois; meus sentimentos por aquela mulher estavam tomando conta de mim e se não fosse pelo solavanco do nosso ônibus, eu acho que não teria resistido.

Voltamos para a pousada e combinamos de nos encontrarmos para o jantar, claro que antes disso teve uma pequena situação constrangedora envolvendo a mim e a chave da porta, mas nada de muito complicado. Como ainda tínhamos um tempinho, eu resolvi tirar uma soneca, pois estava cansado do passeio e acabei mergulhando em um lindo sonho com a Nanda na cachoeira.

Acordei assustado com medo de ter perdido a hora, mas só depois de olhar no relógio percebi que tinham se passado apenas 20 minutos. Fui para o banho então, aliviar o calor provocado pelo rápido sonho e também o cansaço daquele dia. Não podia negar que fora um lindo passeio, mas também havia exigido um pouco de resistência física.

Depois do banho tomado e disfarce recolocado eu segui direto para o restaurante, mas Nanda ainda não estava por lá. Sentei na mesma mesa da noite passada, que novamente estava decorada com velas aromáticas. Olhei pela janela para me distrair, mas logo veio em minha mente o meu prazo: mais um dia, apenas mais um dia e então eu teria que ir embora, teria que deixá-la.

Durante o jantar decidimos nosso último destino juntos, nossa refeição seguiu em um clima leve e logo estávamos andando no corredor dos nossos quartos. Novamente demoramos para nos despedirmos e depois cada um entrou em seu quarto.

Nanda me surpreendia a cada dia, com a facilidade com que conseguia me ler, com a doçura que entendia minhas complicações. Será então que ela não conseguia ler o que eu realmente estava sentindo por ela?

Tirei meu disfarce, coloquei minha calça de moletom e me joguei na cama repassando aquele outro dia perfeito ao seu lado. Não sei se era porque eu tinha cochilado quando chegamos, ou se era por outro motivo, mas o sono não vinha, então decidi levantar e tomar um pouco de ar na varanda.

Quando atravesssei a porta do quarto notei que Nanda também estava lá, distraída olhando para o céu. Estava linda numa camisola de alcinha que ia até a metade de suas coxas. Notei que não havia separação entre as varandas e fui impelido a me aproximar. Só quando estava a poucos centímetros de distância é que me pronunciei.

Nanda levou um pequeno susto, mas não perdeu a pose e me lançou um olhar que fez com que eu me arrepiasse completamente. Como ela era capaz de fazer aquilo comigo? Passamos então a conversar sobre noites estreladas e o brilho da lua, e ela me explicou as situações ideais para observar um ou outro.

Conforme o tempo passava, os olhos se adaptavam à condição de pouca luminosidade em que nos encontrávamos e eu podia perceber melhor cada detalhe a minha volta; e principalmente cada detalhe da mulher ao meu lado.

— Quando ela está assim, majestosa no céu, todas as atenções estão voltadas pra ela. — disse Nanda, se referindo à lua.

— Nem todas. — eu disse sem conseguir me controlar.

Eu tinha que dizer a ela que as coisas tinham mudado, que eu estava completamente encantado por ela, que eu queria aproveitar aquela última noite com ela, mas não sabia como fazê-lo.

Nanda fixou seus lindos olhos castanhos nos meus e por um momento eu achei que ela se entregaria, que pararia de resistir, mas não foi o que ela fez. Ela apenas desviou o olhar, como se estivesse envergonhada e voltou a olhar o céu. Dei um suspiro de decepção e meus lábios se contorceram em um sorriso triste, mas eu não desistiria.

Voltei a encarar a imensidão celestial até que meus olhos foram

surpreendidos por um traçado reluzente na escuridão. Uma estrela cadente! Nanda me mandou fazer um pedido e a única coisa que eu consegui desejar foi que ela também estivesse apaixonada por mim e que pudéssemos viver aquilo, nem que fosse uma única vez.

Eu ia perguntar qual tinha sido o pedido dela, mas ela se antecipou e disse que o pedido era segredo, senão ele não se realizaria. Tratei então de ficar bem quietinho, pois o que eu mais queria era que aquele desejo se tornasse realidade.

Voltamos a olhar para cima e Nanda começou a girar, para poder ter mais visão do céu, e foi quando ela perdeu o equilíbrio. Percebi que seus joelhos falharam e meu corpo agiu involuntariamente, envolvendo-a com meus braços, mantendo-a em segurança.

Ela novamente me encarou, nossos olhos conectados como nunca tinham estado antes e foi então que eu li ali, bem no fundo, que ela sentia a mesma coisa que eu. Havia um pouco de confusão também, mas o sentimento principal, o mais presente era o mesmo que o meu: Nanda estava apaixonada por mim.

Sua respiração estava um pouco ofegante e seu hálito batia em minha pele nua; seus olhos desceram até minha boca e ela mordeu levemente o próprio lábio, fazendo com que toda minha atenção se voltasse para aquela região.

Lentamente fui inclinando meu rosto em direção ao seu enquanto ela também vinha em minha direção, preparando-se para se entregar ao nosso primeiro beijo, quando o maldito celular dela começou a tocar. Nanda se assustou com o toque e então desistiu.

— Tenho que atender. — ela disse se desvencilhando dos meus braços. — Desculpe. — e seguiu correndo para dentro do seu quarto.

Eu não podia acreditar no que tinha acontecido. Estávamos tão perto, ela finalmente tinha abaixado a guarda, finalmente tinha parado de resistir! Apoiei as mãos na grade da sacada e respirei profundamente. Meu sangue fervia em minhas veias e minha cabeça rodava com o fato dela ter dado mais importância a um telefonema do que ao nosso ainda inexistente primeiro beijo.

Voltei bufando para meu quarto e me joguei na cama, mas meu corpo não estava se acomodando na ali. Eu estava muito agitado, porém precisava me acalmar. Eu não poderia desperdiçar meu último dia com ela estando cansado e mal humorado, contudo naquele momento estava difícil assimilar a frustração.

Aos poucos fui relaxando, tentando me conformar. Foi quando percebi uma coisa: apesar de não termos nos beijado agora eu sabia que ela sentia o

mesmo que eu, e eu não desistiria dela, mesmo que tudo ao meu redor dissesse para eu esquecer.

Aquele dia amanheceu diferente, mais gelado e nublado, dando um tom quase depressivo à manhã. Ou será que era eu quem estava meio deprimido? Meu corpo doía um pouco da noite mal dormida, mas eu logo tratei de levantar e começar a arrumar as coisas, pois sabia que logo depois do café iríamos para a Espanha. Seguiríamos para o fim daquela aventura maluca. Deixei tudo organizado e fui até a porta de seu quarto, mas ela abriu a mesma antes que eu pudesse bater.

Surgiu um clima muito estranho entre nós, um silêncio sufocante, era como se estivéssemos separados por um abismo ou coisa assim e eu não estava gostando nem um pouco daquilo.

Assim que nos sentamos ela desabafou o que eu queria desabafar. E foi então que eu entendi a sua opção na noite anterior. Ela tinha mesmo que se resolver com o tal do Alex, pois era nítido que ela não estava confortável com aquela situação.

E conforme ela ia dando os detalhes, quase sem respirar, meu coração foi ficando mais leve. Agora ela estava livre pra mim, mesmo que por algumas horas. Quando eu finalmente ia entrar nesse assunto, a senhora da recepção veio falar com ela. Obviamente falaram em português e eu obviamente não entendi nada.

Em resumo, ainda tinha mais um lugar pra conhecermos em Portugal. Uma cidadezinha interiorana com uma lenda sobre uma rocha, pedrinhas, noivas e seus futuros maridos, e eu quase me vi com ela, casado, rodeado de filhos e muito feliz.

Desfiz aquela imagem, afinal, com minha vida atrapalhada, e ela com data pra voltar ao Brasil, nossa história, que nem tinha começado ainda, parecia fadada à inexistência.

Depois do sucesso em deixar as tais pedrinhas na tal rocha, seguimos para a Espanha.

Ok, eu já devia imaginar que nessa aventura maluca qualquer coisa poderia acontecer. Depois de passar por um quase flagra em Sevilha e uma visitinha a uma loja já nessa pequena cidade, agora eu e Nanda encarávamos o “nosso” quarto. O que, a princípio me deixou preocupado, acabou sendo a melhor das soluções.

Houve um rápido momento entre nós, mas novamente fomos

interrompidos, dessa vez pela dona da pousada, e então Nanda saiu com ela pelas dependências do lugar.

Fiquei encarando o espaço vazio que ela ocupara segundos antes e soltei um suspiro que não soube caracterizar. Voltei para a sacada e pude observar Nanda cruzando o pequeno jardim e sumindo de minha visão. Céus! Como pode? Estou completamente caído por ela! E o mais incrível é que não conseguimos nem nos beijar ainda!

Decidi tomar um banho para tentar espantar aqueles pensamentos de minha mente, mas por mais que eu me esforçasse, assim que eu fechava os olhos, era seu rosto que eu via, seus olhos sempre sinceros e seus lábios sempre iluminados por um sorriso.

Não sei bem quanto tempo me demorei no banho, mas quando eu saí, Nanda já estava de volta, parada na varanda observando a noite que começava a cair. Ela se virou e me encarou por um segundo, seus olhos faiscando.

Eu disse que só precisava de mais alguns momentos antes de liberar o banheiro para ela, mas ela me convenceu de que ele não seria necessário naquela noite. Deu aquele lindo sorriso e fechou a porta do banheiro atrás de si.

Eu ainda tinha meu queixo um pouco caído, mas a ideia de me ver livre daquilo era tão tentadora quanto a mulher que me acompanhava. Logo depois que ela entrou no banheiro senti um cheiro almiscarado e percebi que ela apagou a luz, mas ao invés de ficar no escuro, a característica tonalidade da luz de velas passou pelos vãos da porta – ela tomaria banho à luz de velas.

Ouvi o chuveiro sendo ligado e inevitavelmente comecei a imaginar seu corpo sob a água quente. A pele de veludo se arrepiando ao contato com a água, os cabelos molhados descendo por suas costas, o sabonete deslizando por seu corpo...

Ok! Melhor pensar em outra coisa antes que a situação se complique! Eu ordenei a mim mesmo e segui novamente para a sacada. Porém o cheiro inebriante vindo do banheiro não me ajudou muito e decidi que teria que sair dali. Bati na porta, avisei que a esperaria no pátio e desci as escadas o mais rápido que consegui.

Todo o pátio estava iluminado por velas que formavam um caminho, conduzindo ao outro pátio, de onde vinham as risadas e a música animada. Nunca tinha reparado como a música espanhola era contagiante e sutil ao mesmo tempo. A sonoridade da viola sendo dedilhada era linda e por algum tempo me distraí com aquilo.

Uma movimentação na direção da escada chamou minha atenção e por um segundo eu me esqueci de como se respirava. Nanda surgiu pelos degraus – linda – no vestido branco que eu havia lhe dado. Conforme ela andava o tecido balançava de um lado para o outro e se moldava ao formato de suas longas pernas. Ela parecia uma deusa grega, vinda do Olimpo para hipnotizar os pobres mortais.

— Josh? – ela parou ao meu lado com um ar quase inocente. – Tudo bem?

— Humm... Tudo, claro. – eu respondi meio atrapalhado. – Vamos? – e ofereci-lhe o braço, como um cavalheiro faria.

— Claro. – ela disse sorrindo e seguimos para o pátio principal, onde a festa acontecia.

O pátio estava todo decorado com tecidos vermelhos e flores, e iluminado por velas aromáticas. Apesar de parecer seguro, eu ainda estava preocupado em ser reconhecido sem o meu disfarce e não conseguia me soltar realmente.

Nanda percebeu isso e segurou minha mão, passando-me toda a confiança que ela tinha. Não sei dizer que incrível poder aquela mulher tinha, mas o simples toque de suas mãos e as palavras proferidas fizeram com que eu percebesse que ali, naquele momento e entre aquelas pessoas, eu estava seguro, livre para ser eu mesmo.

Ester nos chamou para nos juntarmos ao seu grupinho e logo estávamos rindo de tudo. O fato foi que nem vimos o tempo passar. Em nenhum momento nenhuma das pessoas ao nosso redor pareceu me reconhecer, e se isso aconteceu, não se deram ao trabalho de me avisar, então eu estava cada vez mais aliviado. E ao meu lado, Nanda parecia mais relaxada do que nunca, talvez pelo fato de também não estar preocupada com uma possível descoberta da minha real identidade.

Aos poucos as pessoas começaram a ir embora e quando uma forte chuva despençou, não havia mais do que dez pessoas no pátio. A banda já tinha ido embora e agora era um velho rádio que dava o tom musical da noite.

Os raios cruzavam o céu iluminando todo o lugar enquanto a água caía imponente das nuvens. E foi naquela quente noite espanhola, debaixo de chuva e à luz dos relâmpagos, que Nanda e eu finalmente nos entregamos um ao outro.

Agora Nanda dormia em meus braços serena, tranquila, enquanto eu murmurava uma cantiga que surgia em minha mente. Depois de tanto desejo

reprimido e desencontros, finalmente estávamos juntos.

Aquela tinha sido uma das melhores noites da minha vida e eu devia tudo a ela. Não só pela nossa entrega física, mas principalmente porque eu percebi que era a primeira vez que eu me entregava verdadeiramente a alguém.

Acordar com ela ao meu lado foi outro momento ímpar de felicidade. Não conseguimos desgrudar um do outro por algum tempo, até que aquele telefonema mudou drasticamente meus planos. Teria que voltar para minha vida e teria que deixar Nanda. Ela me acompanhou, triste, até o aeroporto e então nos separamos pela primeira vez.

A despedida foi terrível. Aquele era o momento que eu mais temia que chegasse, pois era quando eu teria que sair daquela deliciosa realidade alternativa, onde eu podia ser simplesmente eu mesmo e podia viver as mais inesperadas emoções.

Nanda manteve-se forte, segurando as lágrimas, mas eu sabia que não estava sendo nada fácil pra ela também. Dei um último aceno antes de entrar no avião e voltar para a dura realidade da minha vida de ator famoso.

O toque dos pneus da aeronave em terras britânicas me despertou das minhas lembranças.

Liguei para meu agente e ele disse que me aguardava numa saída mais discreta, e também me disse que havia alguns paparazzi no local. Segui para o banheiro do avião, arranquei o disfarce – já que de nada adiantaria naquele momento – e vesti meu uniforme padrão: boné e óculos escuros.

Nem precisei me esforçar muito para encarnar uma expressão séria e “de poucos amigos” e saí para o saguão, enfrentando mais uma vez a gritaria e os flashes ao meu redor.

— Como foram as férias? – Steve perguntou.

— Muito boas. – eu respondi enquanto seguíamos para minha casa. – Queria muito não precisar terminá-las.

Ele não falou mais nada e segui para a casa dos meus pais. Ok, eu já tinha independência financeira suficiente para ter meu próprio apartamento, mas como ficar em Londres era cada vez mais difícil, devido a minha rotina, preferi continuar em meu bom e velho quarto de sempre.

— Bom dia, meu amor! – disse minha mãe ao me receber com o café pronto. – Como foram suas férias?

Sorri ao lembrar-me da Nanda, mas fiquei na dúvida em falar sobre ela a minha mãe. Por mais que eu soubesse que a amava, achei que ainda era muito cedo pra sair gritando aos quatro ventos que eu estava apaixonado.

— Foi tudo bem. – eu disse simplesmente. Ela me olhou desconfiada por alguns segundos, mas desistiu de fazer mais perguntas. Ela sabia que na hora certa eualaria o que tivesse que falar.

Depois do café, subi para meu quarto e tomei um belo e revigorante banho. Saí de casa alguns minutos depois, seguindo até o escritório do Steve, onde ele me passou todos os detalhes dos meus compromissos para aquelas próximas duas semanas.

Foi assim durante toda a tarde, até que ele finalmente terminou. Voltei para casa, reencontrei meu pai e meus irmãos, e finalmente pude ficar sozinho no meu recanto.

— Oi, minha linda!

— Oi, lindo! – ela respondeu sorrindo. – Que bom ouvir sua voz. Como foi a viagem?

— Sem graça e solitária. – eu respondi. – E você, onde está?

— Granada. – ela respondeu. – Há um ou dois lugares que quero conhecer por aqui.

E passamos algum tempo conversando. Obviamente não era a mesma coisa, mas ouvir sua voz já ajudava a suprir a falta que eu já sentia da sua presença.

Terminar aquela conversa foi complicado, mas ambos sabíamos que não tinha jeito. Joguei-me na cama depois da nossa conversa e só então fui perceber o cansaço que dominava meu corpo.

Parte II – Outono

*As folhas caem ao chão,
Certa melancolia invade o ar,
Apertado segue o meu coração,
E agitado também, como as ondas do mar.*

Capítulo 13

Saí do aeroporto em direção à rodoviária e de lá peguei o primeiro ônibus para Granada. Cheguei na cidade por volta do meio dia, procurei um hotelzinho e fiz uma busca dos melhores caminhos para chegar até a atração que eu procurava.

Depois disso, tomei um demorado banho e me larguei na cama, olhando para a TV ligada e sentindo a imensa falta que Josh fazia. Fiquei tentando adivinhar o que ele estaria fazendo, onde estaria e tudo o mais, até que meu celular tocou.

Passamos algum tempo conversando, ele me contou sua programação e eu contei a minha e ficamos falando sobre qualquer coisa, só para ouvirmos a voz um do outro. Infelizmente chegou o momento de desligarmos e eu estava numa confusão total, pois ao mesmo tempo em que estava nas nuvens por ter me apaixonado por ele, pensava em como seria daqui para frente, depois que eu voltasse para o Brasil. Adormeci em meio àqueles pensamentos e tive vários sonhos atrapalhados.

Acordei um pouco mais descansada e conformada em ter que seguir meu mochilão sozinha novamente. Tomei um café reforçado e segui pelas ruas da antiga cidade até chegar ao meu objetivo: Alhambra.

Alhambra é um complexo de palácios da época em que os muçulmanos dominaram a Espanha e foi mantido preservado ao longo dos séculos. Possui vários palácios e dentre as maiores atrações está o complexo de jardins de Generalife.

Passei horas desfrutando da beleza daquele lugar, perdendo-me na imaginação das histórias que ali foram vivenciadas, mas sempre vinha à minha mente a lembrança de Josh e que adoraria que ele estivesse ali comigo, principalmente quando eu passava por algum lugar mais romântico. Não resisti.

— Josh?

— Oi, linda! – ele atendeu sorrindo. – Está tudo bem? Por que me ligou? – e seu tom era de preocupação, já que tínhamos combinado que seria sempre ele a me ligar.

— Calma, está tudo bem. – eu respondi sorrindo. – É que estou no meio do meu passeio e bateu uma super saudade de você. Quis ouvir sua voz.

— Oh, minha querida. — ele disse do outro lado. — Também estou morrendo de saudade. Parece que já faz um século que não nos vemos.

— Eu sei. — eu respondi em tom dengoso.

Conversamos mais alguns minutos até que ele precisou desligar. Caminhei mais algumas horas pelo lugar e decidi voltar para o hotel. Definitivamente eu teria que abolir locais românticos do meu roteiro, caso contrário, não suportaria a saudade que apertava em meu peito.

Depois do jantar fiquei encarando o mapa do país para decidir meu próximo destino. Após alguns minutos pensando, optei por Madri, uma cidade grande e agitada, com o clima mais para moderno do que para romântico.

Saí de Granada com destino a Madri e fiquei por lá por quase 10 dias. Tinha muita coisa para ser vista e minha atenção ficou presa em museus, exposições, feiras, monumentos históricos e apresentações de flamenco. A única atração típica que eu me neguei a prestigiar foram as touradas; eu não conseguia entender o prazer mórbido em ver touros sendo machucados.

Depois de Madri, eu segui para Barcelona, local onde tive outros vários momentos agradáveis. A cidade também é agitada e encontram-se pessoas do mundo inteiro por lá. Realmente um passeio que seria bem difícil de fazer com o Josh ao meu lado, pois o risco dele ser reconhecido era, com certeza, muito alto por ali.

Foram alguns dias de muitas escadarias para subir, museus a visitar e cultura a ser absorvida, mas ainda assim, com toda a informação que me bombardeava diariamente, uma parte de mim estava em Nova York, perdida no brilho angelical daquelas duas esmeraldas.

Eu tinha acabado de chegar do aeroporto com a passagem do meu próximo destino em mãos quando recebi a tradicional ligação do meu amor.

— Nanda?

— Oi meu querido! — disse.

— Ainda está em Barcelona?

— Sim, mas já estou com a passagem comprada para Veneza. Embarco amanhã. Por quê?

— Porque estou indo te encontrar. — ele disse animado. — E preciso saber onde você vai estar, né.

— Jura, Josh? — eu gritei com um largo sorriso. — Estou tão feliz, meu

amor.

— Eu também. – ele disse. – Já arrumou um hotel?

— Ainda não.

— Então espere minha ligação, vou arrumar um lugar pra gente, ok?

— Claro, amor. E já vamos nos encontrar amanhã?

— Vamos. Não quero ficar nem mais um minuto longe de você.

Conversamos sobre mais algumas coisas e eu senti que tinha alguma coisa que ele precisava me dizer, mas não disse. Fiquei com aquela sensação em meu peito, mas logo nos veríamos e tudo seria esclarecido.

Desci para o restaurante do hotel e jantei por ali mesmo depois de ter tomado um longo banho, e fiquei observando a vida noturna da cidade. Como estava um clima agradável, acabei dando uma volta pela redondeza e parei para tomar um sorvete perto de uma fonte.

— ...ah, não, prefiro mil vezes ele com a Emma do que com a Emile. – disse uma voz feminina.

— Nem pensar! Ele e a Emile tem muito mais química. Pena que ele não tem sossego pra filmar. Essas fãs sem noção!

— Verdade! – eu ouvi bem ao meu lado, num sotaque americano juvenil.

Discretamente eu me virei e eram duas garotas com uma revista “teen” nas mãos, cuja capa era ilustrada pelo meu amor e sua nova colega de trabalho. A manchete era: “Joshua teria trocado Emma por Emile?”

Tive que me segurar para não gargalhar com aquilo. Ok, a Emile era linda e até me bateu um ciúmezinho, mas depois me senti uma completa boba por pensar que ele se envolveria com ela. Se bem que era até melhor ter essas questões levantadas: enquanto o mundo achava que ele tinha um romance com suas colegas de trabalho, eu tinha o Josh só pra mim sem levantar suspeita alguma.

Ah, mas que era complicado não pensar nisso, era. Não teve como não ter uma pontinha de ciúme, por saber que ele sempre atuava com outras mulheres, e principalmente com a Emma, e vai saber se ela não tentava tirar umas casquinhas dele, né?

Ok, melhor mudar o rumo dos meus pensamentos. Não posso cair na besteira de sentir ciúmes do trabalho dele; mesmo que isso envolva ele sair por

aí beijando Deus e o mundo. Decidi voltar para o hotel, terminei de arrumar minhas coisas e caí exausta na cama: caminhar o dia inteiro cansa!

Levantei bem disposta e super animada na manhã seguinte – também, reencontraria meu amor numa das cidades mais românticas do mundo – e fui tomar meu desjejum. O dia estava lindo, com o céu azul e um sol quase escaldante às 8h da manhã. Voltei para o quarto, peguei minhas coisas e segui para o aeroporto.

Houve um pequeno atraso no meu vôo e só consegui embarcar por volta das 11h da manhã. Com isso, só cheguei em Veneza às 13h. A primeira coisa que fiz assim que coloquei os pés no saguão do aeroporto foi ligar pro Josh.

— Oi, amor! – ele respondeu e pude ouvir o sorriso em seus lábios.

— Acabei de pousar, ainda vou demorar algum tempo com as burocracias. – eu disse ansiosa.

— Não se preocupe. – ele disse relaxado. – Assim que estiver livre, pegue um táxi e venha para o Hotel Concórdia. Nosso quarto é o 20. Estarei te esperando ansioso, meu anjo.

— Prometo demorar só o necessário. – eu disse e desliguei, pois minha vez estava chegando.

Depois de passar pela alfândega e por todos os procedimentos burocráticos existentes, finalmente consegui sair do aeroporto com destino ao hotel. Como o aeroporto ficava um pouco longe da cidade – que fica numa ilha – meu passeio começou imediatamente, pois logo eu já estava atravessando estreitas ruas de casas antigas e uma longa e belíssima ponte que fazia a ligação do continente com a ilha. Sentir a maresia do mar Mediterrâneo inundando meus pulmões foi delicioso e em seguida entramos na cidade.

Eu achava que em Veneza só se andava de barco, mas até que algumas ruas existentes são bem conservadas. Pude observar os barcos pelos canais, algumas gôndolas e seus condutores e o clima de romance me invadiu completamente. Meu coração já estava agitado em meu peito, na expectativa de rever meu lindo depois dessas semanas.

Nosso hotel ficava bem no centro histórico e cultural de Veneza: ao lado da Praça São Marcos e dei um leve suspiro quando o motorista me deixou na porta do hotel. Acho que Josh tinha se cansado dos hotéis simples e das pousadinhas familiares, pois aquele devia ser um dos melhores hotéis da cidade.

Entrei e segui para a recepção. Como meu italiano não era muito bom,

falei em inglês mesmo e o recepcionista abriu um largo sorriso quando eu disse qual era o número do meu quarto. Ele me acompanhou até o elevador e me disse que era só atravessar a única porta que existia no andar.

Ouvi o sinal do elevador parando no andar e a porta metálica trabalhada se abriu, dando para um largo e charmoso corredor, com decoração clássica e grandes janelas que davam para a romântica cidade.

Meus passos estavam cautelosos e ansiosos ao mesmo tempo até que cheguei à grande porta de madeira entalhada, que estava entreaberta. De dentro do aposento vinha uma suave melodia que eu ainda não tinha identificado. Respirei fundo e entrei no quarto, deparando-me com Josh, o meu Josh, lindo, com um largo sorriso nos lábios, um brilho intenso nos olhos e duas taças de champanhe nas mãos.

— Bem vinda ao nosso ninho, meu amor.

Capítulo 14

Larguei minhas coisas no chão ao lado do meu corpo e segui em sua direção, enquanto ele me olhava dos pés à cabeça. Parei a sua frente e delicadamente tirei as duas taças que ele segurava, colocando-as sobre a mesinha. Josh me olhou com um ar confuso e eu sorri.

— Depois. – eu disse e fiz o que mais queria naquele momento: o beijeii intensa e apaixonadamente.

Josh me tomou em seus braços, apertando-me fortemente contra seu corpo e deslizando as mãos pelas minhas costas, enquanto eu embrenhava meus dedos em seus cabelos únicos.

Nossas línguas se reconheciam, nossos gostos se misturavam, nossos lábios se devoravam na necessidade urgente que tínhamos um do outro. Só quando já estávamos completamente sem fôlego foi que nos afastamos um pouco. Ele deslizou as mãos pelo meu rosto enquanto eu repousava as minhas em seus ombros.

— Agora sim podemos ir ao champanhe. – eu disse e brindamos.

Mas não era de champanhe que eu estava necessitada, era dele. E pelo visto ele sentia a mesma coisa, pois depois de um único gole, ele me puxou para seus braços novamente e voltou a me beijar vorazmente. Aquele arrepio delicioso percorreu todo o meu corpo e logo senti seus braços escorregando pelas minhas pernas até que ele me pegou em seus braços e caminhou pelo quarto.

Nossos lábios não se desgrudaram durante o trajeto e delicadamente ele me pousou na cama, colocando-se em seguida sobre mim, me olhando como se eu fosse a coisa mais preciosa do mundo.

— Eu amo você, Nanda. – ele disse num sussurro grave e deu-me um suave selinho.

— Eu amo você, Josh. – eu respondi e voltamos a nos entregar a mais um beijo.

Ele foi descendo os lábios pela extensão do meu pescoço e colo, em direção ao meu ombro e voltando lentamente aos meus lábios. Aquele toque sutil de seus lábios me enlouquecia e, ao mesmo tempo em que queria que ele continuasse, queria também tê-lo em mim urgentemente.

Desci minhas mãos até a barra da sua blusa e fui puxando-a para cima, deixando que meus dedos apenas encostassem levemente em sua pele quente. Ele arfou em meus lábios e pressionou seu quadril contra o meu. Foi minha vez de arfar.

Logo eu já tinha me livrado da blusa de Josh e podia observar luxuriosamente seu peito. Ele então me puxou para cima, fazendo com que eu me sentasse e repetiu o meu movimento, puxando lentamente minha blusa pelo meu corpo, provocando-me arrepios de desejo. Em instantes minha blusa foi fazer companhia à dele.

Josh tornou a descer seus lábios na curva do meu pescoço e deu vários beijos ali, enquanto minhas mãos brincavam em suas costas. Suas mãos seguiram descendo da minha nuca até meu soutien e rapidamente ele desabotoou a peça, brincando com os dedos em minhas costas agora nuas.

Ainda sem tirar os lábios da minha pele, ele voltou a subir os dedos em minhas costas, dessa vez seguindo em direção aos meus ombros e fez com que as alças da lingerie escorregassem delicadamente pelos meus braços, deixando-me livre da peça.

Ele me encarou com sede em seu olhar e em seguida seus lábios firmes encontraram a pele desnuda de meus seios, proporcionando-me sensações maravilhosas. Instintivamente mordi meu próprio lábio enquanto minhas mãos estavam perdidas em seus cabelos castanhos. Outro suspiro escapou dos meus lábios sem querer, demonstrando o prazer que eu sentia com suas carícias.

Lenta e deliciosamente ele foi subindo um caminho de beijos até que nossos lábios novamente se encontraram e nos entregamos a mais um beijo ardente. Eu desci minhas mãos pelo seu tórax, seguindo pelo abdômen até encontrar os cós da calça e a desabotoei, sentindo-o ficar arrepiado com meu toque naquela região. Aproveitei esse momento para acariciá-lo ali, e senti seus músculos se contraírem quando fiz uma pressão um pouco maior em seu membro.

— Oh, God! — ele sussurrou com a voz rouca em meu ouvido, o que me fez arrepiar novamente de excitação ao sentir o seu prazer.

Eu o empurrei para que ele se deitasse na cama e me coloquei sentada sobre seu quadril, jogando meu corpo sobre o seu enquanto o beijava profundamente. Agora era a minha vez de brincar em seu pescoço e fui deslizando minha língua lentamente pela linha do seu maxilar enquanto seguia para o lóbulo da sua orelha.

Josh tinha ambas as mãos espalmadas em minha bunda e apertava-me deliciosamente. No exato momento em que dei a mordidinha fatal, pressionei meu quadril contra o seu, arrancando um pronunciado gemido de seus lábios.

Sorri de satisfação e voltei a beijar seu pescoço, seguindo para o lado contrário enquanto descia uma das mãos pelo seu peito. Novamente cheguei ao cócs da calça, que já estava desabotoada e alojei minha mão entre a calça e sua boxer, sobre seu membro pulsante. Senti outro arfar do meu amor e novamente o pressionei, dessa vez deslizando a mão ali, num movimento leve e preciso.

Josh grunhiu em meu ouvido enquanto suas mãos apertavam com mais força minhas costas. Eu corri meus lábios para os seus e nosso beijo foi mais desesperado ainda. Nossas línguas travavam uma batalha sem perdedores enquanto eu acelerava um pouco minhas carícias.

Ele então subiu uma das mãos até minha nuca, enroscando os dedos em meus cabelos e me afastou de seu rosto. Puxou um pouco mais minha cabeça para trás e atacou meu pescoço vorazmente.

Nem vi direito quando ele nos virou na cama outra vez e me encarou com luxúria. Havia muito desejo e paixão em seu olhar, o que fez meu corpo se arrepiar novamente. Ele desceu rapidamente seus lábios até um dos meus seios, enquanto uma de suas mãos dedicava-se ao outro. A mão que ainda estava livre desceu até o cócs da minha calça e rapidamente a mesma estava desabotoada.

E ele fez exatamente a mesma coisa que eu tinha feito, colocando sua mão dentro da minha calça, acariciando-me por cima da calcinha. Não tive como não arfar com aquilo e o senti sorrir em minha pele.

Josh abandonou momentaneamente meus seios e voltou a me beijar, enquanto suas mãos habilidosamente desciam a calça pelas minhas coxas. Ele se posicionou melhor sobre meu corpo pressionou seu membro sobre o mim, fazendo com que eu o arranhasse mais pronunciadamente nas costas.

Ele se afastou um pouco, diminuindo a pressão em meus quadris e eu aproveitei para também descer sua calça até a metade de suas coxas, voltando minhas mãos lentamente e aproveitando para dar um belo apertão quando encontrei seu bumbum. Ele sorriu de lado, de modo prazeroso.

Ambos já estávamos a ponto de explodir de tanto tesão, mas também não queríamos acabar tão rápido com a brincadeira, então eu fui descendo sua calça com os pés, até que consegui livrá-lo de mais aquela peça.

Ele aproveitou o momento e se livrou da boxer, preparando-se para mim. Sentir seu corpo sobre o meu, sem barreira foi mais um fator para me deixar

ainda mais nas nuvens e eu o queria mais do que tudo.

Eu ameacei terminar de tirar minha calça, mas ele me impediu, realizando ele mesmo o trabalho, tocando minha pele ora levemente, ora com mais força, provocando contrações por todo o meu corpo.

Agora só faltava minha calcinha, mas novamente ele me impediu de tirá-la. Ele foi refazendo o caminho ao longo das minhas pernas com beijos molhados, deixando-me completamente maluca de desejo. Seus lábios encontraram minha virilha e eu quase não suportei quando ele a beijou decididamente.

— Oh... God... Josh... – eu deixei escapar num quase grito.

Ele apertou minha coxa e continuou seu caminho, passando pelo meu umbigo, por entre meus seios até encontrar meus lábios novamente. Suguei sua língua de modo indecente, tamanha era minha excitação. Ele novamente fez pressão com seu quadril e eu o enlacei, pressionando-o ainda mais, conseguindo em troca outro gemido abafado dele em meus lábios.

Ainda sustentando aquela posição, Josh deslizou a calcinha pelas minhas pernas e eu dei uma ajudinha, tirando um dos lados, deixando-me totalmente ao seu dispor. Rapidamente ele colocou o preservativo, se posicionou e no segundo seguinte eu o sentia em mim.

Nossos olhos estavam conectados e sabíamos exatamente qual era nosso ritmo. Os movimentos foram ficando um pouco mais rápidos e profundos, o tesão transbordando daquelas esmeraldas hipnotizantes e as respirações sincronizadas e ofegantes.

Aceleramos mais um pouco até que senti o formigamento em meu ventre e o orgasmo veio com tudo, junto com o dele, quase incapacitante. Ele tinha a cabeça enterrada em meu pescoço e eu tinha as unhas fincadas em suas costas. Só o que ouvíamos eram nossas respirações altas e totalmente fora de ritmo.

— Céus! – ele exclamou quando levantou a cabeça e me encarou. – Você me mata desse jeito. – e sorriu de lado.

— Nem me fale. – eu disse também sorrindo, ainda com a voz entrecortada pela respiração. Josh livrou-se do preservativo, largou-se ao meu lado na cama e eu me joguei em seu peito dando leves selinhos ali.

— Que saudade de você, minha linda. – ele disse acariciando minhas costas.

— Que saudade de você, meu lindo. – eu respondi abobalhada, ainda

sentindo os hormônios correndo em minhas veias.

Estávamos exaustos após atingirmos o auge do prazer, mas extremamente felizes por estarmos nos vendo mais uma vez. Fiquei aninhada em seu peito, curtindo aquele momento especial ao seu lado.

Capítulo 15

Já havia passado algum tempo desde nosso tórrido momento e ambos estávamos quietinhos, palavras não eram necessárias. Eu só queria tê-lo ali, para mim. Mas o momento mágico foi quebrado quando meu estômago resolveu resmungar e ambos caímos no riso.

— Onde você quer almoçar? – ele perguntou encostando-se na cabeceira da cama enquanto eu me enrolava no lençol.

— Talvez seja melhor ficarmos por aqui. – respondi olhando para a janela. – A cidade está lotada de turistas.

— É, está mesmo. – ele respondeu. – Mas se você quiser, damos um jeito.

— Talvez mais tarde... Ou amanhã. – eu disse e sorri. – Hoje eu quero você só para mim. – e sabia que meus olhos faiscaram novamente.

— A senhorita é quem manda. – ele disse depois de um largo sorriso com minha boba declaração.

Antes que nossas atenções fossem desviadas por outros desejos, Josh correu até a sala e pegou o cardápio para escolhermos nossa refeição. Acabamos optando por uma massa – nada mais típico, não é? – e uma garrafa de vinho.

Enquanto a refeição não chegava, ficamos conversando sobre nossos dias separados: eu sobre os locais que tinha conhecido, ele sobre o trabalho que estava fazendo. Foi quando Josh mudou um pouquinho sua fisionomia.

— O que foi? – perguntei encarando-o um pouco mais séria. – Você ficou diferente agora.

— Nada. – ele respondeu de prontidão.

— Aham. – resmunguei cética. Eu meio que já sabia o motivo. – Pode falar, Josh. Não vamos ficar juntos por muito tempo, não é?

— Como...? – ele começou, mas não deixei que continuasse.

— Foi o mesmo brilho triste de quando você soube da viagem a Nova York. – eu disse, ele sorriu sem vontade.

— Lembra quando eu te disse que eu não tinha tempo de me envolver com ninguém?

Sim, claro que eu me lembrava. Sua vida era uma loucura, mas não podíamos controlar nossos corações. Eu me aproximei mais dele, peguei em sua mão e a beijei ternamente antes de acariciar seu rosto.

— Vamos dando nosso jeito. – respondi serena. – Não é o ideal, mas vou tentar aguentar um encontro por mês. – e então seu olhar perdeu mais um pouco do brilho. – Vai demorar mais do que isso, não é?

— Sim. – ele respondeu tão baixo que quase não o ouvi. – Assim que terminar esse filme terei apenas uns três dias de folga até começar outro projeto. – e sua expressão perdeu o resto de animo que possuía.

— Hei! – ok, não era o ideal, lógico, mas eu não podia demonstrar minha decepção. – Não é pra ficar assim. É o seu trabalho, Josh. Você precisa estar e ficar aonde é requisitado.

— Ah, Nanda! – ele me abraçou forte. – Eu nunca quis que fosse assim.

— Eu sei, meu amor. – eu disse e lhe dei um beijo na bochecha. – Mas tem coisas que a gente não pode controlar. E definitivamente seu trabalho é uma delas. – e sorri um pouco.

— Ah, eu não te mereço! – ele me puxou para mais junto de seu corpo. – Você é perfeita de mais!

— Não sou. – respondi sorrindo. – Só sei que não posso ficar entre você e seu trabalho. Não seria justo com você, e nem comigo no fim das contas. – me ajeitei melhor para olhá-lo. – Mas não significa que eu goste da ideia de te ter longe de mim. Aliás, não gosto nem um pouco. Mas é assim que as coisas são e...

Ele me interrompeu com um beijo doce e delicado

— Chega. – ele disse quando nos afastamos. – Não vamos desperdiçar nenhum segundo sequer falando mais sobre isso. Vamos apenas viver os nossos momentos, como se fossem os últimos. E o depois... Fica pra depois.

— Sim senhor. – eu disse gargalhando com sua mudança de atitude e voltamos a nos beijar, dessa vez com mais sensualidade. Estávamos começando a nos empolgar novamente quando nosso almoço chegou.

— Salva pelo gongo. – ele disse enquanto vestia o roupão e seguia para a porta.

— Como se eu realmente quisesse ser salva! – disse entre risos e segui para o banheiro.

Quando voltei, ele já tinha arrumado a mesa na varanda e logo passamos a nos deliciar com a cozinha italiana.

— Nossa, ou isso aqui está bom demais, ou eu estava mesmo com muita fome. – eu disse depois de mais um gole de vinho.

— Acho que ambos, amor. – ele respondeu e sorrimos um para o outro.

A refeição transcorreu perfeitamente, entre conversas banais e risadas divertidas. Era tão bom estar ao seu lado. Já passava das quatro da tarde quando terminamos nosso almoço e segui para a sacada para observar a belíssima vista da Praça São Marcos.

— Isso aqui é lindo. – eu disse admirada.

— Venha, vamos descer. – ele me puxou pela cintura.

— Não, Josh. Está muito lotada. – retruquei.

— Não se preocupe, aprimorei meu disfarce. – ele disse sorridente.

— Tem certeza? – perguntei, um sorriso já se formando em meu rosto.

— Vamos. – ele me encorajou e eu corri para me arrumar.

Terminei de me arrumar e tive um ataque de risos quando vi o novo disfarce de Josh. Agora ele tinha uma longa peruca negra, óculos redondos à lá John Lennon, uma barba e bigode mais fechados e um chapéu ao invés do já tradicional boné. É, ele estava mesmo irreconhecível.

Saímos no fim da tarde, na hora do crepúsculo e seguimos direto para a praça. Era realmente um belo lugar e estava abarrotado de gente, mas aparentemente ninguém o reconheceu. Passeamos durante algum tempo, visitamos a Basílica de São Marcos e acabamos decidindo ficar por ali e jantar em um dos charmosos bares da região.

Como havíamos almoçado tarde, optamos por apenas comer alguns aperitivos enquanto apreciávamos o clima da região. Depois de vários assuntos aleatórios, decidimos tomar sorvete e sentamos em um banco perto da praça. Claro que acabei me lambuzando toda e Josh não resistiu ao desejo de beijar meus lábios com sabor de chocolate. Infelizmente aquele disfarce quebrou toda a magia do momento, pois era incômodo demais. Comecei a rir e nos afastei. Ele me olhou de lado, confuso.

— Desculpe, amor. – eu disse quando recuperei o fôlego. – Mas sua barba não ajuda muito.

Ele acabou concordando e seguimos caminhando. Pelo menos o disfarce

estava cumprindo sua missão: despistar fãs e paparazzi.

Depois de mais um tempo sentimos um vento forte começar a soprar e decidimos voltar para o hotel. Mas não fomos rápidos o suficiente e uma forte chuva nos pegou no meio do caminho. Josh começou a correr, puxando-me pela mão, mas eu ainda não queria ir. Ele se virou e me encarou curioso.

— Vamos ficar um pouco. – eu disse e girei nos calcanhares, com os braços abertos.

— Mas está chovendo! – ele exclamou chegando mais perto.

— Eu adoro banho de chuva! Você sabe disso. – eu disse e girei ao seu redor, com um largo sorriso nos lábios.

Josh não resistiu e acabou me acompanhando. Parecíamos duas crianças brincando na chuva e a cada segundo eu tinha mais certeza de que eu só era completamente feliz quando estava ao seu lado.

Ele me alcançou e me enlaçou pela cintura, girando-me em seguida em seus braços, para que eu ficasse de frente para ele.

— Eu já disse que te amo? – ele perguntou.

— Humm? Já... – sorri. – Mas pode dizer novamente, não me importo. – me pendurei em seu pescoço, enquanto nossos lábios seguiam um em direção ao outro.

Dei-lhe um selinho suave, mas cheio de significado, despertando novamente o desejo de tê-lo para mim. Ele me abraçou mais apertado, correndo suas mãos por minhas costas, o que me fez arrepiar. Nossos olhares se cruzarem e em seguida decidimos voltar para o hotel.

Estávamos encharcados e subimos rapidamente até nosso quarto. Assim que fechamos a porta ele arrancou aquela barba e atacou meus lábios para poder me beijar decentemente.

Josh abriu a torneira da banheira e enquanto ela enchia, eu o ajudei a se desfazer das suas roupas. Em seguida estávamos na banheira, eu ainda vestida e ele completamente nu.

Josh me colocou sentada a sua frente, encostada ao seu peito e foi passando suas mãos ao longo das minhas pernas, puxando o vestido para cima até que o tirou. Um frenesi percorreu meu corpo inteiro, sentindo seu toque. Eu precisava dele.

Fiz menção de me virar, mas ele não deixou e seu sorriso safado

denunciou que ele tinha algo em mente. Então eu inclinei minha cabeça, e lhe dei um beijo intenso e muito sensual.

Enquanto me beijava, ele correu as mãos pela lateral do meu corpo até encontrar as laterais de minha calcinha e começou a brincar com o elástico. Suspirei em seus lábios quando senti sua ereção em minhas costas. Não me fiz de rogada e, para atiçá-lo um pouco, me mexi na banheira, variando a pressão que meu corpo exercia no seu. Ele sorriu em meu ouvido e arfou de desejo.

Josh envolveu meus seios com suas mãos e passou a acariciá-los com carinho e amor, fazendo com que eu me arrepiasse de prazer. Voltei a beijá-lo intensamente, conforme me excitava com seus carinhos e pressionava ainda mais meu corpo contra seu membro, querendo retribuir o prazer.

Ele escorregou ambas as mãos pelos meus seios, passando pela região do umbigo e encontrando novamente o cócs da calcinha. Enroscou-o em seus dedos e se inclinou para frente, tirando-a e me deixando pronta para ele.

Lentamente ele voltou suas mãos pelo mesmo caminho, enquanto beijava minha nuca e eu apertava suas coxas, tentando controlar as ondas de desejo que me percorriam. Ele voltou a se encostar à borda da banheira e puxou meu corpo para que eu ficasse meio que deitada sobre ele, voltando a dedicar seus carinhos a seus seios. Arfei novamente e ele foi descendo uma das mãos em direção ao meu sexo.

— Josh... – soltei numa lufada quando ele me envolveu delicadamente.

Meu corpo já tinha sutis contrações e ele passou a se dedicar inteiramente a acariciar-me ali, sabendo que me levaria à loucura com seus carinhos. Seus lábios brincavam com minha orelha e pescoço e a mão livre dedicava-se aos meus seios.

Eu já respirava alto e, a cada movimento mais profundo que ele fazia, mais forte eu apertava suas coxas, cravando as unhas em sua pele, pressionando com mais força minha lombar em seu membro pulsante.

Meu corpo movimentava-se junto ao seu, acariciando-o para dar-lhe a mesma sensação extasiante que ele me proporcionava. Josh pressionou ainda mais sua mão em meu sexo que eu sabia que não aguentaria por muito mais tempo.

— Oh... Vou... Eu... Josh... – gemi alto quando ele fez um último movimento e me fez chegar ao clímax, jogando a cabeça na curva do seu ombro.

Em seguida eu pressionei meu corpo contra o seu e ataquei sua boca com

fúria, passando uma das mãos por trás das minhas costas e encontrando seu membro que implorava pelo meu toque. Na verdade não precisei de muito tempo, pois Josh tinha se segurado muito enquanto me dava prazer. Com malícia e precisão eu o estimulei e logo em seguida eu ouvia seu gemido abafado em meus cabelos.

— Oh fuck... Nanda... – ele rosnou.

Soltei uma gargalhada gostosa enquanto eu me virava na banheira e me colocava sentada em seu colo. Nossos olhares se encontraram e eu sabia que nosso prazer estava apenas no começo.

Desci meus lábios até os seus e nos beijamos deliciosamente, brincando com nossas línguas. Minhas mãos rapidamente percorreram seu peito e foram se alojar em seu membro, que imediatamente se contraiu com meu toque.

— Minha vez. – eu sussurrei em seu ouvido e ele tremeu quando eu passei a acariciá-lo com movimentos ritmados.

Josh fechou os olhos para apreciar o meu carinho. Eu não conseguia deixar sua pele, então o beijava, mordida o lóbulo de sua orelha e sugava seu lábio inferior, enquanto acelerava meu ritmo em seu membro intumescido.

Meu corpo já estava pronto para ele novamente, implorando para senti-lo em mim então, de uma vez, sentei-me sobre ele, fazendo Josh soltar um alto e grave gemido.

— Oh, Josh... – eu gemi alto e iniciei um movimento lento e quase torturante.

Ele espalmou minha cintura com ambas as mãos e tentou acelerar os movimentos, mas eu não deixei, sabendo que ele ficaria louco com aquele ritmo lento, mas delicioso.

— Oh, Nanda... Oh... Não pára... – ele suplicou quando eu diminuí ainda mais a velocidade.

Eu o encarei com olhos de fogo e o beijei tão intensamente que eu quase me esqueci de onde estava. E então voltei a me movimentar mais rapidamente, acelerando a cada momento e senti que ele não aguentaria por mais tempo.

Li isso em seus olhos e no último movimento joguei meu corpo um pouco para trás e depois coleí nossos corpos, aprofundando ao máximo seu membro em meu corpo.

— Ooohhh...

— Nanda...

E então nossos corpos relaxaram. Ele me prendia abraçada ao seu corpo e eu tinha novamente as unhas cravadas em sua pele. Meu corpo inteiro estava anestesiado de prazer e eu sabia que o dele também estava assim. Lentamente nos afastamos, as respirações tentando se controlar e um sorriso bobo estampava nossos rostos.

— Definitivamente você sabe como me enlouquecer. – ele disse divertido.

— E você também. – respondi e lhe dei um selinho.

Contudo, no segundo em que nossos corpos se desconectaram, ele me olhou quase em pânico. Não demorei nem um segundo para entender sua expressão, e então sorri gentilmente.

— Estou tomando anticoncepcional. – eu disse. – Não há motivos para pânico. – lhe dei outro selinho carinhoso.

Voltamos a nos curtir por mais um tempo e só quando a água ficou mais fria foi que decidimos tomar um banho de verdade.

Josh agora dormia aconchegado em meus braços e eu recapitulava esse dia. Era incrível estar ao seu lado, totalmente maravilhoso poder tocar em sua pele, beijar sua boca e sentir seu corpo desejoso do meu. Mas nem tudo era perfeito. Eu não queria pensar naquilo, mas era inevitável.

Tínhamos nos separado uma vez, por mais ou menos duas semanas, e já tinha sido bem difícil. Agora seria mais tempo, mais de um mês. Mas ainda assim nos reencontraríamos logo. O que me afligia de verdade, contudo, não eram esses pequenos espaços de tempo longe um do outro.

Meu medo real era que logo eu teria que voltar para o Brasil, e aí sim ficaríamos muito tempo sem nos vermos. Eu já estava ligada demais a ele para aguentar longos períodos da sua ausência e não conseguia ver como seria depois que meu visto terminasse.

Josh se mexeu em meus braços e eu achei que o tivesse acordado, mas ele apenas se ajeitou melhor e continuou em seu tranquilo sono. Uma triste lágrima correu pelo meu rosto e em meu peito meu coração ficou um pouquinho menor. Eu conseguiria seguir em frente sem tê-lo ao meu lado?

Capítulo 16

Eu estava flutuando entre nuvens de algodão quando senti o delicado toque de penas percorrerem minhas costas e uma voz angelical sussurrar meu nome ao longe. Sorri ao reconhecer aquele timbre e fui puxada para a realidade.

— Acorde, meu anjo. – ele disse ao pé do meu ouvido.

— Bom dia, meu amor. – eu disse de olhos fechados e com a voz rouca, sorrindo pelo fato da minha realidade ser tão boa quanto o sonho que estava tendo.

Josh continuava acariciando minhas costas nuas – não sabia se era com alguma coisa ou se eram seus dedos, pois apenas sentia um leve toque – e eu não consegui abrir os olhos, querendo captar melhor aquele carinho.

— Como estamos preguiçosos essa manhã. – ele disse e eu pude sentir o sorriso em suas palavras. – Não vai querer passear hoje não?

— É que está tão bom aqui... – eu deixei escapar num sussurro e sorri, finalmente abrindo os olhos e encarando meu príncipe encantado.

— Quanto dengo... – ele disse e me olhou profundamente. – Você fica ainda mais linda assim.

Eu sorri mais largamente e ele desceu o rosto até nossos lábios se tocarem num delicado selinho. Definitivamente eu ainda estava sonhando. O movimento cessou em minhas costas e agora podia senti-lo percorrendo meu braço e depois contornando delicadamente meu rosto. Era uma rosa, eu podia sentir o aroma delicado e então abri novamente os olhos, só para matar a curiosidade de saber sua cor: branca.

— Isso tudo é real mesmo? Você, nós, Veneza?

— Tão real quanto o ar que respiramos. – ele respondeu e eu me joguei em seu peito, alojando-me ali, sentindo o cheiro inebriante da sua pele e o beijando sutilmente. – Você está bem, Nanda?

— Melhor impossível. – eu respondi. – Só quero captar todas as informações possíveis. Desfrutar de todas as possibilidades. – apoiei meu queixo em seu peito e seus olhos me fitavam atentos. – Quando estamos juntos é como se mais nada existisse, mais nada fosse importante. Apenas nós.

— Mas é exatamente assim que é. – ele sorriu de lado. – Nada mais

importa.

Sorri em resposta e desci novamente minha cabeça para seu peito, inspirando profundamente e tentando ao máximo acreditar naquilo. Ficamos assim mais um tempo, até que as badaladas do sino da Basílica nos despertaram de vez, e aos nossos estômagos também.

Obviamente pedimos o café no quarto e, assim que a refeição chegou, passamos a nos deliciar com as delícias da região. Josh estava extremamente relaxado, e ficava ainda mais lindo assim, sem a pressão que o envolvia 24 horas por dia. Terminamos a refeição e ele me encarou com um sorriso maroto.

— Vista algo bem confortável. – ele disse ao puxar a cadeira para mim. – Vamos andar por toda a cidade hoje.

— Tem certeza, amor? – eu o questionei, visto que a cidade estava abarrotada de gente. – Pode ser perigoso.

— Não me importo. – ele disse em meu ouvido. – Quero curtir cada cantinho desse lugar com você. – sua voz em meu pescoço me fez perder momentaneamente a razão e aquele arrepio gostoso percorreu meu corpo.

— Aham. – foi o que eu consegui responder e ele gargalhou alto.

Cerca de meia hora depois, atravessávamos o saguão do hotel com destino à cidade dos enamorados. Não tínhamos uma programação definida, apenas fomos andando pelas vielas da cidade. Confesso que nos primeiros momentos fiquei apreensiva com a quantidade de pessoas, mas Josh parecia nem notar a multidão, como se realmente não estivesse ligando para sua identidade, o que me fez relaxar também e curtir o passeio.

A cidade possuía vários pontos turísticos e a verdade era que cada casa, cada porta e sacada eram verdadeiras obras de arte para serem admiradas. Andamos durante toda a manhã, tiramos várias fotos e realmente nos misturávamos à multidão de turistas que faziam exatamente a mesma coisa que a gente.

Pudemos observar também as lojas e locais dedicados ao famoso Carnaval de Veneza, com suas máscaras e roupas ornamentadas, que inspira bailes por todo o mundo. Logo já estava na hora do almoço e decidimos ficar em um restaurante às margens do grande canal. Ah, o grande canal e suas gôndolas! Cenário de inúmeros filmes e novelas, palco de romances avassaladores e testemunha de amor eterno.

Sáimos do restaurante depois de almoçarmos e fomos direto alugar uma

gôndola. O passeio era maravilhoso, atravessando as estreitas “ruas” da cidade ou navegando pelo canal mesmo. Era, definitivamente, o passeio mais romântico da cidade.

— Sabe, se o mundo acabasse agora, eu não me importaria. – ele disse ao pé do meu ouvido. Eu ergui meus olhos para encará-lo. – Estou num lugar maravilhoso e ao lado de uma mulher maravilhosa. Da mulher que eu amo. O que mais eu posso desejar?

— Que isso dure para sempre. É pedir demais? – eu perguntei com aquele sorriso bobo nos lábios.

— Não. – ele me abraçou fortemente. – Nem um pouco demais. – e depois depositou um significativo beijo em meu pescoço. Sei que me derreti inteira com aquilo e passamos o restante do passeio agarradinhos, curtindo nosso momento de namorados.

Depois da gôndola, andamos mais um pouco pela cidade, e várias vezes paramos sobre as pontes que passavam sobre o canal, para admirar a paisagem. A tarde começou a cair e o pôr-do-sol sobre o canal foi um dos mais belos espetáculos que eu já presenciei.

Josh me abraçou por trás, encaixando-me em seu corpo e repousando o queixo em meu ombro. Eu joguei minha cabeça um pouco para trás, apoiando-me em seu ombro e assim ficamos, até que o último raio de sol desaparecesse no horizonte.

— Obrigada. – eu sussurrei em seu ouvido. – Por esse dia lindo, por ESSES dias lindos. Por estar aqui comigo, fazendo parte da minha vida.

— Ô, minha linda. – ele beijou minha bochecha. – Eu é que tenho que te agradecer. Por me ajudar a me sentir vivo, por me deixar te amar, por me fazer feliz. – eu inclinei meu rosto em direção ao seu, observei-o por alguns instantes e então nos beijamos carinhosamente.

Depois desse momento totalmente “in Love”, decidimos voltar para o hotel, caminhando tranquilamente pelas ruas abarrotadas de gente, observando as luzes artificiais tomarem o lugar do sol e iluminarem romanticamente todos os lugares.

Já estávamos chegando ao hotel quando um dos meus maiores pesadelos aconteceu: alguém gritou o nome do Josh e ele, instintivamente se virou, sendo ofuscado por uma sequência de flashes de câmeras.

— Que merda! – ele exclamou entre dentes e corremos o mais rápido

possível para dentro do hotel.

Josh me protegeu dos flashes com seu corpo e logo já estávamos salvos e protegidos em nosso quarto. Eu não sabia muito bem como reagir, mas estava mesmo era preocupada com Josh, que bufava e andava de um lado para o outro sem parar.

— Hei, você está bem? – eu segurei em sua mão.

— Estava tudo tão perfeito! – ele bufou. – Esses malditos fotógrafos tinham que aparecer para estragar tudo! – ele gesticulou puto da vida.

— Calma, Josh, por favor. – segurei seu rosto em minhas mãos. – Está tudo bem.

— Não, Nanda. – ele finalmente parou e me encarou. – Não está tudo bem. – ele disse e segurou em minhas mãos. – Isso não podia ter acontecido. Nossa vida será um tumulto. SUA vida será um tumulto.

— Josh, olha pra mim. – eu o fiz me encarar. – Você precisa se acalmar, ok? – e o puxei para sentarmos na cama. – Nem sabemos se aquele cara conseguiu mesmo tirar alguma foto decente.

Ele pareceu voltar um pouco ao normal com aquela minha frase e soltou um longo suspiro decepcionado. Aproximei-me mais e o abracei forte. Sabia que aquele momento era delicado e que ele tinha realmente ficado abalado com aquele “flagra”. Ele me apertou em seus braços e ficamos ali até que ele estivesse se acalmado de verdade.

— Mais calmo? – eu perguntei.

— Estou. – ele disse e seus olhos verdes me encararam preocupados. – E você, como está?

— Bem. – eu respondi e sorri de lado. – Curiosa pra ver se conseguiram alguma foto.

Ele me olhou com cara de interrogação e eu sorri mais largamente ao seguir para minha mochila e pegar o meu smartphone. Voltei para me sentar ao seu lado e acessei um dos sites de fofocas de celebridades mais famoso do mundo. “O astro Joshua Black foi flagrado em Veneza no começo dessa noite usando um belo disfarce e acompanhado por uma desconhecida.”

— Droga! – ele se exaltou novamente.

— Calma. – eu disse. – Essas fotos não mostram nada além de duas pessoas correndo. – e ampliei a foto para que ele visse. Estava tão tremida e

borrada que poderia ser qualquer um.

— Mesmo assim. — ele suspirou. — Agora eles sabem que eu estou aqui e vão cercar o hotel. Não teremos mais sossego.

— É, nisso você tem razão. — eu disse e desliguei o aparelho. — Mas só significa que não poderemos sair daqui. — e dei um beijinho em seu pescoço. — Não que nossa diversão tenha acabado.

— Você é incrível. — ele disse depois de gargalhar. — Como pode ficar tão tranqüila?

— Vai adiantar ficar nervosa ou revoltada? — eu retruquei e consegui arrancar outro sorriso dele.

— Desculpe, linda. Não era para ter acontecido isso. — ele disse desviando os olhos.

— Hei? — eu puxei seu rosto de volta para mim. — Vai ficar tudo bem. — e selei nossos lábios.

Josh novamente me apertou em seus braços e eu afaguei suas costas, num gesto de carinho. Claro que eu estava preocupada e assustada com aquilo, mas faria o meu melhor para que ele não percebesse isso. Já bastava toda aquela pressão novamente em seus ombros, ele não precisava de mais um motivo para se preocupar.

Nosso momento de sossego foi interrompido pelo telefone do quarto: o gerente queria saber que tipo de atitude tomar e logo em seguida, foi a vez do agente do Josh telefonar. Pelo rumo que a conversa tomava eu senti que teríamos que nos separar antes do previsto e por um momento fiquei irritada com aquilo. Ok, eu imaginava que as coisas ficariam mais difíceis se alguém nos descobrisse, mas não pensei que chegaria ao ponto de termos que interromper nosso encontro.

— Terei que partir amanhã, meu amor. — ele disse com um tom melancólico vindo em minha direção. — Não param de ligar para o escritório do Steve. E eu tenho que te proteger o máximo possível.

— Olha o cavaleiro brilhante atacando novamente. — eu disse numa fraca tentativa de fazê-lo rir.

— Como eu não queria que fosse assim. — ele suspirou e me abraçou ao me encontrar olhando pela janela. — Não é justo com você.

— Nem com você. — eu disse e enlacei sua cintura. — Não é justo ficar

privado de ter uma vida particular. É cruel demais. – ele não respondeu; apenas suspirou profundamente e me aconchegou em seu peito.

Ficamos mais um tempo em silêncio, abraçados, até que o clima ficasse um pouco mais leve.

— Bom, não vamos passar essa última noite tristes, né? – eu decidi mudar o rumo das coisas. – Faz parte, fazer o quê? Até que conseguimos bastante tempo de anonimato, não acha?

— Só você pra ver algo positivo nisso tudo. – ele sorriu e me seguiu pelo quarto. – O que quer fazer nesse tempo que nos resta?

— Comer. – eu respondi rindo. – Estou faminta.

Josh me olhou com malícia. Até ver aquele olhar não era bem daquilo que eu estava faminta, mas imediatamente meus pensamentos mudaram. Fiquei mais aliviada em ver o MEU Josh – leve e safado – de volta. Mas antes que ele me distraísse com outras coisas igualmente apetitosas, eu peguei o cardápio e me concentrei nas opções.

— Você tem fome de quê? – ele perguntou baixinho em meu ouvido e senti o sangue correr em minhas veias.

— De você, definitivamente. – eu disse depois de engolir em seco. – Mas se não comer algum alimento de verdade, não vou conseguir te saborear decentemente.

— Ok, seu argumento me convenceu. – ele disse se afastando e sentando-se ao meu lado. – Mas vamos escolher logo esse prato, ok? Também estou faminto. – e sorriu de lado com os olhos brilhando. Ah, como eu adorava aquilo!

Acabamos demorando um pouco pra nos decidirmos, pois todas as opções pareciam extremamente apetitosas, mas no fim nos decidimos por um Fettuccine com Camarão e vinho branco. Enquanto esperávamos a refeição Josh aproveitou para organizar sua bagagem e enfiou o disfarce no fundo da mala.

— Não vou mais precisar dele. Não por enquanto. – e me encarou.

— Mas é sempre bom tê-lo por perto. – eu disse tentando não desanimá-lo. – Nunca se sabe quando vai dar pra escapulir novamente.

Ele sorriu com meu comentário e terminou de arrumar as coisas quase no mesmo instante em que a refeição chegou. Enquanto ele trazia o carrinho para dentro do quarto eu dei uma arrumada na mesinha e então nos fartamos com a deliciosa culinária italiana. Ele fez questão de acender algumas velas e dar um ar

mais romântico ao nosso jantar.

— À mulher mais perfeita e compreensiva do mundo. – ele ergueu sua taça.

— Ao homem mais gentil e galanteador... – ele sorriu de lado se achando. – ...e disputado do mundo. – e não contive a risada gostosa. Ele me olhou de canto de olho e depois sorriu comigo.

Durante todo o jantar nossos olhos não se desgrudavam e sempre estávamos nos tocando, brincando de seduzir, nos encantando. Naquele momento, diante do brilho que eu via em seus olhos, eu sabia que podiam aparecer todos os paparazzi do mundo que mesmo assim nada abalaria o que sentíamos um pelo outro.

Terminamos o jantar e segui novamente para a janela; seria arriscado ir até a varanda. Como se fôssemos ímãs, logo ele já se colocava às minhas costas, abraçando-me. Tombei levemente minha cabeça, encaixando-a na curva do seu pescoço.

Havia uma sonoridade que vinha de algum lugar próximo, mas não perto o suficiente para distinguirmos a música; eu apenas sabia que era italiana. Josh me girou em seus braços e demos início a uma tímida dança.

Quase não nos mexíamos, não era nada mais do que um-prá-lá, um-prá-cá, mas era mais do que suficiente para nos envolvermos ainda mais.

Encaixei novamente minha cabeça na curva do seu pescoço e muito sutilmente o beijei ali, fazendo com que seu corpo se arrepiasse imediatamente. Instintivamente ele me apertou em seus braços e retribuí aumentando a pressão de meus lábios em seu pescoço.

— Amo você. – sussurrei baixinho em sua pele.

Gentilmente ele segurou em meu rosto e nos afastou um pouquinho, para que pudéssemos nos fitar.

— Também amo você. Muito. – ele disse e vi seus olhos brilharem ainda mais intensamente.

Sorri e lentamente fomos nos aproximando. Senti seu hálito quente em minha boca e no segundo seguinte nossos lábios estavam unidos. Senti toda a maciez da sua pele e o gosto de vinho que ainda estava ali.

Subi as mãos pelo seu tórax até que envolvi seu pescoço em meus braços, levando minha boca para bem próxima da sua. Senti sua língua contornando os

meus lábios, pedindo passagem para que nosso beijo se aprofundasse.

Imediatamente atendi ao seu pedido silencioso e nossas línguas se encontraram, numa dança sensual, mas carinhosa. Josh apertou suas mãos em minha cintura e colocou nossos corpos, sentindo minha pele se arrepiar e seu coração bater tão acelerado quando o meu.

Aquele beijo foi doce, foi suave, foi extremamente significativo e foi delicioso. Afastamo-nos minimamente para respirar e ele desceu sua boca pelo meu pescoço, depositando um beijo no mesmo local em que eu havia lhe beijado pouco tempo atrás.

Suspirei com seu carinho e embrenhei meus dedos em seus cabelos bagunçados. Ele desceu um dos braços por minhas pernas e, ao encontrar a dobra dos meus joelhos, me ergueu do chão seguindo quarto adentro, em direção à cama.

Josh delicadamente me pousou sobre o colchão e se afastou um pouco apenas para me observar. Sorri libidinosamente para ele e em seguida mordisquei o lábio inferior, deixando-o ainda mais atento a mim. Rapidamente ele se despiu e foi ao meu encontro, ajeitando-se sutilmente sobre meu corpo.

Olhei fundo em seus olhos antes de abraçá-lo e puxar seu corpo para junto do meu, selando novamente nossos lábios num beijo agora mais malicioso e urgente.

Minhas mãos percorreram deliciosamente suas costas e deslizei as unhas delicadamente, provocando-lhe arrepios quando meus dedos tocavam sua pele. Eu simplesmente adorava provocá-lo daquela maneira.

Logo estávamos ambos livres de todo e qualquer empecilho e ele caminhou seus dedos por todo o meu corpo, com toques sutis, sentindo-me arrepiar por onde passava. Retribuí seus carinhos delicados e passamos quase a noite toda fazendo amor, sem momentos selvagens, apenas nos amando profundamente.

(...)

Quando acordei ainda não tinha amanhecido, mas o sono simplesmente tinha desaparecido. Saí da cama e me sentei em uma das poltronas, apenas observando meu Josh ali, dormindo serenamente, aproveitando aqueles momentos de paz.

Assim que a claridade invadiu o quarto ele acordou e se mexeu na cama, esticando os braços a minha procura.

— Estou aqui. – disse calmamente.

— O que está fazendo aí, tão longe de mim? – ele perguntou ajeitando-se na cama.

— Não consegui voltar a dormir depois que acordei e não quis te acordar. – respondi. – Você dorme muito bonitinho.

Sorrimos, mas eu sabia que a alegria não tinha chegado aos meus olhos. Josh se levantou e veio ao meu encontro, agachando-se ao meu lado.

— Eu não quero ir. – ele disse. – Não quero deixar esse nosso paraíso.

— Nem eu quero que você vá. – eu disse baixinho. – Mas a gente sabe que não é possível.

Ele me abraçou com força, como se fosse possível me fundir a ele, assim não teríamos que nos separar. Ele segurou meu rosto em suas mãos e acho que conseguiu perceber a força que eu fazia para não chorar, para não transparecer toda a dor que eu sentia por nossa separação. Imediatamente ele me beijou.

— Ah... – suspirei quando nos afastamos. – Em que enrascada fomos nos meter!

— Nem me fale. – ele respondeu e secou a lágrima teimosa que escorria pela minha bochecha. – Será por pouco tempo, ok? – eu apenas assenti e nos abraçamos novamente.

Pouco tempo depois nosso café chegou e ele se preparou para encarar a multidão que estava a postos na porta do nosso hotel. Ficamos abraçados pelo máximo de tempo possível, até que o gerente do hotel ligou avisando que seu carro tinha chegado.

— Em mais ou menos um mês estarei de volta, ok? – ele disse encarando-me intensamente.

— Vai demorar pra passar. – eu resmunguei. – Já comecei a contar os minutos.

— Tente se divertir, ok? Continue a sua viagem.

— Eu vou tentar. – eu disse e o abracei novamente. – Mas vai ser difícil.

— Ah, Nanda...

— Vai. – eu disse por fim, depois de secar outra lágrima. – Eu estarei te

esperando. – selamos nossos lábios pela última vez e ele me deixou.

Capítulo 17

Da sacada do nosso quarto eu pude ouvir toda a histeria que rondava o hotel. Observei um táxi atravessando a Praça São Marcos e sabia que ali dentro estava o homem que eu amava. O alvoroço continuou durante algum tempo, até que foi cessando aos poucos.

Na certa as pessoas esperavam que eu também deixasse o hotel e assim poderiam me fotografar, mas eu não daria esse gostinho a elas. Almocei no quarto, sozinha, relembrando aqueles dois dias tão curtos e tão maravilhosos e passei a pensar na minha próxima parada.

Tinha alguns lugares em mente para conhecer na Itália e, como o próprio Josh tinha dito, eu tinha que aproveitar um pouco da minha viagem.

Um lugar que eu queria muito conhecer era Verona, a terra de Romeu e Julieta, mas fiquei com receio de morrer de saudades do meu lindo e não conseguir aproveitar nada. Por outro lado, já que estava na chuva, eu não podia ter medo de me molhar. Ok, próximo destino: Verona.

— Oi, amor! – Josh disse quando atendi meu celular.

— Meu lindo! – eu disse sorrindo ao ouvir sua voz. – E aí, como foram as coisas?

— Dentro da normalidade da minha vida. – ele respondeu sem entusiasmo. – As mesmas perguntas de sempre e eu não respondi nada. E por aí?

— Ah, a gritaria ainda demorou um pouco para passar, mas já não tem mais ninguém aqui.

— Fico feliz em saber disso. – ele parecia realmente aliviado. – Não quero que sua vida vire o inferno que é a minha às vezes.

— Não se preocupe. – eu disse acalmando-o. – Estou a salvo por aqui.

— Já sabe para onde vai?

— Verona. – eu respondi ainda insegura.

— Vai procurar um Romeu por lá, é? – ele brincou.

— Não. – eu sorri. – Vou pedir a Julieta que me dê forças para aguentar nosso tempo separados.

— Ah, Nanda! – ele suspirou do outro lado da linha.

— Está tudo bem, meu amor. Vamos conseguir. – eu disse tentando acalmá-lo, mas acho que queria mesmo era ME acalmar e acreditar em minhas próprias palavras.

Ainda ficamos mais um tempo falando amenidades até que tivemos que interromper nossa conversa. Josh prometeu que me ligaria todos os dias e inevitavelmente eu sonhei com ele a noite toda.

No dia seguinte eu dei prosseguimento aos meus planos e segui para Verona. Tenho que confessar: foi quase uma catástrofe total. Ao visitar a casa de Julieta, me peguei aos prantos ao olhar para o balcão e decidi fazer como todas as pessoas que estavam ali: escrevi para Julieta pedindo forças.

À noite Josh me ligou e me deu uma bronca por eu ter ido até lá. Foi até engraçado. E assim seguiram-se meus dias. Passei aproximadamente uma semana em Verona, depois segui para Milão.

Visitei alguns lugares interessantes, convivi com a agitação fashion da cidade e logo já fazia as malas para meu destino seguinte: Roma. Imperdoável ir até a Itália e não visitar Roma, não é mesmo?

Josh me ligava quase todos os dias e nossa rotina de conversas amenizava um pouco a saudade lacerante que eu tinha dele, de seus olhos, de seu sorriso, de seu toque, de seus lábios em minha pele.

Quando dei por mim, eu tinha apenas mais duas semanas de estadia na Europa e então eu voltaria para minha terra natal. Decidi passar o restante dos meus dias em Londres, já que era de lá que saía meu vôo de volta ao Brasil e, conforme eu e Josh tínhamos combinado, seria onde nos encontraríamos novamente.

— Minha linda, que saudade. – ele disse.

— Nem me diga, Josh. – respondi. – Quando poderemos nos ver? Como faremos?

— Então, tenho que fazer uma aparição rápida num pub hoje à noite, e pensei que talvez pudéssemos nos ver por lá.

— Um pub? – perguntei com certa preocupação na voz. – Não é muito arriscado?

— Bom, é um pouco. – ele disse. – Mas infelizmente não posso cancelar.

— Então nos veremos no pub. – concordei, já que não tinha jeito. – Mas imagino que não vou poder te dar um mega beijo quando nos encontrarmos.

— Isso ficará para depois, minha linda. E então serei completamente seu.
— ele disse e involuntariamente soltei um suspiro.

— Amo você. Nos vemos à noite então. — eu disse e desligamos.

Foi realmente uma delícia ouvir a voz do Josh e saber que finalmente estávamos na mesma cidade novamente. Só fiquei preocupada com a aparição pública, como ele me garantiu que estaríamos a salvo, eu relaxei um pouco.

A única parte ruim seria não poder sair correndo e pular em seu pescoço assim que o visse. Seria realmente difícil, pois a saudade que eu estava dele quase me sufocava.

Eu já tinha deixado todas as minhas coisas prontas para a viagem da noite seguinte. Durante o mochilão deixei a maior parte da minha bagagem na casa de uma amiga que tinha feito durante o curso, já que não daria pra levar tudo pelos quatro cantos da Europa, né. Olhei para todas aquelas malas no quarto do hotel e um nó se formou em minha garganta. Eu estava indo embora.

Conforme a tarde ia passando, minha ansiedade em vê-lo só se fazia aumentar em meu peito. Aproveitei para dar uma corrida numa loja de lingerie — afinal a ocasião pedia — e tentar fazer com que o dia passasse mais depressa.

Voltei das minhas compras, comi alguma coisa e fui para o banho. Demorei-me na banheira, lembrando cenas nossas e sentindo as borboletas se alvoroçarem em minha barriga. Deus, como eu amava aquele ser!

Finalmente, depois de um longo banho e mais algum tempo me arrumando, estava pronta para encontrar o MEU Romeu. Logo o táxi chegou e em menos de meia hora eu estava parada em frente a porta do pub. Havia uma lista com o nome das pessoas e assim que eu disse o meu, fui encaminhada para um local mais reservado, onde encontrei algumas pessoas já sentadas ali.

— Olá, você deve ser a Fernanda. — um carinha muito familiar se aproximou. — Sou o James, irmão do Josh.

— Olá! — eu respondi um pouco perdida. Ele teria falado de mim para sua família? E como se lesse meus pensamentos ele sorriu.

— Josh me contou por cima sobre vocês. — ele disse. — Não se preocupe, você está segura aqui conosco.

— Bom, pra ser bem honesta, não é bem essa a minha preocupação. — eu disse seguindo-o e sentando ao seu lado.

— Então qual é? — ele parecia curioso.

— Bom, eu realmente não imaginava que ele tinha contado sobre nós para alguém.

— Ah, não. – ele disse com cara de cúmplice. – Ele contou apenas para mim. Não se preocupe.

— Não me entenda mal, não é que eu não quisesse conhecê-lo, é só que... – eu me embananei, achando que ele poderia se ofender com minha surpresa.

— Tudo bem. – ele novamente sorriu. – Na verdade, foi uma sugestão minha mesmo. Se ele fala que está namorando pra mamãe e pra Kat, você teria que passar mais um mês aqui e nós sabemos que você precisa ir embora. – ele disse rindo. – Mas tenho certeza de que não vai faltar oportunidade de vocês se conhecerem oficialmente.

— Obrigada por entender, James. – eu disse.

— Relaxa. – ele disse. – A vida dele é uma loucura, você sabe e, cara, se você for metade do que ele falou, você é a pessoa certa pra ele. Nossos pais e a Kat vão entender a espera.

As palavras de James me acalmaram um pouco e consegui relaxar, mas não completamente. O que estava me deixando ansiosa mesmo era que eu ainda não tinha tido nenhum sinal do Josh e meu coração já estava pequenininho de tanta angústia, nervosismo e saudade. James me apresentou às outras pessoas do pequeno grupo e disse que seu pai, Richard também se apresentaria naquela noite no pub.

— Também? – eu me espantei com o que ele disse.

— Ele não te contou? – James me perguntou verdadeiramente surpreso. – Ah, cara! – e balançou a cabeça de um lado para o outro, meio que divertido com o irmão.

E foi então que ouvimos alguns gritos femininos seguidos de aplausos e assobios. Olhei para a direção da movimentação e meu mundo parou naquele momento. Lá estava ele, deslumbrante, sentado num banquinho e segurando seu violão. Percebi que ele percorreu a multidão com os olhos, seguindo para onde estávamos e então nos encontramos.

O brilho em seu olhar foi nítido e ele segurou um sorriso de lado. De modo descontraído ele deu um gole numa caneca de cerveja e dedilhou as cordas do violão. Logo em seguida houve mais um pequeno alvoroço e os outros músicos, incluindo seu pai, juntaram-se a ele no pequeno palco.

O público foi ao delírio com a apresentação e era nítido como Josh estava

feliz sentado ali no banquinho, apenas tocando com seu pai, sem pressão, sem cobranças, sem preocupações em se esquivar de pessoas oportunistas.

Depois de três músicas Richard agradeceu ao público e se retirou do palco. Estranhamente Josh continuou sentado ali, olhando para nós de vez em quando e, muito discretamente, mandando-me aquele olhar sedutor que me fazia tremer só de pensar nele.

Houve silêncio no pub e então Josh começou a dedilhar uma melodia. Na mesma hora reconheci “I’ll be your man”, do Van Morrison. Seus olhos me encontraram e ele disse, de modo silencioso, que aquela canção era para mim.

Enquanto as pessoas aplaudiam e assobiavam, eu apenas encarava o rosto do Josh enquanto eu tentava em vão segurar algumas lágrimas de emoção. Ele me encarou por alguns segundos e sorriu de lado. Ninguém percebeu seu gesto, mas foi um dos mais importantes de toda a minha vida.

— Ele realmente te ama. — James cochichou em meu ouvido e deu uma piscadinha, antes de seguir em direção a alguns amigos.

Enquanto Josh deixava o pequeno palco e passava pelas pessoas eu tratei de me recompor e respirei profundamente. Meu desejo era correr para seus braços, beijá-lo e abraçá-lo, prendendo-o a mim para sempre. Mas eu sabia que ainda não podia fazer isso.

Ele finalmente chegou à rodinha de amigos e foi cumprimentando um por um com tapas nos ombros e saudações específicas até que chegou a mim. Nosso abraço durou alguns segundos apenas, mas naquele instante era como se o mundo tivesse parado para nós.

— Eu te amo tanto. — eu disse em seu ouvido e ele deixou seus lábios encostarem-se a meu pescoço, num rápido e imperceptível beijo.

Eu pude sentir minhas pernas falharem por um segundo então me sentei na primeira cadeira que vi na frente. James sentou-se ao meu lado e Josh ao lado do irmão. Pude perceber alguns flashes perdidos em meio à multidão e fiquei insegura por um momento, mas Josh parecia tão tranquilo que acabei não me importando muito também. Ele devia saber o que estava fazendo. Novos gritos foram ouvidos na multidão e a banda do pai do Josh voltou ao palco.

Capítulo 18

Apesar de saber que ele tinha que ficar por algum tempo ali, minha ansiedade estava a mil e tive que tomar muito cuidado para não afogá-la nos copos de bebida que surgiam a nossa frente. Finalmente, depois de intermináveis duas horas, recebi um bilhete passado por debaixo da mesa do Josh pelo James.

“Vou sair agora. Espere cerca de cinco minutos e vá até os fundos do pub. Um táxi estará te esperando. Amo você. Estou morrendo de saudade.”

Sorri ao terminar de ler o recado e me virei discretamente para onde ele estava sentado. Acenei com a cabeça, em seguida ele se despediu rapidamente das pessoas e seguiu para a saída do pub. Claro que houve aquela movimentação dos fãs, mas parecia algo bem mais civilizado do que eu já tinha lido e logo o pub estava tranqüilo novamente.

Olhei no relógio e calculei meu tempo. Para tentar afastar a angústia por aquele reencontro, decidi dar uma passadinha no banheiro e me encarei no espelho. Respira, Nanda, só mais alguns minutinhos e logo vocês estarão juntos. Retoquei a maquiagem, olhei novamente para o relógio e segui para a saída dos fundos do pub.

A rua ainda estava deserta e um frio percorreu minha espinha: que ideia mais absurda esperar por um táxi num quase beco! Mas meu desespero sumiu quando vi os faróis de um carro se aproximando e em seguida parando ao meu lado. O vidro traseiro abaixou alguns centímetros e pude ver que lá dentro havia um par de olhos esverdeados me encarando.

Entrei no táxi e a primeira coisa que fiz foi beijá-lo intensamente. Senti o carro entrar em movimento, mas estava muito mais interessada em saborear os doces lábios do meu amado.

— Quase morri por não poder fazer isso assim que te vi. – ele disse ao pé do meu ouvido.

— Não sei como consegui me segurar. – eu respondi e o beijei novamente.

Ficamos de chamego por todo o caminho, que deve ter durado no mínimo uns 20 minutos, até que o táxi estacionou na porta de um luxuoso hotel. Antes de sairmos Josh se certificou de que não havia nenhum paparazzo por

perto e logo já nos encontrávamos no elevador do hotel.

Ele fez questão de fechar meus olhos com suas mãos antes de entrarmos no quarto, só para me deixar curiosa e então me guiou para dentro do aposento. Ouvi o estalo da porta sendo trancada e então ele tirou a mão dos meus olhos. O quarto estava na penumbra, sendo iluminado por velas aromatizadas e pude ver que o chão estava coberto por pétalas de rosas.

Lentamente segui pelo quarto até encontrar a cama e nela, sobre os lençóis brancos, havia um coração desenhado com rosas vermelhas. Mais uma vez meus olhos marejaram e senti Josh me abraçar por trás.

— I'll be your lover too. — ele sussurrou bem baixinho em meu ouvido e meu corpo inteiro se arrepiou.

Girei em meu próprio eixo, ficando de frente para ele e sem mais demora nos entregamos a um beijo urgente e sensual. Como eu tinha sentido falta de seus dedos percorrendo minha pele, de sua língua acariciando a minha, de sentir nossos corações na mesma batida!

Fomos cambaleantes até a cama e logo ele já estava deitado sobre mim, fazendo pressão com seu corpo sobre o meu, beijando meu pescoço de modo libidinoso. Arfei com aquilo e fui subindo minhas mãos por suas costas, arrastando a camisa junto. Eu já podia sentir sua ereção e meu sexo encontrava-se quase em chamas de desejo.

Ambos não estávamos com muita paciência com as roupas, mas quando Josh viu minha lingerie, deu aquele sorriso sacana que só ele sabia dar e passou a delinear todo o contorno das peças com os dedos, excitando-me ainda mais. Claro que não deixei por menos e também brinquei com o cós da sua boxer deixando-o ainda mais animadinho.

— Você é tão linda. — ele soltou baixinho quando se afastou alguns centímetros para me observar.

Eu derreti com aquilo e logo todas as peças de roupa estavam espalhadas pelo chão do quarto junto com as rosas. Josh, no entanto, ficou com uma rosa na mão e começou a passá-la pelo meu corpo, instigando-me ainda mais. O toque macio e aveludado das pétalas era extremamente afrodisíaco e eu começava a sentir sutis contrações de prazer percorrerem meu corpo nu.

Mordi meu lábio por instinto e logo Josh sugava-o com desejo e com luxúria. Eu sabia que não suportaria muito mais tempo sem tê-lo em mim, então inverti nossas posições, rapidamente coloquei o preservativo nele e logo nossos corpos estavam completamente conectados.

Ele desceu os lábios para minha orelha, dando aquela mordidinha fatal e não segurei o alto gemido de prazer enquanto cravava as unhas em seus braços. Josh nos virou momentos antes de investir com mais força e logo a explosão de prazer nos invadiu.

Olhamo-nos por algum tempo, palavras não eram necessárias ali e ambos podíamos ler nos olhos do outro o quanto nos amávamos.

(...)

A claridade daquela manhã londrina me acordou e quando dei por mim Josh não estava ao meu lado.

— Josh? – chamei com uma voz manhosa.

— Aqui na ante sala, amor. – ele disse segui até lá.

— Eu ainda estou sonhando, só pode ser. – disse indo em sua direção depois de ler “I Love You” escrito com as pétalas no chão e ver que ele me esperava com um botão de rosas em uma das mãos.

— Não é sonho. – ele disse me encarando.

— Também te amo, mais do que posso suportar. – eu respondi e lhe dei um longo beijo.

Seu gosto misturado ao meu foi completamente estimulante. Percebi que seu membro deu sinais de vida e não contive aquele sorrisinho safado que eu sabia que ele adorava. Pronto. Lá se foi o momento do café da manhã.

Como ambos estávamos enrolados nos roupões do hotel, foi ainda mais fácil nos livrarmos das peças e ficarmos completamente livres um para o outro. Deitei manhosa na cama e logo seus beijos sedutores percorriam meu corpo inteiro, fazendo-me quase delirar de prazer.

Rolei sobre ele e me dediquei a beijar todas as partes de seu corpo, roçando meus cabelos e unhas em sua pele, sentindo-o se arrepiar. Josh me cobriu de beijos em retribuição aos meus carinhos e em minutos meu corpo pedia desesperadamente pelo dele.

Rapidamente ele alcançou um preservativo, protegendo-nos. Enlacei seu corpo com minhas pernas e logo seu membro estava completamente dentro de mim, proporcionando sensações indescritíveis.

Sussurrei sacanagens em seu ouvido, provocando-o ainda mais e ele

beijava meus seios intumescidos enquanto eu sugava seus dedos vorazmente. Não demoramos muito para atingirmos um orgasmo maravilhoso e cairmos extasiados um ao lado do outro na cama.

— Acho que agora estou pronta para comida de verdade. – eu disse quando recuperei o fôlego.

Rimos com aquilo e Josh foi buscar a mesinha com nosso café, que àquela hora já devia estar totalmente frio. Nossa refeição foi feita em silêncio, mas não era nosso silêncio habitual. Esse era um daqueles silêncios que antecederiam nossa separação.

— Meu vôo sai essa noite. – eu disse num tom triste. – Não posso ficar mais por aqui.

— Eu sei. – ele respondeu. – Não consigo acreditar que esse dia chegou.

— Nem eu. – eu disse. – Quando comecei essa história, não estava planejando me apaixonar no meio do caminho. – e seu sorriso foi triste.

— Muito menos eu, que estava me escondendo do mundo. – e ambos rimos um pouco com aquilo.

— Como faremos, Josh? – e eu esperava que ele tivesse um plano mirabolante.

— Eu não sei, Nanda. – ele disse segurando em meu rosto. – Queria muito ter essa resposta, meu amor.

Eu o abracei com força, tentando não entrar em desespero. Querendo que o mundo parasse para que pudesse ficar pra sempre ali com ele.

— É nosso último dia juntos. Não quero ficar aqui me lamentando por isso. – eu disse depois de um tempo.

— E o que quer fazer? – ele perguntou.

— Ficar com você. O máximo de tempo possível.

Não precisei dizer duas vezes e estávamos novamente na cama, abraçados, nos curtindo, nos gravando na memória um do outro. Almoçamos ali mesmo, jogamos conversa fora, vimos as fotos da nossa viagem juntos, rimos e relembramos cada momento que passamos juntos naquele verão. E nos amamos uma vez mais.

— Eu queria ir com você até o aeroporto. – ele disse segurando em minha cintura.

— E causar um caos por lá? — eu brinquei. Em seguida o olhei fundo nos olhos. — Vai ser menos difícil se você não estiver por lá.

— Não era para esse dia chegar. — ele disse sem segurar a emoção.

— Nós vamos levando. — eu respondi. — Outubro já está aí e como eu tenho que ir a Toronto, e você vai estar em Vancouver, nosso reencontro será no Canadá.

— Vai demorar tanto. — ele resmungou.

— Vai chegar num piscar de olhos. — eu disse e o beijei mais uma vez. — Num piscar de olhos. — um último beijo, um último abraço e então eu desapareci elevador adentro

Enquanto o avião realizava os procedimentos antes de levantar vôo, eu tentava controlar o choro que me envolvia. Eu sabia que tinha que ir embora, mas nunca quis tanto ficar em algum lugar. Aquela tinha sido a pior despedida até então, porque voltar para o Brasil quase significava que aquilo tudo tinha sido um lindo sonho e que agora era a hora de acordar e encarar a realidade.

O avião começou a se mexer na pista, acelerou e então eu estava no ar, vendo Londres se tornar cada vez menor, vendo a distância entre Josh e eu se tornar cada vez maior. Abaixei a cortina da janela e me entreguei à realidade de que meu coração estava ficando ali, com aquele britânico complicado e perfeito.

Capítulo 19

Cheguei ao Brasil no começo da manhã e meus pais, juntamente com Alex, me esperavam no aeroporto. Abracei-os com força lutando fortemente para não deixar a tristeza aparecer em meu rosto.

— Meu amor! – disse minha mãe aos prantos. – Como senti sua falta!

— Eu também, mãe. Eu também. – eu disse e deixei que algumas lágrimas escapassem. Com a emoção do reencontro, ninguém estranharia aquela reação. Ninguém exceto Alex.

— Nanda. – ele disse ao me abraçar apertado. – Mais tarde eu passarei na sua casa e nós vamos conversar sobre tudo, principalmente sobre essas lágrimas aqui. – e me encarou.

— Ainda me conhece melhor do que ninguém, né?! – eu apenas disse e seguimos todos para minha casa.

Alex foi cuidar de alguns assuntos particulares e eu aproveitei para contar tudo sobre a viagem aos meus pais. Ou melhor, quase tudo. Como eles não eram muito ligados em filmes, não reconheceram o Josh, então não contei que o homem que aparecia comigo em praticamente todas as fotos do mochilão era um superstar de Hollywood.

Disse que era alguém que eu tinha conhecido durante as viagens, que tínhamos nos apaixonado e que daríamos um jeito de ficarmos juntos. Meu pai me repreendeu um pouco, minha mãe se preocupou a princípio, mas depois de horas de conversa, ambos já tinham meio que se acostumado.

— Foi por causa dele que você terminou com o Alex? – perguntou minha mãe quando estávamos sozinhas.

— Não. – eu disse segura. – Eu e o Alex somos grandes amigos, melhores amigos. Confundimos as coisas e esse tempo separados nos fez perceber isso.

— Que bom que vocês estão bem. – ela disse. – Mas ainda não me acostumei a não tê-lo mais como meu genro.

— Mãe! – eu disse e passamos mais algumas horas matando as saudades.

Por volta das 19h Alex passou em minha casa e decidimos dar uma volta para conversarmos mais sossegados. Acabamos parando em uma pizzeria que eu

adorava e logo ele já começou o interrogatório.

— Aquelas lágrimas eram por causa do tal do Thomas, né? – ele disparou sem cerimônia.

— Parece que meu coração ficou com ele Alex. – eu disse desabafando. – Nunca imaginei que sentiria isso.

— Bom, esse seu romance ainda pode dar certo. – ele disse tentando me animar. – Quer dizer, ele pode vir te visitar também, sei lá.

— Na verdade, é bem mais complicado do que a distância. – eu disse e peguei a máquina na minha bolsa selecionando uma foto minha e do Josh. – E você vai entender o porquê assim que olhar para ele. – e eu lhe mostrei a foto.

A reação do Alex foi no mínimo engraçada: ele olhava para a foto, olhava para mim, abria e fechava a boca sem emitir som algum. Finalmente, depois de algumas tentativas ele finalmente me encarou.

— Puta que pariu! – e as palavras saíram espantadas de sua boca.

— Agora você entende a extensão dos problemas.

— Nanda... Como você...? Puta merda! – e não conseguia tirar os olhos da foto.

— Pois é. – eu disse. – Eu estou ferrada. Completamente ferrada e completamente apaixonada por ele. E não tenho a menor ideia de como isso vai funcionar.

— É, você tá ferrada mesmo. – ele disse e segurou em minha mão. – Muito ferrada.

Logo em seguida meu telefone começou a tocar e pelo toque eu sabia exatamente quem era.

— Oi, meu amor! – eu disse toda derretida. – Como você está? Ainda em Londres? Estou morrendo de saudade!

— Minha linda! – ele disse do outro lado da linha. – Também estou morrendo de saudade. Já estou em LA. Cheguei há algumas horas. Fez boa viagem? Como foi rever seus pais?

— Foi tudo bem. – eu disse. – E agora estou jantando com o Alex.

— Você contou a ele? Como ele reagiu?

— Conteí. – eu respondi. – Então, ele ainda está em estado de choque, mas acho que logo ele volta ao normal. – eu disse e Alex me mostrou a língua. –

E você, como foi sua viagem? Já está com o pessoal?

— Sim, foi tudo bem. E por coincidência estou jantando com a Emma. Acabei de mostrar nossas fotos para ela. Ela está um pouco preocupada em você não me amar de verdade, mas fora isso, ela te adorou.

— Sério? – eu ri. – Bom, em outubro acho que a gente vai se conhecer, né.... tomara que até lá ela já tenha se acostumado comigo.

— Não tem como não gostar de você, meu anjo.

— Bobo. – eu respondi.

Falamos mais algumas coisas e então desligamos. Alex me olhava com um misto de ternura e preocupação.

— Isso foi tão injusto. – ele disse depois de um tempo. – Você me trocou por um astro do cinema. – e ambos caímos na gargalhada.

Terminamos nossa pizza e logo eu estava aninhada em minha familiar cama. Todo o cansaço da viagem de mais de 12 horas se abateu finalmente e eu praticamente desmaiei.

(...)

Demorei menos de uma semana para me readaptar ao Brasil. Depois de visitar os familiares e amigos, minha missão passou a ser encontrar um emprego. Felizmente meu intercâmbio e os cursos específicos que fiz foram o grande diferencial e em menos de dez dias eu já estava empregada.

Josh e eu nos falávamos todos os dias, mas isso não amenizava a saudade que eu sentia dele. Sabíamos que seria difícil, mas eu não imaginava que seria tanto. O Alex me apresentou a garota pela qual estava apaixonado – aquela que tinha gerado toda a confusão enquanto eu estava fora – e eu realmente gostei dela. Ao contrario de mim, a Luiza fazia com que os olhos do Alex brilhassem toda vez que ele falava dela, assim como os meus, quando eu falava do Josh.

Certa noite, estávamos eu e meus pais assistindo a um filme quando de repente:

— Nanda? – minha mãe disse com dúvida na voz. – Esse aí no trailer na TV não é aquele ator que você gosta? Não me lembrava que ele parecia tanto com o Thomas. Até parece ele!

— Imagina Lidia. – disse meu pai, sem nem olhar para a tela. – Por que o

namorado da nossa filha estaria na TV?

— Então olha bem, Sérgio. – ela respondeu com a voz um pouco mais ríspida. Eu me mantive quietinha.

— Nossa, não é que parece mesmo. Parece até demais! – meu pai disse finalmente, com um tom bastante desconfiado.

Bom, aí não tive muita escapatória, e tive que ter aquela conversa com meus pais. Eu não estava muito preocupada quando voltei, justamente porque eles não eram muito ligados em cinema, e eu queria protegê-los de ter um ataque de pânico por eu estar com alguém como o Josh, mas depois que eles viram o trailer, não tinha mais como esconder.

— Você ficou maluca, Fernanda? – esbravejou meu pai. – Um ator de cinema!!!

— Mas, pai...

— E nem brasileiro é! Ainda se fosse um dos nossos...

— Pai...

— Seu pai está certo, Nanda. – tentou apaziguar minha mãe. – Nós dois até que estávamos conformados em você se aventurar nessa coisa de namorar um gringo, mas daí a ser um ator de filme... Ele pode estar apenas se aproveitando de você, filha. Esses atores fazem isso. Iludem menininhas sonhadoras e só querem se divertir.

— O Josh não é assim! – eu disse mais alto. – Ok, eu não falei essa parte para vocês, me desculpem por isso. Mas também não achei que reagiriam dessa maneira.

— E como é que você queria que reagíssemos? Se antes a gente nem estava botando fé nesse namoro, agora é que não vai pra frente mesmo. – desabafou meu pai. – Foi por causa desse aí que você terminou com o Alex? Esse sim é um moço bom pra você!

— Chega, pai! – eu pedi. – Vocês não conhecem o Josh. Ele não é desse jeito. Ele me ama!

— Nanda... – murmurou minha mãe.

— Olha, eu sei que é muita novidade para vocês, e que vocês estão assustados e preocupados, e está tudo bem sentir isso, mas vocês também estão fazendo tempestade em copo d'água. – eu disse num tom mais ameno, tentando acalmar os ânimos. – O Josh não é nenhum mau-caráter que quer fazer mal a

mim. Quando nós nos conhecemos, ele só queria um tempo de anonimato, poder fazer as coisas que fazia antes de ficar famoso. E foi com esse homem que eu viajei... pelo qual me apaixonei. – e fiz uma pausa. – Gente, por favor, vocês sabem que eu não sou ingênua, e que tenho uma ótima intuição para caráter. Confiem em mim. Por favor.

Meus pais se entreolharam por alguns minutos até que finalmente cederam um pouco. Minha mãe era mais fácil de lidar, mas eu sabia que meu pai só sossearia depois que conhecesse o Josh pessoalmente. E eu nem sabia quando isso seria possível.

— Oi, amor. – eu disse quando ele ligou naquela noite.

— Nanda, está tudo bem? O que houve minha flor? – ele já disparou, provavelmente percebendo meu tom de voz.

— Ah, Josh... – suspirei. – Meus pais te reconheceram no novo trailer e quase surtaram quando descobriram que você é você.

— Oh, minha querida. Sinto muito. – ele disse apenas.

— Acho que eles não estavam preparados para descobrir assim, sabe.... – eu disse. – Acho que a culpada sou eu, por ter demorado a contar toda a história.

— Não, Nanda. – ele tentou me confortar. – Você não tem culpa de nada; apenas queria protegê-los. Temos que encarar o fato de que estar comigo é arriscado para vocês.

— Arriscado?

— Bom, se a imprensa ficar sabendo que estamos juntos... – ele suspirou. – ...será muito pior do que o que aconteceu em Veneza.

— Você acha que eles chegarão ao ponto de atrapalhar nossas vidas? – eu perguntei um pouco reticente. Seria assim tão ruim?

— Acho, meu amor. Infelizmente.

— Então preciso conversar mais com eles. – eu disse com a voz decidida. – Nós estamos juntos, mas isso não nos dá o direito de mudar a vida deles. Saberemos contornar.

Depois daquela conversa quase não consegui dormir. Quando conheci Josh durante minha viagem estávamos tão envolvidos pela segurança do anonimato que não pensamos realmente em como as coisas seriam na vida real.

Sabíamos que conseguiríamos escapar por um tempo, mas não para sempre. E eu queria ficar com ele para sempre, então teríamos que resolver esse

empecilho. Ainda não tinha ideia de como conseguiríamos, mas daríamos um jeito.

Conversei mais algumas vezes com meus pais, explicando que precisávamos do anonimato e, aos poucos, eles foram se acostumando com a ideia. Josh insistiu em conversar com eles algumas vezes, para assegurar que ele não era um aproveitador e que realmente queria fazer com que nossa história funcionasse.

Ele conseguiu convencer minha mãe, mas meu pai fez jogo duro. Amoleceu um pouco, mas como ele mesmo dizia, só teria certeza quando olhasse bem fundo nos olhos do Josh. Então, começamos a nos organizar para que ele viesse ao Brasil.

Mais algumas semanas se passaram, eu já tinha me adaptado completamente ao meu emprego na multinacional, e me preparava para minha viagem a Toronto. A minha melhor amiga, Bia, estava morando lá com o noivo canadense e ambos iriam se casar.

Como melhor amiga desde que tínhamos cinco anos de idade, óbvio que ela tinha me chamado para ser madrinha e esse convite, nem por decreto, eu recusaria.

— E então, tudo pronto pra sua viagem? Eu te falei que o Jerry, aquele primo do Ian, será seu par, não falei? Uma tia dele meio que o obrigou a colocá-lo como padrinho. Você conversou com o Alex, né? Ele não está bravo comigo? – Bia disparou quando nos falamos alguns dias antes de eu embarcar.

— Bia, respira mulher! – eu tentei acalmá-la. - Sim, você me falou do Jerry, está perfeito assim. Algumas coisinhas é que mudaram. Eu não estou mais com o Alex.

— Jura? Como assim? Não acredito! O que aconteceu? Quero saber de tudo! Como você está? É melhor então eu tirar o nome dele da lista?

— Não. – eu disse de supetão, já pensando no disfarce perfeito. – Bia, eu estou bem. Quando chegar aí te conto tudo com detalhes, mas não tire o nome do Alex da lista, ok?

— Ok. – ela disse passando de preocupada a curiosa em dois segundos. – Tem muito mistério nessa sua frase.

— Eu sei. – eu disse e conversamos mais um pouco antes de desligarmos.

A semana seguinte passou num piscar de olhos e lá estava eu mais uma

vez no aeroporto, dessa vez embarcando para o Canadá. Josh iria para Toronto dali dois dias e finalmente nos reencontraríamos.

Capítulo 20

Bia estava me esperando no portão de desembarque. Abriu aquele largo sorriso ao me ver e quase derrubou algumas pessoas enquanto corria em minha direção. Já fazia uns cinco anos que a gente não se encontrava e a saudade era grande demais. O abraço foi apertado, cheio de sentimentos.

— Nanda! Nanda! Nanda! – ela quicava ao meu lado. – Já está tudo pronto? Podemos ir pra casa? Quero te mostrar meu vestido e você precisa me contar quem é essa pessoa especial. Aliás, ele não veio com você, não?

— Logo mais você vai entender. – eu disse entre sorrisos e seguimos para sua casa.

Atravessamos um pedaço do Lago Ontário e eu fiquei encantada com o visual. Parecia até um pedaço do mar, de tanta água a perder de vista. Bia e Ian moravam num bairro um pouco afastado do centro da cidade, numa região arborizada e com clima quase de interior.

Sua casa era um pequeno sobrado, sem cercas ou muros, com uma espécie de quintal compartilhado com os vizinhos nos fundos da casa.

Chegamos e finalmente pude conhecer o Ian. Pessoa adorável, que fazia minha amiga muito feliz. Após algum tempo de conversa, inclusive com os pais da Bia, que já estavam lá para a cerimônia, Bia me levou para um dos quartos e me mostrou seu vestido. Lindo!

— Ok. – ela disse depois dos comentários abobados. – Qual é o mistério do seu par, afinal?

E, assim como fiz com o Alex, apenas selecionei uma das fotos com Josh e entreguei a câmera a minha amiga.

— Oh My God! – ela disse pausadamente. – Nanda... Esse é quem eu estou pensando que é? – e me encarou com os olhos brilhando de curiosidade e excitação.

— Aham. – eu disse apenas. E depois disso ficamos algumas horas conversando.

Eu sabia que podia confiar na minha amiga e lhe contei todos os detalhes do meu conto de fadas. Nem foi preciso pedir discrição em relação a sua identidade, afinal nenhuma de nós queria que Josh fosse descoberto e arruinasse o dia mais feliz da minha amiga. Para todos os efeitos, ele seria apenas mais um

convidado.

Depois do jantar liguei para ele e contei as novidades. Ele me disse que já tinha reservado nosso quarto num hotel e que estava contando os minutos para nosso reencontro. Eu também estava, e combinamos tudo sobre o dia do casamento.

Na véspera do grande dia, Bia me levou para conhecer um pouco da cidade. Como tudo já estava organizado, ela decidiu que aquele dia seria nosso. Demos uma passada rápida por alguns dos pontos turísticos – definitivamente eu teria que voltar com mais tempo para apreciar aquela cidade linda – e terminamos nosso dia relembando nossas peripécias do passado, sentadas num dos bancos voltados para o grande lago do High Park.

Bia estava feliz pelo fato de o clima estar mais quente do que o de costume para aquela época do ano. O casamento aconteceria pela manhã, numa capela no mesmo bairro em que ela morava e a recepção seria num anexo próprio para eventos, ao lado da igreja.

Depois do passeio ao longo do dia ela foi dormir mais cedo, ansiosa pelo momento do sim, e eu acabei me recolhendo também.

A manhã chegou depressa e rapidamente a casa toda estava um alvoroço só. Ofereci-me para ajudar, e logo todas já estavam praticamente prontas. Josh me ligou, avisando que já estava instalado no hotel e nosso reencontro seria na capela.

Tudo pronto: pais, madrinhas e a noiva. Seguimos ansiosos até a capelinha e lá nos encontramos com o restante das pessoas. Bia ficou esperando no carro com seu pai enquanto todos se organizavam e encontravam seus pares.

Rapidamente localizei Jerry e me coloquei ao seu lado, esperando pelo momento da entrada. Passei meus olhos mais uma vez pelos convidados, na esperança de encontrar Josh, mas não o vi. Foi nesse momento que senti meu celular vibrar em minha bolsa de mão:

“Adorei o vestido. Você parece um anjo.”

Sorri ao ler sua mensagem e me pus a procurá-lo entre as pessoas novamente. Um vulto se mexeu perto da entrada da capela e então o achei. Seu sorriso torto ficou mais evidente quando nossos olhares se encontraram e um arrepio de expectativa percorreu meu corpo. Por um momento quis correr em sua direção, mas fui freada pelo aviso de que a cerimônia começaria.

O casamento foi lindo, Bia estava linda e tudo parecia estar perfeito. Exceto o fato de eu não estar nos braços do Josh. Nossos olhares se cruzaram dentro da igreja algumas vezes e eu tinha certeza de que no próximo segundo eu abandonaria tudo para ir até seus braços. No entanto, me contive em todas essas vezes. Bia merecia esse pequeno sacrifício que, certamente, seria compensado depois.

Assim que ela e o agora marido saíram da chuva de arroz corri até Josh, que me esperava encostado ao tronco de uma árvore. Nosso abraço foi forte, intenso, cheio de emoção.

Ele segurou meu rosto entre suas mãos e no momento seguinte nossos lábios estavam grudados num beijo afoito, quase desesperado. Ah como era bom sentir novamente seu gosto misturado ao meu. Fui diminuindo o ritmo do nosso beijo até dar-lhe apenas selinhos.

— Quanta saudade! – eu disse baixinho. – Amo minha amiga, mas achei que não conseguiria me conter até o final.

— Então éramos dois. – ele disse secando a lágrima de felicidade que escorria por meu rosto. – Mas agora estamos juntos. – e novamente nos entregamos a outro beijo saudoso e necessitado.

Com algum sacrifício nós deixamos aquela árvore, que servia como nosso recanto particular, e seguimos para a festa. Fui em direção à Bia e pude ver que ela trazia aquele sorrisinho cúmplice nos lábios.

— Bia, esse é meu namorado, Alex. – eu disse apresentando os dois.

— Oh... Quer dizer... Olá, Alex. – ela se embananou um pouco e vi que ele se divertiu com aquilo.

— Olá. Parabéns pela união. Desejo toda a felicidade para vocês. – ele disse educadamente.

Bia ia dizer alguma coisa, mas uma pessoa apareceu chamando-a para outro lugar.

— Olha... Quando tudo isso acabar, e nós voltarmos de viagem, teremos um jantar duplo. – ela disse. – Vou querer saber tudo sobre vocês!

— Parece perfeito. – eu disse terminamos aquela conversa com um beijinho no rosto da minha amiga. Em seguida encontramos uma mesa para nos sentarmos, um pouco mais afastada de toda a movimentação.

— Com medo de ser descoberto? – eu cochichei em seu ouvido.

— Não exatamente, mas não custa estar prevenido, não acha?

— Tudo o que você quiser. – eu disse beijando-o mais uma vez.

— Por quanto tempo teremos que ficar por aqui? – ele parecia inquieto.

— Um pouco mais. – eu respondi me divertindo. – Pelo menos até a hora do buquê.

Quando mencionei o objeto, percebi Josh ficar um pouco desconfortável. Achei divertido por um momento, mas decidi tranquilizá-lo.

— Não se preocupe, meu amor, mesmo se eu pegar o buquê, ainda é muito cedo para falarmos em casamento. – e pisquei para ele de modo maroto.

Conforme pede a educação, ficamos na festa por algum tempo. O almoço foi servido e logo depois pediram para que todas as solteiras da festa se encaminhassem para perto do pequeno palco montado no local. Olhei para ele de soslaio e segui para junto da pequena aglomeração que se formava.

Vi que Bia me achou no meio das meninas, e eu sorri de volta. Ela jogaria o buquê em minha direção. Um certo nervosismo se apossou de mim.

— É um... É dois... É três e....

E mesmo se eu quisesse, não teria conseguido pegá-lo. As moças que estavam ao meu redor se jogaram na minha frente e eu me mantive estática. Bia me olhou, logo em seguida e vi um tiquinho de frustração em seus olhos por eu não ter sido a felizarda. Eu apenas elevei sutilmente meus ombros, sorri de lado e caminhei de volta para nossa mesa.

Eu não estava triste por não ter pegado o buquê. Claro, quase todas as mulheres sonham em pegar o buquê e serem as próximas a se casarem, mas eu não fazia parte desse grupo.

Não que eu não quisesse casar, não era isso, mas não tinha esse desespero todo, esse sonho com igreja, festa, vestido e tudo o mais. O fato foi que nem me esforcei e deixei a briga para aquelas que realmente desejavam aquele lindo arranjo de flores.

Sáímos em seguida, passamos rapidamente na casa da Bia para eu pegar minha bagagem e nos dirigimos ao hotel que Josh tinha reservado. Enquanto o táxi fazia seu caminho eu e Josh estávamos praticamente agarrados um no outro ao som de uma suave melodia.

— Adoro essa música. – eu sussurrei baixinho. – Aliás, adoro essa banda.

— Também gosto. – disse Josh e começamos a cantarolar baixinho o

refrão, que dizia exatamente o que sentíamos naquele momento.

“...How do I know when it's love? I can't tell you but it lasts forever. How does it feel when it's love? It's just something you feel together. When it's love...”
(When it's Love – Van Halen)

Finalmente chegamos ao nosso quarto no hotel. Havia um balde de gelo com uma garrafa de champanhe, velas aromáticas e algumas poucas rosas vermelhas decorando o ambiente. Segui até a janela para espiar a vista enquanto Josh foi ao banheiro tirar seu disfarce. Em seguida ele me envolveu em seus braços acolhedores.

Girei em seu abraço, para ficar de frente para ele. Encarei suas íris esverdeadas, ele deu aquele sorrisinho de lado e no momento seguinte nossos lábios estavam unidos. Ele descia e subia as mãos em minhas costas enquanto eu bagunçava seus cabelos castanhos. Senti aquele frenesi gostoso subindo pelas minhas pernas, conquistando cada pedaço do meu corpo. Eu precisava dele.

Aprofundei nosso beijo, puxando-o para mais perto da cama. Com um pouco de pressa tirei seu paletó, jogando-o em qualquer lugar e parti para desabotoar sua camisa. Ele sorriu em meus lábios afastando meu rosto para me olhar mais uma vez.

Seu polegar deslizou sobre meus lábios provocando um formigamento no local. Em seguida, desceu a mão pelo meu pescoço, roçando muito sutilmente os dedos, provocando arrepios por onde passava. Um suspiro saiu por entre meus lábios com o carinho delicado e prazeroso.

Voltei a me dedicar aos botões de sua camisa, um de cada vez, até que a peça estivesse completamente aberta. Desci ambas as mãos por seu tórax e abdômen apenas para subi-las e seguir em direção aos ombros, fazendo com que a peça de roupa escorregasse por seus braços. Os olhos de Josh faiscaram.

Ele me girou em seus braços e passou a abrir o zíper do meu vestido, muito lentamente, fazendo com que cada toque de sua pele na minha gerasse ondas de excitação. Quando terminou de abrir meu vestido, ele repetiu meu gesto e foi subindo as mãos delicadamente pelas minhas costas. Posicionou-as em meus ombros e no mesmo momento em que a peça desceu pelos meus braços, me deu um beijo úmido na nuca.

Outro suspiro saiu por entre meus lábios. Eu podia sentir a eletricidade percorrer minhas veias. Ele deslizou os lábios pelo meu pescoço, acariciando

minha cintura com uma das mãos e um dos seios com a outra. Ergui uma das minhas mãos, procurando por sua nuca e finalmente nossos lábios se encontraram novamente.

Voltei a girar em seu abraço aprofundando aquele beijo, apertando-me contra seu corpo. Minhas mãos voltaram a se embrenhar em seus cabelos e as suas mãos apertaram meu bumbum. Instintivamente elevei uma das minhas pernas e a encaixei em volta do seu quadril enquanto ele me deitava na cama.

Senti seu peso sobre meu corpo, e sua ereção sob a roupa. Sorri maliciosamente. Josh passou a beijar todo o meu rosto, ora com selinhos, ora com a ponta da língua. Minhas mãos deslizaram por suas costas e resolvi brincar com o cóis da sua calça.

— Nanda... — ele sussurrou em meu ouvido, e sua voz rouca provocou um tremor por todo o meu corpo.

Forcei-nos a girarmos na cama, ficando sentada sobre ele. Deitei-me sobre seu corpo para poder beijar-lhe os lábios. Deixei que minha boca roçasse em sua pele, seguindo em direção ao maxilar e depois subindo em direção a sua orelha.

Ele passeou as mãos em minhas costas e já se adiantou em abrir meu sutiem. Escorreguei uma das mãos pela lateral do seu corpo e no mesmo momento em que dei uma mordidinha no lóbulo da sua orelha, acariciei seu membro por cima da calça. Ele arfou de prazer.

Enquanto eu subi meu tronco, para novamente ficar sentada, Josh puxou as alças da minha lingerie, deixando-me apenas de calcinha. Ele acomodou as mãos em ambos meus seios e levantou-se para poder beijá-los. Apoiei minhas mãos em suas coxas e joguei a cabeça para trás, entregando-me aquele carinho.

Como estava sentada em seu colo, o volume de seu membro estava em contato com meu sexo ainda protegido pela calcinha, mas isso não me impediu de me movimentar, incitando-o, provocando-o. Josh não segurou um gemido baixo. Eu sorri satisfeita.

No momento seguinte ele atacava meus lábios ferozmente, apertando-me com força contra seu corpo, mordiscando meu lábio inferior. Eu me posicionei melhor, rapidamente tirei seu cinto e abri sua calça. Novamente minha mão foi em direção ao seu membro, afagando-o em movimentos suaves e precisos.

— Você está me deixando doido. — ele murmurou em meu ouvido.

— Essa é a ideia. — eu disse e ele, em resposta, atacou meu pescoço,

chupando-me com vontade até voltar aos meus lábios insaciáveis.

Com um pouco de impaciência ele nos girou na cama, ficando novamente sobre mim e, enquanto lambia e beijava meus seios, forçava seu membro em meu sexo. Foi minha vez de gemer. Ele riu libidinosamente e foi descendo seus beijos até que encontrou o cós da lingerie. Num único movimento ele a escorregou por minhas pernas, deixando-me completamente nua.

Josh se livrou das calças e da boxer, pegando o preservativo no caminho, e voltou seus carinhos subindo pela parte interna da minha perna. Seus lábios tocavam a coxa muito sutilmente, novamente deixando um rastro de formigamento.

Depois foram subindo pela virilha até chegarem ao meu sexo molhado. Arfei com sua língua acariciando-me, mas ele não ficou por ali por muito tempo, apenas o suficiente para me excitar ainda mais e continuou subindo pela minha barriga, por entre os seios até chegar a minha boca.

Seu beijo novamente foi ávido, voraz, delicioso. E então ele me penetrou. Sem aviso, sem sinal. Gritei com a surpresa, com a sensação do inesperado, com o prazer do súbito. E mesmo assim eu estava pronta para ele.

Meu corpo começou a ter espasmos cada vez mais próximos, a adrenalina percorrendo minhas veias a cada investida, a cada mordiscada. E então ele veio, subindo pelas pernas, descendo pelos braços, concentrando-se em meu ventre e explodindo em meu corpo inteiro.

Em seguida, com um movimento mais profundo e forte, foi a vez de Josh. Ele jogou a cabeça para trás para logo depois me encarar, encostando sua testa na minha. As respirações ofegantes, os corações disparados, o suor nos envolvendo.

— Puta merda. — eu disse quando ele se jogou ao meu lado. — Isso foi intenso.

— Eu estava com uma saudade disso. — ele disse e me puxou para seu peito. — Com uma saudade de você.

— Eu também. — eu disse, a respiração ainda entrecortada. — Eu também.

Capítulo 21

Acordei algum tempo depois e Josh estava largado ao meu lado. Sorri abertamente e fui para a ante-sala para não acordá-lo.

— Nanda? – eu ouvi quando ele acordou.

— Aqui amor. – eu disse aparecendo na porta da ante-sala.

— O que faz aí tão longe?

— Acordei há pouco. Você dormia tão tranquilamente que não quis te acordar.

— Agora já acordei. – ele disse e me chamou com os braços. – Pode voltar para cá. – e no instante seguinte eu já estava aninhada em seu peito, fazendo desenhos imaginários em seu braço. – Você está bem?

— Melhor do que nunca. – eu disse em um tom suave. – Só quero aproveitar cada minuto que for possível.

— Essa situação não é fácil, não é? – ele questionou.

— Não. – eu disse. – Passamos pouco mais de um mês longe um do outro, e eu já estava enlouquecendo.

— Eu sei. – ele disse fazendo cafuné em meus cabelos. – Também me senti assim.

— Como faremos, Josh? Eu sei que dissemos que íamos levando, mas... – fiz uma pausa. – ...eu não sei se consigo fazer isso, viver assim por muito tempo.

— Nanda... Você não está pensando em...? – ele parecia aterrorizado com minha frase.

— Não... – respondi virando-me para olhá-lo. – Não quero terminar com você, meu querido. – e tenho certeza de que vi o alívio em seus olhos. – Só temos que descobrir um jeito de fazer isso dar certo.

— As filmagens por aqui estão quase acabando. – ele disse. – E então, para os próximos trabalhos, vou me organizar para que eu possa te ver no mínimo uma vez por mês. E quando não der para eu ir, você virá me ver. – ele segurou em meu queixo. – Vamos fazer dar certo. Eu prometo.

Eu o abracei com força, prendendo-me a ele num desespero que eu ainda

não tinha sentido. Desde que nos conhecemos em junho aquela foi a primeira vez que me vi tão fragilizada, tão sensível. Ele afagou minhas costas, tentando me acalmar.

— Desculpe. – eu disse alguns instantes depois me sentando na cama de frente para ele. – Acho que hoje estou mais sensível. Talvez tenha sido o casamento, sabe... ver a felicidade da minha amiga....e sentir um pouco de inveja também... por ela chegar em casa à noite e encontrar seu amor na sala, e não a “trocentos” quilômetros de distância.

— Eu sei minha linda. – ele disse tentando me confortar. – Acho que eu me senti da mesma maneira. Quem mandou a gente se apaixonar, né? – e eu sorri com aquela tosca tentativa de me fazer rir.

— Culpa sua que foi me conquistando com esse sorriso torto e esse olhar cativante. – eu disse.

— Minha nada. – ele retrucou. – A culpa foi sua que me encantou com seu jeito livre de viver a vida.

— Bobo. – eu disse depois que ele me deu um selinho.

— Humm... Nanda? – ele me olhou curioso. – Por falar em casamentos....

— Sim... O que tem? – eu imaginei para onde aquela pergunta poderia caminhar.

— Hoje mais cedo, com aquela brincadeira de pegar o buquê, você falou sério quando disse que era muito cedo para pensarmos nisso, né?

Eu olhei para ele com a expressão um pouco mais séria. Franzi um pouco os lábios e soltei um suspiro, não sabendo realmente como ele reagiria a minha revelação de que eu não era uma grande fã da tradição do casamento.

— Falei, Josh. – eu disse finalmente. – Eu não sei bem como dizer isso, mas casamento no estilo do que foi o da Bia, na igreja, com padre abençoando, vestido branco cheio de pompa e festa pra não sei quantas pessoas não faz muito meu estilo. – fiz uma pausa antes de continuar. – Não que eu não queria me casar um dia, mas... bom, pra mim apenas a união civil, celebrada com as pessoas realmente mais próximas já seria o suficiente, sabe? Não acho que uma relação, pra ser firme ou verdadeira, tem que necessariamente estar registrada em um pedaço de papel para valer. – terminei o que tinha pra dizer e olhei curiosa para ele. – E você, o que acha disso?

— Acho que mais uma vez você me surpreendeu. – ele disse sendo sincero. – Eu não sei o que penso, na verdade. Nunca tinha parado pra pensar

nisso. Mas acho que sua ideia me agrada muito.

— Mas como eu disse, ainda é muito cedo pra gente falar sobre isso. – eu continuei. – Apesar de a gente se amar muito, faz apenas quatro meses que nos conhecemos. Sua vida é uma loucura gravando filmes em qualquer lugar do mundo, com fãs e falta de privacidade. Minha vida acabou de ficar ainda mais normal quando consegui um emprego. Não sabemos nem quando nos veremos novamente, como podemos pensar em casamento? – e ri um pouco.

— Você está mais do que certa, meu amor. – ele disse me deixando mais aliviada. Logo em seguida ele me puxou para seus braços novamente. – Se bem que a tal pedra dos namorados disse que estaríamos casados em menos de um ano, né?

— Verdade! – concordei num tom mais alegre. – Vai que a pedra está certa. – e rimos de modo divertido.

— Josh, só temos mais uma coisinha para acabarmos com esses assuntos de casamento e companhia. – eu disse sentando-me novamente de frente para ele.

— O quê, amor?

— Nossos pais. – eu disse. – Temos que nos organizar para conhecê-los. Meu pai só vai sossegar quando te encontrar cara a cara. E tenho certeza de que seus pais também estão curiosos a meu respeito.

— Você está totalmente certa. – ele disse.

Tínhamos que nos organizar e passamos mais algum tempo conversando sobre nossas possibilidades. No fim, combinamos que em novembro eu conseguiria uns dias para ir até Londres e ele iria para o Brasil no começo de dezembro, um pouco antes de começar a gravar o próximo trabalho.

Como já era noite, pedimos nosso jantar no quarto e deixamos nossa bagagem praticamente organizada. Pegaríamos um voo no meio da madrugada para chegarmos na parte da manhã em Vancouver. Josh queria me mostrar o set de filmagens, mostrar um pouquinho da sua vida. Além disso, ele tinha prometido à Emma que nós nos conheceríamos naquela viagem.

(...)

Estávamos em pleno voo rumo a Vancouver. Josh, usando seu disfarce, dormia ao meu lado juntamente com praticamente todos os outros passageiros na

aeronave. Mas não eu. Minha cabeça estava perdida nas palavras daquela tarde, Josh prometendo que nosso amor daria certo, que superaríamos os obstáculos.

Eu queria acreditar, do fundo do meu coração, que nosso relacionamento venceria tudo, mas meu bom-senso me dizia para ter cuidado, dizia que não seria tão simples assim. Abri a cortina da janela do avião e olhei para fora. O dia estava nascendo, as nuvens cobrindo a paisagem lá embaixo e o sol despontava no horizonte, cor de laranja.

Chegamos a Vancouver por volta das 7h da manhã e seguimos para o hotel em que Josh estava hospedado durante as gravações. Pedimos o café no quarto e por volta das 9h ele me levou até o set do filme. Como era domingo, e os boatos eram de que ele estaria em Londres com a família, nos sentimos um pouco mais seguros, mas não o suficiente para que ele se livrasse do disfarce.

— Então é aqui que a magia acontece? – eu perguntei curiosa sobre os cenários.

— Pois é. – ele disse ao meu lado. – O que achou?

— Posso ser bem honesta? – ele acenou que sim com a cabeça, já rindo um pouco. – Incrível como na tela fica tudo muito mais interessante. – e conforme eu imaginei, ele soltou uma longa e divertida gargalhada.

Passamos algum tempo no set, reconheci os cenários, visitei os camarins com os figurinos, conheci um ou outro produtor. E a cada ambiente, mais eu me convencia de que acima de qualquer efeito especial, ser ator era um grande desafio, além de exigir realmente muito talento. Afinal, contracenar com um boneco de isopor não era lá a coisa mais motivadora a se fazer.

— Bom, temos que ir. – ele disse depois de um tempo. – Vamos nos encontrar com a Emma no almoço. Se eu não apresentá-la a você, acho que ela me mata.

— Então não vamos deixá-la esperando, não é? – e me agarrei em seu braço enquanto caminhávamos.

Levamos menos de 20 minutos para chegarmos ao local escolhido. Entramos e lá estava Emma, a co-star que trabalhava com Josh naquela trilogia. Fiquei insegura por um segundo, afinal ela era a melhor amiga dele, e eu sabia que a opinião dela valia muita coisa para o Josh.

— Finalmente! – ela exclamou quando chegamos. – Acho que nunca quis tanto conhecer uma pessoa. – e me olhou de cima a baixo.

— Olá, Emma. É um prazer conhecê-la. – eu disse sendo o mais

simpática que podia.

Ela se aproximou, dando-me um beijinho no rosto e depois correu para abraçar o Josh, como se não o visse há anos. Confesso que não gostei muito, afinal aquele era o meu tipo de abraço, mas resolvi relevar e nos sentamos.

O almoço transcorreu bem, apesar de em alguns momentos eu achar que estava em uma sala de interrogação, pela quantidade de perguntas que ela me fez. Josh às vezes me olhava de canto, meio que se desculpando pelo bombardeio da amiga. Eu fiz meu máximo para responder a tudo da melhor maneira possível.

— E você já conheceu o Richard, a Helen, a Kat e o James? Eles são uns amores. — ela perguntou.

— Conheci o James. — eu respondi. — Infelizmente não tive tempo de conhecer o restante da família... — e olhei pro Josh. — ...mas já temos tudo planejado.

— Entendo. — ela continuou. — Deve ser super complicado estar nessa situação de vocês. Você no Brasil, ele pelo mundo.

Aquela frase me pareceu mais uma provocação do que um comentário propriamente dito. Ok, eu sabia que ela me testaria, mas não achei que seria tão intensamente.

— É, é mais um obstáculo que estamos contornando. — disse Josh finalmente. — Ninguém falou que seria fácil, mas tenho certeza de que podemos superar qualquer coisa. — ele disse e me deu um beijo estalado no rosto.

— Claro, Josh. — ela pareceu perceber a alfinetada dele. — Foi só um comentário.

Terminamos nossa refeição e estávamos nos preparando para pedir a sobremesa quando Emma deu um pulo em sua cadeira e olhou quase em desespero para o Josh.

— Essa não. — ela disse olhando para a porta de entrada do restaurante.

— O que foi? — ele se preocupou um pouco, talvez achando que pudesse ser um paparazzo ou coisa do tipo. Olhou para onde Emma olhava e no segundo seguinte parecia não mais preocupado, mas sim desesperado. — Ai, não. — ele voltou seu olhar para a amiga e ambos disseram juntos e bem baixinho. — Lisa.

— O que houve, amor? — eu o questionei preocupada.

— Isso vai ser estranho. — ele disse. — Prometo esclarecer tudo depois,

ok? Não fique chateada.

— Humm... Ok... Eu acho. – eu disse e então vi uma moça, loira e linda, se aproximando da mesa.

— Emma, pelamor, como é difícil te encontrar! – e ergueu os óculos de sol. – Tive que ligar pro seu agente pra saber onde você estava. Afinal, por que você não atendeu minhas ligações e... – e ela olhou para nós. – Oh, desculpe. Não percebi que você tinha companhia. Você está ocupada e... – ela deu uma boa olhada pro Josh. – ...e você é quem eu estou pensando que é? Josh, meu amor! – e foi pra cima dele, dando-lhe um beijo quase nos lábios. – Que disfarce horrível.

— Oi, Lisa. – ele disse num tom baixo e não muito animado, afastando-a.

— Oh, Emma, por que não me disse que estaria com ele? Eu poderia ter me vestido melhor. – e cutucou-a, piscando pro Josh. Ok, ele teria mesmo que me explicar as coisas depois.

Como parecia que ela nem tinha me notado ali, eu me mexi sutilmente, finalmente chamando sua atenção. Ela me olhou de cima a baixo – que mania que esse povo tem de fazer isso! – e olhou para Josh com uma feição de poucos amigos.

— Lisa, essa é a Nanda, minha namorada. – ele disse, colocando sua mão sobre a minha. – Nanda, essa é a Lisa, irmã mais nova da Emma.

— Olá. – eu disse de modo educado. – Prazer me conhecê-la, Lisa.

— Namorada, Josh? – e seu olhar agora era quase de fúria. – Emma, depois a gente se fala. Preciso sair daqui. – simplesmente se levantou e foi embora.

— Alguém pode me explicar o que acabou de acontecer? – eu olhei para Emma e depois para meu namorado.

— Nanda, peço desculpas pela minha irmã. – disse Emma constrangida. – Ela está melhorando, sabe, mas acho que ver o Josh com uma namorada foi demais pra ela nesse momento.

— Tudo bem. – eu disse tentando ser solidária.

— Bom, eu já vou indo. Conversar com ela. – e se levantou. – Foi realmente um prazer te conhecer. Tenho certeza de que vai fazer o Josh muito feliz.

— Ela já faz. – ele disse abraçando minha cintura.

Despedimo-nos e decidimos voltar para o hotel. Vancouver era uma cidade linda, mas o clima estava um pouco mais instável do que em Toronto e optamos por apenas ficarmos nos curtindo. Durante o caminho fiquei pensando naquela Lisa, e em toda a situação que envolvia Josh e suas fãs. Aquela foi a primeira vez que me deparei com alguém que confundia realidade e ficção, e entendi um pouco mais o que Josh tinha que enfrentar por causa da sua profissão.

— Está tudo bem, amor? – ele questionou quando chegamos ao nosso quarto. – Você está muito calada.

— Está dizendo que eu falo demais, é? – eu disse em tom de brincadeira.

— Você é quem está dizendo. – ele respondeu me provocando um pouco. – Mas é sério, você está bem?

— Estou sim. Eu acho. – eu disse e me joguei numa poltrona. – Afinal, qual a história por trás dessa Lisa?

— Ela é meio doidinha, sabe. – ele começou. – Nos conhecemos logo que comecei a filmar com a Emma. Ela é mega apaixonada pelo meu personagem, e acabou depositando esse sentimento em mim. – ele explicou. – Não é difícil encontrar fãs que confundem o personagem com o ator, mas Lisa leva essa confusão para outro nível.

— Então ela é obcecada por você, é isso?

— Por aí. – ele disse. – Ela teve alguns problemas com bebidas e drogas, deixando a Emma devastada. Até onde eu sei, era pra ela ainda estar numa clínica de reabilitação.

— E você, como lida com ela?

— O que quer dizer?

— Ah, não sei, Josh. – eu disse. – Alguma vez você deu alguma esperança para ela? Ou foi simpático e prestativo? Ou fez um elogio mais carinhoso?

— Nunca dei esperanças, mas não sei quanto às outras coisas. – ele disse pensativo. – Mas eu sou assim: simpático, prestativo, atencioso. Você sabe disso.

— Eu sei, amor. – eu disse. – Mas para algumas pessoas, normalmente as mais carentes, um gesto que seria normal para a maioria, pode ser interpretado erroneamente, sabe. A pessoa pode se sentir especial de alguma maneira. E daí pra confundir as coisas é um pulinho.

— Bom, vendo por esse lado... — ele fez uma pausa. — Mas ela é tão bonita, tão legal, quando não está dando uma de louca. Por que motivo se submeteria a esse tipo de situação?

— Meu amor, beleza não tem nada a ver com isso. Acontece com pessoas com baixa auto-estima, carentes, solitárias. E dependendo do grau, pode ser considerado até doença.

— Nunca tinha parado pra pensar nisso. — ele disse sentando-se na cama.
— Alguma dica do que posso fazer pra ajudar?

— Não sei, amor. — eu respondi e fui me aninhar em seus braços. — Mas talvez não ser tão legal possa ajudar, sabe.

— Não ser tão legal? — ele me questionou um pouco revoltado. — Deixar de ser quem eu sou, é isso?

— Só um pouquinho. — eu disse. — Só com ela.

— Vou pensar no seu caso. — ele disse e me puxou para um beijo.

O beijo até tinha começado de modo inocente, mas os lábios daquele homem despertavam em mim os mais libidinosos desejos. Passei uma das mãos pela sua nuca, embrenhando meus dedos em seus cabelos, puxando-o mais para mim.

Josh escorregou uma de suas mãos por um dos meus ombros e no momento seguinte eu estava sentada em seu colo. Aprofundamos nosso beijo, ele emaranhou as mãos em meus cabelos e me segurou fortemente pela bunda, forçando seu corpo contra o meu.

Afastamo-nos para respirar e vi em seus olhos a chama acesa, o desejo lascivo o consumindo. Ainda mantendo-me em seu colo, já sentindo seu membro ganhar volume, ele subiu suas mãos pelo meu tronco, levando consigo a blusa que eu vestia, deixando meu soutien aparente.

— Adoro quando seu olhar está repleto de luxúria. — eu disse num sensual murmúrio, mordiscando o lábio inferior.

— Eu sei. — ele respondeu, deu aquele sorriso de lado e atacou meus seios recém descobertos. Eu arfei.

Sua boca em minha pele despertava os mais básicos e primitivos instintos. Sem muita paciência, desci minhas mãos até a barra da sua camiseta e no segundo seguinte ela estava no chão. Josh riu em minha pele.

Ele desceu novamente as mãos para meu bumbum, contornado minha

coxa e subindo pela parte da frente, até encontrar o botão da minha calça. Soltou-o com facilidade, colocando a mão por dentro da calça e acariciando-me com desejo. Arfei mais uma vez.

Eu não me fiz de rogada passei a acariciá-lo por cima do jeans, ouvindo-o soltar o ar em meu ouvido. Voltei a atacar seus lábios e ele me deitou na cama, descendo as mãos pelas minhas pernas, levando consigo a calça.

Eu estava apenas de lingerie e ele voltou o caminho com beijos e lambidas até encontrar novamente meus lábios. Nossas línguas se deliciavam com nossos gostos e eu sentia meu corpo inteiro se arrepiar a cada toque.

Decidi inverter nossa posição, pois Josh estava ainda com muita roupa, e passei a brincar com o cós da calça. Ele fechou os olhos para curtir meus carinhos e se surpreendeu um pouco quando eu tirei sua calça e sua boxer juntos.

Voltei o caminho serpenteando pelo meio de suas pernas e parei diante de seu membro glorioso. Ele me olhou com luxúria e passei dedicar toda minha atenção a ele. Josh gemeu de prazer quando atingiu o clímax.

Em seguida, ele me girou na cama, tirou minha calcinha com certa brutalidade e dedicou-se a me dar o mesmo prazer que eu tinha lhe proporcionado momentos antes. Os movimentos de sua língua e dedos estavam me levando à loucura, mas eu queria mais, queria ele em mim.

Com a troca de olhares ele entendeu meu desejo, se preveniu e então foi me instigando, lentamente, até estar totalmente em mim. O primeiro espasmo me fez gritar. Mantivemos nosso ritmo já bem conhecido e não demorou para que eu chegasse ao máximo do prazer, seguida por ele alguns instantes depois.

Enquanto ele se desfazia do preservativo, eu tentava recuperar o meu fôlego. Fazer amor com ele era uma das melhores coisas que eu já tinha experimentado. Passamos mais um tempinho nos curtindo, pedimos nosso jantar e então chegou o momento que eu mais odiava: a despedida.

— Vou te levar ao aeroporto. — ele disse mexendo em suas roupas.

— Não, amor. — eu respondi. — As pessoas devem imaginar que você “voltará de Londres” hoje e certamente o aeroporto estará repleto de fãs e fotógrafos.

— Como sempre... — ele parou o que fazia para me dar um beijo na testa. — ...você está certa.

— De mais a mais, aqui no nosso quarto podemos nos despedir com mais sossego. — e foi minha vez de beijá-lo com um selinho.

Ele me apertou em seus braços, eu o segurei forte com os meus. Mas não adiantava, ambos sabíamos que eu tinha que partir.

— Novembro já está aí. – ele disse quando eu me afastei, a lágrima teimosa descendo pelo meu rosto.

Um último abraço, um último beijo e, depois de algum tempo, lá estava eu na aeronave que decolava. Lá estava eu deixando mais uma vez meu coração para trás.

Capítulo 22

Voltar para rotina não foi exatamente fácil, mas me animava o fato de em pouco mais de um mês estar novamente em Londres, cidade pela qual tinha me encantado, para finalmente conhecer a família do Josh.

Conhecer a família significava que nossa relação estava mesmo ficando séria. Nenhum de nós tinha mais 18 anos pra ficar de brincadeira com os sentimentos alheios. Ambos sabíamos o que queríamos e era natural construirmos uma relação sólida, apesar do relativo pouco tempo de namoro.

Meu trabalho seguiu até que sossegado, jantei algumas vezes com o Alex e a Luiza e quando percebi já estava na hora de arrumar as malas novamente. O feriado de 15 de novembro – prolongado – foi providencial para essa viagem de apenas alguns dias.

No aeroporto não foi tão fácil assim, pois devido a uma tempestade tropical a maioria dos vôos, incluindo o meu, tiveram algumas horas de atraso. Mandeí uma mensagem pro Josh e só me restava esperar.

Doze horas depois lá estava eu chegando a Londres numa típica manhã: nublada e fria. Adorava o clima cosmopolita da cidade. Desembarquei, passei pelas burocracias da alfândega, peguei o metrô e dentro de mais alguns minutos, estaria com Josh.

— Bem-vinda! – disse James ao me encontrar no metrô. – Fez boa viagem?

— Oi, James! Nossa, que cansativo que foi. Mas agora está tudo ótimo.

Durante o caminho até sua casa foi me batendo aquela insegurança natural de quando você vai conhecer seus sogros. James pareceu ter percebido meu estado de espírito e tentou me acalmar. Cerca de meia hora depois estacionávamos o carro em frente a um clássico sobradinho com um pequeno jardim e algumas roseiras na entrada.

A porta se abriu logo depois e vi meu Josh passar por ela, usando um boné, vindo em minha direção. Nosso abraço foi apertado e em seguida nos entregamos ao um selinho. Eu queria agarrá-lo ali mesmo, mas isso não cairia muito bem, né. Ele e James me acompanharam casa adentro.

— Fernanda, seja muito bem-vinda. – disse Helen vindo me receber. Josh tinha seus olhos.

— Olá, Helen. É um grande prazer conhecê-la. – eu respondi, aceitando seu abraço um pouco menos formal.

— Minha vez! – disse uma garota de uns 17 anos. – Eu sou a Katherine, mas pode me chamar de Kat. Não acredito que ele demorou tanto pra te apresentar pra gente! Você é muito bonita.

— Oh, obrigada. – eu disse um pouco perdida em sua empolgação. – Você também é muito linda. Acho que é mal de família. – e ela alargou o sorriso.

— E esse... – ele disse apoiado no ombro do seu pai. – ...é meu pai, Richard. O melhor baixista de Londres.

— O que é isso, garoto! – ele disse modesto. – Fico muito feliz em finalmente conhecer a moça que domou esse coração rebelde.

— Talvez tenha sido ele que tenha domado o meu. – eu disse sorrindo de lado.

— Bom, apresentações feitas, tenho certeza de que a Fernanda deve estar com fome. – disse Helen. – Aliás, quanto tempo de viagem, querida?

— Doze horas, mais o atraso por causa de uma tempestade. – eu respondi pensando que era realmente muito tempo.

— Uau. – Kat comentou. – Você deve amar muito mesmo o meu irmão. Tem certeza de que vale à pena?

— Vale cada minuto, Kat. – eu disse e todos soltaram um “own” em tom de zombaria. Josh me abraçou e seguimos todos para a cozinha.

Helen estava certa e eu estava mesmo faminta e cansada. Fiquei feliz com toda a receptividade deles, principalmente de Helen e da Kat; estava com receio de que elas ficassem muito enciumadas por eu estar “roubando” o Josh delas. Ainda bem que meu receio não tinha fundamento.

O almoço transcorreu animado, em meio a histórias de como nos conhecemos, um pouco sobre a minha vida no Brasil, nossos encontros em vários lugares do mundo. Eles também contaram um pouco sobre suas vidas e como tudo tinha mudado depois que Josh ficou famoso. Não devia ser fácil para eles também.

— Nanda, por favor, deixe a louça aí. Vá descansar um pouco, posso ver que está cansada. – disse Helen quando eu colocava os pratos na pia.

Eu ia recusar e ajudá-la, mas Josh apareceu me tirando de lá e me levando para seu quarto. Ficava no segundo andar, tinha uma cama de casal, um

violão encostado numa das paredes e uma bela vista dos fundos. Havia nevado um pouco na noite anterior, então os telhados ainda estavam branquinhos.

— Sempre achei a neve linda. – eu disse enquanto ele me abraçava.

— Vem, vamos tirar um cochilo. – ele me puxou para a cama.

A etiqueta me mandava recusar, mas o cansaço da viagem era maior e não resisti à tentação. Josh me aninhou em seu peito, fazendo cafuné em meus cabelos e cantarolando uma suave melodia. Poucos minutos se passaram e logo o sono já tinha me dominado.

Cerca de duas horas depois eu despertei. Desci as escadas e logo encontrei a família reunida na sala. Helen estava em meio a algumas caixas e me chamou para se sentar ao seu lado. Josh teve um momento de quase pânico quando percebeu o que aconteceria, mas não conseguiu fugir a tempo.

— Esse é você? – eu perguntei enquanto sua mãe mostrava fotos da sua infância.

E assim passaram-se algumas horas.

— Essa é de uma peça da escola. – ela disse mostrando-me mais uma imagem. – Ele fez o maior sucesso.

— Desde pequeno arrebatando corações, né? – eu disse provocando-o. – Vou encontrar muitas ex-namoradas nessas fotos?

— Que nada. – disse Helen. – Você é a primeira que ele nos apresenta. E acho que ele fez uma excelente escolha.

Ok, corei com aquela frase. Era confortável e tenso ao mesmo tempo estar lá como a primeira namorada oficial dele.

— Ok, mãe. Chega de fotos. – ele disse. – Quero levar Nanda para dar um passeio, aproveitar que não tem previsão de neve pra hoje.

— Oh, claro, claro. – ela disse. – Depois continuamos, querida.

— Será um prazer, Helen. – eu disse educadamente.

Fomos nos arrumar, ele colocou seu tradicional disfarce que eu tanto conhecia e saímos para dar uma volta por Londres. Mostrei a ele a escola onde fiz o curso de idiomas, e terminamos a tarde numa das cafeterias no Hyde Park.

— E aí, como está se sentindo? – ele me questionou. – Muito assustada?

— Nem um pouco. – respondi sendo sincera. A tensão de antes já tinha se dissipado. – Sua família é maravilhosa. Estou encantada com o carinho deles.

– eu ia dizer mais alguma coisa, mas desisti. Ele percebeu.

— O que foi? – ele perguntou no ato.

— Nada... – tentei distraí-lo.

— Te conheço, mocinha. Desembucha. – ele disse e eu ri.

— É só que.... quando vamos ficar sozinhos? – e senti minhas bochechas arderem. – Diz que você planejou alguma coisa, algum lugar pra gente. A ideia de ficarmos a sós na casa dos seus pais é um pouco.... estranha...

Josh não conteve uma sonora gargalhada.

— Não se preocupe, amor. – ele disse finalmente. – Reservei um quarto pra nós. Era para ser surpresa....

— Oh, amor.... desculpe! – eu acabei ficando ainda mais embaraçada.– Eles são tão fofos.... mas é a casa dos seus pais... não dá, né.... – ele riu de lado, pegou minha mão e deu um leve beijo nela.

— Não, não dá. – e voltamos para casa.

Tínhamos acabado de jantar e enquanto eu tomava um banho, repassei um pouquinho daquele dia. A família de Josh me recebeu como quem recebe uma antiga amiga, o que me deixou extremamente à vontade. Eles pareciam realmente felizes por nós, o que só poderia me deixar ainda mais feliz e segura da nossa relação.

Josh tinha preparado uma surpresa pra nós, e logo já nos encaminhávamos para o hotel, o mesmo que ele tinha escolhido da última vez que estive em Londres. Eu não sabia exatamente o que aconteceria, mas tinha uma boa ideia, então tratei de me arrumar á altura da minha imaginação.

— Feche os olhos, sim? – ele pediu antes de entrarmos no quarto.

Como não queria estragar sua surpresa, fechei meus olhos e deixei que ele me conduzisse. Senti um delicado aroma de jasmims. Sorri ao me lembrar da nossa primeira noite juntos, na Espanha. Ele fechou a porta do quarto, passou por mim e seguiu para algum lugar no quarto.

Minha vontade era de abrir os olhos e ver onde ele estava, mas me controlei. Fez-se um silêncio no quarto, aguçando ainda mais minha curiosidade, então ouvi uma tecla sendo pressionada e a suave melodia preencheu o quarto. Era Al Di Lá, uma belíssima canção italiana.

— Pode abrir os olhos agora. – ele disse segurando uma das minhas mãos.

O quarto estava na penumbra, iluminado apenas por algumas poucas velas aromáticas, decorado com algumas rosas brancas. Ele estava sem seu disfarce e seus olhos queimavam ao me olhar. Ele subiu minha mão até seus lábios, depositou um suave beijo e me rodou, trazendo-me de volta ao seu peito para iniciarmos aquela singela dança.

Josh escorregava delicadamente seus dedos por minhas costas, deixando-me mais que atenta ao seu toque. Enrosquei meus braços em seu pescoço e passei a distribuir suaves beijos na curva do seu ombro.

Lentamente ele foi subindo a barra da minha blusa até tirá-la completamente. O brilho desejoso em seus olhos me fez sorrir de lado, mordiscando o canto da minha própria boca. Ele me virou de costas para ele, abraçando minha cintura enquanto depositava beijos pela minha nuca e pescoço. Depois, com as mãos, ficou fazendo desenhos imaginários até encontrar o fecho do meu sutiã e me livrar daquela peça.

Girei em seu abraço. Era minha vez de tirar sua camiseta, mas confesso que não fui tão delicada quanto ele, a pressa começava a falar mais alto. Ele riu de lado e novamente me tomou em seus braços. Cambaleamos até a cama e eu o joguei no colchão, sentando-me em seguida sobre seu quadril. Pude sentir o volume se formando em suas calças e aquilo me atitou ainda mais.

Segui para sua boca e nos beijamos de modo ávido, quase indecente. Fui descendo os beijos pelo seu tronco desnudo até encontrar o cós da calça. Brinquei com minha língua em seu umbigo, e ele arfou com meu carinho.

Desabotoei a calça e a fui descendo por suas pernas, levando junto sua cueca. Meus olhos cobiçosos encararam seu membro pulsante e sorri ainda mais excitada. Josh arfou novamente com aquele meu olhar.

Aproveitei que estava de pé e fui lentamente tirando restante da minha roupa: primeiro a calça e depois minha calcinha. Seus olhos faiscavam a cada movimento do meu corpo. Ele ameaçou se levantar pra pegar o preservativo, mas eu não deixei.

Peguei eu mesma a camisinha, abri a embalagem e me preparei para colocá-la. Quando ele sentiu meu toque em sua pele soltou mais um alto gemido. Eu já estava totalmente pronta para ele e fui desenrolando o objeto com cuidado, aproveitando para acariciá-lo no caminho.

— Nan... oh... Nanda.... – ele tentou dizer, mas a sua excitação não o deixou continuar.

Assim que terminei de colocar o preservativo eu me sentei nele,

sentindo-o completamente em mim. Josh urrou e eu sabia que ele não suportaria por muito tempo. Sem problemas, tínhamos a noite inteira pela frente.

Mantive um ritmo mais acelerado e logo ele atingiu seu clímax. Seus olhos brilharam como fogo e eu sorri satisfeita. Mas ele não estava satisfeito, queria que eu também me divertisse, então, assim que saiu de mim e se livrou do preservativo, voltou e se aconchegou entre minhas pernas.

Sua boca e língua habilidosas sabiam exatamente o que fazer, e por eu também estar num alto nível de excitação, logo meu corpo inteiro se contraiu para depois relaxar totalmente. Sorri feito boba. Ele se largou ao meu lado. E sabíamos que aquele tinha sido apenas o primeiro round.

Nossa noite foi maravilhosa. Nossa química era especial, nossos corpos se encaixavam perfeitamente, nosso sentimento era verdadeiro. Acordei com a claridade da manhã e vi que ainda estava encaixada em seu peito. Josh ainda dormia; tinha a expressão suave, um leve sorriso nos lábios.

Alguns minutos depois ele também acordou e decidimos tomar nosso café ali mesmo, aproveitando mais um pouco do nosso momento a sós.

— Seus pais não vão ficar chateados de não tomarmos o café com eles?

— Não. – ele sorriu de lado. – Eles sabem que precisamos do nosso tempo.

Concordei com ele e passamos mais alguns agradáveis momentos juntos, nos curtindo, conversando banalidades, apreciando a companhia um do outro. Tínhamos sempre tão pouco tempo para ficarmos juntos.

Voltamos para a casa dos seus pais um pouco antes do almoço. Kat e eu passamos algum tempo conversando e ela queria saber tudo sobre nossa história. Ela era muito fofa e fez questão de me fazer sentir como se fôssemos amigas de anos.

Logo descemos e nosso almoço foi regado a risadas, seus pais contando mais histórias embaraçosas sobre sua infância e eu me solidarizando com ele ao contar algumas peripécias da minha.

Durante a tarde eles me mostraram alguns vídeos do início da carreira do Josh, e depois ele e seu pai tocaram juntos algumas músicas. No começo da noite já tive que me preparar para ir embora.

— Não é justo termos tão pouco tempo. – eu disse ao me despedir.

— Eu sei que não. – ele disse. – Mas é a nossa vida.

Suspirei e o abracei com força. James me levaria ao aeroporto. Eu me despedi de seus pais e da Kat.

— Foi delicioso conhecer vocês. – eu disse. – Agora sei de onde vem o charme e carinho do Josh.

Todos ficaram um pouco derretidos. Demos mais um abraço apertado, um beijo demorado e lá estava eu indo embora mais uma vez.

Capítulo 23

James me deixou no aeroporto um pouco antes do meu embarque. Enquanto esperava dar meu horário, me larguei em uma das poltronas no saguão. Aqueles quase dois dias voltaram em minha mente e eu tinha ficado realmente feliz em conhecer a família do Josh, em ser acolhida por eles.

Nosso novo encontro seria em aproximadamente três semanas, e finalmente meu pai poderia sossegar, vendo o homem maravilhoso que o Josh era. Um burburinho com o nome dele ao meu redor me fez prestar atenção na conversa alheia, praticamente igual ao que fiz quando estávamos em Coimbra.

— *Pois é, uma fonte disse que ele tem uma namorada.*

— *Mas todo mundo sabe que ele e a Emma estão juntos.*

— *Mas aí é que está, parece que não é a Emma. Parece que é uma garota normal.*

— *Ah, não. Isso deve ser mentira. Ele nunca namoraria uma pessoa normal, que graça teria?*

— *Bom, é o que estão falando por aí.*

Como assim que graça teria namorar uma pessoa normal? Quase fui até elas questionar esse preconceito besta, mas me segurei. Era melhor que suas fãs realmente achassem essas coisas. Enquanto esse fosse o pensamento, elas nunca imaginariam que ele estaria comigo.

Por curiosidade, entrei no site que elas mencionaram e fui checar eu mesma o boato. Havia mil e uma conspirações, e até algumas fotos borradas, que nem do Josh eram. Ri em meus pensamentos e logo em seguida ouvi a chamada para meu voo.

Já acomodada em minha poltrona, olhei pela janela e vi Londres desaparecer entre as nuvens. Meu corpo doeu um pouco, provavelmente pela maratona que estava fazendo para ficar algumas horas com ele.

Não que eu estivesse reclamando, mas eu tinha que reconhecer que passar 24 horas num avião, contando ida e volta, para ficar menos de 48 horas com ele era extremamente cansativo. Eu o amava, muito, demais, mas essa situação era um pouco complicada também.

Como estava cansada e o voo era à noite, acabei dormindo um pouco;

não consegui descansar porque as poltronas não eram lá super confortáveis, e também porque meu sono foi tumultuado por sonhos onde as pessoas descobriam sobre nós e nosso mundo virava um inferno. Meus pais me buscaram quando cheguei e aproveitei aquela segunda-feira, que era feriado, pra repor as energias.

As gravações de Josh em Vancouver terminaram e ele tinha voltado para seu apartamento em Los Angeles. Ele também tinha visto a reportagem sobre seu namoro com uma moça normal e dividiu comigo as considerações que eu havia feito antes.

As duas primeiras semanas passaram até que rápido. Jantei mais algumas vezes com o Alex e a Luiza, e percebi que estávamos cada vez mais próximas. Às vezes o Alex passava em casa para conversarmos um pouco. Nossa amizade era um tesouro que eu manteria para sempre.

Dezembro finalmente chegou e a última semana antes da vinda do Josh se arrastou. Ele ficaria apenas o final de semana, pra variar, mas eu tinha que planejar tudo direitinho para o meu amor. Como meu pai ainda não tinha caído de encantos por ele, nós dois achamos melhor ele ficar num hotel ao invés de ficar em casa.

Josh chegou só depois das dez da noite daquela sexta-feira e lá estava eu ansiosa para vê-lo novamente. Seu disfarce funcionou muito bem, como sempre, e aparentemente ninguém desconfiou que ele era ele. Como eu sabia que ele chegaria tarde e estaria cansado do vôo combinei com meus pais de que ele almoçaria em casa no sábado, para que enfim eles pudessem se conhecer pessoalmente.

Saímos do aeroporto e fomos direto para seu hotel. Fiz o registro em meu nome, para não chamar tanta atenção e logo já estávamos em seu quarto. A primeira coisa que ele fez foi me beijar, mas definitivamente aquela barba falsa não ajudava.

— Melhor assim? – ele perguntou quando saiu do banheiro, sem disfarce, sem camisa, apenas com sua tradicional calça de moletom.

— Muito melhor. – eu disse, aí sim me entregando a um beijo urgente e saudoso.

Apesar de estarmos começando a nos empolgarmos, seu estômago resmungou e decidimos pedir algo para comer. Enquanto esperávamos, conversamos sobre nossas rotinas, e ele quis saber tudo o que eu tinha planejado.

— Almoço com meus pais e jantar com o Alex e a Luiza amanhã, e no

domingo quero te mostrar alguns lugares da cidade. – eu disse.

— Pontos turísticos?

— Não necessariamente, só alguns lugares que são importantes para mim. – ele ia falar alguma coisa, mas um bocejo o interrompeu. – Acho que alguém está com sono.

— Não é bem isso.... a viagem foi longa.... – ele tentou se justificar.

— Eu sei como é. – e sorri.

Fui caminhando até uma bolsa que tinha trazido comigo e ele meio que se apavorou achando que eu iria embora. Sorri de lado, de modo um pouco malicioso, dizendo que só ia pegar meu pijama.

— Você não vai precisar de pijama. – ele disse me abraçando por trás e me jogando na cama. Contudo outro bocejo, dessa vez mais pronunciado, fez com que ambos começássemos a rir. – Bom, talvez você precise.

Dei-lhe um beijo estalado e segui para o banheiro para fazer minha higiene; quando voltei, ele já tinha capotado. Demorei-me ainda alguns minutos, apenas observando-o. Sua expressão serena, os fios escuros emoldurando seu rosto másculo e angelical, seus lábios ligeiramente entreabertos. Acomodei-me em seguida, aninhando-me em seu peito e um tempo depois eu também já embarcava naquele calmo sono.

(...)

Fui acordada pela claridade que invadia o quarto. Josh se mexeu ao meu lado, acordando lentamente. Olhei para o relógio e dei um pulo.

— O que foi? – ele despertou.

— Estou atrasada. – eu disse colocando as roupas quase de qualquer jeito.

— Atrasada pra quê?

— Tenho que ajudar minha mãe com o almoço. – eu disse passando uma água no rosto.

— Hei, não vai nem tomar café comigo?

— Desculpe, amor, não achei que dormiria tanto. – e corri para a porta.

Porém parei e me virei para ele. Josh tinha uma expressão confusa nos

olhos e foi até engraçado de ver. Voltei até a cama, sentei-me ao seu lado, fiz um cafuné e lhe dei um selinho.

— Passo para te pegar ao meio dia. Te amo. – e saí praticamente correndo porta afora. Eu estava mesmo atrasada.

Depois de ajudar minha mãe com os preparativos pro nosso almoço eu fui me arrumar para buscar Josh no hotel. Meu pai ainda tinha uma cara um pouco desconfiada, mas eu tinha certeza de que Josh o faria mudar de ideia.

— Oi, amor! – eu cantarolei ao entrar em seu quarto. – Já estava morrendo de saudade. – e segui para seus lábios num beijo bastante ardente.

— Agora sim um beijo decente. – ele disse quando nos afastamos. – Você saiu quase fugida essa manhã.

— Oh, amor, desculpe. – eu o abracei. – Tinha prometido ajudar minha mãe e acabei me perdendo em você.... e no tempo....

— Desculpas aceitas. – ele disse. – Bom, vamos então?

Andamos por mais ou menos meia hora até entrarmos no meu bairro, que era bem mais tranquilo que o restante da cidade. As ruas eram mais estreitas, as casas com um ar mais interiorano, havia mais árvores nas calçadas. Acionei o portão de casa e logo entrávamos na garagem.

— Chegamos. – eu disse.

Olhei para Josh e ele parecia um pouquinho desconfortável. Ele tentou disfarçar, colocando um sorriso nos lábios, mas não fiquei completamente satisfeita. Entramos pela porta lateral, que dava para a sala e eles estavam de pé nos aguardando..

— Josh, esses são meus pais. Lidia e Sérgio. – eu disse e ele foi cumprimentá-los.

— Olá, Joshua. – disse minha mãe toda feliz com seu inglês bem desenvolvido. – Seja muito bem-vindo a nossa casa.

— Obrigado, dona Lidia. Se preferir pode me chamar de Josh. – ele disse e então olhou para meu pai. – Como vai, Sr. Sergio?

— Muito bem, rapaz. – ele disse em tom sério. – Bom, sintase a vontade.

— Obrigado. – ele respondeu e nós quatro nos sentamos.

O clima estava um pouco pesado, principalmente pelo tom sério e

desconfiado que meu pai emanava.

— E então, Josh, como foi a viagem? Imagino que tenha sido cansativa. — essa foi minha mãe tentando quebrar o gelo.

— Foi bastante cansativa mesmo. — ele disse. — Mas vale cada minuto para eu estar ao lado da Nanda.

— Sua vida é sempre corrida, não é mesmo? — esse, claro, foi meu pai.

— Sim. Minha rotina é um pouco diferente da maioria dos trabalhos, mas eu amo o que faço. — ele respondeu. — Comecei atuando em peças da escola. Depois fiz vários cursos de teatro e interpretação, além de fazer faculdade de artes cênicas. Levo meu trabalho muito a sério, apesar de todas as adversidades.

— Vejo que você se dedica bastante. — meu pai deu uma recuada; ponto pro Josh.

— Sim. — ele disse. — Eu sei que o mundo das celebridades é sempre mostrado como um mundo de futilidades, ostentação, egocentrismo. E uma parte dos artistas é assim. Mas outra parte não. E eu estou nessa parcela que leva a coisa a sério, que respeita as outras pessoas, que não se acha o máximo porque fez sucesso em um filme. — Josh me encarou por um segundo, perguntando silenciosamente se ele estava no caminho certo. Pisquei sorrindo discretamente e ele continuou. — E o mais importante, eu apenas desejo o melhor para quem está ao meu redor, seja minha família, sejam meus amigos, seja a Nanda, essa pessoa maravilhosa que entrou na minha vida para completar a minha felicidade.

Ele voltou a me olhar, segurando em uma das minhas mãos. Suas palavras tinham me tocado e eu sabia que ele dizia aquilo para que meu pai entendesse a magnitude de nosso amor, e também porque era verdade. Josh sempre pensou no meu bem, na minha felicidade.

— Muito bem, muito bem. — meu pai disse por fim. — Olhei em seus olhos, meu rapaz, vi que diz a verdade. Que realmente gosta da minha filha. — e se levantou indo na nossa direção, parando diante do Josh. — Entenda, ela é meu bem mais precioso, preciso ser precavido em relação a seus pretendentes.

— Eu entendo perfeitamente, senhor. — ele disse também se levantando.

— Sendo assim... acho que me sinto seguro para lhe dar um abraço e recebê-lo como um filho em minha casa. — e o puxou para um abraço, ainda um pouco distante, mas já era um enorme avanço.

— Graças a Deus, pai! — eu exclamei abraçando-o também. — Precisava mesmo disso tudo? Eu tinha lhe dito que ele era perfeito.

— Precaução nunca é demais, filha. — ele disse e apertou minhas bochechas. — Mas esse aí é um homem sério. — minha mãe também se levantou e afagou o ombro do meu pai, colocando fim àquele martírio.

— Agora que essa sessão de tortura com o Josh acabou, vamos almoçar? — brincou minha mãe.

Nós quatro seguimos para a sala de jantar, onde a linda mesa que arrumamos mais cedo estava posta. Decidimos por apresentar ao Josh algumas especialidades da cozinha brasileira e ele realmente se surpreendeu com a nossa famosa feijoada.

Passamos horas muito agradáveis ao longo da tarde e, então minha mãe resolveu mostrar algumas fotos minhas de quando eu era criança, alguns vídeos de escola, e algumas outras coisas fofas que me deixaram envergonhada. Foi divertido, mas também extremamente constrangedor. Por que será que as mães adoram fazer isso, né?!

— Bom, vou levar o Josh de volta ao hotel. — eu disse no começo da noite. — Vamos jantar com o Alex e a Luiza.

— Foi um enorme prazer passar esse dia com vocês. — ele disse usando um pouco do seu charme avassalador.

— Você é especial, Joshua. — disse meu pai. — Minha filha está em boas mãos.

— Isso significa muito para mim. — ele agradeceu e saímos.

— E então, como fomos? — ele me perguntou durante o trajeto.

— Fomos muito bem. — eu respondi sorrindo. — Meu pai tem esse jeito turrão, mas ele finalmente entendeu que o que temos não é só uma coisinha passageira.

Ele afagou minha bochecha e logo já estávamos no hotel novamente. Dessa vez não subi até o quarto, pois precisava voltar e me arrumar, então nos despedimos no carro mesmo e voltei voando para casa.

Seria muito mais prático se eu já tivesse levado minhas coisas pra me arrumar ali, mas nos conhecendo como conhecia, era capaz até de perdermos o jantar. E eu queria saber dos meus pais o que eles tinham achado de verdade.

— Bom, ele não é nenhum aproveitador de mocinhas ingênuas. — meu pai disse e eu e mamãe caímos na gargalhada.

Ele tinha essa coisa de querer olhar fundo nos olhos da pessoa para

conhecê-la, e confesso que herdei um pouco disso. Todavia ele não precisava ter bancado o chefe da máfia, né?!

Logo eu já estava pronta e novamente a caminho do hotel. Assim que estacionei mandei uma mensagem pro Alex, avisando que já tinha chegado e ele respondeu que se atrasaria um pouco por causa do trânsito que, pra variar, estava um caos.

— Oi, amor! – eu disse entrando no quarto. – Alex e Luiza vão se atrasar um pouco.

— Quanto é isso? – ele perguntou me envolvendo em seus braços e dando um beijo na curva do meu pescoço. – Você está linda!

O hálito quente e os lábios úmidos de Josh em minha pele me fizeram suspirar. Tive que me esforçar muito para me afastar um pouco de seu corpo, engolindo em seco e depois sorrindo de lado. Não que eu não quisesse me deixar envolver por ele, mas se isso acontecesse, nosso jantar iria pro espaço.

— Eles devem chegar em uns 15 minutos. – eu disse, segui até a janela, para olhar a paisagem urbana. – Não é tempo suficiente para nós. – e lhe mandei uma piscadela. Ele riu alto.

Passamos esse tempo conversando sobre a tarde com meus pais e decidimos descer para o restaurante alguns minutos mais cedo. Josh não se incomodou em colocar o disfarce já que ficaríamos na segurança do hotel. Logo depois que nos acomodamos, nossos convidados chegaram.

— Alex, Luiza, esse é o Josh. – eu disse apresentando-os.

— Finalmente. – disse Alex apertando sua mão. – Ainda não acredito que ela me trocou por você, mas acho que quem saiu ganhando fui eu. – ele disse e deu um suave beijo na bochecha da Luiza.

— Na verdade, acho que todos nós saímos ganhando. – Josh disse depois de cumprimentar Luiza e nós quatro nos sentamos.

Foi um pouco engraçado ver a reação da namorada do meu amigo. Ela já sabia quem o Josh era, eu e o Alex conversamos com ela sobre isso, mas ela não conseguiu disfarçar o encantamento natural que Josh produzia.

O jantar transcorreu da melhor maneira possível. Claro que o foco foi o nosso namoro, mas também falamos sobre outras coisas como o namoro do Alex, música, cinema, literatura. Para resumir, foi um encontro leve, animado, jovial; exatamente como nós.

Alex e Luiza até nos convidaram para dar uma volta depois do jantar, mas recusamos por dois motivos: o risco dele ser reconhecido e a vontade de ficarmos sozinhos. Claro que só dissemos o primeiro motivo, mas acho que eles entenderam a situação. Logo depois eles foram embora e nós corremos para o nosso quarto.

Mal a porta do elevador se fechou, eu ataquei seus lábios com fúria e desejo.

— Estamos com pressa hoje. – ele disse brincalhão.

— Estamos com saudade. – eu respondi e voltei aos seus lábios. Saímos do elevador aos tropeços e logo já estávamos dentro do quarto.

Josh atacava meu pescoço enquanto bagunçava seus cabelos ainda mais. Segui direito para os botões da sua camisa abrindo-os rapidamente e o deixando livre da peça. Ele me afastou para me olhar, as esmeraldas faiscando de desejo.

Ele voltou a atacar meus lábios, desceu as mãos pelas minhas pernas até encontrar a barra do meu vestido e fez o caminho contrário, levando consigo a peça que eu vestia. Ele novamente me afastou para me olhar. Eu estava apenas de lingerie e salto alto.

— Indecentemente linda... – ele sussurrou e voltou aos meus lábios.

Cambaleamos até a cama e ele me deitou sobre o colchão, fazendo pressão com o seu corpo sobre o meu. Seu volume pronunciado, mesmo sob o jeans, pressionou meu sexo e eu arfei com isso. Josh não deixou minha pele, beijando-me a boca, o queixo, o pescoço, o lóbulo da orelha.

Uma de suas mãos escorregou até o cócs da minha calcinha e ele me tocou por cima do tecido, aumentando ainda mais meu desejo. Deslizei minhas unhas em suas costas, não tão levemente assim, fazendo seu corpo responder de imediato.

Ele decidiu descer o caminho de beijos por entre meus seios, brincando com meu umbigo, descendo pelo interior da minha coxa até atingir o peito do pé. Suavemente ele tirou um pé de sapato, beijando meu pé, e depois fez o mesmo com o outro pé.

Voltou a subir seus beijos, passando pela parte de trás do meu joelho e voltando pelo interior da coxa. Senti um leve espasmo percorrer todo o meu corpo. Cuidadosamente ele tirou minha calcinha e passou a me acariciar ali, com dedos, boca e língua.

Não demorei a sentir a eletricidade correndo de todos os lugares, se

concentrando em meu ventre e explodindo num orgasmo maravilhoso. Ele me olhou de modo satisfeito, orgulhoso de seu trabalho e sorriu de modo safado. Ah, o que era dele estava guardado.

Eu o puxei para cima da cama, beijando-o com avidez, apertando fortemente sua bunda ainda totalmente coberta e sentindo seu volume novamente me incitar. E ficamos assim a noite toda, brincando um com o outro, dando e recebendo prazer, dando e recebendo amor.

Dormi como um anjo depois daquela bela noite ao lado de Josh. Passávamos mais de um mês sem nos vermos, era óbvio que nossos reencontros eram regados a noites como aquela. Lógico que eu sentia falta dele, das conversas, da convivência, mas não era pecado sentir falta do sexo também, né?!

Acordamos por volta das oito horas, tomamos nosso café com calma e depois seguimos para nosso destino: o Jardim Botânico de São Paulo. Um lugar lindo, que fez parte da minha infância e que eu queria muito compartilhar com ele.

— Você gosta muito de jardins, né? — ele me questionou quando começamos o passeio.

— Adoro. — eu respondi. — Adoro meu trabalho, mas os jardins são minha paixão. Ainda vou fazer um curso de paisagismo, só para me aprofundar nesse universo maravilhoso ao lado da natureza.

Ele passou um dos braços pelos meus ombros, sorriu largamente e fomos desfrutar do nosso momento. O lugar era lindo, um oásis em meio ao caos que era São Paulo, digno de ser admirado por várias horas.

Almoçamos por ali mesmo, em meio ao som de vários passarinhos diferentes, com uma brisa refrescante para o calor de dezembro, e rodeados pela beleza estonteante da flora brasileira. Depois do almoço ainda ficamos algum tempo por lá e só no meio da tarde é que terminamos nosso passeio.

O vôo de Josh saía no começo da noite, então passamos na minha casa para ele se despedir dos meus pais. O clima parecia outro depois que meu pai se convenceu sobre o Josh, muito mais acolhedor e extrovertido. Voltamos para o hotel, ele pegou sua bagagem e lá fomos nós para nossa dolorosa despedida.

— Quando nos veremos agora? — eu perguntei agarrada a sua cintura.

— Você poderia passar o Natal comigo em Londres. — ele disse sorridente.

— Humm.... o Natal é realmente a única data em que meus pais insistem

para que eu fique em casa com eles.... ainda mais depois de ter passado o último em Londres. – eu respondi. – Você poderia voltar e passar aqui conosco. – ele franziu os lábios.

— Acontece a mesma coisa com minha família. Como nossa rotina é complicada, elegemos o Natal como data para ficarmos juntos.

Ambos suspiramos. O Natal era mesmo uma data diferente, onde os valores familiares falavam mais alto do que a diversão. Porém uma ideia se formou em minha mente.

— E o réveillon? – eu perguntei. – Você acha que pode voltar? Nós temos essa casinha na praia, uma praia bem sossegada. Nós dois podíamos fugir para lá. O que acha?

Seus olhos brilharam com aquela possibilidade.

— Antes de eu responder que sim com todas as letras, preciso checar a agenda de compromissos. Vamos começar as novas filmagens essa semana, então não sei exatamente como estão as coisas no final do mês, mas a princípio... Sim! – ele respondeu animado.

— Vou torcer para você estar livre. – eu disse e lhe dei mais um beijo.

Ouvimos o anúncio do seu vôo, trocamos mais alguns beijos, um abraço apertado e lá foi ele embora mais uma vez.

Capítulo 24

Nossa despedida foi muito dolorida, pra variar. No entanto já no meio da semana ele me avisou que estava livre e pudemos planejar nosso final de ano. A nossa casa na praia, herança da família do meu pai, não era nenhuma mansão, mas era linda, aconchegante e ficava num lugar maravilhoso no litoral norte de SP. O acesso de carro era um pouco complicado, ela ficava meio escondida em uma pequena baía, o que sempre nos deu muita privacidade; e seria perfeito pro Josh.

Uma semana antes da chegada do Josh eu fui para o litoral ver como estavam as coisas. O Leonel e a Mônica, nossos caseiros desde sempre, mantinham a casa sempre impecável. Toda vez que meus pais queriam fugir da loucura de Sampa desciam a serra e iam se distrair nas águas verdes do nosso mar.

No Natal nós nos falamos pelo computador e pudemos apresentar nossas famílias. Era o melhor que podíamos fazer naquele momento, e até que correu tudo bem. Minha mãe e a Helen se deram super bem, e meu pai descobriu que conhecia e gostava de algumas músicas da banda do Richard. Foi engraçado ver o entrosamento de todos.

Então finalmente ele chegou, num voo tarde da noite. Decidimos dormir na minha casa e pegar a estrada bem cedinho na manhã seguinte. Dessa vez meu pai não se incomodou com Josh, desde que ele ficasse no quarto de hóspedes.

Saímos da capital por volta das seis horas da manhã e em menos de duas horas eu entrava com meu carro pela trilha que levava até nossa casa. O caminho era de terra, no meio da mata, e Josh estava mais uma vez encantado com a flora brasileira.

— Vocês são muito ricos. – ele disse quando passamos sobre uma ponte de madeira, lá embaixo um riacho de águas límpidas correndo para o mar.

— Eu sei. – eu disse suspirando. – Pena que nem todo mundo pensa assim.

Cerca de quarenta minutos na trilha e avistamos a casa. Ele parecia curioso e se divertia com nosso esconderijo. Moni e Leo apareceram no portão de entrada quando ouviram o barulho do carro. Estacionei e Josh novamente se maravilhou com o cenário a nossa frente.

— Isso é o paraíso! – ele exclamou ao descer do carro.

— Nosso paraíso particular. – eu disse caminhando até ele e entrelaçando nossas mãos. – Venha conhecer nossos anjos protetores.

Após fazermos as apresentações e nos instalarmos no quarto, Moni me avisou que tinha preparado um belo café. Ah, como eu adorava a sua comida! A mesa estava linda com frutas, sucos e aquele pão caseiro que ela fazia melhor do que ninguém.

O dia estava um pouco nublado, normal para aquela região, então depois de nos fartamos, fomos dar uma volta na praia. A faixa de areia não tinha nem 150 metros de extensão isolada por dois morros, um em cada extremidade e um rio de águas negras devido a decomposição das folhas.

A mata nativa frondosa dava ao mar uma tonalidade esverdeada e, por ser uma baía com algumas ilhas mar adentro, não se formavam ondas, apenas marolas suaves que brincavam na areia. Josh ficou apreensivo por alguns minutos até perceber que realmente ninguém apareceria por lá para nos importunar.

Ele estava calado e eu não conseguia imaginar no que ele estaria pensando naquele momento. Olhei de lado para ele, tentando decifrá-lo, mas não tive muito sucesso. Ele me olhou de volta, sorriu de lado e beijou minha testa.

Caminhamos até o finalzinho da praia e depois voltamos. Sem pressa, sem desespero, apenas curtindo o clima.

— Moni deve estar preparando um belo almoço. – eu disse quando senti o inconfundível cheiro. – Espero que goste de camarões.

— Adoro frutos do mar. – ele respondeu e sorriu.

O almoço foi delicioso. Como começou uma chuva forte na parte da tarde, decidimos ficar jogados em uma rede na varanda, olhando o mar, desfrutando daquele momento de total relaxamento enquanto eu contava a ele histórias das férias que passava ali com meus avós.

À noite fomos agraciados com outra refeição maravilhosa e depois ficamos assistindo algum filme, ao som da chuva que continuava tamborilando na mata ao redor.

— Vá se acostumando. – eu disse ao perceber que ele ouvia a chuva. – Essa é a época do ano que mais chove por aqui. A cidade até tem um apelido: “Ubachuva”. – e ri divertida.

— Não acho ruim. – ele disse afagando minha bochecha. – Normalmente

eu estaria debaixo de neve numa hora dessas. A temperatura está muito agradável... não me importo com a chuva. – fomos dormir ao som da água que caía, depois de nos amarmos mais uma vez.

(...)

A claridade e os vários pássaros me acordaram. Josh dormia tranquilamente na cama e eu não quis acordá-lo. Deixei um bilhete sobre o travesseiro avisando que estaria na cozinha. Algum tempo depois nossos olhos se encontraram quando o avistei parado na soleira da porta.

— Dormiu bem? – eu perguntei.

— Como um anjo. – ele disse. – Achei que fosse te encontrar lá comigo.

Sorri para a Moni e fui até ele, dando-lhe um beijo terno e me embrenhando em seus braços.

— Precisava combinar algumas coisas com ela e o Leo. – eu respondi. – Eles vão para a cidade hoje, comemorar a virada do ano com alguns amigos e familiares.

— Oh, entendo. – ele disse.

Partimos então para nosso desjejum e, logo depois que Moni e Leo foram embora, seguimos para a praia. O dia estava mais aberto, com o Sol brilhando entre as nuvens. Passamos o dia ali, sem fazer nada a não ser curtir a paisagem e a nós.

No fim da tarde pudemos ouvir alguns fogos ao longe. Josh quis saber do que se tratava e eu disse que eram os preparativos de uma praia ao lado onde vários turistas se reuniam para uma pequena queima de fogos seguida de um luau.

— Acha que poderíamos ir? – ele perguntou enquanto me ajudava a arrumar a mesa para o nosso jantar.

— Acho arriscado. – eu disse. – Nessa época do ano as praias estão cheias de estrangeiros. A chance de alguém te reconhecer é bem maior. – e olhei para ele. – Mas... tenho uma ideia.... – e sorri misteriosamente.

Nosso jantar foi muito romântico, regado a vinho, aperitivos e um delicioso tender que Moni tinha deixado pré-preparado. Depois seguimos para a varanda e nos aconchegamos na grande chaise redonda de frente para o mar.

Pudemos ver alguns fogos de artifício, então eu soube que estava na hora. Eu me levantei e o puxei para uma garagem atrás da casa de Moni e Leo. Tenho certeza de que ele não tinha percebido que o rio que desaguava no mar passava por lá, e muito menos que havia uma pequena lancha ancorada ali.

— Que tal dar uma voltinha? – eu perguntei encarando-o.

— Você sabe pilotar isso aí? – ele perguntou um pouco cético.

— Vamos descobrir. – eu disse entrando na lancha e dando partida.

Quando vi que Josh queria ter uma visão melhor da queima de fogos, logo planejei um passeio alguns metros mar adentro, nos limites da segurança para navegar à noite. Eu conhecia bem o mar dali, mas precaução nunca era demais.

— Uau. – ele disse quando joguei a âncora num ponto onde teríamos uma visão privilegiada.

— O espetáculo será único daqui de onde estamos. – eu disse e me aninhei em seus braços.

Ele segurou meu rosto em suas mãos e me puxou para um beijo leve, mas totalmente delicioso. Senti aquele arrepio percorrendo minhas costas e em seguida aprofundei nosso beijo, deixando que nossos gostos se misturassem.

As mãos de Josh percorreram as laterais dos meus braços provocando formigamento por onde passava. Minhas mãos embrenharam-se em seus cabelos bagunçados, enquanto nossas línguas dançavam e nossos gostos se misturavam.

Afastamo-nos para respirar e eu via o desejo refletindo em suas esmeraldas. Ele apertou minha cintura, puxando-me para junto do seu corpo e eu deixei minha mão escorregar até sua bunda, apalpando-a e também forçando meu quadril contra o seu. Notei o volume se formando e mordisquei um lábio. Aquilo seria interessante.

Corri minhas mãos para frente de sua bermuda, desabotoando-a rapidamente, deixando que a peça escorregasse por suas pernas. Como sua camisa já estava aberta, precisei apenas escorregá-la pelo seu braço para que ele ficasse apenas de cueca.

— Lindo... – eu suspirei ao admirá-lo à luz da lua.

Ele deu aquele sorriso de lado que me incendiava e voltou correndo para meus lábios, beijando-me com urgência e necessidade. Forcei novamente meu quadril contra o seu e ouvi seu gemido em meus lábios.

Mais que depressa, Josh pegou a barra do meu vestido e o puxou para cima, deixando-me também seminua, apenas de lingerie. Eu o empurrei, fazendo com que se sentasse no banco traseiro da lancha e me sentei em seu colo, rebolando para provocá-lo ainda mais.

— Minha safada... – ele disse em meu ouvido e me apertou fortemente contra seu corpo.

Suspirei em seu ouvido, enquanto ele abria o fecho do meu sutiã para logo deslizá-lo por meus braços, desfazendo-se da peça. Meus mamilos tocaram em seu tronco nu, pele contra pele, atijando-me ainda mais.

Ele passou a acariciá-los com ambas as mãos, apertando-os suavemente enquanto nos beijávamos ainda mais ferozmente. Meu corpo tremeu em suas mãos e soltei um grave gemido por entre meus lábios.

O desejo já estava latente em nossos corpos, seu volume extremamente rígido e pulsante, meu sexo molhado contraindo-se por ele. Josh mais uma vez apertou minha bunda, puxando-me ainda mais para junto de seu corpo.

Aproveitou que suas mãos estavam por ali e brincou com o cós da minha calcinha, passando os dedos pelo elástico, instigando-me ainda mais. Eu precisava dele em mim. Com certa dificuldade, acabei tirando a peça, ficando pronta para ele.

Josh rapidamente se desfez da sua boxer e pegou um preservativo no bolso da bermuda, colocando-o em seguida. Ele me segurou pelo quadril e lentamente fui me sentando sobre ele. Arfamos juntos de prazer.

Meus joelhos estavam apoiados no banco, ao lado do seu corpo, e ele me segurava, dando-me equilíbrio. Apoiei as mãos em seus ombros e aumentamos nossa velocidade. Nossos olhos estavam totalmente conectados, éramos capazes de ver nossas almas através deles.

Josh grunhiu, anunciando que estava no seu máximo de controle, e eu estava apenas há alguns movimentos de atingir o meu. Segui para seus lábios, beijando-o profundamente. Fizemos um último movimento e então chegamos juntos ao clímax no mesmo momento em que ouvíamos os fogos anunciando a virada do ano.

— Feliz Ano Novo. – eu disse quando nos olhamos, as respirações ofegantes, as peles suadas.

— Feliz Ano Novo. - ele respondeu abraçando-me apertado e me dando selinhos pelo rosto.

Voltamos para a casa, o desejo ainda percorrendo meu corpo, minhas veias, e passamos a noite nos amando, nos curtindo, querendo que o mundo parasse naquele momento.

(...)

Acordei com os pássaros e não achei Josh ao meu lado. Escutei uma panela caindo no chão e soube que ele estava na cozinha. Coloquei meu roupão e fui até lá.

— Dez a zero pras panelas, heim? – eu perguntei brincalhona.

— Eu te acordei, não foi? – ele disse com a carinha triste.

— Não. – eu respondi. – Fazia uns dez segundos que eu tinha acordado quando ouvi a batalha. O que você está fazendo?

— Nosso café. – ele disse e observei a mesa. – Mas ao que parece não é minha especialidade.

Sorri largamente e fui socorrê-lo. Até que as coisas estavam gostosas, ou pelo menos algumas coisas estavam. Internamente me diverti com sua inaptidão à culinária: ele tinha que ter um defeito, afinal.

Depois do café fomos para a praia fazer nada. Aquilo era o melhor de tudo: poder ficar sem fazer nada, apenas desfrutando o sossego, a paz, nosso amor. No meio da tarde Moni e Leo voltaram da cidade.

Eu estava largada na cadeira, observando o mar enquanto Josh caminhava na beira d'água, quando percebi aquela lancha. Era normal lanchas ancorarem perto da praia, as pessoas gostavam de pensar que a praia era deserta, mas aquela estava perto demais.

Eu peguei a máquina para usar seu zoom e tentar ver mais de perto. Não gostei do que achei que vi. Josh entrou no meu campo de visão e, seguindo uma sensação que veio do nada, pedi para ele fazer uma pose e tirei uma foto. Casualmente segui até ele, como se fosse mostrar a foto.

— Eu posso estar enganada, mas acho que aquela lancha não está aqui à toa. – eu disse. Ele quis se virar pra olhar, mas eu segurei em seu ombro. – Vamos tirar uma selfie. – e pisquei para ele.

Ficamos em posição, estiquei meu braço como se fosse tirar uma foto nossa, mas tentei focar na lancha atrás de nós. Logo em seguida checamos a

imagem e eu, infelizmente, estava certa: era um fotógrafo. Tinham nos achado.

Capítulo 25

Josh me olhou, olhou novamente a foto e começou a dar sinais de que entraria em pânico. Decidi que o melhor era levá-lo para casa, tentando agir de modo casual, para evitar que percebessem que os tínhamos visto.

— Será que eles me acharam mesmo? Pode ser alguém tirando fotos da paisagem. – ele disse.

— Com uma objetiva daquelas? – eu questionei incrédula. – Desculpe, amor, mas acho que não.

— Isso não podia acontecer! – ele esbravejou. – Temos que sair daqui antes que eles se aproximem.

— Você está certo. – eu disse. – Vamos arrumar as coisas, só o essencial. Uma muda de roupas e seus documentos. As roupas mais pesadas ficaram em São Paulo, por sorte.

Com toda a movimentação, Moni apareceu na sala perguntando se estava tudo bem. Estava explicando a situação para ela, enquanto arrumava as coisas, quando Leo entrou com ar preocupado.

— Tem uma lancha vindo bem devagar pra cá, Nanda. – ele disse. – Está tudo bem?

— Tem um fotógrafo naquela lancha. – eu disse arrumando as coisas ainda mais rapidamente. – Eles não podem nos achar. – eu disse. – Leo, estamos indo embora. Agora. Se alguém aparecer, vocês não sabem de nada, diz que é uma praia particular, que eles não podem ficar aqui. Inventa qualquer coisa. Não diz quem é o dono, nem...

— Eu sei o que fazer. – ele disse confiante.

Olhei pro Josh, que tinha um olhar preocupado. Dei um beijo em Moni e peguei as chaves do meu carro, mas Leo me impediu.

— A estrada está um atoleiro só depois da chuva de ontem. – ele disse. – Vocês não vão conseguir passar com seu carro. – eu ia começar a me desesperar quando ele me jogou as chaves do jipe. – Cuidado com a embreagem, ele já é um senhor idoso.

— Ainda arranha na terceira marcha? – perguntei pegando as chaves e o documento.

— Só quando você não é gentil. – e piscou pra mim. Sorri de lado.

Já estávamos nos encaminhando para o jipe quando tive uma ideia.

— Como está a trilhazinha?

— Deve estar melhor do que a trilha principal. Por quê?

— Se estão com uma lancha, pode ser que venham pela trilha também. – e sorri malandra. – Mas quase ninguém conhece a nossa trilhazinha.

— Boa ideia. – ele disse. – Só cuidado na ponte. A última vez que passei por ela tinha só três tábuas de cada lado.

— Vou ficar atenta. – eu disse e seguimos para o jipe. – Dou notícias quando chegar em Sampa. Obrigada, Leo.

A despedida foi rápida e em alguns instantes entrávamos na trilha que eu conhecia tão bem. Josh me olhou de lado, tentando entender tudo o que tinha acontecido minutos atrás. Sorri e lhe expliquei, enquanto a trilha surgia a nossa frente.

— Uma trilha isolada? Não é perigoso?

— Conheço esse caminho como a palma da minha mão. – eu disse. – Leo me ensinou a dirigir o jipe nessa trilha, e sempre saíamos para explorar a região. Não se preocupe, estou em casa. – e lhe mandei um beijo.

A trilha era bem mais longa, quase o dobro da distância da trilha principal, mas era muito mais segura para nós. Como Leo disse, estava em boas condições e tirando a parte da ponte, que estava mesmo mais complicada, não tive dificuldades.

Quando entramos na estrada, um pouco mais próximos da cidade, conseguimos sinal de celular. Parei rapidamente no acostamento para avisar meus pais da mudança repentina de planos. Achei melhor deixá-los um pouco a par dos acontecimentos.

A viagem foi tranqüila, apesar da apreensão em tentar perceber se estávamos sendo seguidos, mas aparentemente estávamos livres. Cerca de três horas depois eu estacionava o jipe na garagem de casa, sã e salva.

— Vocês estão bem? Por que precisou pegar o jipe do Leo? Não gosto quando você sai com ele. – disse minha mãe me apertando.

— A trilha estava lamacenta. – eu disse. – Meu carro atolaria com certeza.

— Que bom que chegaram bem. – disse meu pai. – Agora conta direito essa história.

O celular do Josh tocou logo em seguida e, enquanto ele falava com seu agente, eu contei melhor a história pros meus pais. Aproveitei pra ligar pro Leo e dizer que tínhamos chegado bem.

— Uns repórteres apareceram por aqui, Nanda. – ele disse em tom sério. – Claro que neguei tudo e não passei nenhuma informação, mas eles não são bobos.

— Obrigada, Leo. Em um ou dois dias devolvo o jipe.

Desligamos e logo Josh apareceu.

— Estamos em todos os tablóides de fofocas. – ele disse pesadamente. – Ainda não sabem a sua identidade, mas não vai demorar para descobrirem. Algumas fotos estão bastante nítidas.

Um profundo silêncio pairou no ar. Nós quatro sentados preocupados no sofá da sala.

— Não há muito o que fazer. – eu disse finalmente. – Talvez... talvez seja a hora de contar pra todo o mundo.

— Talvez. – ele disse quase num sussurro.

— Vá tomar um banho, refrescar a cabeça. – disse meu pai vendo a preocupação ocupar o olhar de Josh. – Não adianta nada pensar de cabeça quente. E se for o caso, vamos enfrentar isso juntos.

Nós três olhamos para meu pai, espantados. Ele tinha sido tão arredio no começo que nem parecia a mesma pessoa. Ele deu de ombros e saiu da sala, dando um tapinha no ombro do Josh. Balancei a cabeça e segui, com Josh, até o banheiro. Uma ducha realmente parecia uma boa ideia.

Enquanto Josh tomava seu banho, eu aproveitei pra tomar o meu. Quando ele apareceu no quarto eu já estava por lá, esperando-o.

— Não vamos falar nada. – ele disse. – Nossa vida é só nossa, não temos que dar explicações a ninguém a não ser os imediatamente afetados. Nossas famílias sabem sobre nós. Já é o suficiente.

— Eu concordo com você, meu amor. – eu disse compreensiva. – E se eles descobrirem, bom, saberemos lidar com isso.

Ele se sentou ao meu lado e eu beijei seus cabelos, afagando suas costas num carinho suave e relaxante. Josh ficou tenso por um momento, então me

afastou alguns centímetros e me olhou profundamente.

— Nanda? – eu apenas o encarei. – Talvez seja a hora de pensarmos em... – ele hesitou um pouco e meu coração deu um pulo em meu peito. – Você poderia vir morar comigo.

Eu fiquei estática por um momento. Ele tinha feito o que eu achava que tinha? Ele estava me pedindo para morar com ele? Juntar nossas escovas de dente? Era isso mesmo? Eu tive que me certificar de que tinha ouvido direito.

— Morar com você? Em Los Angeles?

— É. Ou em Londres. Ou em Nova York.... apenas... morarmos juntos. – ele me olhava atentamente, eu mordi meu lábio inferior. – Já faz um tempo que estou pensando nisso, querendo falar com você sobre isso. Está cada vez mais difícil pra mim ficar longe de você. Essas viagens, o tempo que perdemos nos aviões, eu amo você e quero estar com você o tempo todo. O que me diz?

— Eu... uau.... eu... – eu tinha que responder alguma coisa. E decidi não pensar, apenas sentir e as palavras fluíram por meus lábios. – Eu quero isso. – fiz uma pausa. – Eu quero morar com você. Também não aguento mais essa distância toda.

No momento seguinte estávamos nos beijando avidamente. Ele me apertava em seus braços, e beijava meus lábios com uma alegria quase infantil. Contudo, tive que diminuir nosso ritmo, afinal estávamos na casa dos meus pais.

— Eu quero morar com você, mas precisamos pensar em algumas coisas antes. – ok, vamos morar juntos, mas temos que pensar com clareza. – Algumas coisas como meu trabalho... e meus pais....

— Claro, claro. – ele disse ainda empolgado. – Onde você quer morar? Qualquer lugar.... seria melhor se fosse nos Estados Unidos, mas podemos dar um jeito se você não quiser morar lá e...

— Calma, Josh! – eu segurei sua mão enquanto sorria. – Uma coisa de cada vez. Respira!

Ele sorriu para mim, mostrando que estava voltando para a realidade. Infelizmente não podíamos simplesmente pegar o primeiro avião e começarmos uma nova vida. Ele tinha as coisas dele pra resolver, eu tinha as minhas pra resolver.

Depois do jantar decidimos conversar com meus pais mais abertamente. Decidimos contar que não faríamos nenhuma declaração, daríamos trabalho para a imprensa, ganhando o máximo de tempo possível e depois falamos da ideia de

morarmos juntos.

Era fato que, em morando com ele, a vida dos meus pais seria praticamente normal. Eles não teriam que lidar com fotógrafos ou jornalistas atrás de informações, suas rotinas profissionais não seriam alteradas. Todos nós sairíamos ganhando. E por fim eles concordaram.

— Quando você vai embora? – minha mãe perguntou já com carinha de choro.

— Calma, mãe. – eu respondi. – Não vai ser hoje ou amanhã. Temos muitas coisas pra ver antes disso.

Eles ficaram surpresos a princípio. Mas nossa relação estava indo tão bem, então era o caminho natural a se seguir, só acho que, no fundo, ninguém esperava por isso naquele momento. Contudo, aquele momento fazia todo sentido. Eu sabia que não seria da noite pro dia que nos ajeitaríamos, mas eles tinham que se preparar.

O agente do Josh ligou avisando-o de que tinha conseguido remarcar sua passagem e ele pegaria o vôo pela manhã.

— E mais uma vez nosso encontro tem que ser interrompido mais cedo. – eu disse com um suspiro recostando-me em seu peito.

— Mas isso vai acabar assim que formos morar juntos. – ele disse, ainda abobado por eu ter aceitado seu pedido. – Será perfeito. – e me deu um beijo no topo da cabeça.

— Sem dúvida. – eu respondi sorrindo, mas uma coisa ainda me incomodava.

— O que foi? – ele perguntou, percebendo minha mudança de espírito. – Não está feliz com essa ideia?

— Imagina. – eu disse antes que ele interpretasse errado. – É que eu estou com uma dúvida que não me deixou desde que saímos da praia.

— Que dúvida?

— Como descobriram a gente lá. – eu disse e me sentei de frente para ele. – Era pra você estar em Londres com sua família. Ninguém sabia que você estaria aqui no Brasil. E mesmo que soubesse, o país é enorme, o litoral é imenso.... como uma lancha foi parar justamente na nossa praia?

— Do que você suspeita, Nanda? – ele prestava muita atenção em mim.

— Não quero fazer falsas acusações, mas...

— Você acha que alguém nos denunciou?

— Só pode ter sido isso... mas quem?

Alguns segundos de silêncio nos envolveram. Quem poderia ter aberto o bico? Quem ganharia alguma coisa com um flagra desses?

— Quem sabia que estaríamos na casa de praia? – ele me perguntou em seguida.

— Meus pais, a Moni e o Leo. – eu respondi.

— Não contou pro Alex?

— Não. – eu respondi. – Até tinha pensado, mas disse apenas que passaria o feriado com você. Nem disse se aqui ou em outro lugar.

— Eu também não falei nada pra ninguém. – ele disse. – Só minha família e a Emma sabiam onde eu estaria, já que ela tinha me convidado pra passar o feriado com ela e eu disse que estaria com você.

— E a Lisa? Será que a Emma não contou pra ela? – eu perguntei, um calafrio percorrendo minha espinha quando falei seu nome.

— Não. Sem chance. – ele respondeu de prontidão. – E mesmo se ela tivesse escutado alguma coisa, como a Lisa saberia exatamente onde estaríamos? Eu disse que iríamos pra uma praia, mas como você mesma disse, o litoral é enorme. Não teria como ela saber.

Bufei de frustração. Se não tinha sido ninguém, como nos acharam?

— Vai ver era alguém que tava passando e me reconheceu. – ele disse finalmente. – Viu o que tinha em mãos e resolveu tirar alguma vantagem.

— É... pode ser... – eu disse derrotada e voltei a me aninhar em seus braços.

Ainda ficamos conversando por um tempo, até que meu pai apareceu na porta, certificando-se de que eu iria para meu quarto dormir, sozinha. Tudo bem, ele já tinha evoluído bastante.

Eu queria levar Josh ao aeroporto, mas acabamos concordando que seria pouco prudente. As pessoas já sabiam que ele estava no Brasil, então o alvoroço no aeroporto seria enorme. Um risco para minha identidade.

— Vamos nos falando, amor. – ele disse ao colocar as malas no táxi. – Converse com seu chefe sobre sua mudança para uma das filiais nos Estados Unidos.

— Farei isso assim que retornarmos das férias. – eu disse abraçando-o. – Fica bem.

— Você também. – ele disse. – E se acontecer de te encontrarem, não entre em pânico.

— Vou me cuidar. – eu disse.

Um último beijo, ele entrou no táxi e foi embora. Como ainda era muito cedo, voltei para minha cama, apenas para ficar aconchegada, pensando em tudo o que poderia estar por vir em minha vida, em nossas vidas.

Capítulo 26

Dois dias depois eu já estava de volta ao meu trabalho. Uma das primeiras providências que tomei foi marcar uma reunião com meu chefe para conversar sobre uma possível transferência. Ele até que entendeu meu ponto de vista, mas disse que como fazia pouco tempo que eu tinha entrado na empresa, seria preciso esperar pelo menos mais uns três meses para que eu pudesse me candidatar à transferência.

Claro que eu não gostei muito dessa saída, mas era a que eu tinha em mãos no momento. Conteí a Josh sobre meu chefe e ele também parecia não ter gostado muito. Mas o que podíamos fazer? Eu não iria simplesmente largar meu emprego novinho para morar com Josh, apesar de às vezes pensar nessa opção.

Como sempre, nos falávamos todos os dias, mas isso já não era mais suficiente para nós. A possibilidade de morarmos juntos, nos vermos todos os dias se instalou de tal maneira em meu peito que eu não via a hora daqueles três meses terminarem. Tudo corria dentro da normalidade, até que no fim da semana seguinte o meu maior medo se concretizou.

Eu tinha terminado meu expediente e seguia em direção ao meu carro, que sempre ficava em um estacionamento no quarteirão seguinte ao do prédio da empresa. Foi quando vi uma concentração de pessoas no meio da calçada e uma delas gritou:

— É ELA! A NAMORADA DO JOSHUA BLACK!

Então a confusão se instalou. Todas aquelas pessoas vieram correndo em minha direção com suas máquinas e filmadoras apontadas para meu rosto. Infinitos microfones quase me foram empurrados goela abaixo e eu simplesmente não sabia o que fazer.

— Quanto tempo faz que vocês estão juntos, Fernanda?

— Vocês pretendem se casar?

— E quanto a filhos? Quantos querem ter?

— Você não está preocupada em ser taxada de golpista?

— O que fez para conquistá-lo?

Eu olhava em volta, sentindo-me sufocada, sem ter para onde correr. O ar parecia me faltar, eu não conseguia respirar direito e aquelas pessoas não me

deixavam me mexer. Não entre em pânico. Sua voz surgiu em minha mente; a frase dita antes dele entrar no táxi. Não entre em pânico. Não, eu não entraria.

Aos poucos fui me recompondo. Apesar de parecer que não, aquelas eram pessoas fazendo seus trabalhos. Inspirei profundamente algumas vezes e então os encarei. Todos haviam parado de falar e me olhavam, esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Boa tarde. No momento não a nada a ser dito. Na hora certa vocês serão procurados. – eu disse tirando aquilo não sei da onde e correndo para meu carro.

Quando Renato, o dono do estacionamento, viu a confusão correu para me ajudar e logo me colocou dentro do automóvel.

— Usa a saída da rua de trás. Já está aberta pra você. – ele disse um pouco preocupado.

— Você me salvou hoje. – eu disse agradecendo.

— Vai, depois a gente conversa. – e logo eu já me punha em movimento, seguindo para minha casa.

Tomei o cuidado de ver se não estava sendo seguida. Meu corpo inteiro tremia, a adrenalina correndo pelas minhas veias, aquele monte de perguntas ecoando em meus ouvidos. Somente após vários quarteirões eu finalmente consegui relaxar um pouco.

Entrei em casa quase como um furacão, sendo seguida por minha preocupada mãe. Joguei a bolsa no sofá, peguei o celular e liguei para a única pessoa que me acalmaria naquele momento.

— Oi, amor. – ele disse do outro lado da linha.

— Eles me encontraram. – eu disparei sem nem responder a sua saudação. – Estavam me esperando na porta do trabalho.

— Nanda, calma. – ele disse. Minha mãe sentou-se ao meu lado. – Fala devagar.

— Eu estava saindo da empresa pra pegar meu carro e eles simplesmente estavam lá, no meio da calçada, me esperando. Assim que me viram correram pra cima de mim cheios de perguntas, fotografando, filmando. – eu fiz uma pausa. – Foi tão assustador, Josh!

— Ô, minha querida. – ele suspirou do outro lado. – Eu sinto tanto.... não queria que você passasse por isso. – ele fez uma rápida pausa. – Como você

está? O que aconteceu em seguida?

— Agora estou bem... eu acho. – eu disse. – Fiquei apavorada no início, mas sua voz me pedindo para não entrar em pânico me ajudou. Eu olhei para eles e disse que na hora certa seriam procurados. Nem sei de onde tirei isso, só queria sair dali. Daí consegui chegar até meu carro e agora estou em casa.

Minha mãe voltava da cozinha com um copo de água e novamente se sentou ao meu lado. Ela afagou meus ombros na tentativa de me deixar mais tranqüila. Funcionou. Santo poder das mães!

— Você fez tudo certo, minha linda. – ele disse. – Vou conversar com Steve sobre tudo isso e como vamos lidar com esse assédio.

Conversamos por mais algum tempo, até que eu estivesse completamente calma, e só depois desligamos. Meu pai havia chegado e me olhava com um misto de preocupação, compreensão e receio.

— Eu não quero ser rude, filha, mas preciso fazer essa pergunta. Você tem certeza de que isso tudo vale a pena? – ele mediu as palavras para não me machucar.

Olhei fundo em seus olhos, segurei em uma das suas mãos e busquei pelas mãos da minha mãe. Respirei fundo.

— Tenho pai. Eu o amo. Muito. Demais. Ele me faz feliz e, se pra isso, tenho que enfrentar toda essa loucura, eu vou enfrentar.

Eles se olharam, deram-se as mãos e voltaram a me encarar.

— Você não estará sozinha, minha filha. – ele disse e me puxou para um abraço. – Nós enfrentaremos isso juntos. Só queremos que você seja feliz.... e já que é ao lado dele, vamos fazer de tudo para que você consiga isso.

Aquela declaração do meu pai, me apoiando, dando suporte a minha felicidade foi emocionante e não segurei a lágrima que estava presa em meus olhos. Eu não estava sozinha. Tendo-os ao meu lado, enfrentaria qualquer coisa.

Não demorou muito para que Alex batesse em minha porta. A Luiza tinha visto as notícias num site de fofocas, avisou meu amigo e lá estava ele de prontidão para me confortar e dar apoio. Era o que ele sempre fazia, desde sempre. Passamos algum tempo conversando e, assim como meus pais, ele estaria ao meu lado.

Na segunda-feira da outra semana o número de jornalistas em frente ao meu trabalho havia triplicado. Conforme tinha conversado com Josh e com seu

agente, usei aquele momento para fazer o que tínhamos combinado.

— Bom dia a todos. – eu disse formalmente. – Vou dizer apenas algumas palavras e peço que me ouçam com atenção. – todos me olhavam e eu fiquei ainda mais nervosa. – Vocês estão certos e eu e Josh estamos mesmo namorando. Eu não tenho a vida glamorosa que ele tem, aliás, minha vida é bem normal e ambos gostaríamos que continuasse assim, então peço que respeitem a minha privacidade. Eu tenho uma rotina de trabalho e a presença em massa de vocês aqui atrapalha não só a minha vida, como a dos meus colegas, então, por favor, me deixem seguir com a minha vida normal. – um burburinho voltou a se formar. – Aqui está um endereço de email. Mandem suas questões para lá e eu ficarei feliz em responder. Só peço, mais uma vez, que não atrapalhem minha rotina. Obrigada.

Saí rapidamente em direção ao prédio da empresa e só quando entrei no meu andar é que consegui respirar novamente. Contudo, esse alívio durou apenas alguns segundos, já que todos do escritório me olhavam com caras de espanto.

— Vocês também? – eu questionei e segui para minha mesa. Seria um longo dia.

Na parte da tarde fui informada de que meu chefe queria falar comigo. Um arrepio temeroso percorreu meu corpo. No fim, ele queria apenas saber como eu estava e se certificar de que a bagunça provocada pela presença dos jornalistas não interferiria na rotina da empresa.

Quando terminei meu expediente, outra onda de temor percorreu meu corpo. Teriam os jornalistas entendido e aceitado minhas palavras? Ou a coisa estaria pior do que na parte da manhã?

Com cuidado saí do prédio e tive a grata surpresa de não ter nenhuma multidão me esperando. Achei ter visto uma ou duas câmeras fotográficas, mas se fosse assim, eu agradeceria imensamente. Renato me esperava no estacionamento, brincou comigo dizendo que eu era meio mineira, pois tinha feito as coisas “na surdina”, mas me desejou boa sorte e disse que se eu precisasse de ajuda para despistar era só falar com ele.

— Vimos a entrevista, filha. – disse meu pai quando cheguei em casa. – Estamos orgulhosos de você. E como foi agora a noite?

— Foi tranquilo. Acho que eles entenderam o recado. – eu disse. – Agora vamos ver o email que eu dei a eles.

Quando abri a caixa de entrada estava abarrotada de mensagens.

Conforme tinha combinado com Josh e Steve, anexeí um texto pré-redigido e respondi a todos. Agora era ver por quanto tempo eles se contentariam com aquele pouco de informação que tínhamos passado.

A semana felizmente correu tranqüila. Sempre via uma ou outra pessoa tirando fotos, mas nada parecido com aqueles primeiros dias. Eles, aparentemente, tinham aceitado nosso pedido e a vida corria quase normal.

Digo quase porque, depois que fui descoberta, meu nome estava sempre em sites de fofoca sobre a vida do Josh. As fãs estavam divididas entre me amar e me odiar, e era como se eu fosse analisada sob a lente de um microscópio.

Josh e eu passamos a nos falar mais vezes, ele sempre preocupado comigo, em como estavam as coisas na minha vida. Tinham descoberto onde eu morava, tirado fotos dos meus pais, o que fez com que eles ficassem um pouco retraídos, mas logo isso também passou.

No final de janeiro Josh conseguiu uma brecha e veio me visitar.

— Quanta saudade! – eu disse ao abraçá-lo no quarto do hotel.

— Nem me fale! – ele respondeu beijando-me intensamente.

Meu corpo ferveu em contato com o seu e logo seus dedos embrenharam-se em meus cabelos. Tivemos um tórrido momento, matando as saudades e o desejo que nos consumia.

— Estava ficando louco sem você. – ele disse quando me aninhei em seus braços.

— Entendo perfeitamente. – eu disse e rimos juntos.

— O que vamos fazer hoje?

— O que você quiser. – eu respondi ainda meio boba.

Ele fez cafuné em meus cabelos e decidimos ir até minha casa. Josh queria conversar um pouco com meus pais, ter certeza de que eles estavam bem em relação ao que tinha acontecido.

Depois de tomarmos um banho rápido seguimos para casa. Josh não usava disfarce, seria um pouco inútil agora que éramos públicos, e internamente eu agradeci, pois odiava aquela barba falsa. Houve certo tumulto na saída do hotel, super natural, e depois outro pequeno tumulto quando chegamos na minha casa.

— Olá, querido, como você está?

— Melhor agora, dona Lidia. – ele respondeu dando um beijo no rosto da minha mãe. – Como vai, seu Sérgio?

— Tentando me acostumar com essa nova realidade. – ele disse, mas não havia reprovação em sua voz, apenas verdade.

— Acho que agora vocês entendem meus esforços para poupá-los desse lado da minha vida.

Todos consentimos, mas não deixaríamos que aquilo dominasse nosso jantar. Conversamos sobre várias coisas, Josh contou sobre seu novo filme e passamos algumas boas horas apenas jogando conversa fora.

Voltei com Josh para o hotel e passamos a noite matando as saudades. Durante o dia seguinte ele insistiu em levar uma vida normal, como se ainda estivéssemos protegidos pelo anonimato, e quis conhecer alguns pontos turísticos da cidade.

Não demorou muito, no entanto, para ficar impossível de caminhar. Uma multidão de fãs e paparazzi nos cercaram querendo fotos, declarações, entrevistas e tudo o mais. Olhei para Josh e ele parecia até que bem relaxado para a situação. Nem lembrava o Josh enraivecido de Veneza, ou mesmo quando fomos flagrados na praia.

— Você está bem? – eu perguntei quando tivemos um segundo de folga.

— Melhor do que nunca. – ele disse risonho.

— Você tinha planejado essa exposição, Joshua Black? – eu o questionei um pouco mais alto. Ele sorriu de lado, de modo arteiro.

— Você precisa se acostumar, meu amor. – ele disse. – Enquanto estivermos juntos, o que eu quero que seja pra sempre, será sempre assim.

Suas palavras me encheram de alegria e medo ao mesmo tempo. Eu seria capaz de me acostumar com esse seu mundo? Há um ditado que diz que a gente se acostuma com qualquer coisa na vida, mas será que até com essa invasão da nossa vida? Bom, eu teria que me acostumar.

Depois do nosso passeio, voltamos para o hotel e logo já era hora de nos despedirmos mais uma vez.

— Se tudo der certo, em menos de dois meses essas despedidas não serão mais necessárias. – ele disse afagando meu rosto.

— Não vejo a hora desse tempo passar. – eu respondi.

Último abraço, último afago, último beijo e lá foi ele embora mais uma

vez.

(...)

As duas semanas seguintes foram um pouco mais conturbadas, mas nada que eu já não tivesse me habituado um pouco. Alex tinha me ligado, dizendo que queria conversar comigo, e ficamos combinados de que ele me encontraria depois do trabalho para jantarmos.

Seguimos com o meu carro até a nossa pizzaria favorita, mas eu o achei um pouco tenso, falando pouco durante o trajeto.

— Ok, desembucha. – eu disse quando o garçom se afastou.

Ele sorriu, depois respirou fundo, sorriu mais uma vez e me encarou. Alguma coisa acontecia com meu amigo e eu podia apostar que tinha a ver com a Luiza.

— O que a Luiza aprontou? – eu questionei. – Certeza que isso tem a ver com ela... – eu disparei. – Se ela fez alguma coisa com você... eu juro... eu arranco todos os fios...

— Ela não fez nada! – ele respondeu rapidamente. – Ainda...

— Abre essa boca pelo amor de Deus, criatura! – eu quase gritei com ele.

— Eu quero me casar com ela! – ele disse numa rajada só.

Ele me olhava com cara de cachorrinho pidão e eu não conseguia entender aquele olhar. Será que ela tinha dito não?

— Ela não aceitou? – eu questionei com cuidado. Mataria aquela menina se ela recusasse o Alex.

— Ela não sabe ainda. – ele disse finalmente. – Você sabe que eu estou completamente apaixonado por ela, né? Mas eu estou morrendo de medo de ela me recusar.

— E por qual razão ela faria isso? Ela não tem o direito de te recusar. – eu disse enfática. – Você é uma das melhores pessoas que eu conheço. Nenhuma mulher em sã consciência recusaria ter você ao seu lado. – ele sorriu de leve e me olhou de lado.

— Você recusou. – ele disse. Espremi os olhos, segurando uma gargalhada.

— Eu não estava em sã consciência... e você me dispensou primeiro. – sorri lembrando-o dos acontecimentos de alguns meses antes.

— É, você está certa. – ele disse tomando um gole da sua bebida.

— Alex, qual é o medo real? – eu segurei uma de suas mãos.

— Que ela não esteja pronta, que não me ame o suficiente, que ache que é muito cedo...

— Então espera mais um pouco. – eu disse de modo carinhoso. – Tente descobrir essas respostas. – ele suspirou profundamente. – Embora eu ache que você está fazendo muito drama por pouca coisa. Ela te ama.

— Como você pode ter tanta certeza?

— Ela fica toda derretida perto de você, os olhos brilham quando ela olha para você. E, acima de tudo, ela não tentou roubar o Josh de mim!

— Sua besta! – ele soltou depois da nossa sonora gargalhada. – Bom, vou pensar no que você disse. E acho bom já ir se preparando, porque se ela disser sim, você será minha madrinha.

— Ai de você se não me chamasse. – e nosso jantar seguiu entre risadas.

Cerca de duas horas depois decidimos ir embora. Como ele estava sem carro, e tinha bebido um pouco a mais, decidi dar-lhe uma carona, já que não morávamos tão longe assim um do outro. Um toque especial tocou quando eu estava prestes a ligar o carro.

Josh: Saudade! O que está fazendo?

Nanda: Muita saudade também. Acabei de jantar com o Alex, inseguranças no paraíso. Assim que chegar em casa te aviso.

Josh: Vou esperar. Te amo.

Nanda: Te amo também.

— Ah, o amor! – disse Alex ao meu lado.

— Calado. – eu respondi e saí com o carro.

Alguns quarteirões depois percebi que um carro nos seguia. Ah, esses paparazzi! Soltei alguns palavrões e acelerei um pouco para tentar despistá-lo. Não queria que Alex também entrasse naquela roda-viva de fofocas, insinuações e falta de privacidade.

Não adiantou muito eu ter acelerado, já que o carro colou na minha traseira quando entramos na avenida de trânsito rápido. Fiquei um pouco tensa, assim como Alex ao meu lado. Pensei em desacelerar, ou entrar em um dos bairros, mas sabia que não adiantaria realmente.

Continuei meu trajeto, prestando atenção ao caminho, até que o carro saiu para me ultrapassar e ficou emparelhado do meu lado direito. Olhei incrédula para o lado e um flash ofuscou completamente a minha visão.

— Mas que merda! Não estou vendo nada! — eu berrei de raiva e de medo.

Eu não conseguia ver o que tinha à minha frente e instintivamente tirei o pé do acelerador. Eu mal tinha recuperado um milésimo da visão e um segundo flash nos acertou novamente.

— NANDA CUIDADO! — ouvi o grito desesperado do Alex ao meu lado. Pisei no freio, sem saber para onde estava indo e então tudo escureceu.

Capítulo 27

Josh

Aquele primeiro dia foi o mais difícil de lidar, pois não acordei com ela em meus braços, nem tomamos café juntos. Definitivamente eu tinha voltado para minha rotina sem graça e estressante. Ainda no começo da manhã eu segui para Nova York para começar as gravações de meu próximo trabalho.

No fim da tarde ela me ligou dizendo que estava com saudade e que queria ouvir minha voz. A saudade apertou em meu peito e ficamos conversando até que Steve chegou para mais reuniões.

Aquelas duas semanas passaram e eu quase não percebi tamanho era o estado de letargia em que me encontrava. Meu dia só ganhava vida quando eu falava com Nanda, apesar de ter que me concentrar no trabalho que estava realizando.

Tenho que confessar, contudo, que enquanto estava em cena, atuando, quase me esquecia da saudade que sentia dela. Eu procurava ouvir seus relatos atentamente e a cada descrição de lugar ou atração eu desejava estar ao seu lado, desfrutando de sua companhia, compartilhando das suas descobertas.

— E então, Josh, o que achou do roteiro? – Steve me perguntou.

— O roteiro? Ah, sim. Interessante. – eu respondi vagamente, sendo trazido dos meus pensamentos em Nanda.

— Ok, olha, sei que você está com todos os seus pensamentos voltados para sua dama misteriosa, mas eu preciso que se concentre por dois minutos, ok?

— Desculpe Steve. – eu disse rendido. – Pode repetir, por favor?

E ele repetiu a proposta de um possível novo filme, que seria rodado em breve, e dessa vez me obriguei a prestar atenção no que ele falava. No fim, percebi que teria pouquíssimo tempo entre o término das filmagens do filme atual e o início das gravações do próximo para ficar com minha Nanda.

Ah, Nanda! Como será que ela receberia essa notícia? Seriam quase quatro semanas gravando o filme e eu não teria tempo de voltar para ficar com ela.

Passei aquela noite acordado, pensando e repensando nessa minha

história com ela, nessa paixão avassaladora que me atingiu. Eu a queria comigo, do meu lado, mas não podia abdicar da minha carreira. O que fazer então?

Num ímpeto romântico desesperado liguei para ela pra saber qual seria seu próximo destino. Eu iria encontrá-la nem que fosse no Alasca. Quando descobri que ela seguiria para Veneza, meu coração se encheu de alegria

Eu teria aquele final de semana de folga durante as gravações e queria aproveitar para matar as saudades dela. E nada melhor do que a Itália para um reencontro amoroso, não é?

Quase não dormi com a expectativa de encontrar Nanda no dia seguinte. Ok que o vôo também não ajudou, já que os vôos dos EUA para a Europa demoram pra caramba, mas eu tinha que estar bem para vê-la. Sei que ficaríamos apenas alguns dias juntos, mas eu queria que fossem os melhores dias de todos.

Cheguei perto da hora do almoço e logo já estava totalmente imerso nos preparativos do nosso quarto. Obviamente eu escolhi a melhor suíte, com a melhor vista da praça e a mais particular possível.

Nanda me ligou dizendo que seu vôo tinha atrasado, o que me deu mais algum tempo de preparativos e então recebi sua nova ligação, dizendo que já estava em terras italianas. Sabia que ela demoraria algo em torno de meia hora até chegar e nos reencontrarmos.

Confesso que estava um pouco nervoso e não conseguia ficar parado. Decidi ir para a sacada e observar um pouco o movimento de turistas por ali. Tinha bastante gente, é verdade, mas isso realmente não importava. Veneza era uma das cidades mais românticas do mundo, e tudo o que eu queria com Nanda era romance e amor.

Voltei para dentro do quarto, para checar pela enésima vez se tudo estava do jeito que eu tinha arrumado e então o telefone tocou: o recepcionista dizendo que ela tinha chegado.

Meu coração acelerou-se imediatamente e por um segundo eu fiquei igual a barata tonta, sem saber o que fazer. Respirei profundamente para me acalmar, servi as duas taças com o champanhe e liguei o som.

Ouvi quando o elevador chegou ao nosso andar e quase pude vê-la caminhando pelo corredor. Vi sua sombra atrás da porta e então ela entrou, encarando-me com uma expressão de encanto e felicidade.

— Bem vinda ao nosso ninho, meu amor. — eu disse e a vi se derreter inteira, abrindo um largo sorriso.

Claro que ela não seguiria meu roteiro imaginário primeiro brindando ao nosso reencontro, depois almoçando e depois matando a saudade. Nanda veio direto para meus lábios, dando-me um beijo cheio de saudade, e só depois é que ela bebericou o champanhe.

Mas eu tenho que confessar, eu também não queria seguir aquele roteiro bobo que eu tinha imaginado enquanto a esperava e logo estávamos um nos braços do outro, nos curtindo, nos provocando, nos amando.

Céus, aquela mulher era meu vício e minha perdição. Eu não conseguia, eu não queria pensar em mais nada quando estávamos juntos. Só o que importava era o sentimento que nos envolvia naquela magia inebriante.

Estávamos exaustos após atingirmos o auge do prazer, mas extremamente felizes por estarmos nos vendo mais uma vez. Ela ficou aninhada em meu peito, curtindo aquele momento especial ao meu lado.

Almoçamos no nosso quarto quando nossos estômagos resmungaram e eu lhe dei a notícia de que ficaríamos juntos por pouco tempo. Obviamente que ela não gostou, mas esforçou-se ao máximo para não demonstrar seus sentimentos. Eu merecia aquela mulher?

Ao ver seus olhos brilharem em direção à Praça São Marcos eu não resisti. Tínhamos que passear por lá, apesar de ser perigoso, já que havia muitos turistas por ali. Mas não importava, ela merecia aquele esforço.

Eu havia aprimorado meu disfarce e ele estava composto por uma longa peruca negra, óculos redondos à lá John Lennon, uma barba e bigode mais fechados e um chapéu ao invés do já tradicional boné. Quando Nanda me viu, teve um ataque de riso, mas acabou confirmando que eu estava irreconhecível.

Passeamos durante algum tempo, visitamos a Basílica, decidimos jantar em um dos charmosos bares da região e depois fomos tomar sorvete. Quando voltávamos para o hotel fomos pegos por uma chuva e, depois de nos molharmos e brincarmos como crianças, passamos a noite toda nos amando das mais variadas formas possíveis.

Tiramos o dia seguinte para aproveitar ainda mais a cidade e tudo correu perfeitamente até que aqueles urubus que se dizem jornalistas nos encontraram. Confesso que fiquei possesso de raiva e frustração por eles terem me encontrado e por terem atrapalhado meu namoro com Nanda.

Minha vontade era de sair brigando com eles, arrebentar todas aquelas máquinas e mandá-los pro inferno.

Mas ela me ajudou. Nanda foi maravilhosa me acalmando, me mostrando que o estrago tinha sido menor do que eu estava pensando e ficando ao meu lado. E, acima de tudo, cada vez que eu via aquele brilho em seus olhos, eu tinha mais certeza de que ela me amava de verdade. Ela era a melhor coisa da minha vida, pois conseguia fazer com que a minha melhor parte se fortalecesse.

Passamos a noite nos amando, confirmando que não estávamos juntos apenas por uma atração física, mas que nossas almas, nossos corações também se complementavam.

Fui acordado pela claridade que invadia o quarto: o dia tinha chegado rápido demais e eu não queria ter que deixá-la. Mas era inevitável. Tomamos o café juntos e, com muito esforço, eu segui meu caminho.

Ainda dentro do elevador coloquei meus tradicionais óculos escuros e me preparei para a minha rotina longe dela. Mal a porta metálica se abriu os flashes quase me cegaram e os gritos quase me ensurdeceram. Rapidamente entrei no táxi, escoltado pelos seguranças do hotel e segui para o aeroporto, deixando para trás minha verdadeira felicidade.

Deixar Nanda depois daqueles dias de puro romance foi a coisa mais difícil que eu já tinha feito até aquele momento. Coloquei minha cara mais emburrada para estampar meu rosto e, honestamente, não estava muito preocupado com o que falariam ou deixariam de falar.

Cheguei a Londres no mesmo dia e no dia seguinte já estava de volta a NY para as gravações do novo filme. Passei o mês inteiro lá, tentando gravar e não ser atropelado por táxis enquanto fugia das minhas fãs histéricas.

Tenho que confessar que foi difícil. Por sorte minha co-estrela e os demais atores não ficaram furiosos comigo por termos que interromper as gravações várias vezes devido aos gritos ensurdecedores.

No meio do mês tivemos um evento no qual a trilogia de filmes que me deu o estrelato concorria a vários prêmios e levamos praticamente tudo.

E novamente, com a minha aparição ao lado da Emma, os boatos sobre nós voltaram a se inflamar. Será que mais ninguém via que éramos amigos apenas? Ok, amigos bem chegados, mas apenas isso.

Algumas semanas depois eu finalmente terminei as gravações em Nova York e consegui alguns dias de folga. Conforme tinha combinado com Nanda, peguei o primeiro voo para Londres e a ansiedade por vê-la me corroia por dentro.

Eu sabia que aquele seria nosso último encontro antes de ela voltar para o Brasil, então enquanto atravessava o Oceano Atlântico, botei minha cachola para funcionar: tinha que ser perfeito, mais perfeito ainda do que foi Veneza.

Assim que botei meus pés no aeroporto de Heathrow liguei para ela, avisando-a de que tinha chegado. Obviamente a movimentação devido à minha chegada era intensa, mas nem se comparava à loucura que eram os aeroportos americanos, principalmente o de Los Angeles.

Durante o trajeto até minha casa fui elaborando melhor meu plano. Liguei para o hotel 5 estrelas de que mais gostava e reservei nossa suíte. Não deu pra ser a presidencial, como Nanda merecia, mas não ficava muito atrás.

Quando cheguei em casa James, meu irmão caçula, disse que nossos pais tinham acabado de sair com nossa irmã. Achei até que bom, pois pude contar a James sobre a Nanda e combinar o esquema para a noite.

A banda do meu pai se apresentaria e ele havia me pedido para tocar algumas músicas com eles. Eu não podia negar um pedido do coroa, né. James se prontificou a me ajudar, e concordava que aquele não era o melhor momento para contar a todos sobre a Nanda já que ela voltaria para o Brasil na noite seguinte.

Logo meus pais e minha irmã voltaram e pudemos matar as saudades. Desde que eu havia me mudado para Los Angeles o tempo com eles ficava cada vez mais escasso e espaçado.

Ficamos quase que a tarde toda na cozinha, conversando e isso quase me fez esquecer por alguns momentos da minha vida maluca.

Aproveitei para ligar para meus melhores amigos, Ray e Dave. Fazia tempo que não nos víamos e ambos ficaram felizes por podermos nos reencontrar depois de tanto tempo longe da terra da rainha.

James me mandou um ok, dizendo que o esquema para Nanda já estava ajeitado e ela ficaria em nosso camarote. Se eu estivesse entre família e amigos, nenhum curioso prestaria muita atenção nela e ela ficaria preservada por mais algum tempo.

Depois das atualizações eu aproveitei para tirar um cochilo do longo vôo seguido por um longo e demorado banho, pensando apenas na saudade que eu estava da minha linda e de como nossa noite seria especial.

Conforme combinado com meu pai, fiz uma apresentação rápida ao seu lado no pub e depois cantei uma música sozinho. E foi para ela. Nossos olhares

se encontraram e ela sabia que era pra ela. Depois dei um tempo no camarote e logo em seguida Nanda e eu nos atracávamos no táxi rumo ao hotel. E assim seguiu nossa noite de reencontro.

Eu olhava para ela, que estava adormecida em meus braços em meio a lençóis e pétalas de rosas e repassava aquele nosso reencontro. Era torturante ficar longe dela, ficar longe de seus beijos e longe de seu amor. Ela me completava de tal maneira que eu já não sabia mais se conseguiria viver sem ela.

Agradei mais uma vez por ter aceitado aquela ideia maluca de fazer uma viagem ao lado de uma completa desconhecida e então me lembrei de que em menos de 24 horas ela estaria indo embora para seu país. Aquilo doeu em meu peito e acariciei seu delicado rosto com a ponta dos dedos. Eu faria daquelas, as melhores horas de sua vida.

Tomamos café juntos, nos amamos mais uma vez e combinamos nosso próximo encontro, que seria no Canadá. E então a fatídica hora chegou.

Um último beijo, um último abraço e ela desapareceu elevador adentro, deixando-me ali com o coração arrasado por ver minha felicidade ir embora sem que eu pudesse realmente fazer alguma coisa.

Ver Nanda deixando nosso cantinho doeu fundo em meu coração. Eu não queria admitir, mas sua volta para o Brasil deixava as coisas muito mais complicadas para ambos. Como eu faria longe dela? Respirei fundo mais algumas vezes e voltei para a casa dos meus pais.

Assim que atravesssei a porta James me mandou aquele olhar solidário. Ele já sabia de tudo, apenas de olhar para mim ele sabia que Nanda tinha ido embora.

— Vai dar tudo certo, cara. — ele disse ao passar por mim.

— Não sei como. — eu disse.

Ele me deu um soco de leve no ombro e me levou para a cozinha, onde minha mãe acabava de tirar do forno uma torta que todos adorávamos. Ela me olhou de soslaio, com um ar desconfiado, mas nada disse naquele momento. Comentamos sobre o show da noite anterior, conversamos amenidades e fui para meu quarto.

— Filho? — minha mãe bateu em minha porta. — Está tudo bem?

— Oi, mãe. — eu respondi me ajeitando na cama. — Por que a pergunta?

— Joshua, Joshua... Até parece que não te conheço desde que estava na

minha barriga. – ela disse e sentou-se na beirada da cama. – O que está acontecendo com você?

— Então, mãe... Lembra quando eu desapareci em férias em junho?

— Você conheceu alguém! – ela disse com alegria. – Quem é ela? É boa moça? É atriz também? Não é a sua parceira Emma, é?

— Calma mãe! – eu pedi e então contei a ela toda a história.

Aliás, acabei contando a todo mundo, afinal minha mãe não ficaria de bico fechado, e eu não tinha nenhum motivo para esconder Nanda deles. Só não tinha contado antes porque senão teria que dividir o último dia da Nanda em Londres com toda a família. E assumo que fui egoísta por querê-la só para mim.

Por fim todos aprovaram minha história maluca e me fizeram prometer que a apresentaria a todos na próxima oportunidade. Confesso que me senti aliviado e fui dormir em paz. No dia seguinte eu já teria que estar de volta a Los Angeles, de volta à maluquice que era minha vida.

O voo para LA foi cansativo e demorado, e logo eu já estava rodeado pelos meus seguranças e minhas fãs. Eu tentava não reclamar, afinal todo o meu sucesso era devido aos fãs, mas eu confesso que fama e sucesso são complicados de se lidar.

Logo que cheguei já segui para os meus compromissos e aproveitei a noite para jantar com a Emma, que não parava de me ligar. Eu tinha contado por cima para ela sobre a Nanda, mas ela insistia em saber mais. Mulheres!

— Nossa, ela é linda. – ela disse ao ver uma das nossas fotos. – E parece ser muito simpática também.

— Ela é perfeita. – eu disse deixando um suspiro escapar.

— Bom, isso eu já não posso dizer. – ela riu de lado. – Só posso dizer que você está completamente encantado por ela.

— Não é encantamento, Emma. – eu disse. – Eu a amo.

— E ela? Também te ama mesmo?

— Claro que ama, o que você quer dizer? – e eu me revoltei um pouco por ela duvidar do nosso sentimento.

— Calma, Josh. – ela tentou se desculpar. – É que ela pode estar encantada por você, não sei. Vocês se conhecem há tão pouco tempo. Passaram tão pouco tempo juntos. Sei lá... – e ela ficou reticente. – Não dá pra conhecer alguém em uma viagem maluca dessas e dizer que é o amor da sua vida. Pra

mim, o amor surge da convivência, você sabe disso.

— Eu entendo você. – eu disse analisando seu ponto de vista. – Mas a Nanda não é assim. Eu sei que o que sentimos é verdadeiro.

— Ok, ok, não vou mais discutir com você. – ela disse. – Espero mesmo que ela seja tudo isso que você fala e que vocês sejam felizes. – e após alguns minutos de silêncio ela disparou. – Quando vou conhecê-la?

— Em outubro ela tem que estar em Toronto. Como estaremos filmando em Vancouver, vou dar uma fuga para nos encontrarmos.

— Bom, num desses dias então eu quero conhecê-la, ok? – e sorriu de lado. – Ela tem que passar pelo meu crivo.

— Ela vai passar. – eu disse seguro de mim. Não tinha como não gostar da Nanda.

Aquela conversa toda me deixou morrendo de saudade da minha linda e não resisti em ligar para ela. Ela estava jantando com o Alex – apenas amigo agora – e eu sorri com a coincidência de ambos estarmos dividindo nossa história com nossos amigos mais próximos. Nos falamos por alguns minutos e então eu desliguei.

A Emma me olhava e ria balançando a cabeça, mas eu sabia que ela estava feliz por mim. Depois de um tempinho fomos embora e eu finalmente pude descansar em minha enorme cama. Eu tinha alguns compromissos para os próximos dias e em seguida estaria me mudando para Vancouver para mais um tempo de gravações.

Já fazia quase quinze dias que estávamos gravando freneticamente em Vancouver. Trabalhar era a única coisa que amenizava a saudade que eu estava da Nanda. Claro que nos falávamos todos os dias, às vezes, até mais de uma vez, mas nem isso ajudava. E não sabíamos bem como levar nosso namoro dessa maneira.

Ela tinha conseguido um emprego em uma multinacional alguns dias depois de ter voltado de viagem. Eu estava muito orgulhoso dela, mas sabia que isso dificultaria ainda mais nossas viagens, afinal ela não poderia simplesmente sair do trabalho para passar uma temporada comigo em algum lugar do mundo.

Um dia ela me ligou com a voz meio tristonha. Seus pais haviam me reconhecido em um trailer e não aceitaram tão bem assim o fato da filha estar namorando um ator famoso estrangeiro. Havia receios em relação à privacidade e mudanças de rotina, então tínhamos que planejar bem as coisas para que

podéssemos manter nosso anonimato o máximo de tempo possível.

Depois de Veneza fomos cuidadosos novamente, mas eu sabia que não tinha como escaparmos do caos quando nos tornássemos públicos.

Os rumores sobre meu suposto relacionamento com Emma, de certo modo, eram uma espécie de proteção pra Nanda, mas eu não poderia – e nem queria – mantê-la escondida. Eu a amava e ela me amava. Uma hora ou outra teríamos que lidar com o fato de ela estar em um relacionamento com uma pessoa pública.

As gravações em Vancouver continuavam a todo vapor, porém, conforme a data do nosso reencontro se aproximava, mais distraído eu ficava. Emma me deu algumas broncas, mas nada que pudesse abalar o meu humor.

— E então, quando ela chega? – ela me perguntou.

— Ainda hoje ela chegará em Toronto. – eu disse. – Vou para lá na sexta à noite.

— E quando vou conhecê-la?

— Acho que ela vem comigo para Vancouver, então marcaremos alguma coisa entre vocês. – eu disse.

— Acho bom. – Emma disse. – Não vejo a hora de conhecê-la.

Aqueles três dias se arrastaram, ao contrário do que vinha acontecendo nas semanas anteriores. Nanda me mandou uma mensagem dizendo que havia chegado e já estava na casa da sua amiga. Eu mal podia esperar para reencontrá-la. Já tinha reservado uma suíte num belo hotel e assim que acabassem as filmagens da semana, seguiria para rever o meu amor.

Cheguei ao hotel em Toronto na manhã do sábado, dia do casamento da amiga da Nanda. Felizmente o clima estava ameno e mais quente do que o esperado para o outono. Saí do aeroporto direito pro hotel, apenas troquei de roupa e segui rumo ao endereço que ela tinha me passado.

Após alguma espera eu finalmente a vi. Linda. Quase não me segurei durante a cerimônia e assim que foi possível ela correu em minha direção.

Nosso abraço foi forte, intenso, cheio de emoção. Segurei seu rosto entre minhas mãos e no momento seguinte nossos lábios estavam grudados num beijo afoito, quase desesperado. Ah como era bom sentir novamente seu gosto misturado ao meu. Nanda foi diminuindo o ritmo do nosso beijo até dar-me apenas selinhos. Quando me olhou, seus olhos estavam marejados.

Conforme pede a educação, ficamos na festa por algum tempo. O almoço foi servido, a noiva jogou o buquê, o qual Nanda não fez esforço para pegar e então seguimos para nosso hotel Finalmente Nanda seria apenas minha.

Nosso reencontro foi à base de um sexo maravilhoso e intenso. Confesso que não tive muita paciência para as preliminares e a surpreendi um pouco apressado, mas ela bem que gostou. Tanto que chegou ao clímax antes de mim. A saudade e necessidade que eu tinha dela falaram mais alto, mas depois eu a compensaria. Acabei adormecendo também, feliz por ter minha garota comigo mais uma vez.

Quando acordei ela estava longe de mim. Ela parecia angustiada e eu sabia que era por nossa situação. Conversamos um pouco e eu garanti a ela que daríamos um jeito, que eu faria de tudo para dêssemos certo.

Nanda me abraçou com força, prendendo-me a ela num desespero que eu ainda não tinha sentido. Desde que nos conhecemos em junho aquela foi a primeira vez que a vi tão fragilizada, tão sensível. Afaguei suas costas, tentando acalmá-la.

Ainda conversamos muito, inclusive sobre sua posição em relação a casamentos e também sobre nossos pais. Tínhamos que ser apresentados às nossas respectivas famílias e, depois de planejarmos, combinamos as datas. Primeiro minha família, depois a sua.

Mas antes de qualquer um, Nanda teria que conhecer Emma, ou minha amiga me esfolaria vivo.

Como já era noite, pedimos nosso jantar no quarto e deixamos nossa bagagem praticamente organizada. Pegaríamos um vôo no meio da madrugada para chegarmos na parte da manhã em Vancouver. Queria mostrar o set de filmagens pra ela, mostrar um pouquinho da minha vida.

A viagem foi cansativa, mas Nanda não parecia sentir. Depois que chegamos, passamos uma boa parte da manhã no set de filmagem e depois fomos almoçar com a Emma. Não sei o que deu na minha amiga, mas ela mais parecia um detetive numa sala de interrogatório do que uma pessoa normal. Nanda tirou tudo de letra, aparentemente sem se incomodar com a atitude extra protetora da Emma.

Tudo ia muito bem, com exceção das perguntas da Emma, até que Lisa apareceu. A irmã caçula da Emma sempre foi apaixonada pelo personagem que eu interpretava, mas acabou confundindo as coisas e jogou sua obsessão em mim. Então eu não podia aparecer com outra pessoa que ela surtava,

literalmente. E foi o que aconteceu.

Depois de pedidos de desculpas por parte da Emma, ela foi embora e nós voltamos para o hotel. Expliquei a Nanda toda a situação com Lisa e, pela primeira vez, percebi minha garota enciumada.

Claro que ela não tinha motivos. Nunca dei e nunca daria nenhuma atenção a Lisa, mas confesso que me senti um pouco lisonjeado com a preocupação da Nanda.

Esse nosso minúsculo desentendimento foi encerrado com mais uma sessão de sexo e amor e então ela se foi mais uma vez.

Logo depois que Nanda partiu, senti aquele vazio em meu peito. Como era possível amar alguém com tamanha intensidade? Eu disse que nosso reencontro aconteceria logo, mas ainda faltava cerca de um mês até nos revermos em Londres.

Assim como da outra vez, os dias se arrastavam, exceto quando eu estava trabalhando. Aquele era o último filme da franquía e em dezembro já começariam os preparativos para um novo trabalho. Emma teceu inúmeros elogios sobre minha namorada, me apoiando quando a saudade apertava.

Reencontrei Lisa alguns dias depois e, para meu espanto, ela não veio correndo se atirando sobre mim. Emma me explicou, depois, que ela estava usando alguns medicamentos e as sessões de terapia a estavam ajudando a diferenciar realidade de ficção. Eu só podia ficar feliz – e aliviado – por ela.

Eu falava com Nanda todos os dias, querendo saber sobre o seu dia, suas conquistas, suas coisas rotineiras. Algumas vezes falava com seus pais também. Sua mãe, Dona Lidia, já tinha meio que me aceitado, mas o pai dela, Seu Sérgio, era duro na queda. Bom, acho que eu não podia culpá-lo, afinal minha vida corrida e as atitudes de alguns colegas meus não deixavam os atores de Hollywood com uma boa fama. Mas eu mudaria isso.

Sei que o tempo voou e lá estava eu embarcando para Londres, para rever minha família e finalmente apresentar Nanda aos meus pais e Kat. Eles estavam bastante curiosos e James estava me ajudando a lidar com toda aquela ansiedade.

— Oi, família! – eu disse quando entrei em casa no começo da manhã.

— Josh, filho! – minha mãe gritou vindo ao meu encontro. – Peça para a Nanda esperar uns minutinhos, ainda não estou pronta, preciso me trocar...

— Calma, mãe. – eu disse entre risos. – Ela acabou de me avisar que seu vôo está atrasado. Você ainda terá algumas horas.

— Oh, Deus! — ela disse largando-se numa das cadeiras. — Ainda bem. Eu me atrasei na cozinha e já estava desesperada.

— Pode sossegar. — eu disse. — Mas você podia ao menos me dar uma abraço, né?

Foi engraçado ver sua reação. Ok, eu sabia que a chegada da Nanda traria um pouco de ansiedade, mas não imaginei que deixaria minha mãe tão atordoada assim. Em seguida meu pai, Kat e James também chegaram da rua e ficamos conversando por um tempo.

Insisti com Nanda de que eu ou o James poderíamos buscá-la no aeroporto, mas ela não aceitou e combinamos que ela pegaria o metrô até uma estação não muito longe de minha casa. James prontificou-se a buscá-la.

— Ela acabou de embarcar no trem. — eu disse depois de ler sua mensagem.

— Já estou saindo então. — James disse e logo tinha sumido de casa.

A ansiedade meio que tomou conta de todos nós e agora era só esperar até minha Nanda atravessar a porta da nossa casa.

Nanda chegou um pouco antes do almoço. Minha família ficou encantada por ela, assim como eu tinha ficado meses atrás. Ela tinha uma luz, uma energia boa que fazia com que todos se sentissem bem ao seu lado.

Depois de comermos fomos para o quarto tirar um cochilo. O dia estava frio e ela cansada da longa viagem. Ela relutou um pouco, pois disse não querer perder nenhum minuto, mas o cansaço acabou falando mais alto.

Cerca de duas horas depois ela despertou. Desceu as escadas com uma linda carinha de sono. Minha mãe estava na sala em meio a algumas caixas e a chamou para se sentar ao seu lado. Quando vi do que se tratava, tentei fugir, mas não tive escapatória. As mães e suas capacidades de nos constranger com imagens de criança!

Depois de um tempinho resgatei Nanda das garras da minha mãe e da minha irmã e fomos passear por Londres. Eu já tinha tudo planejado para nossa noite, mas ansiosa como ela era, ela acabou meio que me fazendo contar que sim, eu tinha preparado algo para nós.

E, depois do jantar, sequestrei minha linda para nossa noite romântica que foi maravilhosa. Nossa química era especial, nossos corpos se encaixavam perfeitamente, nosso sentimento era verdadeiro. Acordei com a claridade da manhã e ela estava encaixada em meu peito, a expressão suave, um leve sorriso

nos lábios.

Alguns minutos depois ela também acordou e decidimos tomar nosso café ali mesmo, aproveitando mais um pouco do nosso momento a sós.

Voltamos para a casa dos meus pais um pouco antes do almoço. Kat sequestrou Nanda para conversarem, acho que ela queria saber mais sobre minha namorada, enquanto fui ajudar minha mãe. Eu achava muito mais prático sairmos para comer fora, mas quem podia ir contra os desejos da dona Helen?

Nosso almoço foi regado a risadas, meus pais contando mais histórias embaraçosas sobre minha infância e Nanda se solidarizando e contando algumas peripécias suas também. Durante a tarde eles mostraram alguns vídeos do início da minha carreira, eu e meu pai tocamos juntos algumas músicas e no começo da noite Nanda se preparou para ir embora.

Outro abraço apertado, um beijo demorado e lá se foi ela mais uma vez.

Minha família era só elogios para Nanda. E não tinha como ser diferente mesmo. Ela era especial e sua aura quase angelical cativava a todos. Voltei para Vancouver na manhã seguinte e depois de uns dias as gravações finalmente terminaram. Voltei para LA, descansei por mais alguns dias e logo estava embarcando para São Paulo para, finalmente, conhecer meus sogros.

Cheguei tarde da noite no Brasil e Nanda me levou direto para o hotel. Eu achei que teríamos um pouco de ação, já que eu estava morrendo de saudade dela, mas quando cheguei, depois de mais de 12 horas de vôo, o cansaço falou mais alto. Jantamos no quarto e ela passou a noite comigo, e acho que foi a primeira vez que apenas dormimos juntos.

Na manhã seguinte ela saiu voando, nem me dando a chance de tomarmos o café juntos, mas como aquele era o grande dia de eu finalmente conhecer seus pais, acho que o nervosismo dela era justificado. Como ainda tinha um bom tempo até ela voltar, acabei voltando a dormir por mais algum tempo.

Depois que acordei pela segunda vez fui me arrumar. Fiquei pronto uns vinte minutos antes do horário combinado e nesse meio tempo fui me atualizar sobre as notícias. Duas batidas na porta me trouxeram de volta.

Sáímos do hotel rumo a sua casa. Eu tinha ido uma vez a São Paulo, mas foi tão corrido que nem pude prestar atenção ao lugar. As ruas estavam cheias, mas o trânsito fluía com certa rapidez. Nanda disse que demos sorte.

Depois de uns 30 minutos paramos diante de sua casa. Ela acionou o

portão eletrônico e logo estávamos em uma garagem.

— Chegamos. – ela disse.

Senti um frio na barriga, mas tratei de me recompor rapidinho. Passamos por uma porta lateral e entramos em uma sala. Os pais da Nanda estavam de pé, esperando por nós. Sua mãe, Lidia, era uma mulher muito bonita, olhos esverdeados e cabelos mais claros; seu pai, Sérgio, era um homem alto, com porte bem definido, cabelos castanhos e olhos da mesma cor. Quase o mesmo tom dos olhos da Nanda.

Ela nos apresentou e eles me receberam conversando fluentemente em inglês. Dona Lúcia foi amável e gentil, já o Sr. Sérgio ainda parecia desconfiado. Após algumas perguntas, que eu já esperava devido aos comentários da Nanda, e meu esforço pra ser o mais sincero possível eu acabei conquistando sua confiança e terminamos o interrogatório nos abraçando. A guerra foi vencida!

Almoçamos o que Nanda me disse ser a tão famosa feijoada e depois sua mãe fez exatamente o que a minha tinha feito. Essas mães, viu! E no fim do dia ela me levou de volta ao hotel. Jantaríamos com Alex e sua namorada, Luiza.

O combinado com seu amigo era jantarmos no restaurante do hotel, onde teríamos mais privacidade e menos riscos de turistas, que começavam a chegar à cidade, me reconhecerem.

Confesso que estava curioso a respeito do tão famoso Alex. Como ainda teria um tempinho até o jantar, eu tomei um relaxante banho, sintonizei em um dos canais de música para passar o tempo mais sossegado e me arrumei sem pressa.

O jantar foi ótimo, conhecer o Alex foi interessante e logo estávamos em um clima bastante agradável. Conhecer um pouco mais do amigo da Nanda e ver como ele estava apaixonado pela namorada foi o suficiente para eu perder qualquer medo ou insegurança que ainda pudesse ter. Ele era alguém importante na vida dela e eu não queria que nada mudasse entre eles.

Assim que eles foram embora Nanda e eu seguimos para o quarto. Mal a porta do elevador se fechou, ela atacou meus lábios com fúria e desejo. Saímos do elevador aos tropeços e logo já estávamos dentro do quarto matando as saudades.

No dia seguinte tomamos café no hotel e, como meu tempo era curto, Nanda me levou para conhecer apenas um local na cidade, um jardim botânico muito bonito que me lembrou em alguns momentos o nosso passeio em Sintra. Era lindo de ver como seus olhos brilhavam quando ela falava de jardins e

natureza.

Na nossa despedida ficamos meio que combinados que eu voltaria ao Brasil para passar o réveillon, já que o Natal ficou reservado para nossas famílias. Eu só precisava confirmar minha agenda, mas daria meu jeito para passar mais uns dias com ela.

O fato era que nossa situação não era das mais fáceis. Por sermos de mundos tão diferentes, termos rotinas tão diferentes, morarmos em países diferentes, nosso convívio era muito mais limitado do que em casais comuns. Vivíamos na ponte aérea, perdíamos tempo de deslocamento para ficarmos um ou dois dias juntos. Era tão injusto... Com ambos.

Saí de Los Angeles e me mudei para Washington para as filmagens do novo filme. Minha agenda perto das festas de fim de ano estava livre, então logo avisei Nanda de que nos encontraríamos para a passagem de ano. Tudo estava dando certo.

As semanas passaram rapidamente e logo já era véspera de Natal. Fui para Londres, passar a data com minha família. Minha mãe e a Kat me encheram de perguntas sobre a família da Nanda, como eu tinha sido recebido, como foi minha viagem.

Conforme tínhamos combinado, nos falamos pela internet no dia de Natal e meus pais conheceram os pais dela, pela tela do computador. Foi quase uma reunião familiar, exceto pelos milhares de quilômetros que nos separavam.

— Então vocês vão passar o final do ano juntos? Que bom, Josh. — disse Emma quando liguei para lhe desejar feliz natal. — E como foi com as famílias?

— Foi tudo ótimo. — eu disse empolgado. — Sinto que as coisas estão ficando cada vez mais sérias, e estou gostando disso.

— Faça uma linda viagem, meu amigo. — ela desejou e desligamos.

Finalmente chegou o dia de eu voltar para o Brasil. Nanda foi me buscar no aeroporto, dormimos em sua casa e no dia seguinte seguimos para a tal casinha na praia.

A casinha não era bem uma casinha e sim uma respeitável casa de veraneio. Contudo, o que me encantou mesmo foi a praia. Uma faixa de areia pequena, que me dava a sensação de estarmos isolados do mundo. Conheci os caseiros, tomamos um farto café e fomos caminhar pelas areias brancas.

Nanda tinha um largo sorriso nos lábios e o brilho em seus olhos me lembrou nosso primeiro passeio em Porto, visitando os jardins. Nem podia

imaginar que alguns meses depois estaríamos juntos, como um casal.

Ela me olhou de lado, tentando imaginar o que eu pensava. Sorri de volta, beijando sua testa e apertando-a em meus braços. Caminhamos até o finalzinho da praia e depois voltamos. Sem pressa, sem desespero, apenas curtindo o clima.

O almoço foi delicioso. Passamos a tarde chuvosa conversando amenidades e, depois de mais um banquete no jantar, fomos dormir ao som da água que caía, após nos amarmos mais uma vez.

O dia estava mais aberto, com o Sol brilhando entre as nuvens. Passamos o tempo todo ali, sem fazer nada a não ser curtir a paisagem e a nós. À noite Nanda me convidou para um passeio de lancha e recebemos o novo ano do jeito que mais gostávamos, nos amando intensamente sob os fogos de artifício.

O dia seguinte tinha tudo para ser tão agradável quanto o anterior, até sermos surpreendidos por uma lancha e um fotógrafo. Tínhamos sido descobertos! Eu quase entrei em pânico, mas Nanda tinha um pensamento rápido e logo já estávamos no meio de uma trilha isolada rumando para a São Paulo.

Eu mal tinha posto os pés na casa da Nanda e meu celular tocou. Steve estava um pouco nervoso olhando as notícias em todos os tablóides. As fotos eram nítidas. Não tinha como negar que era eu nas imagens.

Minha principal preocupação era proteger a identidade de Nanda e da sua família o máximo que desse, mas eu sabia que eles logo seriam identificados e suas vidas mudariam para sempre.

O Sr. Sérgio foi bem mais compreensivo do que eu imaginaria que ele seria e me sugeriu tomar um banho pra relaxar e pensar melhor. Segui seu conselho. A água fria da ducha percorria meu corpo, acalmando meus nervos, ajudando-me a pensar.

Estaria Nanda certa? A hora tinha chegado? Eles estavam muito perto de descobri-la e certamente seria melhor se eu fizesse uma declaração ao invés de esperar por mais boatos, não seria?

Por outro lado, era minha vida particular. Eu não deveria ser obrigado a dar satisfações sobre minha vida particular, nem expor outras pessoas a esse meu mundo de certa forma cruel. Saí do chuveiro decidido. Nanda me esperava no quarto, também de banho tomado, seu olhar firme, sempre otimista.

Concordamos em não fazer declaração nenhuma e deixar com que eles sofressem um pouco até chegarem a ela. Isso nos daria mais um tempo para nos

prepararmos.

Ela beijou meus cabelos, afagando minhas costas num carinho suave e relaxante. Sentir suas mãos em mim era tão bom. Ela sabia como me acalmar melhor do que ninguém. Ela me conhecia melhor do que ninguém.

E foi nesse momento, diante do receio de sermos realmente descobertos, do perigo real de colocá-la, e sua família, em meio à roda viva que era minha vida, que aquela ideia voltou com força em minha mente. Eu não sabia se era a hora certa, mas também não sabia se havia uma. Aquilo era o que eu queria fazer.

Reuni toda a coragem e a convidei para vir morar comigo. Ela ficou calada por um tempo,, deixando-me muito aflito, mas então aceitou. Era o passo lógico em nosso relacionamento e, com a chance dela ser descoberta ainda mais iminente, a oportunidade era perfeita.

Sabíamos que havia questões a serem resolvidas antes de ficarmos juntos mesmo, mas só o fato dela ter aceitado já era incrível para mim.

Contamos nossa decisão a seus pais depois do jantar e, apesar de tudo, ambos concordaram que era o que devia ser feito. Steve me ligou avisando que tinha conseguido mudar minha passagem e eu voltaria para LA na manhã seguinte.

Antes de irmos dormir, cada um em seu devido quarto, Nanda veio ficar um pouco comigo e levantou algumas suspeitas de como teriam nos descoberto. Eu não podia acreditar que alguém do nosso núcleo de convivência faria algo para nos prejudicar, então preferi supor que foi obra do acaso.

Despedimo-nos cedinho pela manhã e segui de táxi para o aeroporto. Conforme imaginamos o local estava sendo vigiado por jornalistas, fotógrafos e fãs. Foi só eu colocar os pés no saguão que a gritaria, os flashes e o mar de microfones surgiram ao meu redor. E como eu sempre fiz, segui calado até o guichê da companhia aérea e logo fui para a área de embarque.

O voo foi longo, cansativo e confesso que estava um pouco mal-humorado. Segui direto para meu apartamento em Los Angeles, deixei as malas jogadas em qualquer lugar e fui desfrutar de um belo gole de meu uísque preferido. Só ele para me acalmar um pouco naquela hora. Bom, ele ou Nanda, mas como ela não estava, seria ele mesmo.

Pensar nela fez com que eu já a imaginasse naquele apartamento, morando comigo, sem mais precisarmos passar por apuros como os na praia. Será que ela gostaria dele? Será que se adaptaria a minha vida louca,

vivenciando a rotina da falta de liberdade?

Alguns dias depois da minha viagem ao Brasil recebi a ligação de Nanda que tanto me atormentava: ela havia sido descoberta. Sua voz em pânico me desesperou, mas eu precisava ficar forte pra ela. Tentei acalmá-la como pude, mas o que queria mesmo era abraçá-la com força, protegendo-a daquilo tudo.

Após desligar, falei com Steve e elaboramos algumas estratégias para ela lidar com a imprensa. Criamos um endereço de email para contato com a mídia e Nanda o repassou aos jornalistas. Também elaboramos uma declaração formal, que foi enviada à imprensa, pedindo que a privacidade de Nanda fosse respeitada e etc. A princípio eles aceitaram o que tínhamos a oferecer naquele momento.

Mas, independente de o assédio estar mais discreto, a vida da Nanda foi revirada e ela agora estampava várias notícias nos sites de fofocas. Ela era amada e odiada na mesma proporção e eu temia o que isso pudesse fazer com ela.

— Como ela está reagindo? – Emma me perguntou numa noite em que conversávamos.

— Melhor do que esperava. – eu respondi com certo alívio. – Eu só queria que ela não precisasse passar por isso.

— Josh, você é uma estrela. Qualquer pessoa que estiver ao seu lado vai passar por isso. – e tomou um gole da sua bebida. – Se ela não aguentar, ela não serve pra você.

— Credo, Emma! – eu respondi meio ríspido. – Até parece que você está torcendo contra.

— Não foi isso que eu quis dizer, Josh. – ela se retraiu. – Mas é verdade, sabe. Se ela quer mesmo ficar com você, ela vai ter que aprender a lidar com esse nosso mundo.

— Eu sei. – respondi derrotado. – Me desculpe, sim? – ela sorriu de lado e continuamos nosso jantar.

No final de janeiro eu decidi correr para o Brasil novamente. Tinha que apoiar Nanda e a melhor forma de fazer isso era estar com ela, ao seu lado.

Cheguei num sábado pela manhã em São Paulo. Nanda me recebeu cheia de saudade e nos dedicamos um tempo apenas a nós dois. Ela inteira era afrodisíaca e não precisava de mais do que um toque seu para que meu corpo a desejasse furiosamente. Na parte da tarde fomos para sua casa.

Eu precisava conversar mais com ela e seus pais sobre essa nova etapa das nossas vidas. Lembrei-me de como foi quando a fama internacional atingiu minha família. Apesar de meu pai ser um músico conhecido, seu sucesso era mais restrito a Londres e imediações, nada comparado ao que virou nossa vida depois do meu estrelato.

Passamos horas agradáveis e importantes juntos e à noite voltamos para nosso porto-seguro.

No dia seguinte eu fiz o que tinha planejado: nossa primeira aparição juntos em público. Steve tinha deixado escapar propositalmente que eu estaria na cidade e assim que colocamos o pé na rua a multidão de jornalistas, fotógrafos e paparazzi nos cercou.

Nanda ficou um pouco assustada, obviamente, mas se saiu muito bem. Fizemos algumas declarações e logo ela percebeu minha jogada. Nada escapava a ela e sua curiosidade perspicaz.

No final do domingo voltei a LA com o coração mais calmo em relação a ela. Minha linda aprendeu rapidamente como se posicionar em relação a tudo aquilo e saberia lidar bem com o assédio todo que nos envolvia.

As semanas seguintes passaram correndo entre possíveis novos projetos, gravações e o planejamento das ações de divulgação dos outros filmes em que estava envolvido.

Todas as noites eu conversava com Nanda. Ou por telefone, ou videoconferência ou trocávamos mensagens para aplacar minimamente a saudade que sentíamos um do outro. E naquela noite não foi diferente.

O que foi diferente foi o depois.

Parte III – Inverno

*O vento frio castiga a alma,
A distância é longa, insuportável.
Um sussurro me pede calma,
Mas a angústia ainda é inevitável.*

Capítulo 28

Um bip chato se fazia ouvir ao longe quando comecei a acordar. Ainda estava de olhos fechados, minha garganta estava seca e aos poucos percebi que estava deitada. O bip foi ficando cada vez mais alto, comecei a ouvir algumas vozes ainda irreconhecíveis e me forcei a abrir os olhos.

A claridade branca e fria fez com que eu piscasse algumas vezes antes de finalmente conseguir focar minha visão. Um quarto branco, um cheiro forte de limpeza e medicamentos e o insuportável bip. Eu estava num hospital.

— Nanda! – reconheci a voz suave de minha mãe e logo ela entrou no meu campo de visão. – Você acordou, meu amor! – notei seus olhos avermelhados.

— O... oi... – minha voz saiu rouca e cansada.

— Não fale nada. – disse a voz aveludada de meu pai. – Poupe suas energias, meu anjo.

Ok: pai, mãe e eu no hospital. Alguma coisa realmente tinha dado errado. Tentei puxar pela memória minhas últimas lembranças... flashes... som do pneu derrapando no asfalto.... pizza... Alex... Oh, meu Deus, Alex!

— Alex? – eu me forcei novamente. – O que aconteceu? Ele está bem? – senti uma agonia apertando meu peito. Eu nunca me perdoaria se alguma coisa de ruim tivesse acontecido com ele. Imagens desconexas voltavam a minha mente sobre aquele acidente.

— Calma, calma... – minha mãe segurou em minhas mãos. – Ele vai ficar bem.

— Mãe.... – e minha voz saiu embargada.

— Vocês sofreram um acidente, meu anjo. – disse meu pai também segurando em minha mão. – Ainda não sabemos exatamente como foi ou o porquê, mas vocês bateram na mureta que divide o fluxo de carros e... bom, o carro capotou. – e enquanto ele relatava os fatos, tudo ia voltando. – Alguém que não se identificou avisou aos bombeiros e vocês foram socorridos. – ele fez mais uma pausa para eu que absorvesse as informações. – Alex está em cirurgia, teve um rompimento de baço....

— Não... – eu solucei quase desesperada.

— ...ele vai ficar bem. Não se preocupe tanto, meu amor. – ele afagou meu rosto.

Eu tentei me ajeitar na cama e só então percebi que estava com dificuldade para me mexer.

— Você também vai ficar bem. – disse imediatamente minha mãe. – Quebrou uma perna e duas costelas, deu uma bela pancada na cabeça, ficou desacordada por mais de doze horas.... mas vai ficar bem. – só depois disso é que fui perceber meu corpo todo dolorido.

Suspirei e senti a fisgada em meu lado esquerdo. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, nós quase tínhamos morrido por conta daqueles.... jornalistas. Meu pai ia perguntar alguma coisa quando o médico entrou no quarto para me ver.

— E então, mocinha, como se sente? – conversamos por alguns minutos até que ele saiu e logo uma policial entrou.

— Do que você se lembra? – ela perguntou de modo polido.

— Eu e meu amigo saímos para jantar em uma pizzaria. Estávamos indo para sua casa quando percebi que estava sendo seguida por um carro. Tentei despistar, mas o carro se aproximou do meu lado direito e fui ofuscada pelas luzes dos flashes. Perdi a direção do carro e o acidente aconteceu.

— Flashes? – ela perguntou.

— Sim. Provavelmente era algum paparazzo querendo fotos minhas e de meu amigo. – ela fez uma cara de incredulidade.

— Você ingeriu bebida alcoólica?

— Não. – eu disse de modo mais enfático. – Não bebo quando estou dirigindo.

— Tem certeza?

— Sim. – eu respondi irritada. – Pergunte aos paparazzi. Eles deviam estar nos observando o tempo todo.

Uma expressão confusa passou por seus olhos, como se ela não soubesse do que eu estava falando.

— Vocês já falaram com eles, não falaram? – eu a questioneei.

— Não, senhorita. – ela disse. – Não havia ninguém com quem falar.

— Como não...?

— Houve uma denuncia anônima do acidente diretamente para o corpo de bombeiros. – ela disse. – Não havia testemunhas no local.

— Filhos da put.... – eu rugi. – Provocaram o acidente e fugiram!

— Essa é uma grave acusação, senhorita. – ela disse anotando tudo. – Lembra-se do carro, da placa, alguma coisa que possa nos ajudar na identificação do veículo? – forcei minha memória.

— O brilho dos faróis não me deixou ver a placa... mas acho que era um carro vermelho escuro talvez vinho.... janelas com vidros escurecidos.... não consigo me lembrar do modelo. – ela fez outra expressão, dessa vez mais complacente. – Talvez Alex tenha visto mais detalhes.

— Muito bem. Falaremos com ele quando for possível. Obrigada. – e saiu do quarto.

Meus pais me olhavam com incredulidade, medo e revolta. Como alguém seria capaz de provocar um acidente e nem ao menos prestar os primeiros socorros? Eu já tinha percebido que esses caçadores de fofocas não tinham consideração pelas pessoas que perseguiam, mas daí a fugirem de uma cena de acidente era demais pra minha cabeça.

— NANDA? NANDA? – ouvi o tom grave e melodioso que eu tanto conhecia e certa alegria me invadiu. Ele logo avistou meus pais e adentrou ao quarto, parando ao meu lado na cama. – Por Deus, você está bem?

— Vou sobreviver. – eu disse tentando acalmá-lo. – O que você...? Como soube?

— Você ia me ligar quando chegasse em casa... isso nunca aconteceu... fiquei preocupado e quando finalmente consegui falar com seus pais.... bom.... aqui estou eu. – ele disse um pouco desesperado demais. – Entrei em pânico quando soube... uma viagem nunca demorou tanto.... eu tinha que te ver.

— Se acalme. – eu pedi. – Estou bem, não está vendo?

Ele apertou uma das minhas mãos e me deu um delicado beijo no rosto. Nossos olhares se cruzaram e vi que seus olhos estavam marejados. Toda sua angústia e desespero estavam estampados naquelas íris esverdeadas.

— Nunca mais me assuste desse jeito. – ele disse ainda com o olhar fixo em mim. – Não suporto a ideia de te perder.

— Não estava nos meus planos. – eu disse tentando deixar o clima mais leve. Ele sorriu.

Josh ficou comigo enquanto meus pais foram para casa descansar um pouco. Ele os avisou de que havia um número razoável de repórteres do lado de fora do hospital, o que deixou meu pai bastante irritado.

— Isso tudo é minha culpa. – ele disse. – Esses abutres... eles...

— Pode parar por aí. – eu disse num tom mais sério. – Você não tem nenhuma culpa, Josh!

— Se você não estivesse comigo....

— Não termine essa frase. – eu disse ainda mais séria. – Eles são os culpados, não você. Eles é que não respeitam os limites, a privacidade alheia. Eles é que fazem qualquer coisa em busca de fotos, informações, fofocas. Eles é que usam meios escusos para conseguir destaque. Não você. – e puxei sua mão para junto do meu peito. – Você é só mais um ser humano tentando viver a sua vida. Ser famoso é só um detalhe.

— Detalhe que quase te matou. – ele bufou.

— Chega, Josh. – eu disse. – Essa é a sua vida. Temos que aprender a lidar com essas coisas. – ele me encarou. – Tudo bem que não precisava ter acontecido isso, mas vamos superar.

Ele puxou minha mão para junto de seus lábios e a beijou delicadamente. Sabia que ele estava tentando se acalmar. Quando me olhou novamente seu semblante já estava mais sereno, mais semelhante ao meu Josh.

Algum tempo depois Luiza apareceu no quarto. Seus olhos estavam vermelhos e cansados. Ela se sentou ao meu lado e me olhou com um misto de sentimentos que eu não consegui decifrar.

— Como ele está? – perguntei.

— Já está no quarto. – ela disse com alívio na voz. – A cirurgia foi um sucesso e ele logo estará recuperado.

O mesmo alívio que vi em seus olhos percorreu todo o meu corpo. Eu não sabia o que faria se Alex não ficasse bem. Sorri para Luiza agradecendo suas informações. Ela sorriu de volta, mas eu senti que algo mais a incomodava.

— Você já viu as fotos? – ela me questionou. – Vocês parecem muito próximos nelas.

Minha expressão confusa fez com que ela me mostrasse um dos sites de fofoca. Alex e eu estávamos de mãos dadas, sorrindo um para o outro, e a manchete dizia: Namorada de Joshua Black flagrada em encontro romântico com

homem desconhecido.

— Você não vai mesmo acreditar nisso aí, vai? – eu a encarei. – Eu e o Alex somos amigos há mais de 15 anos. Claro que temos carinho um pelo outro e esse nível de intimidade. Achei que de todas as pessoas, você seria a última a acreditar nesse absurdo.

— Eu não sei. – ela disse. – Bem que vocês podem estar tendo uma recaída e...

— Alex é meu melhor amigo e eu o amo muito. – eu disse. – Mas meu coração é do Josh. Você não precisa ficar com esse receio, Luiza.

— E se ele não pensar dessa maneira? E se o meu amor não for suficiente para ele? E se ele te quiser de volta? – e ela desabou a chorar.

— Ele não me quer de volta. – eu disse ponderando se falaria ou não sobre o pedido de casamento. – Pode ter certeza disso. Ele ama você, como nunca amou ninguém. Era sobre isso que nós conversávamos. Ele estava me falando, justamente, que estava um pouco inseguro se você o amava o mesmo tanto que ele te amava.

Seus olhos brilharam intensamente com minhas palavras. Ela me deu um beijo no rosto e saiu quase correndo em direção ao quarto dele. Josh me olhou de lado e eu apenas balancei minha cabeça, rindo das inseguranças bobas daqueles dois.

Ele passou a noite comigo no hospital e no dia seguinte fui liberada para me recuperar em casa. Seriam algumas semaninhas de molho. Antes de sair do hospital fui até o quarto do Alex, ver como meu amigo estava.

— Sei que te irrita às vezes, mas não precisava tentar me matar de verdade, né? – ele disse ao me ver.

— Idiota. – eu disse beliscando de leve seu braço. – Alex.... me desculpa. – e meus olhos marearam.

— Nem mais uma palavra, Nanda. – ele disse. – A culpa não foi sua. Então nada de pedir desculpas. Esses caras são uns babacas. Quem sabe com nosso acidente, eles adquiram um pouco de consciência e respeitem mais as outras pessoas. – concordei com a cabeça, conversamos mais um pouco e fui para a casa dos meus pais.

— Queria muito ficar aqui com você, meu amor, mas larguei as filmagens no meio e preciso voltar. – ele disse quando eu finalmente estava ajeitada em minha cama.

— Eu sei disso. – eu disse. – Eu vou ficar bem, logo logo já estarei pronta pra outra.

— Nem de brincadeira. – ele me abraçou delicadamente e beijou o topo da minha cabeça. – Assim que der eu volto, ok?

Demos mais um beijo e ele saiu pela porta, sendo acompanhado por meu pai. Minha mãe veio me mimar um pouco e ficamos conversando por um bom tempo. No meio da tarde Bia me ligou. A notícia do acidente tinha se espalhado e ela estava desesperada por informações. Estava com saudade da minha amiga e passamos algum tempo tagarelando.

Capítulo 29

As semanas seguintes foram de paparico, corpo dolorido e recuperação. Nos primeiros dias os paparazzi fizeram plantão na porta da minha casa, mas não nos deixamos intimidar. Josh havia feito um pronunciamento condenando o assédio que eu e Alex sofremos, o que resultou em várias manifestações em favor da privacidade das figuras públicas ao redor do mundo.

Alex voltou para casa e se recuperava muito bem. Por sorte sua lesão tinha sido pequena e os médicos conseguiram reparar o machucado e preservar grande parte do seu baço. Luiza tinha vindo me visitar algumas vezes, pediu desculpas pela desconfiança e disse que ela e meu amigo estavam mais sólidos do que nunca. Fiquei muito feliz ao ouvir aquilo.

No começo de março Josh voltou para me visitar e dessa vez não veio sozinho. Toda a família veio de Londres para me ver e saber como eu estava. A festa foi grande em casa; Helen e minha mãe se deram super bem, assim como Richard e meu pai. Kat e James pareciam um pouco desconfortáveis no começo, mas logo já estavam se sentindo em casa.

Meu pai teve a ideia de irmos todos passar o final de semana na casa de praia e eu realmente fiquei feliz em mudar de ares um pouquinho. Tinha certeza de que a maresia e as boas energias do mar me fariam muito bem.

— Esse lugar é lindo. — disse Helen quando chegamos. — Um verdadeiro paraíso.

— Bem por aí. — minha mãe disse enquanto se encarregava de mostrar a casa aos hóspedes.

Josh deu um rápido passeio com Kat e James pela praia, mas logo já estava de volta ao meu lado. Eu estava acomodada na chaise na varanda e ele se largou com a cabeça apoiada em minha perna saudável suspirando levemente.

Mesmo com a presença de algumas lanchas ao longe, ele parecia muito mais tranquilo, muito mais seguro. Talvez fosse a presença de toda a família, talvez o fato de agora sermos públicos e não precisarmos ficar com medo de flagrantes. O que eu sabia era que naquele momento eu tinha o Josh do mochilão comigo: despreocupado, alegre, normal.

Fiz cafuné em seus cabelos e ele sorriu de lado. Depois subiu seu rosto até alcançar meus lábios e depositou ali vários selinhos. Seu toque quente em minha pele fez com que um arrepio percorresse todo o meu corpo e o que eu

mais desejava era tê-lo só para mim.

— Estou morrendo de saudade de você. – ele disse em meu ouvido de modo luxurioso.

— Eu também. – eu disse, aprofundei um pouco nosso beijo e depois o encarei. – Mas com todo o pessoal aqui...

— É, eu sei. – ele respondeu meio desapontado e voltou a se deitar em minha coxa. – Teremos que dar um jeito nisso.

— Dar um jeito em quê? – perguntou minha mãe aparecendo do nada.

— Erm... em nada, mãe. – e senti minhas bochechas arderem. Será que ela tinha ouvido nossa conversa?

— Vim chamá-los para almoçar. – ela disse. – Josh, querido, pode chamar seus irmãos lá na praia?

— Claro, dona Lidia. – ele disse e correu pela areia. Minha mãe me olhou de lado e sorriu discretamente. Sim, ela tinha nos ouvido!

O almoço que Moni preparou estava divino e nossos convidados estrangeiros estavam se fartando com nossa culinária típica. Passamos boa parte da tarde conversando e aproveitando nosso paraíso.

Mais no fim da tarde Helen, Kat e minha mãe voltaram todas sorridentes da caminhada na praia. Meu pai, Richard e James estavam entretidos em um jogo de futebol e eu e Josh enroscados na varanda.

— Vou levá-los para passear na feirinha de artesanato essa noite. – ela disse. – Acho que será uma boa maneira deles conhecerem mais da nossa cultura.

— Acho uma ótima ideia. – disse meu pai aparecendo pelo jardim. – Você acha que aguenta um passeio desses, filha? – meu pai perguntou para mim. Estava prestes a responder quando minha mãe me interrompeu.

— Acho que é melhor ela ficar. – ela disse. – As ruas são de pedra, desniveladas. Nanda se cansaria muito e pode até prejudicar sua recuperação.

— É, isso é verdade. – ele concordou. – Talvez possamos adiar para uma próxima...

— Não. – eu disse ao perceber o olhar cúmplice de minha mãe. – Vai saber quando eles vão poder voltar, pai. Eu vou ficar bem. Josh me fará companhia... sem falar que a cidade está cheia de turistas, sem ele vocês vão se divertir mais.

Meu pai me olhou de lado, ainda decidindo, e eu intensifiquei meu olhar pido.

— Ok, ok. – ele disse finalmente e minha mãe teve que se controlar para não comemorar.

Minha mãe foi contar sobre o passeio ao pessoal e eu me enrosquei ainda mais em Josh. Tínhamos conversado em português, então ele não tinha entendido nenhuma palavra. Já disse que amo minha mãe?

— Teremos algum tempinho para nós mais tarde. – eu disse ao dar-lhe um beijo no canto da boca.

— Verdade? Como? – ele estava animado e desconfiado ao mesmo tempo.

— Minha mãe vai tirar todo mundo da casa. Vai levá-los para passear na cidade. – e sorri de modo arteiro. – E você, claro, vai ficar pra cuidar de mim, além de evitar o tumulto na cidade cheia de turistas.

— Sua mãe é um gênio! – ele disse abrindo um largo sorriso.

— Eu sei. – eu respondi e demos mais um selinho.

Todos gostaram da ideia de passear na cidade e concordaram que Josh deveria mesmo ficar comigo em casa. A agitação na casa foi grande enquanto todos se arrumavam e no comecinho da noite eles saíram.

Moni tinha deixado um jantar pronto e, quando viu que não precisávamos de mais nada, seguiu com Leo para a casa deles. Josh me olhou de lado, aquele risinho safado que eu tanto gostava.

— Agora somos apenas nós dois. – e com cuidado me colocou em seu colo.

— Não via a hora disso acontecer. – eu respondi sentindo seus dedos percorrerem a lateral do meu braço provocando arrepios por onde passavam.

— O que acha de um mergulho? – ele perguntou já desamarrando o cinto da minha saída de praia.

— Acho perfeito. – eu respondi e voltei a beijá-lo.

Josh retirou a bota ortopédica que me acompanhava havia alguns dias, gentilmente me pegou no colo e me levou até a piscina, colocando-me sentada na borda. Coloquei as duas pernas na água e esperei enquanto ele tirava a camisa e vinha em minha direção.

Ele entrou na piscina, e veio se alojar entre minhas pernas, segurando em minha cintura. Com seu apoio, escorreguei meu corpo para dentro d'água, apoiando a perna boa no fundo da piscina, sentido o efeito da gravidade quase se anular. Como tinha feito muito sol naquele dia, a água estava na temperatura ideal.

Mais uma vez nos beijamos e ele me pressionou contra a parede, fazendo com que eu percebesse que seu membro começava a se preparar para mim. Sorri de modo malicioso e sussurrei algumas obscenidades em seu ouvido.

Josh me levou até a escadinha da piscina, colocando-me sentada ali, onde eu pudesse ter mais apoio sem forçar nenhuma das pernas. Enlacei seu quadril com a perna que não estava machucada, fazendo com que seu membro encontrasse meu sexo ardente de desejo.

Ele enfiou sua mão por baixo da parte de cima do meu biquíni, acariciando meus seios enquanto me beijava profundamente. Minhas mãos percorriam seus braços, seu tronco e desceram até sua bermuda. Apalpei seu membro ainda sobre o tecido, e ele gemeu em meu ouvido.

Continuei a fazer carinhos ali, puxando seu quadril com a perna quando ele se afastava minimamente. Josh continuou a dar atenção aos meus seios, acariciando os mamilos, provocando-me ondas de excitação.

Deixei seus lábios por alguns instantes, para beijar-lhe o pescoço, o maxilar e chegar ao lóbulo de sua orelha, local que eu sabia ser sensível. Suguei a região antes de dar a mordidinha básica e no mesmo instante ele apertou com força meus seios enquanto colava seu membro em meu corpo.

Novamente uma onda elétrica percorreu meu corpo, fazendo-me tremer levemente e gemer em seu ouvido. Ele abandonou um dos meus seios e desceu a mão até a calcinha do biquíni, enfiando-a por dentro, para ter acesso ao meu sexo.

Seus dedos começaram a me acariciar e eu senti pequenos espasmos percorrerem todo o meu corpo. Levei minhas mãos até uma das laterais do meu biquíni e desamarrei um laço, fazendo com que a peça afrouxasse e desse livre acesso a Josh.

Aproveitei que minhas mãos estavam ali para abrir a bermuda dele e descer um pouco sua sunga, liberando seu membro para mim. Novamente fiz carinhos nele, envolvendo-o e massageando-o, e senti Josh tremer levemente.

Levantei também a perna machucada, envolvendo com cuidado o quadril de Josh, para melhorar nossa posição e me agarrei a seu pescoço, prendendo-me

a ele. Josh passou uma de suas mãos pela minha cintura e com a outra se segurou na escadinha. Senti seu membro roçando em mim e no momento seguinte estávamos unidos.

O primeiro movimento foi lento e profundo, arrancando-me o ar. Como era bom senti-lo em mim novamente. Fomos adequando nosso ritmo, até encontrarmos a velocidade perfeita e não demorou muito para que chegássemos quase juntos ao orgasmo. Primeiro eu, logo em seguida ele.

— Isso foi.... – ele ofegou.

— Muito bom. – eu completei e nos beijamos mais uma vez.

Josh e eu decidimos sair da piscina e tomarmos um banho. Logo depois já estávamos nos fartando com o jantar delicioso que Moni tinha preparado. Não falamos muito, não era necessário, e depois voltamos para a varanda, para a chaise da qual tínhamos nos apossado e ficamos escutando o som do mar.

Não demorou muito para escutarmos os motores dos carros trazendo o pessoal de volta do seu passeio pela cidade. Kat e Helen estavam super empolgadas com os artesanatos, enquanto James e Richard tinham se encantado por uma banda local que tocava de tudo na avenida da orla.

— E então, crianças, se comportaram direitinho? – essa foi minha mãe, com aquele sorriso cúmplice nos lábios.

— Claro, mãe. – eu respondi. – Correu tudo bem na ausência de vocês.

— Que bom. – disse meu pai entrando na conversa. – Ainda bem que vocês ficaram por aqui. Aquela feira estava lotada de gente.

Conversamos por mais algum tempo e então todos começaram a se preparar para dormir. Claro que eu queria dormir com o Josh, mas bastou uma olhada mais séria do meu pai que desisti logo da ideia. Kat ficou comigo num dos quartos, Josh e James em outro, meus pais na suíte principal e Helen e Richard na segunda suíte.

Logo o dia chegou e, apesar de estar lindo, voltamos ainda pela manhã para São Paulo, pois o vôo que levaria meus sogros e cunhados de volta para Londres saía no meio da tarde, e o de Josh para Los Angeles algumas horas depois.

Decidimos almoçar num charmoso restaurante típico em um dos vários bairros italianos. Percebi alguns fotógrafos do lado de fora, mas tentei não me abalar com aquilo, já que faria parte da minha vida com Josh.

Voltamos para minha casa para que eles pegassem suas bagagens e então nos despedimos.

— Nanda, minha querida. Fiquei muito feliz em ver que está bem e sua recuperação está quase no fim. Você não sabe o susto que nos deu! – disse Helen segurando em minhas mãos e depois me deu um beijo no rosto. – Quando puder, venha nos visitar.

— Assim que for possível. – eu respondi.

Kat me abraçou apertado prometendo me levar a vários lugares legais quando eu voltasse a Londres, James também me deu um abraço forte e Richard acariciou meu rosto com as costas da mão. Eles também se despediram do Josh, que ficaria ainda algum tempinho comigo, já que seu vôo era mais tarde. Meu pai fez questão de levá-los, mesmo com a imprensa nos rondando.

— Foi um fim de semana delicioso. – disse minha mãe.

E realmente tinha sido. Apesar de já se conhecerem pela internet, o contato físico, a conversa solta e o olho no olho faziam toda a diferença. Aquelas horinhas passaram voando e logo Josh já tinha que partir.

— Não sei quando conseguirei voltar. – ele disse abraçado a minha cintura. – As gravações estão me deixando louco e quase não tenho folga.

— Eu sei, meu amor. – eu disse compreensiva. – Vamos levando do jeito que dá. Falta pouco tempo para eu poder me candidatar a vaga em Nova York e em breve estaremos juntos de vez.

Ele sorriu mais abertamente, demos mais um beijo e lá foi ele de volta a sua vida de celebridade.

Capítulo 30

Uma semana depois da visita familiar eu voltei ao meu trabalho. Ainda tinha alguma dificuldade para andar, mesmo com a bota ortopédica, mas isso não seria um grande empecilho. Meu chefe se solidarizou comigo e disse que a vaga no escritório de Nova York seria aberta em dois meses, deixando-me ainda mais feliz com a possibilidade de estar perto de Josh.

Ele parecia soltar fogos de artifício quando lhe contei a novidade e disse que começaria a procurar um local para nós no dia seguinte. Ri com seu entusiasmo, e confesso, não via a hora daquilo acontecer. Conversamos mais um pouquinho e então ele mudou seu tom de voz.

— O que houve, amor? – perguntei preocupada.

— Tenho uma coisa pra te contar e acho que você não vai gostar.

— Ok. – eu respondi realmente preocupada. – O que aconteceu?

— Lisa vai trabalhar comigo no próximo filme, que começa a ser gravado em duas semanas. – ele disse sem rodeios.

— Lisa? A irmã da Emma, a garota obcecada por você?

— Essa mesma. – ele disse. – Ela entrou no elenco depois de mim, e eu não sabia que seria ela a protagonista ao meu lado.

Fiquei muda por um momento. Aquela menina era doida pelo Josh, e devia estar nas nuvens por trabalhar ao lado dele.

— Nanda? Ainda está aí? Diz alguma coisa. – ele soou desesperado.

— Estou aqui sim, amor. – eu respondi. – Bom... tente ser o mais profissional possível com ela. – eu disse. – As chances de ela confundir tudo são muito grandes, mas.....

— Eu não vou dar nenhuma margem a ela. – ele disse. – Sempre fui correto com minhas parceiras, não será diferente com ela. – ele me assegurou.

— Eu sei, meu amor. O problema é que ela não é normal. – eu disse com medo em minhas veias. – Josh.... não quero me meter, mas... não tem como trocar de pessoa?

Foi sua vez de ficar mudo por alguns instantes. Claro que eu não queria interferir em seu trabalho, mas tinha que ser justo ela? Bastava ele piscar que ela se jogava em seus braços.

— Desculpe, amor, não posso fazer isso. — ele disse.

— Eu entendo... — respondi. — Só... lembre-se do que a gente conversou antes.... tente não ser tão fofo com ela, ok?

— Ok. — ele respondeu e depois de alguns minutos desligamos.

Merda, merda, merda! Com tanta mulher pra trabalhar com ele tinham que ter escalado justo a Lisa? Nem sabia que ela era atriz pra começo de conversa! Ai, meu pai, um calafrio percorreu minha espinha e eu tinha a nítida sensação de que aquilo não daria certo.

Não que eu não confiasse no Josh, mas ela era maluca por ele e tenho certeza de que faria qualquer coisa pra tirar uma casquinha do meu namorado. E mesmo o Josh, sendo todo apaixonado por mim, ele era homem... ficávamos muito tempo sem nos vermos.... Para, Nanda! Se você começar a pensar por esse lado... Não. Ele não faria isso comigo, eu tinha que confiar nele. E eu confiaria.

Durante aquelas duas semanas conversamos bastante sobre sua nova companheira de trabalho. E ele acabou soltando, numa dessas conversas, que a sugestão do nome da Lisa tinha partido da Emma.

Ela achava que se a irmã entendesse como funcionavam os bastidores de um filme, que aquele romance que aparecia na tela não era de verdade e que Josh era diferente de seus personagens, talvez ela desencanasse dele.

Tive que confessar, a contragosto, que a ideia não era das piores. Mas também não era das melhores, pois se ela não diferenciasse as coisas, sua situação poderia até piorar. O fato era que não tinha mais remédio e eu teria que engolir aquela menina se agarrando com Josh num filme romântico.

As filmagens começaram e logo Josh me contou que Lisa estava se comportando bem, sem ceninhas e até que interpretando de modo razoável. Fiquei muito aliviada, pois pensava que logo nos primeiros momentos de interação ela se jogaria nos braços dele, como quis fazer quando nos conhecemos. Menos mal.

Minha recuperação estava ótima e eu finalmente tinha me livrado da bota ortopédica. Alex também já estava novo em folha e tinha me avisado de que planejava pedir a mão de Luiza naquele final de semana.

Ele estava muito feliz, já que depois do acidente, Luiza tinha passado a demonstrar mais seus sentimentos e agora ele tinha certeza do que queria fazer. Sorri internamente, sem mencionar nossa pequena conversa ainda no hospital. Meu amigo merecia muito ser feliz.

No fim daquela tarde, quando eu saía do escritório, uma jornalista apareceu querendo saber como eu me sentia com as gravações do novo filme, já que era um romance recheado de cenas sensuais. Eu respondi a verdade: respeitava e apoiava o trabalho do Josh, que era extremamente profissional.

— Mas você não sente ciúmes dele? Quero dizer, ele fica se pegando com uma outra mulher o tempo todo. – ela questionou.

— Não sinto ciúmes. – eu respondi prontamente. – Assim como ele, sei separar o ator do personagem. É o personagem que se envolve, não o ator. – e segui para o carro do meu pai, que me aguardava há poucos metros.

— Tudo bem, filha? – ele perguntou quando entrei.

— Sim, sim. – eu respondi me largando no banco do passageiro. – Só lidando com esse povo que só quer saber de fofoca. – e seguimos rumo a nossa casa.

Cheguei, fui tomar um banho relaxante e em seguida dar uma olhada nos meus emails particulares antes do jantar.

— Mas que merda! – eu rugi quando vi a notícia num site sobre Josh.

Apesar das fotos entre Joshua Black e Lisa Stein claramente mostrarem seu affair, sua namorada, Fernanda Gouveia, alega não sentir ciúmes do galã. Será o prenúncio de mais um escândalo?

— Eu vou matar esses... esses.... – as palavras presas em minha garganta.

— Se acalma, meu amor. – disse minha mãe abaixando a tela do meu computador. – É exatamente isso que eles querem. Que você se exalte, que saia xingando e dando declarações.

— Não sei como ele aguenta. – eu desabafei me largando na cama. – É torturante, é cruel.

— É o preço. – ela disse afagando meus ombros. – E se você quer ficar com ele, só tem um jeito. Aprender a lidar com isso.

Ela se afastou dizendo que o jantar ficaria pronto em alguns minutos. Suas palavras ecoavam em minha mente e eu pensava em como poderia aprender a conviver com aquela realidade. Não interessava o que eu dissesse, o que ele dissesse, eles sempre publicariam a “verdade” que desse mais audiência.

Liguei para ele depois do jantar, contei o ocorrido e ele apenas lamentou.

Não tinha como fugir daquilo, fazia parte da sua vida, parte do combo Joshua Black. Suas palavras conseguiram me acalmar um pouco e passamos mais algum tempo apenas conversando.

Depois do início das gravações todos os dias apareciam fotos e mais fotos de Josh e Lisa juntos. As manchetes eram as mais variadas, desde apenas colegas até futuros noivos. Meu nome era sempre citado, às vezes como a namorada oficial, outras vezes como a mais nova traída do pedaço.

Aos poucos fui me policiando a ignorar todas aquelas coisas escritas sobre nós, acreditando somente no que Josh me dizia. Eu tinha que confiar nele, tinha que acreditar que aquele era apenas mais um trabalho, que logo ele estaria envolvido em outro projeto, com outros atores e estaria livre da Lisa.

— Nanda, acredita em mim, essas fotos estão distorcendo tudo. – ele disse certo dia, depois de uma foto aparentemente íntima deles ser revelada. – O dia de gravações não foi bom e resolvemos, todos, sair para beber.

— E ela sentada no seu colo? – eu não queria soar ciumenta, mas estava me corroendo por ver aquela mulher sentada no colo do MEU Josh.

— Isso é o que está errado. – ele disse. – Ela se levantou para ir ao banheiro, escorregou no piso molhado e caiu no meu colo. Só isso. Mas é claro que isso não rende notícia, então é mais fácil dizer que ela estava sentada em meu colo durante o happy hour. – ele disse e seu tom de repulsa me fazia acreditar nele.

— Ok, amor. – eu disse finalmente. Não queria brigar com ele, ainda mais sabendo que sua explicação era muito mais coerente do que a retratada pelo tablóide. – Eu já parei de entrar nos sites, é que essa foto apareceu no meu email. – e respirei. – Sabia que tinha uma explicação diferente.

— Ah, Nanda. – ele suspirou. – Que bom que você acredita em mim e não faz escândalos. Eu amo você com todas as minhas forças, não quero saber de nenhuma outra mulher.

— Acho bom mesmo. – eu disse com o tom mais leve, quase brincalhão.

Conversamos por mais algum tempo e desligamos. Já fazia mais de um mês que tínhamos nos visto, a saudade apertava em meu peito e eu começava a pensar que uma visita a ele não faria mal nenhum.

Eu tinha chegado animada para trabalhar, a expectativa pela vaga em Nova York me deixando um pouco ansiosa quando recebi a bomba. A decepção estampou minha face, vi meus planos desabando igual a um castelinho de cartas

e a tristeza me invadiu.

Assim que cheguei em casa meus pais perceberam minha frustração e, depois de lhes contar rapidamente o que tinha acontecido, fui para meu quarto ligar para Josh. Ele ficaria triste também.

— Como assim cancelaram a vaga em Nova York? – ele questionava do outro lado da linha.

— Simplesmente cancelando. – eu disse com dor no coração. – Meu chefe comunicou que a filial americana não estava indo do jeito que eles queriam e resolveram cortar gastos. Com isso, minha transferência está suspensa até nova ordem.

Ambos bufamos no telefone. Aquela era a chance que estávamos esperando para que eu me mudasse para os Estados Unidos, fosse morar com Josh e déssemos início a nossa vida a dois. Claramente estávamos chateados. Não era pra menos, né?!

— E agora, Nanda? – ele perguntou quase num sussurro. – E nós dois?

Ele fez a pergunta que me atormentava desde que tinha recebido a notícia.

— Ah, meu amor.... – eu suspirei. – Não sei o que fazer.

— Larga tudo e vem pra cá. – ele disse num tom de brincadeira, mas senti um fio de esperança em sua voz.

— E viver as suas custas? – eu sorri, tentando também manter o tom de brincadeira. Eu não saberia viver assim.

Ficamos em silêncio por alguns instantes. Cada um de nós pensando em como resolver aquela situação. Eu não podia simplesmente largar tudo, minha carreira pra ser apenas sua namorada, podia? Pegar o primeiro avião com destino a minha felicidade, sem pensar em mais nada, em mais ninguém?

— Vamos levando. – ele disse finalmente. – Eu sei que não posso te pedir pra abandonar sua carreira. Respeito seu trabalho do mesmo jeito que você respeita o meu. E não seria justo com você.

— Ah, Josh.... – suspirei. – Vamos esperar apenas mais um pouco. De repente as coisas melhoram.... ou... de repente... eu possa começar a procurar por alguma coisa por aí...

— Você estaria disposta a isso? Trocar de emprego, se fosse possível? – ele parecia surpreso.

— Claro que sim, amor. – eu disse. – Temos que pensar em todas as possibilidades.

— Ah, Nanda... te amo tanto!! – ele declarou e quase pude ver o sorriso em seus lábios.

Conversamos mais um pouco e depois desligamos. Eu, no fundo, sabia que quem precisaria se ajustar para que nossa relação desse certo seria eu. E se esse ajuste incluísse buscar emprego em outro país, certamente eu faria isso.

Eu só não queria viver a suas custas, afinal era completamente capaz de me sustentar, mesmo sabendo que se quisesse, não precisaria. Ele já tinha deixado isso claro em suas brincadeiras com fundo de verdade.

Capítulo 31

Seguimos nossas vidas entre fofocas, fotos de todos os tipos e a saudade angustiante que nos envolvia. Eu já tinha me decidido e no fim de abril faria uma visita surpresa a ele. Procurei me certificar onde ele estaria e disse que continuaria em Nova York, onde gravava o filme com a Lisa.

O restante do mês de passou lentamente, mas passou e lá estava eu embarcando para ver o meu amor. O vôo foi cansativo, como sempre, mas eu apenas em importava em revê-lo, em tê-lo novamente em meus braços.

Cheguei no meio da tarde e segui para o hotel que tinha reservado. Josh nem desconfiava que eu estava por lá. Assim que terminei de me instalar, liguei para ele.

— Oi, meu anjo, que saudade! – ele disse.

— Eu também. – eu disse. – Tanta que não aguentei.

— Como assim?

— Vim te ver. – eu respondi alegremente. – Quero saber a que horas terminam as gravações, pois estou louca pra te dar um belo beijo.

Ele ficou em silêncio por um momento antes de perguntar em que hotel eu estava, pois estava indo me ver naquele momento. Sorri com sua resposta e passei o endereço. Cerca de meia hora depois eu escutei duas batidinhas na porta.

— Você é doida! – ele soltou e em seguida estava grudado em minha boca, num beijo desesperado.

Ah, como era bom sentir seus lábios nos meus, sua pele na minha, suas mãos percorrendo minhas costas. Afastamo-nos para respirar e ele me olhou fundo nos olhos.

— Oi. – eu disse quando me deparei com aquelas esmeraldas.

— Oi. – ele respondeu me apertando novamente em seus braços.

Só depois é que saímos da soleira da porta e entramos efetivamente no quarto.

— Como você...?

— Quis te fazer uma surpresa, oras. – eu respondi. – A saudade apertou

demaís, não resisti. Não sabia quando nos veríamos novamente. Não quis esperar.

— Eu amo você. – ele disse e voltou a beijar meus lábios.

— Também te amo. – respondi e voltei a sua boca.

Seguimos atacadados um ao outro em direção a cama. A vontade de tocar em sua pele nua e o desejo de sentir seu toque percorrendo meu corpo estavam gritando em minhas veias. Começamos a jogar nossas roupas pelo quarto, mas antes que pudéssemos continuar, fomos interrompidos por seu celular.

— Sim, Steve. – ele disse sentado em uma poltrona. – Não me esqueci do evento. – ele me olhou de lado. Será que minha visita tinha atrapalhado seus planos? – Sei disso também. Ok, nos falamos depois.

— Atrapalhei sua vida? – eu perguntei quando ele me olhou.

— De maneira nenhuma. – ele respondeu sorrindo. – Tenho um evento para ir amanhã à noite. Presença VIP, essas coisas, mas será rápido e logo estarei de volta para você.

— Quer que eu te faça companhia? – perguntei seguindo em sua direção.

— Eu adoraria ter você ao meu lado. – ele disse agarrando minha cintura e me puxando para seu colo. – Mas não sei se é prudente. – olhei para ele com a expressão confusa e ele continuou. – É um evento sobre o último filme da trilogia. Eu e Emma somos garotos propaganda da empresa e temos que participar dessas coisas juntos.

— Entendi. – eu respondi. – Se eu estiver por lá as atenções serão desviadas e os empresários não ficarão satisfeitos.

— Chateada comigo? – ele me olhou intensamente.

— Nem um pouco. – eu respondi. – Desde que depois você me recompense....

— Posso começar agora mesmo. – ele sorriu com malícia e me puxou para um beijo ardente.

A urgência de nos tocarmos já gritava em nossos corpos e, como já estávamos quase sem roupas, não demoramos para estarmos completamente prontos um para o outro. Os lábios de Josh estavam em todos os lugares ao mesmo tempo, enquanto suas mãos brincavam em meu sexo.

Eu acariciava seu membro rígido e pulsante com as mãos, provocando-o, instigando-o e ele respondia beijando-me quase com fúria. Não estávamos

ligando muito para delicadezas naquele momento e, assim que percebeu que meu corpo estava pronto para o seu, ele colocou o preservativo e me possuiu com vontade.

Gemi e gritei por seu nome enquanto o prazer nos consumia e chegamos rapidamente ao clímax. Dessa vez ele foi primeiro, mas esforçou-se para que eu também tivesse todo o prazer que merecia. Caímos exaustos um ao lado do outro depois daquele sexo quase selvagem.

Josh acabou cochilando eu aproveitei para tomar um belo banho. O frenesi ainda circulava por meu corpo e mais uma vez eu pensei que tínhamos que resolver logo nossa situação. Eu não suportaria por muito mais tempo ficar nessa história de nos vermos tão pouco.

— Acordou, dorminhoco? – brinquei quando saí do banheiro e o encontrei largado na cama.

— Emma me acordou, na verdade. – ele disse. – Ela me ligou me convidando para jantar. Eu disse que falaria com você primeiro. – e me sentei ao seu lado. – Você tem prioridade na minha vida.

— Oh, que fofo! – eu me derreti toda. – Mas não quero te atrapalhar. Por mim tudo bem, podemos jantar os três. – eu respondi.

Ele me deu um beijo estalado e retornou a ligação confirmando o jantar. No entanto, ao pensar em Emma, logo sua irmã me veio em mente. Como se lesse meu pensamento, Josh se adiantou.

— Lisa não está na cidade. – ele disse. – Foi visitar alguns amigos e só volta no domingo à noite.

— Ai, que alívio. – eu não precisava esconder meus sentimentos dele. – Nada contra, mas não sei se levaria numa boa jantar com a mulher que quer te tirar de mim.

— Boba. – ele sorriu e me abraçou. – Não precisa se preocupar, ela nem parece mais a mesma Lisa. Acho que seu encantamento finalmente passou.

— Nem acredito! – eu respondi quase comemorando.

— Pode acreditar. Acho até que ela está de chamego com um carinha aí.

— Deus te ouça. – eu disse. – Seria uma das melhores notícias para se ouvir. – ele riu e se levantou da cama.

— Vou para o hotel tomar um banho e me arrumar. Aliás, vamos para o hotel. – eu comecei a protestar, mas ele não precisou de muito para me

convencer a mudar para seu quarto. Não fazia mesmo sentido ficarmos em hotéis diferentes.

Durante o trajeto fiquei admirando a paisagem. Nova York era linda e eu não me cansava da sua paisagem. O inverno já tinha terminado, mas o clima ainda estava fresco e as cores da primavera ainda estavam um pouco tímidas.

Enquanto Josh tomava seu banho fui me instalando na suíte. Claro que o hotel era bem mais luxuoso, e confesso que tinha seu charme. Passei a me arrumar para o jantar e logo ambos seguíamos rumo ao restaurante italiano que Emma tinha escolhido.

— Nanda, quanto tempo! – ela me recebeu com um beijo. – Fazendo surpresas pro Josh, é?

— Pois é. – eu respondi. – Estava difícil ficar longe dele. – sorrimos e fizemos nossas escolhas.

Conversamos sobre várias coisas, os projetos em que ela estava trabalhando, os projetos do Josh e nossos planos de eu me mudar para Nova York para ficarmos mais perto um do outro. Enfim, foi uma noite muito agradável.

Voltamos para o hotel, nos amamos a noite toda e mais uma vez eu acreditava que estava no paraíso por ter encontrado Josh e ele fazer parte da minha vida.

(...)

Acordamos relativamente tarde naquele sábado. Josh estava todo manhoso e eu não estava muito diferente. Ficamos enroscados nos lençóis até que a fome se fez mais pronunciada e decidimos sair para almoçar.

Apesar de eu achar que não era uma boa ideia, fomos almoçar no Central Park. Eu adorava aquele lugar, suas histórias, seus cantinhos escondidos e totalmente românticos. Pena que nosso passeio não foi tão romântico assim, já que Josh foi reconhecido e logo estávamos cercados de pessoas querendo fotos e autógrafos.

— Eu devia ter usado meu disfarce. – ele disse quando já estávamos voltando para o hotel.

— Talvez sim. – eu disse. – Se bem que foi mais tranquilo do que o que eu esperava. – ele apenas fez cafuné em meus cabelos e logo já estávamos no

hotel.

Josh foi se arrumar para o tal evento. Estava completamente lindo em um terno marinho, camisa branca e gravata azul clara. Baguncei mais um pouco seus cabelos, dei-lhe um beijo de despedida e combinamos de nos encontrarmos num restaurante francês depois que ele estivesse livre daquele compromisso.

Logo que ele fechou a porta atrás de si um arrepio percorreu minha espinha. Talvez fosse a corrente de ar do corredor. Tentei me desfazer daquela impressão ruim e fui dar uma volta sozinha pelas redondezas para passar o tempo e matar a saudade do ar cosmopolita da Big Apple.

A noite já tinha caído quando voltei do meu passeio e decidi me arrumar para meu amor. Tomei um banho relaxante, me aprontei e segui para o restaurante que ficava num bairro requintado da cidade. Dei meu nome e fui encaminhada a uma mesa mais reservada. Uma taça de champanhe me esperava e só faltava Josh para minha noite se completar.

Capítulo 32

Olhei novamente em meu celular para checar o horário. Estava certo e Josh estava mesmo atrasado. Ele tinha dito que poderia se atrasar um pouco, talvez uns 20 minutos, mas já fazia quase uma hora e meia que eu o esperava no restaurante.

O mais estranho era que ele não atendia minhas ligações. Não que eu estivesse ligando a cada cinco segundos, mas a falta de notícias começava a me deixar preocupada. O arrepio de mais cedo voltou a percorrer minha espinha e constatei: tinha alguma coisa muito errada acontecendo ali.

Tomei mais um gole do meu champanhe e quanto estava prestes a ligar novamente, uma cena na TV me chamou a atenção. Era um desses canais de fofoca e na tela eu tinha quase certeza de que era o Josh agarrado a uma mulher. O som estava muito baixo para eu ouvir, mas a legenda era nítida: Joshua Black visto aos beijos com misteriosa mulher no evento que acontece agora.

Não. Não podia ser. Liguei mais uma vez para ele, e novamente caiu na caixa postal. Apesar de ter prometido não dar ouvidos aos boatos, tive que entrar num site mais confiável e lá estava a fofo: era mesmo ele, e a mulher, para meu total espanto – ou não, não sabia dizer – era Lisa Stein.

Eu tinha que tirar aquilo a limpo. Peguei meu casaco, entrei em um táxi e segui direto para o hotel de luxo onde acontecia o evento em que Josh estaria. Ao longo do caminho tentei manter minha mente limpa, mas era complicado demais lidar com aquela ideia.

— Emma? – eu perguntei assim que ela atendeu.

— Sim. Quem é, como você tem esse numero?

— Emma, é a Nanda. O Josh está com você? – eu disparei na esperança de ambos ainda estarem juntos e tudo aquilo ser um mal-entendido.

— Oi, Nanda. – ela respondeu. – Não, ele não está aqui não. Aliás, achei que ele estaria jantando com você agora. Está tudo bem?

— Não. – eu disse tática. – A Lisa está aí no evento com vocês? Acabei de ver uma foto deles, juntos, aí no hotel.

— Ah, não. – ela disse em tom preocupado. – Ela chegou mais cedo de viagem e decidiu vir comigo. Mas desapareceu depois de um tempo. Você acha que ela foi atrás dele? Mas ela estava tão comportada e...

— Eu estou chegando aí. – eu disse ao avistar o hotel.

Claro que havia uma infinidade de fotógrafos e jornalistas de plantão em frente ao hotel. Mas eu não me importei. O táxi me deixou na entrada e eu segui direto para a recepção, sendo envolvida pelos clarões dos flashes. Os seguranças tentaram impedir que eu entrasse no evento, mas Emma apareceu em seguida.

— Ela está comigo. – ela disse me puxando para a festa.

— Diz pra mim que isso tudo é uma confusão. – eu disse aflita. – Que você os encontrou.

— Desculpe, Nanda. – ela disse sincera. – Mas já faz um tempo que não vejo nenhum deles.

— Mas que droga! – eu disse um pouco exaltada chamando a atenção de algumas pessoas ao redor. – E ele nem atende ao telefone.

— Nanda, calma. – ela disse me puxando para o lado. – Vem, vamos sair daqui. Você está nervosa e isso não vai te ajudar a achar o Josh. Vamos até meu quarto, você toma uma água e se acalma enquanto eu tento falar com a Lisa e resolver isso, ok?

Ela estava certa. Eu não era daquele jeito, não fazia barraco. Tinha que me acalmar. Devia ter uma explicação e eu ia encontrá-la. Segui Emma, ela apertou o botão do seu andar e logo já estávamos no longo corredor acarpetado. Ela parou diante da porta, procurando o cartão de entrada em sua bolsa de mão.

— Mas que droga, cadê o maldito cartão?

— Emma? – eu falei chamando-a ao olhar para a porta e ver um fecho de luz saindo por uma fresta.

Ela me encarou com um misto de receio e expectativa antes de empurrar lentamente a porta. A ante-sala estava vazia, então seguimos para o interior do quarto.

Foi quando uma onda de choque me acertou: aqueles eram os sapatos do Josh. Não. Não. Conforme nos aproximamos da grande cama pudemos ver as roupas espalhadas pelo chão.

— Não. – eu disse baixinho. A dor me dilacerando. Ali, entre lençóis de seda, estava ele largado, dormindo profundamente ao lado dela, Lisa.

— Nanda... – Emma disse com pena na voz.

— JOSH! – eu berrei inundando o quarto com minha voz.

Ambos, Josh e Lisa, acordaram com meu grito. Ele parecia meio perdido, culpado, confuso. Pelo canto de olho percebi que a outra se mexia, Emma indo em sua direção, dizendo alguma coisa que eu não me importava. Finalmente os olhos dele encontraram os meus.

— Nanda? O quê...? Onde..?

— Como você pode fazer isso comigo? – minha voz saiu num fio. As lágrimas encharcando meu rosto.

Ele olhou para os lados e finalmente entendeu que eu o tinha flagrado. Quando seus olhos voltaram a mim, ele parecia desesperado. Eu apenas abaixei minha cabeça e me virei, saindo do quarto.

— Nanda? NÃO! Volta aqui.... – e sua voz desesperada, fingida, mal chegava aos meus ouvidos.

Apertei automaticamente o botão do elevador, sem vontade de fazer nada a não ser sair dali. A porta se abriu, entrei no cubo metálico e apertei o botão do térreo. Ainda pude ver os olhos verdes de Josh enquanto a porta fechava.

Levou uma eternidade até que o objeto chegasse ao seu destino e eu pudesse sair de lá. Corri para a rua, não me importando com os urubus que me perseguiam. Um táxi parou ao meu lado, entrei e disse meu destino. Ouvi meu nome sendo gritado ao longe, mas não queria saber.

— Estamos sendo seguidos por outro taxi. – disse-me o motorista.

— Eu sei. – eu disse entre soluços. – Só me leve pro hotel.

Eu estava despedaçada. Destroçada pela visão do meu Josh na cama com outra mulher. Tudo o que eu queria era pegar minha bagagem e voltar para casa, ir para longe dele. Para sempre. O táxi parou, paguei ao motorista e entrei, sabendo que ele estava logo atrás de mim. Entrei em nosso quarto e comecei a jogar as minhas roupas na mala.

— Nanda, para. – era sua voz invadindo nosso quarto. – Me ouve pelo amor de Deus. – e me puxou, fazendo-me olhá-lo.

— Você tem uma explicação? – e minha voz saiu amarga. – Você vai me dizer que não era você na cama com aquela.... Lisa? Que você não estava... foden... transando com ela enquanto a idiota aqui te esperava pra jantar? – e me livre de seus braços, afastando-me.

— Eu... não... eu não sei o que aconteceu. – ele disse. – Não tenho ideia de como fui parar lá.

— Boa tentativa. – eu cuspi raivosamente enquanto voltava pra minha mala.

— Nanda, amor, me escuta... – parou ao meu lado tirando algumas peças de dentro da mala. – Olha pra mim! – e novamente me pegou pelos braços. – Eu nunca.... NUNCA... faria isso com você. – e seus olhos verdes pareciam sinceros.

— MAS FEZ. – e lhe empurrei, andando para longe dele. – Eu vi! – e me sentei numa cadeira. – Meu Deus, por quê? – as lágrimas voltaram a cair.

— Eu juro pra você.... – ele disse se aproximando. – ...eu não sei como fui parar lá... não me lembro... eu não fiz nada.... não posso ter feito...

— Você não se lembra? Josh... por favor.... – as palavras saindo com deboche de minha boca.

— Eu estava no evento... bebi um ou dois uísques... a Lisa apareceu... ela estava muito bêbada... ou parecia estar... não sei... não falava nada com nada.... disse que precisava dormir e quase caiu.... eu a segurei.... ela se pendurou em mim.... eu perguntei pela Emma....procurei por ela, mas não a vi.... a Lisa disse que tinha um quarto no hotel.... eu só fui levá-la... só isso.... – ele jogava as frases sobre mim, desconexas, parecia tentar se lembrar, mas eu não conseguia acreditar nele. – ... entramos no elevador... minha cabeça começou a doer.... meu estômago embrulhou.... lembro de um corredor... e só.... a voz dela.... ela parecia rir... – e puxou meu rosto para olhá-lo. – Depois só me lembro de você gritando meu nome.

— Josh... – eu desvie meu olhar. – Isso não é uma explicação.

— Amor... é tudo o que eu lembro.... juro pra você.... eu não lembro de ter ficado com ela... não lembro de mais nada.... acredita em mim.

— Não dá pra acreditar, Josh. – eu disse, meu tom mais baixo. – Fala de uma vez que você não resistiu às investidas dela...que a história dela ter melhorado era invenção...

— Eu não fiz isso. – ele disse se exaltando um pouco. – Eu AMO VOCÊ. Não preciso... não quero outra pessoa... só você é que me interessa, Nanda.

— MENTIRA! – eu gritei também me exaltando.

Levantei-me da cadeira onde estava e me tranquei no banheiro. As lágrimas escorrendo sem parar pelo meu rosto.

— Acredita em mim, Nanda! – ele suplicava do outro lado da porta. – Só

você importa. Você é a única que eu amo.

Ah, como eu queria acreditar nas suas palavras. Acreditar em seu sentimento. Ele sempre foi sincero comigo. Nunca escondeu nada. Não fazia sentido. Mas eu tinha visto. Ele e ela na cama. Juntos. Como lidar com aquilo? Como negar aquilo?

— Olha, não sei que outra explicação te dar. — e o ouvi sentando-se junto a porta. — Eu estava no evento, entediado, apenas esperando pra dar o horário e poder te encontrar. Tomei minha dose de uísque, conversei com algumas pessoas e já estava vindo embora quando ela apareceu. — houve uma pausa. — Ela parecia muito ruim. Você disse para eu ser menos legal com ela, mas não podia deixá-la daquele jeito. Quando ela disse que tinha um quarto, apenas quis ajudar. — sua voz estava embargada. — Depois disso as coisas ficaram confusas e eu não sei o que aconteceu. Minha próxima memória é de você no quarto. Acredita em mim, por favor...

Ah, Deus, o que fazer? Acreditar no homem que eu amava ou no que meus olhos tinham visto? Ele estava em silêncio, dando-me tempo. Eu não agüentei, tinha que olhar em suas esmeraldas para saber se ele dizia mesmo a verdade. Inspirei profundamente e abri a porta.

Josh me encarou e vi uma lágrima cair de seus olhos. Meu coração ficou pequenininho em meu peito. Ele realmente acreditava naquilo. Ele acreditava que dizia a verdade. Mas como explicar a falta de memória? A confusão? Josh estava acostumado a beber um pouco, não era uma ou duas doses de uísque que o deixariam bêbado ao ponto de esquecer as coisas. Tinha que haver outra explicação.

Abaixei-me ao seu lado e me sentei no chão. Por mais que eu estivesse magoada, por mais que a natureza humana nos pregasse peças, por mais bom ator que ele fosse, ele não tinha motivos para mentir para mim. Eu sabia que ele me amava, eu sentia isso, eu não podia estar enganada todo esse tempo.

Ele nunca havia mentido para mim antes, tinha que dar um voto de confiança a ele, mesmo a imagem dos dois na cama repassando em minha mente como um disco arranhando. Uma ideia ferveu em minha mente. Uma que fazia muito mais sentido do que ele me traindo.

— Quanto você bebeu, Josh?

— Uma ou duas doses, no máximo. — ele disse, um fio de esperança em seus olhos verdes.

— Quando você viu a Lisa pela primeira vez?

— Logo no começo, junto da Emma. Elas vieram falar um oi, Emma sempre engraçada, e a Lisa estava normal, sem fazer insinuações ou gracinhas. Estava tudo normal, Nanda. — então ele me olhou mais profundamente. — Qual o motivo dessas perguntas?

Eu fiquei na dúvida por um momento. E se fosse isso que ele quisesse que eu pensasse? E se fosse uma armação pra mim? Por outro lado, e se fosse uma armação para ele? E se a Lisa, obcecada, estivesse fingindo, só para ferrar com nosso relacionamento?

— Você não fica bêbado com duas doses de uísque, Josh. — eu decidi compartilhar minha desconfiança. — Já bebemos muito mais do que isso e você nunca se esqueceu de nada.

— O que você quer dizer? — ele demorou um pouco pensando. — Que batizaram minha bebida? É isso?

— É uma explicação melhor do que você ter me traído. — eu disse querendo acreditar naquilo com todas as minhas forças.

— Você tem razão. — ele disse. — Deve ter sido isso. Alguém deve ter arquitetado isso.... alguém que quisesse me prejudicar.... Lisa? — e seus olhos se arregalaram. — Ela não faria isso.

— Ela é doida, Josh. — eu disse. — Ela é vidrada em você. E alguém assim faria qualquer coisa para afastar os obstáculos entre ela e seu objeto de desejo.

— Você acha que ela armou pra você nos flagrar? Isso é loucura demais, até pra ela.

— Será? — eu questionei. — Ela diz que está sob controle, mas e se não estiver? Na cabeça doentia dela, se nós nos separarmos, você estará livre pra ela.

Aquela teoria parecia forçada demais até para mim mesma. Uma explicação desesperada para uma situação desesperadora. Embora fora eu quem tivesse pensado nela era melhor acreditar naquilo, do que na outra versão, na versão em que ele me traiu realmente. Josh passou alguns minutos em silêncio, pensando naquilo tudo.

— Então você acredita em mim? — ele perguntou depois de um tempo.

— Eu preciso. — eu disse. — Eu tenho que acreditar em você, confiar em você. Nossa relação se baseia nisso, confiança. Se eu não acreditar em você, significa que eu não acredito no nosso amor, significa que tudo isso é só uma ilusão, que nada foi real.... e eu me recuso.... me recuso a duvidar da gente, do

nosso amor, da nossa relação.

Ele não disse nada. Seus braços em envolveram com tamanha força que eu achei que ele me esmagaria. Ouvi seu soluço em meio aos meus cabelos e senti suas lágrimas molharem meu pescoço. Acaricieei seus cabelos, a emoção também me envolvendo, me arrebatando.

Ele afrouxou os braços, levando suas mãos até meu rosto, erguendo-o para que eu o fitasse. Seus olhos estavam vermelhos, eu podia ver sua alma através deles. Ele usou o polegar para enxugar as minhas lágrimas.

— Eu nunca, nunca faria isso com você, minha linda. Você é a mulher que eu amo, a mulher da minha vida. — ele fez uma pausa. — Eu não sei o que aconteceu naquele quarto, mas o que quer que tenha sido, não tem o menor valor pra mim.

Eu o abracei novamente, minha dor transbordando por meus olhos. Aquele tinha sido um grande baque em nosso relacionamento. Não foi fácil ver o que eu vi, sentir o que senti. Mas ali, naquela hora, eu sabia que ele dizia a verdade. Meu coração sabia.

— Josh, eu amo você. Eu acredito em você. — e respirei profundamente. — E eu não quero saber o que aconteceu naquele quarto. Eu não quero nunca mais falar sobre isso. E eu preciso que você me prometa uma coisa.

— O que você quiser, minha linda.

— Você vai ficar longe daquela mulher. Ela quer acabar com a gente. Eu sei que ela é irmã da sua amiga, sua colega de trabalho... mas se você estiver em um lugar e ela chegar, você vai sair. Se você souber previamente que ela vai estar em algum lugar, você não vai pra esse lugar. — eu sabia que era uma exigência quase absurda, eu não era aquele tipo de namorada ciumenta, mas com essa Lisa, eu seria. — Você consegue me prometer isso?

— Consigo, amor. — ele disse. — Você pode confiar em mim. Farei tudo o que estiver ao meu alcance pra nunca mais cruzar com ela em toda a minha vida.

Ele me abraçou forte e assim ficamos, aconchegados um no outro, cada um pensando numa maneira de conseguir superar os acontecimentos daquela noite.

Capítulo 33

O domingo amanheceu nublado, como se refletisse o estado de ânimo em que nos encontrávamos. Josh teve um sono agitado, acordando várias vezes, em algumas gritando meu nome e me pedindo perdão. Eu não consegui pregar o olho.

Apesar de ter dito que acreditava nele – e eu fazia uma força enorme para acreditar – não conseguia tirar da memória aquela imagem. Levaria mais tempo do que eu imaginava para me recuperar realmente daquela noite.

Tomamos café em silêncio, aquele silêncio pesado, angustiante. Terminamos a refeição e ele seguiu até seu celular.

— Não me interessa, Steve. – ele quase berrou. – Não piso mais naquele set, não enquanto ela estiver lá. – e desligou.

— Josh...

— Eu fiz uma promessa a você, Nanda. E vou cumpri-la. – ele se ajoelhou ao meu lado. – Essa mulher não será capaz de destruir nosso amor.

— Você tem a porcaria de um contrato, Josh...

— Dane-se o contrato. Dane-se o filme. – ele me encarou com firmeza. – Só você me importa.

Abracei-o com todas as forças que tinha e as lágrimas voltaram a escorrer pelo meu rosto. Ele me confortou em seu peito, sussurrando que tudo ficaria bem. Será que ficaria?

Meu vôo saía logo no começo da tarde, então não fomos para lugar nenhum. A realidade é que nem estávamos no clima de sair para qualquer lugar que fosse. Almoçamos por ali mesmo e me preparei para ir embora.

— Você acredita mesmo em mim? – ele me perguntou.

— Acredito. – eu respondi. – Ainda estou um pouco atordoada com o que vi, e com uma raiva descomunal daquela mulher. Mas eu acredito em você.

— Nós vamos superar isso, meu amor. – ele disse beijando minha testa. – Eu prometo isso a você.

— Eu sei que vamos. – eu respondi. – Eu preciso ir.

Ele me pegou pela mão e me puxou para um abraço apertado. Inspirei

profundamente sentindo seu cheiro e deixando que impregnasse em minhas memórias. Afastei-me para olhá-lo e nos entregamos a um último beijo.

— Eu amo você. – ele disse.

— Eu amo você. – respondi antes de fechar a porta e seguir para o elevador.

Foi um longo e silencioso caminho até o aeroporto JFK. Ainda esperei cerca de uma hora para embarcar e enquanto isso tentava me distrair com uma revista qualquer. Ouvi meu voo sendo chamado, entrei no avião e tudo o que eu mais queria era chegar de uma vez em casa, para os braços da minha mãe e os ombros do meu melhor amigo.

(...)

— Não fique assim, meu amor. – disse minha mãe depois de eu lhe contar o que tinha acontecido. – Josh ama você de verdade. Eu aposto numa armação dessa outra mulher aí.

— E como eu faço pra apagar aquela imagem? – eu questionei. – Eu fecho os olhos e é ela que eu vejo.

— Toda vez que isso acontecer, esforce-se para se lembrar de um momento bom. – ela disse com aquela sabedoria materna. – Lembre-se de quando vocês se conheceram, ou de algum fato engraçado, ou qualquer outro momento em que vocês foram felizes. Tenho certeza de que logo você se esquecerá da outra cena.

Abracei-a com força e suspirei em seu colo. Incrível como as mães têm esse poder, né? Essa verdade incontestável de que tudo ficará bem. Meu pai não tinha se pronunciado ainda, e eu confesso que tive receio do que diria, mas ele apenas me deu um beijo na testa e disse para eu ter calma que tudo se esclareceria e ficaria bem. Amo meus pais!

Alex também apareceu para me dar uma força. No início ele ficou puto da vida, achando que o Josh poderia estar me enganando, dizendo que eu tinha sido boba em acreditar nele. Mas depois ele mudou de ideia.

Ao relembrar nossos encontros ele acabou aceitando que Josh não era assim tão babaca a ponto de me trair sabendo que eu o estaria esperando para um jantar. No fim concordou com a teoria do “Boa noite, Cinderela” e com a ideia de armação.

— Não queria te ver sofrendo, Nanda. – ele disse de modo sincero.

— Vai passar. – eu respondi. – Mas e aí, como foi o pedido? – eu mudei de assunto e ele aceitou esse meu pedido.

Passamos mais algum tempo falando sobre como ele tinha ficado nervoso e, no momento seguinte ao sim, que nunca tinha se sentido tão feliz em toda a sua vida. Eles marcaram a data para dali um ano, pois como Luiza sempre sonhou com “o” casamento, tinham que planejar tudo com antecedência, juntar o valor necessário, essas coisas todas.

Fiquei feliz por meu amigo e, durante aquelas horas de conversa, não me lembrei do que tinha acontecido em Nova York. No final do dia Josh me ligou, ainda receoso, mas nossa conversa já rolou um pouco mais normal.

Contrariando minhas expectativas, até que não houve muito estardalhaço por parte da imprensa com relação as fotos de Josh e Lisa no evento. Acho que eles também já estavam se cansando dessa história.

As semanas transcorreram relativamente bem e a cada dia eu conseguia pensar menos naquele dia terrível. A única coisa que não corria tão bem assim era a empresa em que eu trabalhava. Ela estava passando por uma crise e meu chefe tinha acabado de anunciar o fechamento da filial americana.

Com essa notícia, lá se foi realmente minha esperança de me mudar para os Estados Unidos mantendo o emprego em que estava. O negócio era procurar mesmo por outras oportunidades e, nesse caso, poderia buscar algo em Los Angeles, onde Josh mantinha seu apartamento oficial. Que, aliás, eu ainda não conhecia.

— Não seja por isso. – ele disse em uma de nossas conversas. – Terei uma folga daqui duas semanas. E estarei em Los Angeles. Você podia vir pra cá.

— Vou adorar. – eu disse me animando. – Só vou olhar minhas datas, ver se consigo viajar, ok?

— Vou torcer para dar certo. – ele disse antes de desligarmos.

Voltei-me para o calendário e sua folga cairia bem no feriado de Chorus Christi. Seria perfeito!

Capítulo 34

Os dias passaram até que rápido e mais uma vez lá estava eu fazendo as malas, dessa vez para conhecer a moradia do meu amor. O incidente de Nova York já estava praticamente esquecido e nossa relação tinha voltado a ser como sempre foi.

Depois de horas de viagem, lá estava eu pousando no tão famoso LAX, o aeroporto internacional de Los Angeles. Dessa vez Josh não poderia me buscar sem causar tumulto, então mandou um motorista. Mas como minha imagem já era conhecida das fãs dele, foi só eu colocar meus pezinhos no saguão que logo uma pequena confusão teve início.

— Bem-vinda a Los Angeles. – disse Mike, o motorista de confiança de Josh. – O Sr. Black está a sua espera.

Ouvir aquelas palavras fez com que milhares de borboletas voassem em meu estômago. Isso sempre acontecia antes de nossos encontros. Sempre parecendo a primeira vez. Durante o trajeto me perdi nas paisagens do Pacífico. Praias lindas, o mar em um tom de azul mais acinzentado, as inúmeras palmeiras sempre presentes.

Mike estacionou em frente a um belíssimo prédio em um dos bairros mais nobres da cidade. Ajudou-me com a bagagem e logo o porteiro me recebia com um sorriso nos lábios. Josh já tinha avisado sobre a minha chegada, então fui levada até o elevador e o botão da cobertura foi acionado.

Uma delicada e familiar música instrumental tocava enquanto o elevador subia. Sorri com “Garota de Ipanema”, uma das músicas brasileiras mais tocadas no mundo. Finalmente cheguei ao andar de Josh e quando a porta metálica se abriu, ele já me aguardava no pequeno hall.

Estava descalço, usando um de seus surrados moletons e uma camiseta branca de gola em V. Como podia ser tão bonito, meu pai? Seu sorriso de lado completou o cenário, assim como o brilho intenso de suas esmeraldas.

— Vai ficar aí parada, é? – ele me tirou do transe.

— Só estava admirando a paisagem. – eu respondi e corri para seus braços.

Ele alargou ainda mais o sorriso antes de nossos lábios se encontrarem para um beijo saudoso. Suas mãos percorreram minhas costas, acariciando-me e

depois ele me levantou do chão, apertando-me ainda mais contra seu corpo.

Entramos no apartamento e eu não contive o suspiro quase perplexo. Que lugar era aquele? Josh apenas me observava sorrindo abertamente enquanto eu admirava sua casa.

O espaço era amplo, arejado, com grandes janelas de vidro que permitiam a vista de boa parte da cidade. A decoração num estilo mais clean, móveis modernos e confortáveis; alguns quadros abstratos. Simples, bonito, elegante e sofisticado, assim como ele.

— Uau! – eu disse por fim. – Não imaginava que seria assim.

— Gostou? – ele perguntou me envolvendo em seus braços.

— É lindo.

— Acha que dá pra morar aqui? Podemos fazer todas as modificações que você quiser. – ele disse beijando minha bochecha.

— Não precisa de modificações. Basta você dentro dele. – eu respondi e segui para seus lábios.

Nosso beijo começou delicado, mas logo aquele frenesi gostoso começou a circular por meu corpo e eu queria mais. Aprofundei o beijo e ele entendeu minhas necessidades.

Fomos cambaleantes até a cama, e me coloquei sentada em seu colo, mexendo meu quadril sobre o dele, provocando-o com meu movimento. Josh se encarregou de tirar a minha blusa, jogando-a no chão enquanto eu brigava com sua camiseta.

Senti o volume crescendo em contato com meu corpo, e aquilo sempre me fazia arrepiar. Era tão bom saber que eu era responsável por seu prazer. Sorri maliciosamente e voltei a beijá-lo com urgência. Nossas línguas se reconhecendo, nossos gostos se misturando.

Josh correu as mãos para o botão da minha calça e aproveitou que eu estava apoiada em meus joelhos para escorregá-la pela minha coxa. Voltou as mãos apertando minha bunda e correndo os dedos pelo elástico da calcinha, acariciando-me por cima do tecido.

Eu aproveitei para rebolar mais um pouco sobre seu membro intumescido, arrancando-lhe um suspiro grave. Voltei a lhe beijar aboca, brincando com minha língua pelo contorno dos lábios e levando meus beijos por todo seu queixo e maxilar, até encontrar o lóbulo da sua orelha. Ele gemeu alto

quando dei a mordidinha fatal ali.

Ele nos girou na cama, prendendo-me com seu corpo, instigando-me com seu quadril. Seus beijos desceram pelo meu pescoço e colo, brincando com meus seios ainda cobertos. Ele desceu as alças do sutiã, abaixando a lingerie e expondo meus seios para se deliciar com eles. Arfei mais uma vez.

Ele sorriu em minha pele, forçando-se sobre mim, me excitando ainda mais. Com certa dificuldade eu me liberei da minha calça e comecei a brincar com o cós do seu moletom. Só então percebi que ele usava apenas aquela peça.

Passei minhas mãos por dentro da calça e encontrei a pele quente de sua bunda perfeita. Não resisti a apertá-la e roçar suavemente minhas unhas. Senti seu corpo se contraindo de prazer e sorri em sua boca.

Josh sugou meu lábio inferior com fúria, denotando o estado de excitação em que se encontrava. Voltei a brincar com o cós da calça e comecei a descê-la por suas pernas, livrando seu membro do tecido que o cobria.

Ele voltou a dar atenção aos meus seios, novamente com sua boca, lambendo-os e mordiscando-os, fazendo com que meu corpo tivesse novos espasmos e arrepios. Com seu membro livre ele me provocava, roçando-se sobre meu sexo ainda protegido pela calcinha.

Eu joguei minhas pernas ao redor do seu quadril, forçando-me ainda mais contra seu corpo, roubando mais um rugido grave de seus lábios. Ele levou uma das mãos em direção ao meu sexo e passou a me acariciar por dentro da lingerie. Soltei um gemido mais pronunciado, mais desesperado.

Percebendo que ambos estávamos perto do nosso limite, ele arrastou a calcinha pelas minhas pernas, pegou um preservativo na mesinha de cabeceira e logo estava pronto para mim. Josh voltou a se posicionar, mas ficou me torturando por alguns instantes, antes de realmente me possuir.

Eu levantei meu rosto para que pudéssemos nos beijar e me forcei novamente contra ele, dessa vez conseguindo o que queria. Ele estava em mim. Nosso ritmo foi acelerando até que chegou ao nível insuportável e ele veio, explodindo em meu ventre, correndo por minhas veias, por meu corpo todo.

Josh foi em seguida, aprofundando-se ao máximo em mim, rugindo grave em meu peito e depois relaxando completamente, nossas testas unidas, nossos olhos conectados, as respirações ofegantes. Ele saiu de mim, livrando-se da camisinha e voltando ao meu lado. Puxou-me para junto do seu corpo e fomos nos acalmando, até que um soninho bom nos invadiu.

Acordei e estava começando a anoitecer. Josh não estava na cama ao meu lado, mas pude ouvir barulhos vindos da cozinha. Sorri, vesti uma de suas camisetas e fui até ele. Ele vestia apenas a calça de moletom, totalmente concentrado no que fazia.

— Achei que você e a cozinha não se davam bem. – eu disse ao me sentar em uma banquetta.

— Pelo menos um lanche eu sei fazer, né. – ele brincou, me oferecendo um sanduíche.

Comemos entre amenidades e sorrisos. E era tudo o que eu precisava. Não me importava com o luxo, com a fama, com a riqueza. Só queria aquilo: Josh e eu comendo sanduíches no balcão da cozinha depois de nos amarmos.

Como ele estava me devendo um jantar, fomos a um dos mais badalados restaurantes de LA. Claro que houve aquela chuva de flashes e perguntas e gritinhos, mas eu já estava me acostumando àquilo. Entramos sem dizer nada e fomos levados até a mesa que ele tinha reservado, num ambiente mais privativo.

Não posso dizer que não estava encantada, ou até mesmo um pouco deslumbrada, com tudo aquilo. Era um mundo que fascinava, e dava pra entender o porquê de tantas pessoas sonharem desesperadamente com essa vida.

Nosso jantar foi perfeito, a comida estava extraordinária e tudo parecia ter voltado a entrar nos eixos em nossa vida. Antes de voltarmos para seu apartamento demos uma passeada por Beverly Hills e, claro, pela Rodeo Drive.

Chegamos em seu apartamento e mais uma vez nos amamos. Eu tinha necessidade dele, de seu cheiro, de sua pele na minha. E sabia que ele tinha essa mesma sensação. Ele era o homem da minha vida e eu não tinha dúvidas em relação a isso.

(...)

Acordei com a claridade e novamente ouvi os barulhos vindos da cozinha. Fiz rapidamente minha higiene e fui ver o que ele estava aprontando daquela vez.

— Ovos mexidos?! – eu perguntei realmente espantada. – Seus dotes culinários estão evoluindo bastante.

Ele jogou o pano de prato em mim, enquanto eu gargalhava divertida, mas tive que admitir: a comida estava bem gostosa.

— Coloque algo confortável. – ele disse. – Agora é a minha vez de ser o guia turístico.

Obedeci e seguimos até um dos lugares que ele sempre mencionava em nossas conversas: The Getty Museum. Um museu com obras tanto contemporâneas quanto de artistas renomados, além de sempre ter exposições novas de vários gêneros artísticos.

Apesar de ser final de semana, até que não tinha muita gente e não houve tumulto com nossa presença. Passamos boa parte da manhã por lá e, antes de sair para darmos continuidade ao passeio, ele me mostrou um jardim maravilhoso.

— Para onde agora? – eu questionei quando entramos em seu conversível.

— Mais um pedacinho daqui, uma outra instalação chamada The Getty Villa. Sempre me lembro de você quando vou até lá.

— Ah é? Por quê?

— Você vai ver. – ele respondeu colocando os óculos escuros e seguindo pela estrada.

O trajeto levou cerca de meia hora. Entramos no local e assim que vi seu interior, entendi o que ele quis dizer. Era um jardim maravilhoso, com um lindo espelho d'água que me lembrou os jardins que visitei na Espanha.

— Toda vez que vejo um jardim, não importa de que tamanho, eu me lembro de você. – ele disse me abraçando.

— Que maneira mais linda de ser lembrada! – eu disse um pouco emocionada. Eu me senti a mulher mais feliz do mundo com aquela singela declaração. – Amo você.

— Eu sei. – ele respondeu brincalhão. – Também amo você.

— Eu também sei. – respondi usando o mesmo tom dele.

Passamos algum tempo ali, observando o belíssimo paisagismo. Almoçamos por lá mesmo, em um gracioso café e depois seguimos passando por praias, terminando o tarde no famosíssimo píer de Santa Mônica.

— Vamos à roda-gigante? – eu pedi parecendo criança.

Ele riu alto, mas acabou concordando. Vimos o pôr-do-sol do alto do brinquedo e senti como se estivéssemos sendo abençoados naquele instante.

— Você se lembra que dia é hoje? – eu perguntei quando o último raio de

sol se escondeu no mar.

— Sou péssimo com datas, já vou avisando. – ele encolheu os ombros meio que se desculpando.

— Hoje faz um ano que nos conhecemos. – eu disse.

Josh me olhou com olhos arregalados, fazendo a conta com os dedos.

— Já passou um ano? – ele me questionou. – Parece que foi ontem que você me atropelou em Paris.

— Pois é. – eu suspirei. – Já passamos por tanta coisa desde aquele dia.

— Passamos sim. – ele disse e afagou meu rosto. – E ainda temos uma vida inteira juntos pela frente.

Eu me aconcheguei em seu abraço e suspirei, agradecendo por aquele dia. Voltamos para o seu apartamento, nos arrumamos e dessa vez fomos jantar em um restaurante japonês maravilhoso, para comemorarmos nosso aniversário.

O local era mais reservado, mais intimista e bem menos conhecido dos turistas. Fomos interrompidos uma única vez já no final da refeição, que estava divina aliás, e depois voltamos para o apartamento.

Josh abriu uma garrafa de vinho e ficamos nos curtindo, entre a bebida, chocolates e morangos, até que a noite terminou entre lençóis, prazer e amor. Adormeci em seus braços, não querendo que o dia chegasse, não querendo que meu sonho real terminasse mais uma vez.

(...)

Voltei para o Brasil, voltei para minha rotina de trabalho, voltei para minha vida longe do Josh. E a cada dia a vontade de largar tudo e me mudar de vez pra LA, pra junto dele gritava em meu peito. Nosso fim de semana tinha sido perfeito que eu queria aquilo pra mim, pra sempre.

— Que cara é essa, filha? – perguntou minha mãe depois do dia estressante que eu tinha tido na empresa.

— Sei não, mãe... – eu suspirei sentando-me ao seu lado na cozinha. – Acho que meus dias no trabalho estão contados.

— Por que diz isso? Aconteceu alguma coisa?

— A empresa não está bem. Fechou mais uma filial, dessa vez aqui no

Brasil.... – tomei um gole de água. – Eu fui uma das últimas contratações, ainda sou novata... – encarei seus olhos preocupados. – ...acho melhor começar a procurar outra coisa.

— Mas eles te disseram alguma coisa? – esse foi meu pai que tinha acabado de chegar e pegou a conversa no meio.

— Ainda não. – eu respondi. – Mas estou com uma sensação estranha.

Eles suspiraram comigo, me incentivando a pensar em coisas positivas e depois fomos jantar. À noite, quando conversei com Josh, ele até tentou disfarçar a alegria misturada a preocupação. Eu sabia que ele torcia pela minha carreira profissional, mas, se eu estivesse livre desse emprego, seria mais fácil eu me mudar para LA. E ele realmente queria que isso acontecesse.

As semanas simplesmente passaram. Josh estava na Inglaterra visitando seus pais e já tínhamos combinado que ele passaria o feriado da Independência Americana conosco, o que aconteceria em mais ou menos 3 semanas. Eu não via a hora de estar com ele novamente, apesar de não fazer nem um mês que tínhamos nos visto.

Mais uma semana se passou e o trabalho tinha sido ainda mais cansativo naquele dia. Finalmente eu guardava o carro na garagem e já me preparava para um relaxante banho. Entrei pela cozinha e escutei vozes na sala. Engraçado, parecia que falavam em outra língua. E parecia que uma das vozes era do Josh. Acho que a saudade está me fazendo ouvir coisas.

Segui até a sala rindo de mim mesma quando de repente, parei. Ou eu estava alucinando, ou o Josh, o meu Josh estava sentando no sofá conversando com meus pais. Seus olhos verdes me encontraram e ele sorriu. Pelo canto de olho vi uma segunda pessoa. James?

— Eu estou alucinando? – eu disse quando o silêncio tomou o cômodo e todos me encararam.

— Oi amor. – ele disse se levantando. – Não é alucinação.

Um enorme sorriso invadiu meu rosto e corri para abraçá-lo. Era tão bom senti-lo em meus braços! Ele afagou minhas costas e depois se afastou para me olhar. Corri para seus lábios, dando-lhe um selinho, mas não senti a mesma empolgação por parte dele.

— Oi, Nanda. – disse James quando finalmente nos afastamos.

— Oi... – eu disse reticente.

Tinha alguma coisa no olhar de ambos que fez com que um arrepio percorresse minha espinha. E não era um dos arrepios que eu estava acostumada.

Capítulo 35

— Ok, o que está acontecendo? – eu perguntei começando a me preocupar de verdade.

— Nanda, preciso conversar com você. – Josh disse num tom sério que eu não reconheci, seu olhar estava carregado, sem brilho.

Pedi licença para meus pais e pro James, peguei em sua mão e o levei para meu quarto. Lá não seríamos importunados por ninguém, apesar de eu suspeitar de que nenhum deles pretendia nos interromper.

— Josh, o que está acontecendo? Deveríamos nos encontrar daqui uns quinze dias só. Não que eu não esteja feliz de te ver, mas parece que felicidade não é o sentimento preponderante aqui e...

— Emma e Lisa apareceram no meu apartamento ontem. – ele disse.

— Josh, já falei que não quero saber dessa mulher. Depois do que ela aprontou eu não acred...

— A Lisa está grávida. – ele disparou de uma vez, reto e direto.

Eu paralisei. Não sabia se eu tinha ouvido o que eu realmente tinha ouvido. Não, ele devia estar brincando comigo, uma brincadeira de muito mau-gosto, por sinal. Eu tinha que me certificar.

— Oi?

— A Lisa está grávida. – ele repetiu, a voz sumindo por entre seus lábios.

— Humm.... – eu tentei recuperar o controle sobre minha mente. Tudo bem. A irmã maluca da Emma estava grávida, grande coisa! – Ok. E o que isso tem a ver com a gente? – um bolo foi se formando em meu peito. Eu não queria ouvir a resposta, eu imaginava qual era a resposta, mas não queria saber.

— Ela diz que o bebê é meu. – ele disse num fio de voz.

Era claro que ela diria que o filho era dele. Quem não iria querer um filho com ele? Apesar da minha força, a noite em que flagrei os dois na cama veio com tudo em minha cabeça. A dor de vê-lo com ela, nossa discussão depois, o esforço para apagar aquilo da nossa vida.

Ele jurava que não tinha feito nada, mas também dizia que não se lembrava, então ele bem que poderia ter feito. Minha cabeça começou a rodar, meu estômago embrulhou, minha visão ficou turva, o ar ficou pesado. Aquilo

não podia estar acontecendo.

— Nanda? Nanda? – seus braços me apoiaram quando eu ameacei cair.

— Um... filh... filho.....? – meus lábios mal se mexiam. Ele segurou em meu rosto. – UM FILHO, JOSH? COM ELA?– e a raiva me invadiu no momento seguinte, fazendo com que eu me afastasse dele.

— Nanda...

— Como você pode?

— Eu não me lembro. – ele disse desesperado. – Ela diz que foi naquela noite mas.... mas eu não me lembro de nada.

— PRO INFERNO COM A SUA MEMÓRIA! – eu gritei explodindo, a dor me destruindo por dentro.

— Calma, por favor! – ele veio pra cima de mim me apertando.

Eu me debati, forcei seu corpo para longe do meu, mas estava sem forças. Eu queria que ele me soltasse, eu queria ir para o mais longe possível dele, eu queria desaparecer. Aos poucos me senti anestesiada e me soltei no chão, ele me envolvendo, me segurando junto dele. As lágrimas lavavam meu rosto, eu não conseguia respirar direito.

— Shiii. – ele sussurrava em meu ouvido. – Vai ficar tudo bem.

Não! Não ia ficar tudo bem. Não tinha como ficar tudo bem. Não havia nada que pudesse ser feito a respeito daquilo tudo. Ela tinha conseguido. Finalmente ela tinha conseguido.

— Me solta, Josh. – eu pedi. Ele me atendeu.

— Nanda.... – havia lágrimas em seus olhos também.

— Não tem o que falar, Josh. – eu disse encarando seus olhos verdes. – Eu não consigo. Eu não sei como lidar com isso.

— Não diz isso... – e sua voz embargou.

— Eu não posso. – meus olhos ardendo. – É demais pra mim.

— Mas eu não consigo viver sem você.

— Você tem outra preocupação agora. – e eu sei que aquela frase foi tão cortante quando uma faca. – Por favor, Josh, vá embora.

— Não... Nanda... eu não posso.... – foi sua vez de se desesperar. – Eu não quero isso.... esse filho....

— Isso já não está mais nas suas mãos..... você se lembrando ou não.... esse filho existe.... você tem que fazer a coisa certa com relação a ele...

— MAS EU NÃO QUERO ESSE FILHO! – ele explodiu também. – Eu quero os NOSSOS filhos, meus e seus. Não com ela, não desse jeito.

Ele andava de um lado para o outro, sem saber o que fazer, como agir. Sentei-me na cama, enxugando minhas lágrimas. Doía-me muito vê-lo daquele jeito, mas não havia nada a ser feito. Eu podia ter acreditado na versão em que ele foi dopado, mas um filho ser o resultado daquela noite era demais, era prova de que ele tinha me traído. Lembrando-se ou não.

— Nanda.... – ele se abaixou ao meu lado. – Eu não consigo lidar com isso sem você ao meu lado.

— Eu não tenho condições de ficar ao seu lado agora. – eu disse quase num sussurro. – Talvez eu até consiga lidar com a traição, mas...

— Eu não te traí. Não me lembro e nunca faria isso por vontade própria.

— Mas um filho é diferente. É pra sempre. Ele não tem culpa do que a louca da mãe dele fez. – respirei profundamente. – E, mesmo sendo filho dela, ele é seu também. E merece ter você na vida dele.

— Eu...

— Por favor, Josh. – forcei-me para não deixar a lágrima cair. – Eu preciso de tempo, preciso de espaço. É demais pra mim.... pelo menos por agora....

Eu o encarei pela última vez. Ele sabia o que tinha que ser feito, mesmo não querendo. E ele o faria, pois era um bom homem, de família, não deixaria uma criança desamparada, sem um pai. Ele nunca faria aquilo.

— Eu vou, Nanda. – ele disse se levantando, não havia raiva em sua voz, apenas tristeza. – Não significa que vou desistir de você. Eu te amo mais do que tudo.

— Adeus, Josh. – não consegui olhar em sua direção.

Ouvi o estalo da porta sendo fechada, os passos sumindo pelo corredor e o porão da frente sendo trancado. A dor foi demais e um grito desesperado, sufocante, magoado saiu por entre meus lábios. No momento seguinte minha mãe me abraçava. Ela me apertou contra seu peito, afagando meus cabelos enquanto eu implorava para que o mundo acabasse, para que tudo sumisse para sempre.

(...)

Passei aquele final de semana inteiro trancada no quarto. Não havia mais lágrimas para serem derramadas, eu estava seca. Aquela frase rodava incessantemente em minha cabeça, misturada a cena deles na cama. Eu estava destruída.

Sabia que ele também estava assim, que minha reação tinha sido muito dura. Mas o que ele queria? Que eu o apoiasse incondicionalmente? Para todo mundo havia um limite e eu tinha chegado ao meu com aquela notícia.

No domingo à noite Alex e Luiza foram até minha casa, tentar me animar um pouco, mas não obtiveram sucesso. Eu estava me remoendo por não estar ao lado do Josh, por não ser capaz de ampará-lo, por estar sendo egoísta, mas eu simplesmente não conseguia.

Faltei no trabalho na segunda-feira, alegando um forte resfriado. Bia me ligou em desespero quando leu a manchete de um tablóide, querendo que eu desmentisse as notícias coisa que infelizmente não pude fazer. Lisa não tinha perdido tempo e já tinha anunciado para o mundo que Josh seria pai.

— Vou matar aquela loira aguada! – ela ameaçou do outro lado da linha.
– Nanda, vem pra cá. Vem passar uns dias comigo.

— Obrigada, meu anjo, mas não posso. Ainda tenho um emprego, lembra?

Conversamos mais um pouco e ela disse que viria para o Brasil dali algumas semanas, já que fazia uns cinco anos que ela não voltava para sua terra natal. Fiquei feliz com a novidade, pois tudo o que eu precisava era do alto astral da Bia para me distrair um pouco.

Kat também me ligou. Queria que eu desse uma chance para seu irmão, disse que ele estava sofrendo com minha ausência. Claro que aquilo doeu fundo em meu coração, mas eu não estava pronta para lidar com aquela nova realidade. Ainda não.

Aquela semana se arrastou. Eu parecia um zumbi, sem vontade de fazer nada, apenas seguindo os acontecimentos rotineiros. E foi no fim da semana que recebi a pá de cal. Meu chefe me chamou em sua sala e, usando os argumentos que já tinham virado praxe na empresa, disse que as coisas não estavam bem e eu teria que ser dispensada. No fundo eu já sabia que aquilo poderia realmente

acontecer.

Peguei minhas coisas e apenas sai dirigindo. Precisava respirar, precisava de ar livre, de espaço, de um momento apenas meu. Quando realmente me dei conta, eu já estava entrando na trilha que levava a nossa casa de praia.

— Nanda? Tudo bem? Aconteceu alguma coisa? Você não avisou que vinha, menina. – esse foi o Leo quando escutou o motor sendo desligado.

— Eu não sabia que vinha. – eu disse com franqueza. – Meu mundo está de pernas pro ar e acho que só esse lugar vai me ajudar agora.

Moni apareceu logo em seguida, com a mesma expressão preocupada de seu marido. Percebi que eles se entreolharam, mas depois eu explicaria tudo. Só tinha uma coisa que eu precisava fazer antes de sumir do mapa por uns dias: ligar para meus pais.

Apesar da leve bronca por ter pego estrada sem realmente estar em condições de fazê-lo, meu pai me deu total apoio. Eu contei rapidamente sobre a demissão e disse que precisava de uns dias só para mim, para me refazer e recuperar a minha vida.

— Só não deixe de dar notícias de vez em quando. – ele recomendou e depois desligamos.

Moni me esperava na cozinha com um prato de sopa quentinha e acolhedora. Ela e Leo me faziam companhia enquanto eu comia, sem dizer nada, apenas me acalentando com suas presenças. Logo ele se levantou, deu um beijo rápido no topo da minha cabeça e saiu. Moni fez a mesma coisa em seguida.

— Tudo vai se acertar. – ela disse afagando meus cabelos. – Dê tempo ao tempo. Ele sabe o que faz.

— Obrigada. – eu disse com os olhos cheios de água. Ela me deu um beijo na bochecha e em seguida eu estava sozinha.

Ajeitei-me na cama, entre as cobertas e deixei que tudo viesse com a força que tinha que vir. Chorei, xinguei, soquei o travesseiro, amaldiçoei o mundo, e chorei mais um pouco, até o cansaço e o sono me derrotarem. O dia seguinte seria um novo dia.

Capítulo 36

Passei uns 10 dias na casa de praia. E a cada dia eu me sentia um pouquinho melhor. Fiz as trilhas que costumava fazer quando criança, fui às praias da redondeza, tomei banho de mar, de rio e de cachoeira. E naquele final de dia eu estava pronta para voltar para minha vida.

Cheguei em casa pouco antes do jantar, surpreendendo minha mãe, já que não tinha avisado que estava voltando. Meu pai saía do banho e me recebeu com os braços abertos, agradecendo por eu estar de volta.

Não encontrei nenhum paparazzo na porta da minha casa, o que significava que eu já não tinha mais interesse para eles, e que nossa vida voltaria a ser completamente normal. Uma ponta de tristeza se abateu sobre mim. Vida normal queria dizer vida sem Josh. Eu pensei em ligar para ele algumas vezes, mas o que eualaria?

Bia chegou no dia seguinte a minha volta e passamos o fim de semana inteiro tagarelando. Minha amiga possuía um brilho próprio, uma luz que banhava todos que a cercavam e fazia com que nos sentíssemos amados. Impossível ficar triste perto dela.

— Nanda, sei que você deve estar um pouco traumatizada com notícias de gravidez.... – ela disse me encarando com olhos sapecas. – ...mas será que você não poderia abrir uma exceção pra sua amiga aqui?

— Como assim? Peraí.... você está...?

— Aham. – ela disse e seus olhos marearam. – Acabei de descobrir e queria muito que você fosse madrinha dele... ou dela...

Eu não sabia o que dizer. Até aquele momento, a palavra gravidez só me trazia tristeza e dor, mas ao ver aquele brilho em seus olhos eu fiquei desarmada. Uma nova vida estava sendo gerada no ventre da minha amiga que não teve como não partilhar da sua emoção.

— Sim, sim e sim. – eu respondi e ela me agarrou com um gritinho animado.

Ela, Ian, eu, Alex e Luiza saímos para jantar naquela noite e comemorar a novidade. Guardei minhas dores bem lá no fundinho do coração e fui compartilhar da felicidade dos meus amigos. Foram horas agradáveis e pude perceber como era sortuda por ter aquelas pessoas ao meu redor.

— Josh? – eu perguntei receosa, quando já estava em minha cama.

— Nanda? Nanda!! – ele parecia eufórico do outro lado da linha. – Achei que nunca mais ouviria sua voz.

— Eu também. – eu respondi sincera. – Como estão as coisas?

— Não são as mesmas sem você.

— Josh eu...

— Eu entendo, Nanda. – ele me cortou. – Entendo que é muita coisa para ser assimilada. Eu mesmo ainda não consegui direito... só queria que.... que você....

— Eu estou ao seu lado. – eu disse sem pensar. – Eu ainda não sei se algum dia voltaremos a ser o que éramos, mas... – fiz uma pausa e ouvi sua respiração. – ...mas eu ainda sou sua amiga. E quero poder te ajudar, como amiga, no que for possível.

Ele ficou em silêncio por um momento. Eu sabia que não era aquilo que ele queria escutar, mas era o máximo que eu podia oferecer. A notícia da gravidez da Bia, a felicidade que isso trouxe para sua vida fez com que eu pensasse em Josh. Por mais que ele não tivesse planejado, por mais que fosse com outra mulher, ele merecia vivenciar aquele momento tão mágico.

— Eu entendo que é o que você pode oferecer hoje. – ele disse finalmente. – E vou aceitar de bom grado. Ter apenas sua amizade é muito melhor do que não ter nada.

— Eu queria conseguir mais.... – e uma lágrima idiota escorreu pelo meu rosto.

— Tudo bem. – ele disse. – Tudo bem.

— Enfim.... – eu limpei a garganta. – Como você está?

— Com medo, com raiva, curioso, perdido, feliz e triste. Tudo junto. – sorri com suas palavras e passamos mais algum tempo conversando.

— Depois nos falamos. – eu disse.

— Depois nos falamos. – ele repetiu minhas palavras. – E.... obrigado.... Precisava muito ter o seu apoio nesse momento.

— Eu... estarei aqui. – e desligamos.

Foi uma conversa complicada, não posso negar, mas também foi libertadora de certa forma. Conseguir falar com ele sobre seu filho com outra

mulher foi como se eu tivesse conseguido me superar, ignorar os meus sentimentos em prol de alguém tão importante para mim.

Suas necessidades eram muito mais importantes do que as minhas naquele momento e, mesmo se não conseguíssemos sobreviver como casal, era minha obrigação estar ali para ele como amiga.

Bia voltou para Toronto, Alex e Luiza estavam a mil com os preparativos do casamento deles e eu prometi a mim mesma que voltaria para a vida. Comecei a buscar um novo emprego, mas a cada dia, a cada nova entrevista eu não me sentia mais tão empolgada com a carreira que tinha escolhido.

Numa noite, enquanto assistia um pouco de TV com minha mãe, paramos para assistir a um documentário sobre o Jardim de Versailles. Eu me lembrei da sensação que tive quando fui visitá-lo, da paz, da alegria, de sentir a vida fluindo melhor enquanto eu estava lá. Aquilo me fazia feliz.

Comecei a pesquisar por cursos de jardinagem e encontrei alguns em São Paulo mesmo. Fiz uma experiência num curso intensivo de três dias e foi como se o mundo tivesse se aberto para mim novamente. Era aquilo que eu queria fazer pra sempre!

Fiz mais alguns cursos livres na área de paisagismo e com isso o tempo voou. Nem vi aquele mês passar, e podia notar que todos ao meu redor estavam felizes por mim. Ainda conversei mais uma vez com Josh, contei sobre minhas novas atividades e pude até ver o sorriso largo que ele deu do outro lado da linha.

Ele estava bem, finalmente tinha aceitado a ideia da paternidade e já soava como um pai babão. Embora eles não estivessem juntos como um casal, ele estava sempre por perto, dando o suporte que ela necessitava. Senti um leve orgulho dele, apesar de ainda me doer o fato de não estarmos mais juntos e de ele ser pai de um filho que não era meu.

Em meados de setembro Bia me ligou. Ela disse que tinha descoberto um curso de paisagismo muito bacana em Toronto e novamente me convidou para passar uns tempos com ela. Como minha vida no Brasil estava parada, nem pensei muito. Topei. Seria bom investir nesse novo ramo e mudar de ares um pouco. Além de paparicar muito minha grávida amiga.

Arrumei as malas, respirei profundamente e entrei no avião.

Capítulo 37

Josh

Nunca fiquei tão angustiado em toda a minha vida. Esperei pela ligação de Nanda por algum tempo, mas um arrepio esquisito insistia em percorrer meu corpo. Tentei várias vezes seu celular e nada. O que estaria acontecendo?

Eu sabia que já era tarde, mas o aperto em meu peito só aumentava então acabei ligando para a casa de seus pais. Nada também. Aquilo não era um bom sinal. Eu sabia que tinha os celulares deles anotados, mas só ligaria em último caso.

E se não fosse nada? Eles podiam estar fazendo alguma coisa, esquecido os aparelhos em casa, ficado sem bateria. Havia tantas possibilidades, por que raios eu pensaria no pior? Porém aquela sensação estranha não passava e eu achei melhor arriscar.

— Boa noite, Sr. Sérgio. Desculpe incomodar, mas queria falar com a Nanda. Ela não atende minhas ligações, o senhor sabe onde ela está?

Foi quando meu mundo parou.

Acidente? Como assim acidente? Com a Nanda? Minha Nanda? Eu não pensava, eu não entendia, eu apenas sentia que aquilo não podia estar certo. Não com ela. Não minha Nanda.

Demorou um pouco até que ele conseguisse me acalmar o suficiente para entender a situação. Ainda não se tinham todos os detalhes, só o que se sabia era que alguém havia reportado um acidente de carro e os passageiros eram Nanda e Alex.

Ela tinha quebrado uma perna e duas costelas, mas o pior é que ainda estava desacordada, então os médicos não sabiam a extensão dos danos. Eu tentei me manter firme, no entanto, foi só encerrar a ligação para que as lágrimas de impotência e preocupação inundassem meu rosto. Eu não podia perdê-la. Não podia. Apesar de seu pai dizer que ela estava bem, eu só me tranquilizaria quando estivesse com ela em meus braços. E era o que faria.

Liguei para a companhia aérea reservando uma passagem no próximo voo pro Brasil e em seguida, para Steve. Eu estava no meio de um projeto, mas não me importava. Nanda era minha prioridade.

Aquela foi a viagem de avião mais longa de toda da minha vida. Não usei disfarce, não me importei com ninguém. Mal cheguei ao aeroporto e já saí em disparada para o hospital. Eu tinha que vê-la.

Acho que nunca senti tanto alívio em minha vida quanto o que senti ao encontrar aqueles olhos castanhos e seu sorriso leve de canto de boca. Ela estava bem. Apesar do meu desespero, enchi-me de força para não transparecer o sentimento a ela. Ela já tinha preocupações demais na cabeça, eu não queria ser mais uma.

Alex estava em cirurgia e ela temia pela vida do amigo. Culpava-se pelo acidente, da mesma maneira que eu me culpava. Se não fosse minha vida maluca, essa ânsia de todos por saberem os detalhes mais insignificantes, nada disso teria acontecido com eles. Com ela.

Claro que ela me deu bronca, dizendo que eu não tinha culpa. Talvez não tivesse mesmo, mas isso tinha que acabar. Passei a noite com ela no hospital, pronto para qualquer coisa que ela precisasse. No dia seguinte ela teve alta.

Aproveitei o momento em que ela foi conversar e se despedir temporariamente de Alex, que tinha saído bem da cirurgia, e segui para a entrada principal do hospital.

— Bom dia a todos. Como vocês já sabem minha namorada e um colega foram vítimas de um crime duas noites atrás. Ela estava jantando com um amigo e, quando iam embora, foram perseguidos por alguém que se diz profissional. Essa pessoa, a meu ver, não é um profissional. Não quando coloca a vida de outras pessoas em risco. Vocês querem tirar suas fotos? Ok, sabemos que a curiosidade das pessoas é o seu ganha-pão. Mas a partir do momento em que as pessoas se ferem com isso, deixa de ser um trabalho e passa a ser um risco, um atentado à vida de quem não tem nada a ver com a coisa. — fiz uma pausa; ninguém se manifestava. — Minha namorada, Nanda, podia ter morrido. Seu amigo podia ter morrido. Quem assumiria a responsabilidade por isso? Quem? Não estou aqui falando para vocês deixarem de fazer seus trabalhos, o que peço é que tenham respeito. Às pessoas envolvidas, à vida, as suas privacidades. Dessa vez as consequências não foram absurdamente graves. Dessa vez ninguém morreu. Vocês realmente querem que haja uma outra vez? Querem ser responsáveis por uma família destruída por meras fotos que logo serão esquecidas? Vale à pena arriscar a esse ponto?

Voltei para o quarto deixando-os em completo silêncio.

Perto da hora do almoço seus pais foram nos buscar. Depois de deixá-la

ajeitada em sua cama e sob a proteção da família, eu voltei para LA.

Minha declaração repercutiu no mundo todo e recebi apoio da grande maioria dos artistas mundiais. Todos nós sabíamos que precisávamos, de certa forma, das notícias sobre nós, mas para tudo havia um limite, né?!

Ao longo do mês de fevereiro eu voltei a minha rotina de gravações, entrevistas e reuniões. Falava com Nanda todos os dias e acabei pensando em lhe fazer uma surpresa, já que minha família ficou bastante preocupada com os acontecimentos.

Combinei, em segredo com seus pais, que no começo de março toda a família Black iria pra o Brasil. Eles adoraram a ideia de ter, finalmente, uma reunião familiar pessoalmente.

Nanda ficou maravilhada com a surpresa. Ela disse que estava com saudades da minha família e um pouco mais de agito poderia até ajudar em sua recuperação, que estava indo muito bem.

Como a casa deles não era muito grande, meu sogro sugeriu que devíamos todos ir pra a casa de praia, já que o clima estava propício e lá teríamos mais privacidade. Foi uma euforia geral.

Meus pais e meus irmãos ficaram completamente encantados com o lugar, como não poderia de ser, e acho que se fosse por eles, não voltariam mais pra Londres. Estar ali novamente com Nanda reavivou algumas memórias nossas e eu já estava ficando louco sem ter um momento apenas para nós.

Dona Lúcia foi quem acabou nos ajudando nesse assunto. Ela arrastou a família toda pra um passeio na cidade, numa feirinha de artesanato, deixando Nanda apenas para mim por algumas horas. Que foram muito bem utilizadas, diga-se de passagem. Já disse que adoro minha sogra?

Voltamos cedo para São Paulo e, depois de almoçarmos num charmoso restaurante, meus pais e irmãos voltaram para Londres e eu para minha vida em LA.

Logo Nanda voltou a trabalhar e ficamos sabendo que teríamos uma real chance dela vir morar nos Estados Unidos quando uma vaga na sua empresa seria aberta em NY. Eu podia ficar mais feliz? Não. Minha Nanda morando comigo era tudo o que eu mais desejava.

Terminei as filmagens do último filme e logo já engatei nos preparativos pra um novo projeto. Era uma comédia romântica mais apimentada, digamos assim – não muito o meu estilo de trabalho, mas o cachê era realmente muito

bom – e seria rodado em Nova York, ou seja: lá estava eu de mudança mais uma vez.

Estava tudo correndo bem, contrato assinado e tudo o mais, até que Steve me apareceu com aquela bomba:

— Fecharam contrato com a protagonista. Lisa Stein será sua parceira de filmagens. – ele disse como quem fala de uma maçaneta de porta.

— Lisa? Irmã da Emma? – eu meio que tremi na base. Nanda não ia gostar nada daquilo.

— Ela mesma. – ele respondeu. – Aliás, foi até indicação da sua amiga.

Emma ficou doida? Ela sabia que a irmã maluca dela ia me dar mais trabalho do que o normal. Ainda mais num romance! Eu estava lascado, essa era a verdade.

— Emma, como você faz isso comigo? – eu não perdi tempo com gentilezas.

— Ah, Josh, é só um filme. – ela respondeu. – Acho até que vai ajudar, sabe. Quem sabe quando ela ver que não tem nada de diferente, que fazemos um trabalho como outro qualquer e que o que vai pra tela é totalmente diferente daquilo que a gente faz de verdade, ela desencana de você de vez.

— Será, Emma? Não sei não.

— Confia em mim, Josh. Eu sei o que estou fazendo. E estou te ajudando, isso sim.

Bom, talvez ela estivesse certa. Talvez se Lisa percebesse que o romance que existe no filme não existe na vida real ela entendesse de uma vez que eu era completamente diferente do personagem pelo qual ela era apaixonada.

Ok, eu talvez estivesse convencido, mas e Nanda, como ela reagiria? Liguei pra ela logo em seguida e, apesar de ela se mostrar compreensiva, eu sabia que ela não tinha gostado da notícia.

Conversamos sobre aquela situação e eu prometi a ela que faria tudo, absolutamente tudo para ser o mais profissional possível com a Lisa. E faria mesmo. Eu não era louco de arriscar perder a mulher da minha vida por causa de uma doidinha que não conseguia diferenciar ficção de realidade.

As duas semanas passaram voando e lá estava eu diante da Lisa, nos preparando para as primeiras cenas. Ok, ela não era tão ruim assim e, para minha surpresa, ela foi completamente profissional. Ou pelo menos sabia fingir muito

bem.

O fato é que me surpreendi com Lisa. Ela não fazia ceninha, não tentava me seduzir ou algo parecido. Nem lembrava a Lisa que conheci tempos atrás, totalmente maluca, me encarando como se eu fosse sei lá o quê.

Nossa convivência no set de gravações era muito agradável e ela até fazia uma ou outra pergunta sobre a Nanda, sobre nosso relacionamento. Mas não com aquela torcida para que nos desentendêssemos, e sim com uma curiosidade até saudável.

Comentei isso com Nanda ao longo das nossas conversas, o que pareceu deixá-la mais calma. E era preciso, já que logo cenas acabariam vazando e eu sei que a mídia ficaria em polvorosa por conta disso.

Dito e feito. Uma noite Nanda me ligou dizendo que tinha sido abordada por um jornalista e logo depois havia uma manchete sensacionalista circulando nos sites de fofocas e tablóides.

Eu não tinha o que dizer, essa era a verdade. Assim é que era minha vida. Tudo o que eu fazia, todos os trabalhos dos quais participava paravam na mídia e eles usavam os fatos do jeito que bem entendessem. Cabia a mim, e às pessoas ligadas a mim, filtrar as notícias e se deixarem abater o mínimo possível.

Era a minha realidade e fora justamente por estar cansado daquilo tudo que tinha me refugiado disfarçado em Paris. Para ter um pouco de sossego, para ter um pouco de liberdade, para que as pessoas se esquecessem um pouco de mim.

Alguns dias depois, o dia de gravação tinha sido ruim e decidimos sair pra beber um pouco. Por um descuido Lisa acabou caindo sentada em meu colo e no mesmo momento um clarão invadiu o lugar. Flash de foto. Sabia que aquilo seria usado contra mim e chegaria até Nanda.

E foi exatamente o que aconteceu. No daí seguinte recebi uma ligação da Nanda, um pouco enciumada, querendo uma explicação pras imagens. Minha grande sorte era que minha namorada era sensata e não se deixava dominar pelo efeito que as fofocas produziam.

Nanda sempre havia se mostrado compreensiva em relação ao meu trabalho, nunca me cobrando nada. Claro que de vez em quando ela me questionava, afinal, ela era humana também e ninguém está imune aos efeitos do ciúme, ainda mais numa relação como a nossa, mas sempre nos entendíamos no final. Não foi diferente com as fotos daquela cena com Lisa.

Mais algum tempo se passou, as gravações estavam bem adiantadas e Lisa continuava sendo uma excelente companheira de trabalho. Havia até alguns rumores pelos bastidores de que ela estaria saindo com alguém. Fiquei feliz por ela.

Numa noite Nanda me ligou, novamente com a voz triste. Nossos planos dela se mudar pra NY estavam mais uma vez adiados já que a vaga que ela pleiteava na multinacional em que trabalhava havia sido cancelada.

Foi como ver nosso castelo de areia sendo desmanchado pelo mar. Eu cheguei a sugerir que ela largasse tudo e viesse mesmo assim, mas sabia que ela não aceitaria. Nanda não gostava de depender de ninguém financeiramente, característica que eu admirava muito nela.

No fim até surgiu a possibilidade de ela começar a procurar por oportunidades em terras americanas, o que me dizia que ela estava fazendo tudo ao seu alcance para que nossa história desse certo. Tanto quanto eu.

Abril passou, simplesmente. Eu estava entretido com as gravações e Steve já estava de olho em novos projetos para mim. Eu definitivamente não podia reclamar do meu agente; sempre conseguindo excelente papéis para mim, com exceção talvez desse último com a Lisa, que fugia um pouco do meu perfil, mas nem tudo é perfeito sempre, né.

Estávamos já no final das gravações do dia quando recebi a ligação de Nanda. A minha maluquinha simplesmente estava na cidade, numa visita surpresa. Preciso dizer que tudo o que queria ela tê-la em meus braços naquele exato momento?

Fui correndo para onde ela estava. Passamos algumas horas matando as saudades e conversando muito. Jantamos com Emma naquela noite e na seguinte eu teria que participar de um evento ligado ao último filme da trilogia.

Nanda não poderia ir comigo por questões contratuais, mas eu já estava planejando como fazer para compensá-la. Como sempre ela entendeu a situação.

Segui para o evento na cobertura de um dos hotéis mais luxuosos da cidade. Logo de cara encontrei com Emma e toda a coisa começou: fotos daqui, entrevistas dali, perguntas inconvenientes acolá.

Foi quando Lisa apareceu. Emma havia me dito que ela estaria fora da cidade, mas não era o que parecia. Contudo ela foi amável e contida, como fazia nas gravações, e logo já estava conversando com um grupo de pessoas, longe de nós.

— Sua irmã está muito mudada. — eu disse a Emma. — Nem lembra a garota obcecada de antes.

— Acho que ela está amadurecendo. — Emma respondeu. — Se bem que eu não ponho minha mão no fogo, né. — ela riu de lado. — Nunca se sabe quando ela pode ter uma recaída.

— Desejo que isso não aconteça. — eu respondi. — Ela me parece muito melhor desse jeito. E eu quero que ela seja feliz.

— Claro, Josh, eu também. Sou sua irmã afinal de contas.

Nossa conversa foi interrompida por mais entrevistas e eu não via a hora de poder sair dali e me encontrar com quem realmente importava: Nanda.

Algum tempo se passou, tomei minha segunda dose de uísque e então as coisas ficaram estranhas. Lisa apareceu perto de mim cambaleante. Procurava por Emma, mas eu não sabia onde ela estava. Ela ameaçou cair e eu a segurei pela cintura.

— Josh, não to bem... Me ajuda...

— O que você bebeu, menina? — eu questioneei.

— Só umas taças de vinho. Só isso... Cadê a Emma? Eu quero dormir!!!

Diante da situação, eu não sabia bem o que fazer. Ela me abraçou quando quis cair novamente e eu só sabia que precisava tirá-la de lá para evitar qualquer escândalo maior.

— Emma tem um quarto aqui. — ela disse enquanto seguíamos cambaleantes até o elevador. Ela fuçou em sua minúscula bolsa e retirou uma chave.

Peguei o cartão-chave de sua mão, olhei o número do quarto e apertei o botão do andar correspondente. Senti uma leve tontura e enjôo quando o cubo metálico começou a descer e minha visão ficou meio turva.

Lisa estava agarrada ao meu pescoço e eu não me sentia muito bem também. Devia ter comido antes de beber aquele uísque. Chegamos ao andar e, com certa dificuldade, fui amparando Lisa.

Eu realmente não estava me sentindo bem. Os olhos ardendo, o corpo pesado, a boca seca. O que estava acontecendo afinal? Finalmente cheguei ao quarto e abri a porta com certa dificuldade.

Lisa cobriu a boca com a mão e correu como podia até o lavabo. Eu acabei me sentando em uma das poltronas. Um cansaço descomunal se abateu

sobre mim. Apoiei a cabeça entre as mãos por um momento e depois tudo foi apenas escuridão.

— JOSH! – um grito com meu nome me incomodou. Eu conhecia aquela voz. Nanda? Onde é que eu estava?

Abri os olhos e estava deitando numa grande cama. Parecia a minha. Nanda me olhava com um misto de decepção, raiva e tristeza. O que estava acontecendo ali? Olhei ao redor, minha cabeça girou e encontrei Lisa deitada ao meu lado. Nua. Olhei para mim e só então percebi que também estava pelado. Mas o quê...

Murmurei alguma coisa quase indecifrável e sua resposta acabou comigo.

— Como você pode fazer isso comigo?

Fazer o quê, inferno?! Foi então que a ficha começou a cair. Eu e Lisa pelados numa cama de hotel. Não! NÃO! Não, eu nunca faria aquilo! Eu não fiz aquilo!

Nanda saiu correndo pelo quarto e eu só sabia que tinha que ir atrás dela. Apenas coloquei a cueca e a calça e saí correndo atrás dela pelo corredor. Seus olhos castanhos encharcados pelas lágrimas foram a última coisa que vi antes da porta metálica se fechar.

Meu Deus, o que foi que eu fiz?

Apertei freneticamente o botão do elevador até que o objeto ao lado abriu as portas. Enquanto a máquina descia para o térreo terminei de me vestir, apenas jogando a camisa e o paletó sobre as costas e enfiando os sapatos sem as meias mesmo.

Depois de uma infinidade de tempo o elevador chegou ao saguão e pude ver o vulto da Nanda porta afora. Corri para alcançá-la, mas ela chegou primeiro ao táxi, que saiu em disparada.

Entrei no veículo que estava logo atrás daquele primeiro e mandei segui-los. Percebi que era o caminho pro nosso hotel, então respirei por alguns segundos. Fechei os olhos tentando me lembrar do que tinha acontecido minutos antes. E tudo o que me vinha à mente era o evento entediante, Lisa passando mal e mais nada.

Não era possível que algo a mais tivesse acontecido, era? Eu me lembraria, não lembraria? Eu amava Nanda mais do que tudo, não faria aquilo com ela, ainda mais ela me esperando para jantar, para termos uma noite maravilhosa juntos.

Chegamos quase juntos ao hotel. Mal ela entrou no quarto, começou a fazer as malas. Tentei conversar, tentei explicar, porém ela não me ouvia. Era nossa primeira briga e eu nem sabia se havia algo para se brigar, pois eu tinha certeza de que aquilo tudo era um engano.

Tudo aquilo foi muito doloroso. Ela me evitando, se trancando no banheiro para não olhar para mim. Nanda não acreditar em mim estava me devastando. Foi quando ela apareceu com uma teoria maluca quase saída de filme de ficção que eu percebi a força que ela fazia pra acreditar em mim.

E sua teoria tinha muito mais fundamento do que o fato de eu tê-la traído: Lisa tinha armado pra mim, pra nós.

Conseguimos nos entender depois disso, mas uma nuvem ficou entre nós. Havia uma mancha em nossa história, que levaria tempo para ser esquecida.

No dia seguinte ela voltou para o Brasil e eu fui atrás daquela maluca.

— Onde ela está, Emma? – perguntei a minha amiga.

— Lisa não está aqui. – ela respondeu. – Olha, Josh, eu sei que ela pode ter exagerado, mas ela não fez as coisas sozinha e...

— Ela armou pra mim, Emma!

— Como...? Não... Ela disse que vocês ficaram juntos e...

— EU NUNCA FIQUEI COM ELA! – eu esbravejei com minha amiga.
– Ela me dopou, se fingiu de bêbada só pra me levar pro quarto!

— Não, Josh... Ela não seria capaz...

— Ela foi capaz. – eu respondi tentando me acalmar. – E quase consegui. Eu quase perdi a Nanda.

— Quase? Então ela acreditou em você?

— Sim. Ela acreditou em mim. Porque eu não fiz nada! Sua irmã é maluca o suficiente para armar um golpe desses, mas Nanda confia em mim. Ela sabe que eu nunca faria isso com ela.

Tentei conversar mais um pouco com Emma, mas ela tentava defender e desculpar as atitudes da irmã – posso culpá-la? – e achei melhor ir embora antes de estragar nossa amizade.

Assim que saí de lá fui até um laboratório, para tentar confirmar nossa teoria de eu ter sido dopado, mas o biomédico alertou que o resultado poderia ser inconclusivo, já que havia se passado mais de 12 horas desde a provável ingestão

da substância. Mesmo assim arrisquei.

Falei com Steve logo em seguida.

— Sim, já estou mais calmo, mas continuo firme, Steve. – eu disse. – Não haverá mais nenhuma interação minha com essa mulher.

— Mas ainda faltam algumas cenas, Josh. Vocês precisam gravar o final do filme e...

— Não me interessa o jeito que vão dar, Steve. Eu não atuo mais com ela. Pode matar meu personagem, me processar, o que for.

Meu agente suspirou do outro lado da linha e desligamos. Eu não me importava com nada daquilo, apenas em manter meu relacionamento fora daquele circo todo. Eu tinha feito uma promessa a Nanda e faria de tudo para cumpri-la.

Nossa primeira conversa depois daquela situação foi um pouco fria, distante até, mas eu sabia que ambos precisávamos de tempo para que a ferida que se abriu cicatrizasse. Aos poucos, porém, fomos voltando ao que éramos.

E foi em meados de junho que ela finalmente foi conhecer meu apartamento oficial. Como eu sabia que ela viria, me organizei decentemente para fazer daqueles momentos os melhores possíveis. Seria nosso primeiro reencontro depois do incidente em NY e eu não queria que nada desse errado.

A recepção foi com tórridos momentos de paixão e depois fomos jantar num dos meus restaurantes favoritos na cidade. No dia seguinte eu preparei um roteiro que me fazia pensar nela.

Desde que nos conhecemos, sempre que eu estava em LA acabava dando uma escapada até as instalações daquele museu contemporâneo e seus jardins encantadores. Aliás, toda vez que eu via um jardim, por mais singelo que fosse, pensava em Nanda e seu gosto pelas plantas.

Nosso dia foi lindo e terminamos a tarde na roda-gigante do píer de Santa Mônica. Nanda me lembrou de que aquele era nosso aniversário. Fazia um ano que tínhamos nos conhecido em Paris. Um ano! E tanta coisa já tinha acontecido!

Voltamos para meu apartamento e fizemos o que fazíamos de melhor: convivemos, conversamos, nos amamos. Eu não precisava de mais nada. Se Nanda estivesse ao meu lado, minha vida seria perfeita.

Mais uma vez ela teve que ir e, a cada separação, aquela necessidade de

que ela ficasse de vez apertava em meu peito. Eu não queria mais me separar dela, aquele final de semana tinha sido a prova derradeira de que eu a queria em tempo integral em minha vida.

Depois dessa ida da Nanda pra LA, ficamos combinados de que eu iria visitá-la no feriado de quatro de julho. Nesse meio tempo passei alguns dias em Londres com minha família, me preparando para mais um trabalho que logo começaria.

Era meados de junho, fazia um dia que eu tinha voltado de Londres e James veio comigo para algumas reuniões de trabalho. Estávamos tomando cerveja quando a campainha do meu apartamento tocou.

Pelo olho mágico vi que era Emma e abri a porta curioso, já que ela não costumava aparecer sem avisar. Eu me arrependi no segundo seguinte, quando vi que ela não estava sozinha. Lisa estava com ela.

— Emma, não quero ser indelicado, mas eu não....

— Nós precisamos conversar com você. – ela disse em tom sério.

— Eu não tenho nada pra falar com sua irmã e você sabe disso então...

— Lisa está grávida! – Emma disparou antes que eu as expulsasse do meu apartamento.

— Êpa, como assim? – James veio em meu socorro quando percebeu que eu não reagia.

— Oi, James! – Emma foi entrando. – Essa é minha irmã, Lisa. E é isso mesmo... – ela continuou. – O exame de sangue ficou pronto hoje. Eu vou ser titia! – e havia uma alegria em sua voz que não combinava nem um pouco com a situação.

— Essa criança não tem nada a ver comigo. – eu disse finalmente. – Não aconteceu nada naquela noite. Eu estava dopado! – e encarei Lisa pela primeira vez desde o acontecido. – Você não vai destruir a minha vida dessa maneira, sua louca!

— EU NÃO TE DOPEI, JOSH! – Lisa se manifestou pela primeira vez. – Eu também não me lembro do que aconteceu. Quando acordei estava aquela confusão e eu nunca soube o que realmente tinha se passado, até que comecei a ter enjôos matinais alguns dias atrás. Minha menstruação estava atrasada e daí foi só fazer as contas.

— Esse filho não pode ser meu. – eu disse quase num sussurro. Como

ficaria minha vida com um filho agora? Um filho que não era da Nanda? Nanda... Ela nunca me perdoaria.

— Mas é. — Emma respondeu. — Lisa está solteira há mais de três meses e, até onde ela se lembra, você foi o único cara com quem ela transou nesse período.

— Até onde ela se lembra? O que isso quer dizer? Ela tem amnésia além de ser maluca, é isso?

— Calma, Josh. — meu irmão me apoiou.

— Calma? Jimmy... É um filho... — olhei em desespero para meu irmão.

— Você tem certeza? — ele perguntou diretamente para Lisa. — Você não ficou com mais ninguém? Nenhuma recaída? Nada?

— Não. — ela respondeu. — Não nesse período. — e me encarou. — Esse filho é seu, Josh. É nosso.

Eu estava sem chão. Aquela fatídica noite ficava voltando em minha cabeça e eu não conseguia ter nenhuma lembrança, nada do que tinha acontecido. Eu realmente poderia ter transado com ela e não me lembrar de absolutamente nada?

— É claro que pediremos um exame de DNA assim que for possível. — disse James em tom sério. — Se vocês puderem nos dar licença agora...

— Claro. — disse Emma. — Eu sei que você não esperava por isso, Josh, mas não podíamos esconder isso de você.

Emma e Lisa saíram e eu me larguei no sofá. Incrédulo, assustado, anestesiado com tudo aquilo. Eu seria pai? De um filho da Lisa? Aquilo só podia ser um pesadelo! E eu só conseguia pensar em uma coisa: como contar aquilo pra Nanda?

— Estou aqui, irmão. — disse James se sentando ao meu lado e apertando meu ombro. — Para o que for necessário.

— Eu tenho que contar pra Nanda. — eu disse. — Só não sei como.

Ele apertou meu ombro mais uma vez e me ofereceu uma garrafa de cerveja bem gelada. Bebemos em silêncio por algum tempo até que eu tivesse tomado minha decisão. Liguei para a companhia aérea e reservei duas passagens para o próximo voo rumo a São Paulo.

Chegamos a casa da Nanda no final do dia. Ela ainda não tinha voltado do trabalho, então aproveitei e conversei com seus pais. Dona Lúcia se mostrou

mais tolerante, mas o Sr. Sérgio só faltou me fuzilar com os olhos.

Era compreensível: Nanda sairia machucada daquela conversa e eu seria o responsável por seu sofrimento, então era meio óbvio que ele me odiaria por magoar sua filha, apesar de nunca ter sido a minha intenção.

Finalmente ela chegou e fomos até seu quarto conversar. Quisera antes não ter ido. Ela chorou e gritou, e me culpou por tudo. Eu tentei me defender, tentei argumentar, mas não havia argumentos.

Eu queria que ela ficasse ao meu lado, mas como eu poderia pedir isso a ela se nem mesmo eu conseguia me perdoar por todo aquele sofrimento? Que direito tinha eu de forçá-la a seguir comigo depois do que tinha acontecido?

Depois dos gritos e das lágrimas ela me pediu para ir... e eu fui. Sabendo que minha felicidade tinha ficado ali, destroçada nas lágrimas da mulher que eu amava mais que tudo em minha vida.

James voltou comigo para LA. Eu não tinha condições de ficar sozinho. Dormi a viagem inteira e seria capaz de fazer uma besteira se não tivesse um apoio por perto. Mal chegamos e me tranquei em meu quarto. Eu não queria mais nada. Tinha perdido tudo naquelas últimas horas.

No dia seguinte, quando me dignei a sair do quarto, notei meus pais e Kat à minha espera. Minha mãe me abraçou com força, me acalutando do mesmo modo que fazia quando eu era pequeno e me machucava.

— Vai ficar tudo bem, meu amor. — ela dizia em meu ouvido enquanto as lágrimas lavavam meu rosto. — Tudo vai acabar bem.

Parte IV – Primavera

Dias claros de primavera

Inundam o coração com suas cores

Seus aromas, o perfume das flores

Anunciam que a felicidade ali me espera.

Capítulo 38

Apesar de a cidade me trazer várias recordações de Josh, procurei não me atentar a elas. Ian e Bia estavam sendo extremamente amáveis e eu tinha gostado muito do formato do curso. Pude conhecer melhor a cidade e descobrir cada um dos seus segredos.

Depois de muito insistirem, um dia eu acabei aceitando sair para um encontro duplo com meu casal lindo e um amigo do Ian. Bia queria que eu tirasse de vez Josh da cabeça, e desde que eu botei os pés em sua cada ela me falava do tal Paul.

Até que me diverti um pouco, o cara era engraçado, mas não adiantava: Josh estava gravado em mim, para sempre. Depois desse encontro, implorei para minha amiga não arranjar nenhum outro. Horas e horas de conversa e ela finalmente cedeu aos meus pedidos.

— Ah, vamos para Nova York esse fim de semana, vai! — ela pulava ao meu lado. — Você só vai ficar aqui mais uns dias, quero fazer compras pra Melzinha! E quero você ao meu lado pra isso!

Bia tinha descoberto que esperava uma menina e estava nas nuvens com a possibilidade de encher a criança de lacinhos e coisas rosas. Uma das grandes lojas de roupas para bebê em Nova York estava fazendo uma mega promoção e minha amiga tinha enfiado na cabeça que tinha que aproveitar.

Claro que no fim eu cedi aos seus pedidos. Ok, confesso, também queria me acabar de comprar coisas fofas pra minha afilhada e aquela era realmente uma grande oportunidade. Reservamos um quarto num hotel próximo ao centro comercial e lá fomos nós.

Pisar novamente naquela cidade também era doloroso pra mim, mas não deixei que aqueles sentimentos me invadissem. Estava lá com uma missão: mimar minha amiga, e não deixaria que nada nos atrapalhasse.

Logo após fazermos o check in e guardarmos a bagagem, corremos para a tal loja. Estava um fuá só. Como a promoção tinha sido amplamente divulgada, todas as gestantes, amigas de gestantes e mulheres de um modo geral estavam por lá. Foi um pouco difícil enfrentar aquilo, mas pra quem estava acostumada com a Rua 25 de março, aquela bagunça não era realmente assustadora.

Depois de várias horas, decidimos dar por encerrada nossa maratona de compras e fomos comer algo, já que Bia estava morrendo de fome. Caminhamos

alguns quarteirões até acharmos algo mais saudável do que um cachorro-quente. O restaurante estava até que tranquilo e ficamos por lá por algum tempo.

— Nossa, estou acabada! – ela disse depois de se largar na cadeira. – Tinha me esquecido de como essas coisas cansam!

— Mas você exagerou um pouco. – eu impliquei. – Não pode ficar tanto tempo assim sem descansar, poxa.

— Ah, mas valeu à pena. – seu sorriso se alargou. – Compramos cada coisa linda!!!

Sorri de volta e, depois de mais algum tempo, decidimos voltar para o hotel. A noite começava a cair, a iluminação dava aquele toque mágico no ambiente e o clima estava muito ameno. Passamos por uma loja infantil e ficamos encarando a vitrine por alguns instantes. Incrível como roupa de bebê é fascinante, né?

Bia estava babando por um conjuntinho todo lilás e rosa, mas era bem mais caro do que as roupas que tínhamos comprado naquele dia. Sabíamos que, racionalmente, era bobagem gastar com roupas que serão tão pouco usadas, mas e a vontade de ver Melzinha naquela fofura?

— O que está fazendo, Nanda? – ela questionou quando a arrastei para dentro da loja.

— Mimando minha afilhada mais um pouco. – eu respondi sem ligar para a repreensão em sua voz.

Ela quis argumentar, mas eu não lhe dei ouvidos. Uma atendente veio nos receber e eu fui reta e direta no conjuntinho da vitrine, com Bia em meu encalço. A moça pegou a peça para vermos melhor e foi quando eu quase perdi o chão.

Saindo da sessão masculina de roupas de bebê, estava ele, lindo, segurando um macacão azul, sorrindo e babando como o pai perfeito que ele seria. James o acompanhava e parou quando nossos olhos se encontraram.

Josh olhou para o irmão e em seguida me viu. Suas esmeraldas, tão conhecidas por mim, brilharam intensamente e um leve sorriso surgiu em seus lábios. Minhas pernas tremeram, meu coração cavalgava em meu peito e eu não tinha ideia do que fazer.

— Nanda? – sua voz demorou uma eternidade até chegar aos meus ouvidos.

— Oi, Josh. – eu respondi num sussurro, seus olhos lendo minha alma.

— Oi. – ele disse também depois de um tempo.

Percebi Bia se mexer ao meu lado, assim como James, que encarava seus sapatos. Com muito esforço consegui sair daquele transe e falar com ele também, apresentando-o a minha amiga.

— É um menino? – eu finalmente perguntei, ao olhar novamente o macacão.

— É. – ele disse e seu olho brilhou de outra forma. Ele estava feliz. – Ficamos sabendo hoje pela manhã.

— Parabéns. – eu disse sem prestar atenção às palavras. Ele seria pai de um menino.

— E vocês... Nanda, você...?

— Não. – eu respondi rápido demais. – Bia está esperando uma menina.

— Oh... – e ele parecia realmente aliviado. – Parabéns também.

Bia agradeceu e surgiu aquele silêncio completamente constrangedor.

— Bom, já estávamos... – eu comecei.

— É... Nós também... Então... – ele disse, tropeçando nas palavras.

Despedimo-nos de modo educado e cada um seguiu, com seu vendedor, até um caixa para fazer o pagamento. Confesso que não sei bem como paguei pela peça, nem como saí da loja. Só quando já estávamos na rua é que me dei conta realmente do que tinha acontecido.

— Você está bem? – Bia segurou em meu braço.

— Não. – eu disse e me larguei a chorar em seu ombro.

Ela me abraçou apertado, tentando me consolar. Eu não estava pronta para vê-lo. Tínhamos nos falado algumas vezes por telefone, mas era totalmente diferente. E ainda por cima vê-lo com aquela roupinha, todo derretido pelo filho. Foi demais. Novamente foi demais para mim.

Lentamente voltamos para nosso hotel e fiquei imprestável pelo resto da noite. Bia ainda tentou me animar, mas não adiantou. Pedimos nosso jantar no quarto mesmo, eu não tinha o menor ânimo para sair dali, e nos largamos em frente a TV.

Acabei adormecendo, mesmo com os barulhos do filme que a Bia assistia. Ela estava tendo problemas para dormir, então passava muitas noites em claro, lendo ou assistindo a filmes e seriados. Não sei quanto tempo passou até

que ela me acordou.

— Você precisa ver isso. – ela disse num tom não tão baixo assim.

— O que foi, criatura? Está passando mal? – tratei de acordar, no caso de ela não estar se sentindo bem.

— Não sou eu. – ela disse com os olhos vidrados na TV. – Olha isso.

Finalmente olhei para o aparelho e as imagens prenderam toda a minha atenção.

Trágico acidente de Lisa Stein põe em risco herdeiro do ator Joshua Black.

Mas o que foi que aconteceu? As imagens mostravam uma ambulância deixando um luxuoso prédio, Emma aos prantos sendo amparada por alguns seguranças, entrando em um carro e seguindo para o hospital.

Peguei meu celular para ligar pro Josh, mas me contive. Ele estaria desesperado e não saberia me dar nenhuma informação.

— James? É a Nanda. – eu disse quando ele atendeu. – O que houve?

Ele então contou que Lisa caiu na escada de seu apartamento duplex. Ele ainda não tinha certeza de seu estado, mas parecia que havia um considerável sangramento na região pélvica. Gelei. Minha vontade era de correr até Josh para saber como ele estava, mas sabia que não era a melhor hora pra isso. Pedi que James me mantivesse informada e desligamos.

— Eles ainda não sabem, mas parece que ela pode ter perdido o bebê. – eu respondi ao olhar ansioso de Bia.

Imediatamente ela levou a mão a sua barriga e vi um tremor percorrer seu corpo. Fui me sentar ao seu lado e a abracei, garantindo que ela ficaria bem. E, em meu coração, implorando para que Lisa também ficasse. Pelo bem de Josh.

Passei o restante da madrugada em claro, preocupada com Josh, Lisa, o bebê. No começo da manhã James me ligou dando a notícia. Lisa tinha perdido a criança. Meu coração ficou apertado em meu peito.

— Como ele está?

— Arrasado. – ele disse. – Nanda... Sei que vocês estão separados e tal, mas... Se você puder... Ele precisa de você...

— Em qual hospital vocês estão? — era a única coisa que eu podia fazer.

Capítulo 39

Apesar de eu ter tentando me preparar para aquele encontro, vê-lo tão destruído me deixou arrasada. Não havia preparo para aquilo. Aproximei-me em silêncio. Ele e James estavam sentados em um banco. Lentamente ele levantou a cabeça e me olhou, as esmeraldas sem cor, sem vida.

Não dissemos uma única palavra. Eu me abaixei e o abracei com força, segurando minhas lágrimas. Era ele quem precisava de mim naquele momento e eu tinha que ser forte para ele. James me agradeceu com o olhar. A dor de seu irmão também era a dele.

— Eu sinto tanto, Josh. — sussurrei em seu ouvido. — Do fundo do meu coração.

Ele inspirou profundamente, ainda em meus braços. Afaguei suas costas e seus cabelos bagunçados, dando o máximo de conforto e de carinho possível. Estiquei uma das minhas mãos em direção a James, segurando sua mão com a minha, querendo confortá-lo também. Ele sorriu tristemente.

Lentamente Josh se afastou, enxugando o rosto com os dedos. Nossos olhares se encontraram novamente e vi um pouco de gratidão ali. Um sorriso fraco dançou em seus lábios e eu retribuí dentro do possível.

— Como a Lisa está?

— Ainda desacordada. — ele respondeu. — Os médicos disseram que ela vai ficar bem.

— Ela vai sim. — eu respondi tentando animá-lo. — Do mesmo jeito que você também vai superar. Não agora, nem amanhã.... mas vai superar. — ele pegou minhas mãos entre as suas e as levou até a boca, dando um beijo de agradecimento.

— Obrigado por estar aqui.

— Nunca te deixaria num momento desses. — eu respondi, ainda lutando contra as lágrimas e afaguei seu rosto cansado. — Vamos, acho que estamos precisando de um café.

Levantei-me e seguimos, os três, até a cafeteria do hospital. Notei pelo canto dos olhos que havia muitos paparazzi do lado de fora do prédio e agradeci por eles não poderem entrar ali. Tudo o que Josh não precisava naquele momento era daqueles abutres chafurdando em sua vida.

Passamos um bom tempo ali, bebericando o café, deixando que as coisas se assentassem na cabeça e no coração. Por mais que eu não gostasse da Lisa, que ela tivesse sido o pivô da nossa separação, eu nunca desejaria que ela passasse por aquele sofrimento.

Já estava perto da hora do almoço e Emma ainda não tinha aparecido com notícias, então Josh decidiu subir até o quarto de Lisa para ter mais informações. James e eu decidimos acompanhá-lo, ambos não querendo que ele ficasse sozinho.

Nós estávamos chegando perto da porta do quarto quando ouvimos vozes um pouco alteradas. Estávamos prestes a entrar no recinto quando aquela declaração nos fez paralisar.

— *Como assim eu não estava grávida do Josh?* – era a voz de Lisa. Ela gritava com alguém.

— *Não estava, nem nunca estive.* – respondeu sarcasticamente a voz de Emma.

Nós três nos olhamos, um pouco atordoados e decidimos ficar por ali mesmo, escutando a conversa, ao invés de nos anunciarmos.

— *Como não? Nós ficamos juntos naquela noite...* – ouvir aquilo doeu, mas tentei não demonstrar. – *... e então eu descobri que estava grávida... Como ele não é o pai?*

— *Porque vocês nunca ficaram juntos.* – ela respondeu, chocando a todos nós. – *Aquilo tudo foi apenas uma encenação para tirar a brasileira da jogada.* – e naquele momento senti o ar me faltar. Uma encenação? Josh apertou meus braços e James parecia espantado demais. Ela continuou. – *Eu dei um jeitinho da batizar as bebidas de vocês e levá-los pro quarto. Apagadinhos de tudo.* – e sua risada de deboche me deu náuseas. – *Eu só precisei tirar as roupas de vocês e espalhar pelo quarto. Depois foi só esperar.*

— *Mas... Emma?* – Lisa parecia perdida, tanto quanto nós.

— *O quê?* – ela ria. – *Aquela Fernanda fez exatamente o que eu queria. Depois de ver a foto de vocês dois abraçados, créditos ao meu fotógrafo, claro, ela me ligou desesperada, coitadinha, perguntando por ele. Fiz meu papel de amiga preocupada e então... Ops, vocês dois estavam juntos na cama!*

Eu queria matar aquela mulher! Usou a própria irmã para fazer uma armação dessas! No fim Lisa era tão vítima quanto Josh.

— *Emma... Como você pôde?*

— *Joshua é meu!* – ela exclamou. – *Desde que botei meus olhos nele eu soube que ele era meu! SÓ MEU! Ninguém vai tirá-lo de mim. Muito menos uma qualquer, vinda de um país subdesenvolvido. Eu tinha tentado separá-los em Veneza, e depois quando ele foi passar o final do ano com ela na praia... Argh... Mas aqueles dois não se abalavam por nada...*

Foi a vez de Josh se remexer ao meu lado, horrorizado com as palavras daquela mulher.

— *Então, como ela não desistiu dele mesmo depois do flagrante, eu tive que pensar em outra coisa. Foi aí que você apareceu, linda e grávida, para a solução dos meus problemas! Eu sabia que o filho não era dele, mas isso não vinha ao caso. O que importava era que ele acreditaria que era, e daí, como eu imaginei, aquela Fernanda não suportaria a barra e o Josh seria finalmente meu.*

— *Mas se meu filho não era do Josh...*

— *Era daquele seu namoradinho, Jason não-sei-o-quê.* – ela disse com descaso.

— *Eu não... Não acredito! Meu filho era do Jason? Mas nós tínhamos terminado. O tempo... Não bate...* – sua voz soou alegre, triste e confusa.

— *Eu alterei o tempo de gravidez no exame.* – ela disse. – *Foi tão fácil quanto tirar doce de criança.* – e sua risada me deu ainda mais calafrios. – *Ah, por favor! Não faça essa cara!* – outra declaração debochada. – *Até parece que ele assumiria qualquer coisa* – fez uma pausa. – *De mais a mais, essa história só serviria por um tempo, só para fazer aqueles dois se separarem.*

— *O quê...? Emma... Você não...?*

E eu preendi minha respiração esperando sua resposta. Ela não poderia ter tido algo a ver com o acidente da Lisa. Não era possível! Por mais que ela fosse maluca, ela não faria mal a sua própria irmã, faria?

— *Me desculpe pela escada escorregadia, maninha.* – ela disse de modo sarcástico. – *Esse bebê não poderia nascer. Josh já deixou claro que exigiria um exame de DNA e, assim que o resultado desse negativo, ele voltaria para aquela brasileira.*

— *E o que você acha que vai acontecer agora? Como você acha que vai conquistá-lo? Agora não existe mais filho, ele vai voltar pra ela do mesmo jeito!*

— *Ah, não... Agora é diferente.* – ela respondeu. – *Ele está arrasado com a perda do filho, e como nós dois estamos abalados por você estar em estado*

grave, um confortará o outro. E ele vai reconhecer que fomos feitos um para o outro.

— Mas eu não estou em estado grave... E vou contar tudo pra ele... E... Emma? Emma para com isso!

Ouvimos os gritos abafados de Lisa e decidimos que já era o suficiente. Entramos no quarto no exato momento em que Emma tentava sufocar a irmã com um travesseiro.

— SOLTA ELA, EMMA! – Josh berrou puxando-a pela cintura enquanto eu e James checávamos o estado de Lisa.

— ASSASSINA! MONSTRO! EU ODEIO VOCÊ! – ela gritou quando finalmente recuperou o fôlego. Nessa altura, metade da ala hospitalar estava por lá para saber o que se passava.

— Josh? O que faz aqui? Me solta! – Emma tentava entender o que acontecia.

— Acabou pra você, Emma. – ele disse. – Nunca imaginei que você seria assim. Eu não te reconheço.

Ela olhava para todos os lados, percebendo que todos a encaravam. Eu estava ao lado de Lisa, tentando acalmá-la um pouco. James estava ao meu lado e Josh a encarava com repulsa.

— Josh... Não... Ela é louca! Coitada da minha irmã... Não diz nada com nada... Não...

— Não adianta mais. – ele disse. – Nós ouvimos tudo.

— Não... NÃO!!! – ela foi pra cima dele. – Eu não fiz...

Josh deu um passo para trás, aproximando-se de mim e de seu irmão. Foi quando ela voltou seus olhos em minha direção. A raiva que vi neles me apavorou. Ela me odiava com todas as forças que uma pessoa poderia odiar a outra.

— SUA MALDITA! – e veio em minha direção.

Mas antes que pudesse fazer alguma coisa, dois seguranças do hospital apareceram e a imobilizaram. Ela gritava e esperneava, sempre olhando de mim para o Josh. Um enfermeiro apareceu com uma seringa e logo eles saíram de vista, mas ainda era possível ouvir seus berros.

— VOCÊS NÃO TÊM NADA CONTRA MIM! EU VOU ME SAFAR! EU VOU ATRÁS DE VOCÊ! JOSH É MEU! SÓ MEU!

Seus gritos aos poucos foram diminuindo até que sumiram completamente. Estávamos todos atônitos com aquela cena deplorável. Um médico entrou no quarto e foi checar Lisa. Só aí começamos a voltar ao normal.

— Você ficará bem. – ele disse. – Sua pressão está um pouco aumentada, mas logo estará tudo bem. – aplicou-lhe um sedativo e então saiu do quarto.

— Ela quis me matar. – Lisa soluçou descrente. – Minha irmã quis me matar. – e olhou para o Josh. – Ela matou meu filho...

— Ela vai pagar. – disse Josh. James discretamente mostrou seu celular, indicando que tinha gravado toda aquela confissão. – Ela vai pagar por tudo isso.

— Descanse agora, Lisa. – eu disse finalmente. A dor que ela tinha passado nos últimos momentos fez com que toda a minha implicância caísse por terra e eu me solidarizasse com ela. – Você vai superar tudo isso.

— Obrigada, Nanda. – ela disse.

O remédio que o médico tinha aplicado começou a fazer efeito e decidimos deixá-la descansando em paz. Mas antes de sairmos ela me chamou, segurando em minha mão.

— Eu gostava sim do Josh, mas tudo mudou depois que vi que ele te amava de verdade. E depois que conheci o Jason.... – ela colocou a mão na barriga e uma lágrima correu por seu olho. – Ele é meu amigo agora. Só meu amigo. Ele ama você. Volta pra ele...

— Shiii... – eu disse baixinho, ela apagando. – Vai dar tudo certo. Descansa agora. – e ela adormeceu.

Saímos do hospital pela saída dos fundos, chegamos a uma pequena praça atrás do prédio e finalmente pudemos respirar. Josh andava de um lado para o outro, ainda atordoado por tudo o que tinha acontecido. Sentei-me num banco, minhas pernas ainda tremiam levemente. James sentou-se ao meu lado.

— Eu não acredito no que aconteceu... – dizia Josh ainda inconformado. – Eu a conhecia há anos... Ela nunca... – e caiu sentando ao meu lado.

Passei a mão em seus cabelos rebeldes e ele me abraçou com força. Aquela tinha foi a segunda vez em um único dia que o vi tão fragilizado. Ali, naquele momento, ele estava sem chão.

— Vai ficar tudo bem, meu querido. – eu sussurrei em seu ouvido. – Vai ficar tudo bem.

Ele me apertou ainda mais em seus braços e o ouvi soluçar. James

também o amparou, sabendo que o irmão tinha realmente passado por um grande baque. Ficamos ali, unidos por algum tempo, até que Josh tivesse se recuperado.

— Vamos à delegacia. – ele disse. – Temos que mostrar a gravação para um delegado. Emma não pode sair livre de tudo isso.

Concordamos e nos encaminhamos até a delegacia que investigava o acidente de Lisa. O delegado fez uma cópia da gravação que James tinha feito, para anexar ao processo, e pegou nossos depoimentos. Depois de cerca de três horas estávamos livres daquilo tudo.

— Vá descansar. – eu disse diante dele. – Dormir um pouco vai te fazer bem.

— Nanda... Depois de tudo isso... Eu preciso... – ele começou a falar.

— Eu sei, meu querido. – eu disse. – Tenho que voltar para Toronto agora. Estou ficando na casa da Bia por uns dias. – e sorri levemente. – Quando você estiver pronto, dê uma chegadinha ao Canadá.

Ele retribuiu meu sorriso, afagou meu rosto e começou a caminhar, se afastando de mim. James me deu um abraço apertado.

— Obrigado, mesmo. – ele disse. – Não desista dele. Ele só precisa de um tempinho.

— Eu vou esperar. – eu respondi quando nos afastamos e a lágrima teimosa que eu tanto segurei escapou pelo meu rosto. – O tempo que for necessário. – ele piscou para mim e logo já estava junto ao irmão, caminhando ao seu lado.

Voltei voando para o hotel e, durante nosso retorno a Toronto, contei a Bia tudo o que tinha se passado naquele dia.

— Não se preocupe. – ela disse. – A tempestade finalmente está no fim.

Capítulo 40

Já havia se passado quase dez dias desde que tínhamos voltado para Toronto e nada do Josh aparecer. Eu sabia que ele estava se recuperando de tudo aquilo, afinal, ele tinha que superar a perda de um filho que ele já amava, mesmo descobrindo que nem era dele e, principalmente, a traição de uma das pessoas em quem ele mais confiava. Ele precisava de tempo.

Mas, e se essa demora significasse outra coisa? E se... e se ele não me quisesse mais? Se minha atitude quando ele me contou sobre a gravidez tivesse diminuído o que ele sentia por mim? E se eu tivesse estragado tudo?

Bia tentou me dissuadir desses pensamentos, me lembrando de que ele apenas tinha respeitado minha posição, que sempre que nos falávamos, ele continuava cheio de carinho. Fiz força para acreditar em suas palavras, para acreditar que ainda teríamos o nosso final feliz.

Decidi dar uma volta para espairecer. Caminhei lentamente pelas ruas do bairro e depois acabei pegando um ônibus que me levaria ao destino que eu queria: High Park. Eu tinha me apaixonado por aquele lugar e as cores do começo do outono me ajudavam a pensar melhor.

— Oi, Bia! – atendi quando meu telefone tocou.

— Oi, amore. – ela respondeu. – Onde você está?

— Acabei de chegar ao High Park. – eu respondi. – Está tudo bem? Você precisa de alguma coisa?

— Calma, mulher. – ela riu do outro lado. – Só queria avisar que a mãe do Ian nos chamou para jantarmos com ela, então provavelmente a casa estará vazia quando você chegar. Não queria que se preocupasse.

— Ah, tá! – eu suspirei em alívio. – Bom, ainda vou ficar um pouco por aqui. O parque está lindo. Vou até aquele nosso cantinho, deve estar cheio de passarinhos.

— Então está bem, amiga. A gente se vê na volta então.

— Bom jantar. – desejei e desliguei.

Com essa notícia, poderia aproveitar um pouco mais o parque, sem precisar me preocupar em voltar logo para fazer companhia a ela. Caminhei sossegada pelas alamedas do parque, vislumbrando as famílias felizes, os casais

apaixonados, e novamente aquele vazio apertou em meu peito. Cadê você, Josh?

Segui andando até achar o nosso lugar, aquele em que ela tinha me levado na primeira vez em que estive em Toronto, na época de seu casamento quase um ano antes. Sentei-me no banco, inspirei profundamente e senti os perfumes do lugar.

As flores já não eram mais tão frequentes, e as árvores começavam a ganhar os típicos tons amarelos, alaranjados e vermelhos. Avistei um casal de patos nadando com vários patinhos os seguindo, além de borboletas, libélulas e mais uma infinidade de insetos. A vida se fazia, mais do que nunca, presente ali.

Levantei-me do banco e segui até a beirada do lago, para jogar pedrinhas e fazer ondas nas águas calmas. Uma brisa suave passou por mim, bagunçando meus cabelos, fazendo um sorriso inocente surgir em meus lábios.

— Nanda?

Naquele momento eu fiquei estática. Eu podia jurar que tinha ouvido Josh me chamando. Fechei os olhos e respirei. Seria possível? Ele finalmente teria vindo me encontrar? Abri os olhos e fui me virando devagar, implorando para não ter sido minha imaginação a me pregar uma peça.

Não era! Era ele, Josh, parado ao lado do banco onde eu estava sentada, olhando-me tão intensamente que acho que podia ver minha alma. O ar me faltou por um momento, mas no instante seguinte um largo sorriso invadiu meu rosto.

Ele sorriu também, sua expressão aliviada e feliz. E eu não tive mais dúvidas. A tempestade tinha mesmo acabado. Corri em sua direção, uma lágrima de felicidade escorrendo pela minha bochecha e assim que achei seu corpo, me agarrei a ele com todas as forças que eu tinha.

Oh, como era bom sentir novamente seus braços ao meu redor, envolvendo-me, protegendo-me, apertando-me contra seu corpo. Sua respiração estava um pouco ofegante, talvez pelo fato de eu o estar apertando com toda força que meus braços tinham.

Afastei-me apenas o suficiente para olhar em suas esmeraldas. Ele afagou minha bochecha com as costas da mão, deixando transparecer toda a emoção que sentia. E no momento seguinte nossos lábios estavam unidos num beijo de saudade, de urgência, de necessidade.

— Me perdoa por eu ter me afastado no momento mais complicado da sua vida? – eu soltei numa lufada quando nos separamos para respirar.

— Me perdoa por minha vida maluca quase acabar com nosso amor?

Eu ia responder que aquilo era uma bobagem, mas fui interrompida pelo refrão de uma música – uma das minhas favoritas – que nos fez sorrir ao mesmo tempo.

“...I can't stop lovin' you; And no matter what I say or do; You know my heart is true; Oh, I can't stop lovin' you...” (Van Halen – Can't Stop Lovin' You)

— É isso. – ele disse. – Não consigo parar, não quero parar, não posso parar de amar você.

— Nem eu, nem por um único momento.

Voltamos a nos beijar, enquanto a música continuava tocando em algum lugar, reafirmando que nosso sentimento era verdadeiro e não morreria assim tão facilmente.

— Vem, vamos sair daqui. – ele disse me puxando pela mão.

Seguimos até um ponto de táxi e logo ele passou o endereço do local em que estava.

— Como você me achou aqui? – eu perguntei, mas logo já encontrei a resposta. – Bia. Por isso o telefonema. Ela me enganou direitinho.

— Ela só queria ajudar. – ele disse afagando meus cabelos. – Apareci na casa dela e você estava aqui. Eu simplesmente não podia ficar nem mais um minuto longe de você.

Novamente nos beijamos, dessa vez um pouco mais ferozmente, mas me lembrei de que ainda estávamos em um táxi e tentei me controlar. Finalmente chegamos ao hotel e assim que entramos no elevador, nos atarracamos outra vez.

O desejo e a saudade estavam latentes em nossos corpos. Mal entramos no quarto e as peças de roupa foram jogadas ao chão. Josh me girou em seus braços, apertando-me contra seu tronco já nu e senti sua ereção em minhas costas. Uma onda de frenesi percorreu meu corpo.

Ele abriu o botão da minha calça e enfiou sua mão em meu sexo, por dentro da calcinha, acariciando-me enquanto seu braço livre acariciava meus seios, sob o sutiã. Gemi com seus toques e um tremor percorreu todo o meu corpo.

Com um pouco de dificuldade, já que ele não me deixava virar, eu

desabotoei sua calça, fazendo-a escorregar por suas pernas, e alcancei seu membro protegido pela boxer. O volume significativo em minhas mãos fez com que eu abrisse um sorriso libidinoso e virei minha cabeça para poder beijar-lhe os lábios no mesmo momento em que o apertava em minhas mãos. Foi sua vez de gemer.

Josh terminou de soltar o zíper da minha calça, fazendo com que ela descesse por minhas pernas e voltou a me acariciar por dentro da calcinha. Ele estava me deixando louca de desejo com seus toques, e eu sabia que não duraria muito mais em sua mão.

Aprofundei ainda mais nosso beijo, e rocei minha bunda em seu membro, instigando-o. Ele me conduziu até o encosto do pequeno sofá, delicadamente me inclinado sobre o móvel, o que o deixava com fácil acesso ao meu sexo.

— Preciso de você Nanda... – ele sussurrou ofegante em meu ouvido com sua voz grave e baixa, e eu quase explodi ali mesmo.

— Então vem, meu amor. – eu respondi, abrindo um pouco mais minhas pernas e me apoiando sobre o encosto do sofá, facilitando nossa posição.

Ouvi a embalagem da camisinha sendo aberta e em seguida ele estava em mim. Oh, céus! Gemi alto quando o senti tão profundo. Ele continuava me estimulando com os dedos e eu me agarrei ao sofá para me segurar. Josh foi acelerando seu ritmo, enlouquecendo-me de prazer.

— Nanda...?

— Só... Mais... Ooohhhh....

Gemi alto quando aquele orgasmo me atingiu, avassalador. Ele me acompanhou, segurando-se dentro de mim o mais profundo possível, urrando com nosso prazer. Ele saiu de mim e minhas pernas ainda tremiam de prazer. Meu corpo inteiro era percorrido por aquela corrente elétrica.

Ele veio por trás e me abraçou, girando-me em seguida e me beijando de um modo quase desesperado. Passou os braços por trás das minhas pernas, me pegou no colo e seguimos para o quarto.

— O... Que... Foi... Isso...? – eu perguntei ainda ofegante, tentando estabilizar minha respiração.

— Foi você... – ele respondeu um pouco abobado. – Você me deixa assim... Louco de tesão... – e me deu um selinho.

— Acho que vou te deixar com saudades mais vezes. – eu disse rindo.

— Nem pensar. — ele disse me encarando. — Quando quiser outra dose dessas é só pedir. Farei meu melhor para atendê-la... Só não me deixe mais... — e seu olhar estava mais sério.

— Nunca mais. — eu disse, concordando com ele e selando nossos lábios. — Que tal um segundo round? — e no instante seguinte já nos beijávamos ardentemente outra vez e nos amamos até adormecermos exaustos de tanta paixão.

Acordei com a respiração de Josh em minha nuca. Ele me segurava junto a seu corpo, um dos braços escorregando pela minha cintura, seu rosto perdido em meus cabelos. Apenas fiquei ali, curtindo aquela sensação de tê-lo ao meu lado novamente, até que ele também acordou.

— Você está mesmo em meus braços? — ele sussurrou em meu ouvido.

— Para sempre. — eu respondi sorrindo.

Ficamos de chamego por algum tempo até que, para variar, nossos estômagos resmungaram. Pedimos alguma coisa ali mesmo e fizemos nossa refeição entre amenidades e sorrisos bobos.

— Acho bom avisar Bia de que não dormirei em casa essa noite. — eu disse seguindo até minha bolsa.

— Correção: você não vai dormir nem hoje, nem amanhã, nem nunca mais. — ele me abraçou pela cintura. — Agora você só dorme comigo.

— Bobo. — eu lhe dei um selinho enquanto a ligação era completada.

Minha amiga era só gritos e risadas do outro lado da linha.

— Não disse que tudo daria certo? — e eu podia ver seu sorriso largo e feliz.

Desliguei o aparelho e topei com Josh me encarando um pouco mais sério. Será que tinha alguma coisa errada? Aproximei-me e ele me sentou na cama, ao seu lado.

— Eu falei sério quando disse que você só vai dormir comigo a partir de agora.

— Eu...

— Nanda, não dá mais pra ficar longe. — ele disse. — Esses últimos meses longe de você, sem saber se ficaríamos bem novamente, sem sentir seu corpo, seu cheio, seu amor... Eu não quero mais.

Ele se levantou, foi até sua roupa e voltou para onde eu estava segurando algo em suas mãos. Seus olhos brilhavam de um modo diferente, terno e decidido. Ele se ajoelhou a minha frente e abriu a mão. Uma caixinha preta aninhava em seu interior uma aliança prateada com um lindo diamante. OH MEU DEUS!

— Eu quero ficar ao seu lado pra sempre, quero construir uma família com você, quero dividir a minha vida com você. — fez uma rápida pausa. — Quero acordar todos os dias ao seu lado, ver seu sorriso manhoso e sua carinha de sono, quero fazer ovos mexidos e suco de laranja, quero dormir ao seu lado todas as noites, sentindo o calor do seu corpo e o cheiro da sua pele.

Nessas, eu já estava toda arrepiada, os olhos mareados e com um sorriso abobado nos lábios.

— Nanda, eu quero ser seu marido, companheiro, amigo e amante. — e então ele finalmente segurou em minhas mãos. — Você aceita ser minha esposa, companheira, amiga e amante?

— É tudo o que eu mais quero. — eu respondi enquanto as lágrimas escorriam por meu rosto, encharcando minha pele com a felicidade que eu sentia.

Ele colocou o anel em meu dedo e em seguida eu senti sua boca na minha. O gosto salgado das lágrimas misturando-se ao nosso gosto. Ele me apertou forte em seus braços e eu gritei de felicidade, de alegria, de emoção. Sorrímos um para o outro e novamente nos amamos, a noite toda.

Capítulo 41

Voltei para a casa da Bia e quando ela viu o anel em meu dedo quase teve um troço.

— Se acalma, mulher! Desse jeito a Melzinha vai nascer antes do tempo. – eu disse segurando em seus braços.

— Nanda... – ela me olhou e as lágrimas deslizaram por seu rosto. – Você merece toda a felicidade que está por vir. Ah, e nem quero saber, serei sua madrinha e pronto.

— Nem poderia ser diferente. – eu respondi e novamente nos abraçamos.

Refiz rapidamente minhas malas e segui de volta ao Brasil. Josh não pode ir comigo, mas dessa vez nossa separação seria por alguns dias apenas.

— E então, qual é a data? – minha mãe me perguntou, ainda no aeroporto, assim que viu o anel em meu dedo.

— Ainda não decidimos. – eu respondi. – Temos muita coisa pra organizar antes disso.

Ela sorriu pra mim e fomos para casa. Meu pai estava no telefone quando chegamos, e pelas palavras em inglês, imaginei que estaria falando com Josh.

— Já que não podia vir, ele ligou para pedir sua mão. – ele disse num tom meloso. – Quem faz isso nos dias de hoje?

— Eu te disse que ele era diferente. – eu cantarolei, abraçando-o com força.

Fiquei aproximadamente 10 dias no Brasil para arrumar minhas coisas e lidar com a documentação para minha mudança. Depois do reencontro em Toronto a decisão mais lógica era eu ir morar com ele. Acabamos optando por ficarmos em seu apartamento em Los Angeles mesmo, já que sua carreira ia muito bem e eu poderia trabalhar com paisagismo ali mesmo.

Fui jantar com Alex e Luiza numa das noites. Meu amigo estava à mil com os preparativos do seu casamento, mas tirou um tempo para me paparicar.

— Quer dizer que você vai fazer os jardins das celebridades agora, é? – brincou Alex quando contei as novidades.

— Pode até ser. – eu respondi. – Mas vou começar com calma.

Rimos e ele parecia realmente feliz por mim. Finalmente tinha chegado a minha hora, a minha vez de viver plenamente a minha história de amor.

Perto da data da viagem eu fui mais uma vez para a casa de praia, dessa vez com as boas novas. Moni e Leo ficaram felizes por eu ter me acertado com Josh. Passei o fim de semana lá, me despedindo do meu paraíso particular e no começo da semana fui de mala e cuia morar com meu amor.

Tenho que confessar que foi um pouco complicado no começo. A imprensa fez o maior estardalhaço, ficaram nos perseguindo o tempo todo, fizeram inúmeras insinuações, mas no fim do dia, procurávamos rir de tudo e levar a nossa vida.

Lisa tinha conseguido reatar o romance com o pai do seu filho e Emma acabou sendo mandada para um presídio psiquiátrico, afinal ela tinha provocado a morte de um ser vivo, ainda que no útero da mãe. Ela alegou que o ocorrido aconteceu em um momento de surto psicótico, que ela era emocionalmente instável e etc, e por fim a justiça acabou engolindo sua alegação. O fato era que ela estava trancafiada, longe de nós e tinha virado a atriz mais odiada de Hollywood.

Josh se envolveu em grandes projetos e havia rumores de que seria indicado ao Oscar no ano seguinte. Eu abri um pequeno escritório de paisagismo e finalmente estava realizada profissionalmente; trabalhar com plantas era a melhor coisa do mundo.

Durante nosso período de adaptação tivemos duas ou três discussões mais sérias por causa da convivência, afinal era um exercício diário de dar e receber e, mesmo nos amando muito, a toalha molhada na cama ou a bagunça com o secador de cabelo às vezes nos irritava. Super normal.

Aqueles dois meses passaram voando e, quando vimos, já era dezembro. Melzinha nasceu em meados do mês, em pleno inverno canadense, pobrezinha, mas Bia e Ian já tinham planos de levá-la para conhecer o calor dos trópicos, afinal grande parte da família da Bia ainda estava no Brasil.

Josh e eu conversamos com nossas famílias e decidimos passar as festas de final de ano em Londres. Meus pais estavam devendo uma visita a Helen e Richard e nada mais apropriado do que as famílias se reunirem para celebrar a nossa felicidade, né?

Foi uma semana maravilhosa, apesar do frio e da neve. Aproveitei para mostrar a minha Londres para meus pais, fizemos programas familiares e antes do dia 10 de janeiro já estávamos de volta ao Brasil, para o casamento do meu

melhor amigo.

Alex estava com os nervos à flor da pele. Eu e Josh chegamos mais cedo e, como a cerimônia era num espaço de eventos, a imprensa foi impedida de entrar e atrapalhar o momento do meu amigo.

— Como estou? Será que ela vai gostar? E se ela não aparecer?

— Alex, calma! – eu implorei. – Você está lindo, foi ela quem escolher o terno, então sim, ela vai gostar e... – ele me encarou profundamente. – ...e ela vai aparecer. Ai dela se não aparecer!

Aos poucos ele foi se acalmando, percebendo que tudo seria perfeito. As clarinadas invadiram o ambiente e Luiza entrou na igreja do espaço de eventos. Estava linda, num vestido tomara que caia rendado e bordado com muitos cristais. Uma noiva de capa de revista com certeza. Os olhos de Alex brilharam e notei a singela lágrima escorrendo pelo canto do rosto.

Sorri ainda mais, por testemunhar a felicidade genuína do meu grande amigo, que já tinha enfrentado poucas e boas, e merecia aquela alegria toda. A cerimônia foi linda e a festa foi um luxo só, diga-se de passagem, com direito a banda, buffet super requintado, lembranças personalizadas e muito glamour. Só saímos de lá com o raiar do dia.

No dia seguinte, antes deles seguirem para a lua de mel no Caribe, Josh e eu fizemos o convite para que eles fossem nossos padrinhos. Nós dois já tínhamos passado pela experiência de morar junto – e tínhamos sobrevivido a ela – então decidimos que estava na hora de oficializarmos nosso relacionamento.

Depois de horas de conversa, decidimos que nos casaríamos na Espanha, na pousada da Ester, afinal foi lá que nos rendemos ao nosso sentimento. Faríamos uma cerimônia bem simples, apenas nossas famílias e nossos amigos mais próximos, dali três meses, no começo da primavera europeia.

Capítulo 42

Ester tinha acabado de sair do quarto em que eu aguardava o grande momento. Olhei-me no espelho e um suspiro involuntário percorreu meus lábios. Tínhamos escolhido fazer uma cerimônia matinal, assim todos aproveitariam ainda mais a festa.

Como o clima estava agradável, optei por um vestido leve, o modelo bem semelhante o que Josh me deu de presente quando chegamos à cidade. Era em um tom de champanhe, com alças finas, decote V, com um recorte logo abaixo do busto, fluido e com discretos bordados sobre uma renda delicada. Nos cabelos usei uma coroa de flores pequenas e delicadas, os fios soltos levemente anelados.

Meu pai entrou no quarto e parecia mais nervoso do que eu. Segurei em suas mãos e seguimos até o alto da escada que dava para o jardim, que estava lindamente decorado.

— Pronta?

— Mais do que pronta. – respondi e descemos a escada.

Meu coração martelava rapidamente em meu peito, mas era de emoção e não de ansiedade. Eu sabia que ele estaria ali. Josh também estava vestido em tons claros, a calça um tom mais escura do que a camisa, em tons de creme.

Quando nossos olhos finalmente se encontraram, percebi que os dele se encheram de água. Aumentei meu sorriso e finalmente cheguei até ele, ao som de uma linda melodia espanhola dedilhada ao violão. Meu pai beijou minha testa e apertou sua mão, naquele típico gesto que diz: cuida bem dela. Ele cuidaria.

O juiz de paz cumpriu o ritual legal e então chegou a nossa vez.

— Nanda. – ele disse segurando minhas mãos. – Antes de você meu mundo era meio que em tons pastéis. Mesmo fazendo o que eu amava, faltava alguma coisa em minha vida. E então você surgiu. Com uma proposta absurda que mudaria para sempre a minha vida, a mim. Você trouxe cor e sabor, diversão e saber e isso é algo que eu quero ter pra sempre. Você me ajudou a entender que a vida sozinho pode até ser boa, mas que a dois é a melhor coisa que existe.

Beijou minha mão e colocou a aliança na mão esquerda.

— Josh. – eu comecei. – Antes de você eu achava que conhecia a felicidade. Achava que já tinha vivido todas as emoções e descobertas possíveis. Então você aceitou uma proposta absurda e foi nesse dia que eu realmente

comecei a viver. Você me ensinou que o que realmente vale é o que sentimos bem lá no fundo. Não é a aparência, nem a fama, nem o sucesso, é a essência. E você é feito desse algo que eu quero ter em minha vida até o fim.

Coloquei a aliança em sua mão esquerda e finalmente nos beijamos. Pudemos ouvir os assobios, as palmas e os gritinhos. Ele escorregou as mãos até minha cintura e me tirou do chão, rodando-me no ar. Quando nos olhamos nossos olhos estavam mareados, a felicidade era demais para ficar presa apenas em nossos corpos, derramando-se por nossos rostos, mostrando a todos a força do nosso amor.

A festa que Ester preparou durou o dia todo, e sabíamos que duraria mais um ou dois dias. Ela estava visivelmente emocionada com nossa história e com nossa felicidade. Disse que tinha certeza de que tínhamos nascido um para o outro.

Ficamos festejando com nossos familiares e amigos durante uma boa parte do dia, e no meio da tarde partimos rumo ao destino da nossa lua-de-mel: Paris, claro. Onde mais?

Chegamos ao luxuoso hotel que Josh tinha reservado pouco depois das 21h. A suíte estava lindamente decorada com rosas vermelhas e havia uma garrafa do mais legítimo champanhe francês como cortesia, além de chocolates e alguns outros mimos.

— Finalmente a sós. – ele disse abraçando-me carinhosamente.

Girei em seu abraço e beijei-lhe os lábios. Ele deslizou uma das mãos pelo meu braço e depois tirou o fino casaco que eu usava, revelando que eu ainda usava o vestido da cerimônia. Ele se afastou um pouco, segurando uma das minhas mãos e me conduziu a um giro, olhando-me com admiração.

Voltei para seus braços com um sorriso bobo nos lábios, e novamente o beijei, sentindo nossos gostos juntos. Fomos interrompidos por duas batidinhas na porta, anunciando que nosso jantar tinha chegado. Outra cortesia do hotel.

Depois de jantarmos um maravilhoso prato à base de frutos do mar, segui para a varanda que tinha como vista a imponente Torre Eiffel. Josh novamente me alcançou, apoiando o queixo em meus ombros.

— Vamos à sobremesa? – sua voz sussurrada em meu ouvido provocou aquele frenesi em minhas veias e todo o meu corpo necessitava dele.

Inclinei minha cabeça em direção a sua e nos beijamos apaixonadamente. Fui empurrando-o para dentro do quarto, sentindo aquela deliciosa expectativa

me inundar. Josh se sentou na cama e eu me dediquei a abrir os botões de sua camisa, sem pressa, deixando que meus dedos roçassem sua pele e lhe provocassem arrepios.

Depois que tirei sua camisa, sentei-me em seu colo para lhe acariciar mais detalhadamente. Senti seu membro enrijecendo-se sob meu corpo e o pressionei levemente, arrancando um gemido sutil de Josh.

Ele segurou meu rosto em suas mãos e me puxou para um beijo ardente, quase ansioso. Suas mãos enroscaram-se em meus cabelos enquanto eu brincava em seu abdômen, descendo até encontrar o cós da sua calça e seu volume aparente.

Josh escorregou as mãos pela lateral das minhas pernas e voltou o caminho, trazendo consigo o vestido que eu usava, tirando-o com delicadeza, deixando-me apenas de lingerie. Seu olhar luxurioso percorreu todo o meu corpo desnudo e em seguida ele atacou a curva do meu pescoço, dando-me beijos e leves mordiscadas.

Mais uma vez forcei meu quadril sobre o dele, instigando-o e consegui arrancar outro gemido baixo. Eu sabia que ele adorava aquilo. Aproveitando-se da nossa posição, ele tirou meu soutien e me deixou apenas de calcinha, ansiosa por tirar aquela última peça.

Ele então nos virou na cama, colocando seu corpo sobre o meu, forçando seu membro em meu sexo excitado. Foi minha vez de arfar e gemer baixinho. Ele sorriu de lado e voltou correndo a atacar minha boca, delineando meus lábios com a ponta da sua língua antes de me beijar uma vez mais.

Josh desceu seus carinhos aos meus seios, lambendo e sugando meus mamilos, deixando-me em êxtase. Seus lábios desceram mais um pouco, em direção ao meu sexo úmido e senti uma leve contração percorrer meu corpo.

Ele desceu ainda mais seus carinhos, tirando minha última peça de roupa, beijando minha virinha, atrás do joelho e voltando ao meu sexo. Gemi pela segunda vez, dessa vez de modo mais pronunciado. Ele se livrou das suas roupas e se preparou para mim.

Joguei-me mais para o meio da cama e afastei os joelhos, apenas esperando-o. Seus olhos faiscaram com meu convite e logo ele estava posicionado sobre mim. Seu membro encostou-se no meu sexo, instigando-me, provocando-me, mas ainda fora de mim.

Eu precisava dele, então forcei-me um pouco, mas ele se afastou, um sorriso sacana nos lábios, o desejo latente em suas esmeraldas. Josh novamente

posicionou-se em minha entrada, forçando-se minimamente em mim, apenas para sair de novo e me deixar louca.

E então, sem aviso, ele estava completamente em mim. Nossos corpos chocaram-se deliciosamente e o gemido alto escapou por meus lábios. Prendi seu quadril com minhas pernas e encontramos nosso ritmo, os olhos sempre conectados, as bocas e as mãos em todos os lugares.

Com uma última e forte investida alcançamos o nosso ápice de prazer. Josh ainda ficou alguns instantes em mim, nossas testas unidas, nossa respiração ofegante no mesmo ritmo, nossos corações na mesma batida.

— Eu amo você. – ele disse com a voz entrecortada.

— Eu amo você. – respondi com a voz ligeiramente embargada.

Só depois ele se livrou do preservativo e me aninhou em seus braços para finalmente desfrutarmos da nossa primeira noite de casados.

O dia chegou rápido e assim que a claridade nos envolveu, levantamos, colocamos nossos disfarces – pois é, agora eu também tinha que usar um caso quisesse permanecer no anonimato – e seguimos para o local exato em que nos conhecemos.

— Será que seremos atropelados por alguma garota desmiolada, que gosta de andar de bicicleta de olhos fechados? – ele brincou enquanto nos sentávamos para tomar um copo de café.

— Não se preocupe. – eu sorri. – Essas coisas só acontecem uma vez na vida.

A cidade estava cheia de turistas, mas ninguém notava a nossa presença ali. Tomamos nosso café em paz, observando a vida que corria. Seguimos caminhando às margens do Sena e paramos sob a sombra de uma árvore.

— Quem diria que a tal rocha dos namorados sabe mesmo das coisas, heim! – ele suspirou brincalhão. – Só errou no tempo. Isso era pra ter acontecido um ano atrás.

— Ela não errou não... – eu respondi. – Não se esqueça de que quando jogamos as pedrinhas, você também as jogou, e eu estava solteira.

— É verdade. – ele disse depois da nossa gargalhada. – Como era mesmo? Só as moças e noivas, certo?

— Pois é. – eu disse. – Considerando as circunstâncias, acho que não podemos resmungar.

— Não. — ele disse e me abraçou. — Não podemos.

Encostei minha cabeça em seu ombro, ambos em silêncio, observando as águas calmas do rio seguirem seu caminho para o mar. Suspirei, lembrando tudo o que tínhamos vivido, todos os obstáculos, todas as chances contra e sorri. Nós estávamos ali, tínhamos conseguido.

Se nós seremos felizes para sempre? Eu não sei. Não posso responder a essa pergunta. Se eu espero isso? Sim, com certeza. Afinal, como todas as mulheres, sejam elas românticas ao extremo ou as mais desencanadas possíveis, a gente sempre torce, lá no fundo, para que nossa história termine como nos filmes ou nos contos de fadas. Com um final feliz. Simples assim.

Capítulo 43

Josh

Minha família ficou uns três dias comigo. Apesar da tristeza por meu relacionamento com Nanda ter terminado daquele jeito, minha mãe e irmã não podiam evitar a ideia de que em breve um serzinho novo, uma parte de mim surgiria para alegrar nossas vidas.

E, no fundo, elas estavam certas. Aquele não era meu filho com Nanda, mas era meu filho. E eu faria tudo para que ele tivesse todo o amor que merecia. Havia ainda uma sombra de dúvida sobre a paternidade, mas eu já sentia aquela criança como um pedaço de mim.

Uma noite acordei agoniado. Tinha tido um sonho estranho, um sonho com aquela fatídica noite em NY. Era como se eu estivesse tendo flashes do que podia ter acontecido. Imagens e sensações da embriaguez, o ar me faltando, certo alívio quando eu me deitei na cama, um som distorcido que se parecia com uma risada feminina, um vulto sentado sobre meu corpo.

Aquele desespero tomou conta do meu corpo. E se aqueles flashes fossem mesmo minha memória tentando voltar? Parecia haver uma mulher sobre mim. Então... Então sim, eu poderia mesmo ter feito sexo com Lisa e a engravidado.

Levantei da cama e joguei uma água no rosto. Aquilo não importava no momento. Quando chegasse a hora certa, faríamos um exame de DNA e toda aquela confusão seria explicada de uma vez por todas.

No dia seguinte fui para NY atrás de Lisa.

— Josh. – ela disse ao me ver. – Não esperava te ver por aqui.

— Precisamos conversar. – eu disse. – Uma conversa séria e definitiva.

Ela me convidou para entrar, ofereceu um suco e nos sentamos nos sofás.

— Antes de qualquer coisa... – ela começou. – Eu sinto muito por toda essa confusão. Você não vai acreditar em mim, eu sei, mas eu preciso dizer que realmente não sei o que aconteceu aquela noite.

— Lisa...

— Eu fui para o evento só para acompanhar a Emma. Não estava indo

atrás de você. Juro por tudo o que é mais sagrado. – ela fez uma pausa rápida. – Não me lembro de ter bebido mais do que o de costume. Só me lembro, vagamente, de estar muito ruim e te pedir ajuda quando encontrei alguém de confiança. Eu não queria te seduzir, eu não estava fingindo aquela situação. Eu já tinha entendido o quanto você gostava da Nanda, que nunca aconteceria nada entre a gente, e eu até estava começando a conhecer uma pessoa.

— Mas então, Lisa...

— Eu juro que não sei como fomos parar naquele quarto, o que fizemos... Não me recordo... De verdade... Só o que sei é que o resultado está aqui. – e segurou a barriga. – E por mais que não tenha sido do jeito que eu imaginava, essa criança não tem culpa do que aconteceu e eu vou amá-la muito. Já amo.

— Foi justamente o que eu vim fazer aqui, Lisa. – eu consegui dizer finalmente. – Ainda não temos certeza absoluta, mas tudo indica que esse filho é nosso e eu quero participar da vida dele. Independente do jeito que aconteceu, de quem foi a culpa, o resultado é que uma vida surgiu de todo aquele caos, e é inocente. E vai ser amada.

Eu não tinha acreditado na versão dela, mas não tinha como provar. E ela parecia acreditar naquilo que falava. Voltou a minha memória minhas justificativas para Nanda na noite em que ela nos encontrou. O discurso da Lisa lembrava muito o meu próprio tentando me justificar para ela. Só que aquilo não importava.

Para todos os efeitos, e até que pudesse ser provado o contrário, eu era o pai daquela criança e agiria como tal. Deixei muito claro para Lisa que me envolveria apenas com o bebê, que ela não podia nem devia criar qualquer tipo de esperança em relação a nós, porque nunca existira um nós. Eu amava Nanda e aquilo não mudaria nunca, mesmo ela não estando ao meu lado naquele momento.

Ficamos combinados, então, que ela me manteria informado sobre tudo: consultas médicas, o estado de sua saúde, as despesas e preparativos para a chegada do bebê. Nós dois não éramos um casal, mas eu seria um pai presente para meu filho.

Naquela noite recebi uma ligação da minha Nanda. Depois de quase vinte dias de silêncio e dor, eu finalmente ouvi sua voz outra vez. Ela ainda estava muito machucada, e eu sabia que levaria tempo para se curar.

Doeu quando ela disse que não sabia se algum dia voltaríamos a ser

como éramos, mas também me senti esperançoso quando ela disse que ainda era minha amiga e estaria ao meu lado.

Conversamos por algum tempo, contei sobre meu acordo com Lisa, ela me contou sobre sua demissão. Foi difícil desligar, mas eu tinha dar o que ela precisava: tempo. Por mais que eu precisasse dela comigo, por mais que nada fizesse sentido sem sua presença em minha vida, eu sabia esperar. Nosso amor era forte demais pra acabar daquela maneira.

Conversamos mais uma vez, algumas semanas depois. Ela me disse que estava indo para Toronto fazer um curso mais profissional de paisagismo. Pelo tom de sua voz eu sabia que ela finalmente tinha encontrado seu caminho profissional. Aquilo me deixou muito feliz.

Eu tinha diminuído o ritmo de trabalho. Todo o alvoroço que se formou com o anúncio da gravidez da Lisa fez com que eu perdesse um pouco a vontade de trabalhar. Estava apenas concluindo trabalhos já contratados e depois eu me daria uma folga merecida.

O tempo passou, simplesmente. Tenho que confessar que a paternidade me assustava e encantava mais a cada dia. Já tinha comprado livros, revistas, filmes e outro monte de materiais sobre o assunto.

Naquele final de semana fui novamente para NY. Lisa tinha uma consulta marcada e a expectativa para descobrir o sexo do bebê só aumentava. Ela jurava que seria uma menina, eu desconfiava que pudesse ser um menino.

Nossa relação estava até que bem. Tínhamos desenvolvido certa proximidade, mas nada que passasse de um coleguismo mais aprofundado. Emma estava sempre ao lado da irmã, controlando sua saúde, seus passos, suas atividades.

— Querem saber o sexo? — a médica perguntou com uma cara de empolgação.

Acenamos que sim e ela disse que era um menino. Confesso que tremi na base quando ela confirmou minha suspeita. Um filho. Eu seria pai de um menino! Lisa sorriu largamente, mostrando que o sexo realmente não importava.

Depois da consulta, fui almoçar com James, que estava na cidade a negócios e saímos para andar um pouco. Ele ficou todo babão ao saber que seria tio de um moleque. Passamos na frente de uma loja de roupa de bebê e não consegui segurar aquele impulso.

A atendente percebeu que eu era pai de primeira viagem e aproveitou

para me mostrar milhões de roupinhas ao notar que eu não fazia ideia do que fazer com tudo aquilo.

Finalmente encontrei algo com o qual me identifiquei e segui com ela até o caixa. Era a primeira vez que eu mesmo comprava alguma coisa para a criança. Eu estava caminhando um pouco embasbacado quando James parou ao meu lado. Segui o olhar estático do meu irmão e eu mesmo quase petrifiquei.

Lá estava ela, linda, os olhos castanhos fixos nos meus. Ela irradiava felicidade. Puxei conversa, cumprimentei Bia que estava ao seu lado e nos despedimos. Foi estranho. Não parecíamos nós.

— Você está bem, irmão?

— Não. – eu respondi. – Acho que não estava pronto para revê-la assim, de supetão.

Ele apenas concordou e fomos jantar com Emma e Lisa.

O jantar transcorreu bem, eu acho. Emma animadíssima com o sobrinho, Lisa já considerando como faria a decoração do quarto e fazendo uma lista de nomes. E eu pensando no encontro com Nanda.

— Está no mundo da lua, Josh? – Emma perguntou.

— Desculpem-me. – eu disse e me lembrei que precisava dar o presente a Lisa. Peguei o embrulho e lhe entreguei. – Fui eu que escolhi. Espero ter acertado.

Ela abriu o pacote e não segurou uma lágrima discreta.

— É lindo. Perfeito. Obrigada.

Acenei com a cabeça, sorrindo um pouco.

— Aconteceu alguma coisa, Josh? – ela me perguntou. – Você está sorrindo, mas o brilho não chega aos seus olhos.

— Encontrei Nanda na loja de roupas de bebês hoje. – eu disse. – Ela estava com uma amiga grávida e nos esbarramos.

— Oh... Eu... Sinto muito. – ela disse quase num sussurro.

— Se vocês não se importam, eu já vou. – e me levantei, sendo seguido por James. – Depois nos falamos, Lisa.

Ela acenou com a cabeça, me despedi com um tapinha nos ombros de Emma e logo estava na rua com meu irmão. Eu precisava de um pouco de ar. Precisava me lembrar como respirar longe da Nanda.

Fomos para o hotel e eu apenas me larguei na cama enquanto James bebericava algo assistindo qualquer coisa na TV. Eu tinha começado a cochilar quando meu celular tocou.

— JOSH!!! – era a voz da Emma, desesperada.

— Emma? O que foi? – James imediatamente se colocou ao meu lado.

— Lisa... Ela... Oh, Meu Deus...

— FALA LOGO! – eu berrei em agonia.

— Ela caiu da escada... Tem tanto sangue...

— Você já chamou a emergência? Pra qual hospital eles a levaram?

Ela me passou a informação e eu e James seguimos correndo pra lá. No trajeto eu só rezava para que nada de grave tivesse acontecido nem com o bebê, nem com Lisa.

Encontramos Emma assim que chegamos. Ela disse que estava na sala quando escutou um barulho e, assim que foi verificar, Lisa estava largada no chão, ao pé da escada do seu apartamento.

— Tinha tanto sangue, Josh. – ela disse se apoiando em mim. – E ela não acordava de jeito nenhum... Minha irmãzinha...

— E como ela está? E o bebê? – eu tentava manter a calma, mas como poderia sendo que talvez meu provável filho estivesse com problemas?

— Eles ainda não sabem, estão fazendo exames.

Nisso o celular de James tocou e ele se afastou para atender. Fiquei com minha amiga, um amparando ao outro.

A madrugada passou lentamente. Vários médicos passavam por nós, mas nenhum sabia nos dizer em que condições Lisa e o bebê se encontravam. Aquilo era angustiante demais.

No fim da madrugada um médico finalmente veio conversar conosco.

— A Srta. Stein está bem. – ele começou. – O tombo foi bastante violento, mas ela vai se recuperar bem.

— E quanto ao bebê? – perguntei, ansioso demais por um milagre.

— Eu sinto muito. – ele disse num tom de pesar. – Como eu disse, o tombo foi muito forte, os múltiplos impactos nos degraus....

Eu não precisava ouvir detalhes. Lisa tinha perdido o bebê. Meu filho.

Simplesmente larguei meu corpo no sofá e deixei as lágrimas rolarem livres. Quando eu já estava me acostumando com a ideia, quando descobrimos ser um menino, quando tudo parecia seguir para um determinado rumo...

Uma dor profunda se formou em meio peito. Tão sufocante quanto a que senti quando Nanda e eu nos separamos. Eu não sabia o que sentir, eu não sabia o que pensar. Só sabia que até aquele momento eu teria um filho, e então não existia mais nada.

James me abraçou com força, como se quisesse roubar um pouco da minha dor para ele, como se assim a minha pudesse diminuir um tiquinho que fosse. Infelizmente não adiantou.

Ouvi o médico falar mais alguma coisa para Emma e depois seguir com sua rotina. Minha amiga afagou meus cabelos, disse alguma coisa para James e também saiu, provavelmente indo para o quarto de Lisa, ficar com sua irmã.

Alguns minutos depois fui até o lavabo jogar uma água no rosto. Eu não sabia o que fazer. Voltei e me sentei novamente no lugar em que estava. Eu tinha que ficar ali até ter mais notícias de Lisa. Ela também sofreria com a perda da criança.

Cerca de meia hora depois ouvi passos familiares se aproximarem de mim. Levantei a cabeça apenas para confirmar: Nanda estava ali. Ela me abraçou forte, me acalentou, me disse o quanto sentia por aquilo tudo e eu sabia que era de verdade.

Meu coração ficou um pouquinho menos triste com sua presença ali. Fomos até a cafeteria do hospital, ela me fez comer alguma coisa e esperamos o tempo passar.

Perto da hora do almoço decidimos subir para ter notícias da Lisa. Emma não tinha mais voltado e eu queria me certificar de que sua irmã ficaria o melhor possível diante da situação.

Foi quando meu mundo virou de cabeça para baixo pela segunda vez em menos de doze horas.

Estávamos quase batendo à porta pra entrar no quarto quando uma frase nos fez parar imediatamente.

— *Como assim eu não estava grávida do Josh?* – era a voz de Lisa. Ela gritava com alguém.

— *Não estava, nem nunca estive.* – respondeu sarcasticamente a voz de Emma.

Nós três nos entreolhamos, atônitos com aquela declaração, sem saber direito o que fazer. Optamos por ouvir mais um pouco antes de entrarmos.

A cada frase de Emma meu estômago embrulhava mais. Eu não podia acreditar que minha amiga, aquela pessoa com quem convivi durante anos era capaz de tamanhas atrocidades.

Quem era ela, afinal? Que ser humano era capaz de fazer o que ela fez em nome do que ela chamava ser amor?

Quando os barulhos do quarto deixaram de serem frases e começaram a se parecer com grunhidos resolvemos invadir o ambiente e, por pouco, evitamos que ela sufocasse Lisa com um travesseiro.

Emma estava irreconhecível. Parecia um bicho, um animal acuado. Gritava que eu era dela, que ela faria qualquer coisa pra ficar comigo, que me amava e não sei mais o quê. Eu só consegui reagir da catatonia quando ela partiu para cima da Nanda, culpando-a pelas desgraças em sua vida. Ela não machucaria mais ninguém, não se dependesse de mim.

Médicos e enfermeiros chegaram para nos ajudar e tirar aquela maluca dali. Um deles foi checar Lisa e lhe deu um sedativo leve. A pobrezinha tinha passado por muito naquelas últimas horas e merecia mais um tempo de descanso.

Saímos do hospital pela porta dos fundos. Eu realmente precisava respirar ar fresco pra colocar minha cabeça no lugar. Nanda e meu irmão estavam ao meu lado e decidimos denunciar Emma à polícia. Ela era uma criminosa e merecia ser tratada como tal.

Depois dos depoimentos chegou a hora de nos despedirmos. Seus olhos castanhos garantiam que ela estava do meu lado, mas eu tinha muita coisa pra digerir naquele momento. Ela entendeu. Ela me esperaria.

Decidi ir para Londres com James, contar tudo pessoalmente para nossa família. Minha mãe ficou horrorizada com tudo aquilo. Ela estava animada com a chance de ser avó e aquele desfecho causou-lhe certo desapontamento.

Kat ficou revoltada e meu pai já queria entrar com processos contra Emma. Pedi um pouco de calma a eles. As coisas se ajeitariam da maneira como tinha que ser.

Deitei em minha velha cama, no meu velho quarto de adolescente e suspirei. Só havia dois lugares no mundo que conseguiam fazer com que minha mente agitada se aquietasse um pouco: aquele quarto e os braços de Nanda.

Meus últimos cinco meses tinham sido uma verdadeira roda-viva de emoções e acontecimentos e tudo o que eu precisava naquele momento era paz pra colocar minha vida novamente nos trilhos certos. E eu sabia qual era o rumo que eu tinha que seguir. Só precisava me recuperar, ficar novamente inteiro para seguir minha vida ao lado de quem eu amava.

Fiquei pouco mais de uma semana em Londres e voltei para os Estados Unidos. Foi apenas o tempo de ajustar alguns contratos em Los Angeles e segui para onde minha felicidade estava naquele momento: Toronto.

Quando bati à porta de Bia ela me disse que Nanda tinha saído para um passeio. Ela descobriu o destino exato e lá fui eu. Nosso reencontro foi emocionante, cheio de saudade, de amor e de tesão.

Naquela mesma noite eu fiz o pedido que meu coração implorava e ela disse sim. Depois de organizar sua documentação, se despedir da família e dos amigos, ela finalmente foi morar comigo em LA.

Foram dois meses para aprendermos realmente a conviver. Como sempre nos víamos com saudade e por poucos dias, não sabíamos como seria nossa rotina juntos. Começamos a descobrir os defeitinhos um do outro, as coisas que adorávamos e as que não gostávamos tanto assim, as manias e os trejeitos.

Não foi exatamente fácil, tivemos algumas discussões, mas sempre nos entendíamos no fim do dia. E foi assim com a imprensa também. Eles fizeram o maior estardalhaço no começo, tentando nos intimidar, mas concordamos em conversar sempre, esclarecer as divergências e não nos deixamos abater.

Nanda abriu um pequeno escritório de paisagismo e eu me dedicava com muito mais afinco ao meu trabalho, sabendo que no final do dia, ao chegar em casa, ela estaria ali para mim.

Eu, Nanda e sua família fomos para Londres no final do ano aproveitar as festividades debaixo de frio e neve e em meados de janeiro fomos para o Brasil, para o casamento do Alex e da Luiza. Aproveitamos a ocasião para marcar a data do nosso casamento: em abril, na pousada da Ester na Espanha.

Aqueles três meses foram corridos entre organizar nossa reunião, meus trabalhos e os trabalhos da minha noiva. E então chegou o grande dia.

Claro que eu estava nervoso. Claro que uma pequena insegurança dominou meu corpo por dois segundos, mas assim que nossos olhos se cruzaram, uma onda de felicidade me inundou completamente.

A festa foi linda, calorosa e vibrante. No final do dia seguimos para Paris,

local escolhido para nossa lua de mel. Meio óbvio, eu sabia, mas foi onde tudo começou, e a cidade dos enamorados precisava saber que tinha gerado mais um casal pra sua história.

No dia seguinte seguimos para o local onde nos conhecemos. Eu não sabia o que era, mas algo estava diferente. A paisagem ainda era a mesma, nós é que havíamos mudado.

Nossas experiências, nossas vivências, os obstáculos enfrentados e superados. Cada uma dessas coisas contribuiu para que tivéssemos nos tornado outras pessoas.

Assim como as águas do Sena, que nunca eram as mesmas, nós sabíamos que nunca mais seríamos os mesmos Josh e Nanda de quando nos conhecemos. Depois de dois anos, lágrimas e risos, tínhamos nos tornado algo mais. Algo melhor. E assim seria até o fim.

FIM

Table of Contents

Parte I – Verão

Capítulo 01

Capítulo 02

Capítulo 03

Capítulo 04

Capítulo 05

Capítulo 06

Capítulo 07

Capítulo 08

Capítulo 09

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Parte II – Outono

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Parte III – Inverno

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Parte IV – Primavera](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)